REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIII

PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos.
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT

71, Rua dos Invalidos, 71

1880

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM, ORGANIZADA EM VISTA DOS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E DAS ACTAS DAS SESSÕES PUBLICADAS NA «REVISTA TRIMENSAL.»

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. M. o rei de Portugal D. Fernando.
S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquilla.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1 Visconde de Araguaya........................ Effectivo.
2 Dr. Felizardo Pinheiro de Campos............. »
3 Conselheiro João Manoel Pereira da Silva...... »
4 Dr. José Bernardo de Loyola.................. Correspondente.
5 Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho...... »
6 Manoel da Conceição Neves.................... »
7 Antonio José Rodrigues....... .... »

1839

8	Conselheiro João Antonio Pereira da Cunha...	Correspondente.
9	Conselheiro Josino do Nascimento Silva.......	»
10	Visconde de Itajubá...........................	»
11	Barão de Japurá...............................	»
12	Francisco Manoel Martins Ramos...............	»
13	Conselheiro João Lopes da Silva Couto........	»
14	Desembargador Joaquim José Pacheco........	»
15	Conselheiro José Maria do Amaral............	»
16	Antonio José Falcão da Frota................	»
17	Conde de Baependy..........................	»
18	Barão de S. Diogo..........................	»
19	Francisco da Silva Lopes....................	»
20	Dr. Francisco José Ferreira Baptista.........	»
21	Barão de Javary............................	»
22	Pedro da Silva Rego........................	»
23	Barão de Alhandra..........................	»
24	Conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso..	»
25	Francisco Ezequiel Meira....................	»
26	João José Ferreira da Costa.................	»
27	Joaquim F. Alves Branco Muniz Barreto......	»
28	João Antonio Ferreira da Costa..............	»
29	Conselheiro Thomaz José Pinto de Cerqueira..	Effectivo.
30	Dr. Domiciano da Costa Moreira.............	Correspondente.
31	João Joaquim Ferreira de Aguiar.............	»
32	Joaquim Cesar de Figanière Mourão.........	»
33	Antonio Alvares Pereira Coruja...............	Effectivo.

1840

34	Antonio da Costa Miranda....................	Correspondente.
35	Barão de Lavradio...........................	»
36	Visconde de Santa Isabel.....................	»
37	Antonio da Silva Lisbôa......................	»
38	Antonio Ribeiro de Andrade..................	»
39	Candido Thadeo Brandão.....................	»
40	João Alves Portella..........................	»
41	Conego Benigno José de Carvalho e Cunha....	»
42	Conselheiro João da Silva Carrão.............	»
43	Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú................................	»
44	Conselheiro Felippe Lopes Netto..............	Effectivo.
45	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa............	Correspondente.
46	Raymundo Severino de Mattos................	»
47	Antonio Manoel Sanches de Brito............	»
48	Barão de Petropolis..........................	»

1841

49	Padre José Antonio Lopes da Silveira.........	Correspondente.
50	Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira.	Effectivo.
51	João Thomaz de Carvalho e Silva.............	Correspondente.

52 Desembargador Francisco Mariani............. Correspondente.
53 Barão de Penedo.................................. »
54 Joaquim Norberto de Sousa e Silva........... Honorario.
55 Visconde de Barbacena.......................... Correspondente.
56 Dr. Maximiano Antonio de Lemos............ »
57 João Bernardo de Almeida...................... »
58 Barão de Nogueira da Gama.................... »
59 José Joaquim Rodrigues Lopes................ »

1842

60 João Baptista da Silva Lopes.................. Correspondente.
61 Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa..... »
62 Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro....... »

1843

63 Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim....... Effectivo.
64 Dr. José Jansen do Paço......................... Correspondente.

1844

65 Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.......... Effectivo.

1845

66 Dr. Joaquim José Teixeira....................... Correspondente.
67 Dr. Joaquim José da Silva....................... »
68 Dr. Quintiliano José da Silva.................. »
69 José Francisco de Andrade Almeida Monjardim. »
70 Dr. José Joaquim Rodrigues..................... »
71 Guilherme Balduino Embirussú Camacan...... »
72 Dr. Maximiano Marques de Carvalho......... Effectivo.
73 Dr. Francisco de Sousa Ramos................. Correspondente.
74 Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti.... »
75 Visconde de Abaeté.............................. »
76 Barão de Sousa Queiroz......................... »
77 Francisco José da Silva.......................... »
78 Desembargador João José de Almeida Couto... »
79 Barão de Cotegipe................................. »
80 Dr. Joaquim José da Cruz Sêcco.............. »
81 Senador Joaquim Antão Fernandes Leão...... »
82 Dr. Joaquim Vieira da Cunha.................. »
83 Dr. José de Barros Pimentel.................. »
84 Visconde de Jaguary.............................. »
85 Brigadeiro Joaquim José de Carvalho.......... »
86 Conselheiro José Tavares Bastos .... »
87 José Pedro da Silva............................... »
88 Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida.. »
89 Luiz Antonio Barbosa da Silva.................. »
90 Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro........ »
91 Manoel Soares da Silva Bezerra............... »

92 Desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite....................................	Correspondente.
93 Padre Raymundo José Auzier....	»
94 José Joaquim da Silva Pereira..............	»
95 Dr. Henrique Kopke.........................	»
96 João José de Sousa Silva Rio................	Effectivo.
97 Dr. Joaquim Manoel de Macedo..............	Honorario.

1846

98 Carlos Honorio de Figueiredo..................	Effectivo.
99 Dr. José Mauricio Nunes Garcia..............	Correspondente.
100 Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Sousa e Menezes..........................	»
101 Barão de S. Felix...........................	»
102 Visconde do Rio Branco.....................	»

1847

103 Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan..	Effectivo.
104 José Joaquim da Gama e Silva...............	Correspondente.
105 Francisco José Borges..................... ...	Effectivo.
106 Dr. Francisco Xavier Muniz.................	Correspondente.
107 Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho..............	»
108 Dr. Abilio Cesar Borges......................	»
109 Dr. Ricardo Gumbleton Daunt...............	»

1848

110 Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.	Effectivo.
111 Dr. Antonio Muniz Barreto Côrte Real.......	Correspondente.
112 Padre Jeronymo Emiliano de Andrade........	»
113 Dr. Manoel Ladisláo Aranha Dantas.........	»
114 Conselheiro Guilherme Schüch de Capanema..	Effectivo.

1849

115 Salvador Henrique de Albuquerque...........	Correspondente.

1851

116 Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro...	Honorario.
117 Angelo Thomaz do Amaral....................	Correspondente.

1853

118 Dr. Sebastião Ferreira Soares............ ...	Effectivo.
119 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja	»

1855

120	Conego Joaquim Pinto de Campos............	Correspondente.
121	Visconde do Bom Retiro......................	Honorario.
122	Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras......	Correspondente.

1856

123	Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros..................................	»
124	Visconde de Mauá....	Honorario.
125	Conselheiro Tito Franco de Almeida..........	Correspondente.

1859

126	Capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo	»
127	Barão Homem de Mello......................	Honorario.
128	Dr. Rodrigo José Ferreira Bretas............	Correspondente.

1860

129	Dr. Ernesto Ferreira França.................	»

1861

130	Conselheiro Antonio Joaquim Ribas..........	»

1862

131	Conego João Pedro Gay.......................	»
132	Professor João Brigido dos Santos............	»
133	Conselheiro José da Costa Azevedo............	Effectivo.
134	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.......	»
135	Dr. José Vieira Couto de Magalhães..........	»

1863

136	Senador Luiz Antonio Vieira da Silva.........	Correspondente.
137	Barão de Theresopolis........................	»

1865

138	Dr. Cesar Augusto Marques...................	Effectivo.
139	Dr. José de Saldanha da Gama................	»

1866

140	Dr. Antonio Henriques Leal...................	Correspondente.
141	Dr. João Ribeiro de Almeida.................	Effectivo.
142	Dr. Domingos Antonio Raiol..................	Correspondente.

1867

143 Dr. José Maria da Silva Paranhos..........	Effectivo.
144 Conselheiro Epiphanio Candido de Sousa Pitanga....................................	Correspondente.

1868

145 Dr. Luiz Francisco da Veiga................	»

1869

146 Major Alfredo d'Escragnolle Taunay.........	Effectivo.
147 Senador Candido Mendes de Almeida.........	Honorario.

1870

148 Dr. Joaquim Pires Machado Portella.........	Effectivo.
149 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.......	»

1871

150 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro....................................	Effectivo.
151 Dr. Ladisláo de Sousa Mello Netto........ ..	»
152 Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.. ...	»

1872

153 Dr. Eduardo José de Moraes.................	Correspondente.
154 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão........	Effectivo.

1874

155 Dr. Nicoláo Joaquim Moreira................	»
156 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.	Correspondente.

1875

157 Dr. Rozendo Muniz Barreto..................	Effectivo.
158 Commendador João Wilkens de Mattos......	»
159 José de Vasconcellos..........................	Correspondente.

1876

160 Senador Joaquim Floriano de Godoy...... ...	»
161 João Barbosa Rodrigues........................	»
162 Luiz da França Almeida e Sá.................	»
163 Dr. Manoel Jesuino Ferreira...	Effectivo.

1877

164	Domingos Soares Ferreira Penna	Correspondente.
165	Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira	»
166	Dr. Americo Brasilense de Almeida Mello	»

1878

167	Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	»

Estrangeiros

1838

1	Agostinho Albano da Silveira Pinto	Correspondente.
2	Felix Emilio Taunay	Effectivo.

1839

3	Fernando Denis	Honorario.
4	Luiz Paulo Balthazar Caffe	Correspondente.
5	Principe de Cariati	Honorario.
6	Principe de Scilla	»
7	D. Carlos Zuchi	Correspondente.
8	João José da Cunha Bastos Estrella	»
9	D. Agostinho Guilherme Charem	»
10	D. Manoel Salas Corvaland	»
11	Filippe Vandermachen	»
12	Dr. Meisser	»
13	General Barão Pelet	»
14	Conde Armando d'Allouville	»
15	Conde Amédée de Pastoret	»
16	Conde Le Peletier d'Aunay	»
17	Duque de Poix	»
18	Fernando Berthier	»
19	Abbade Orsini	»
20	Bloudouff	»
21	Conde de Cancrine	»
22	Joaquim José da Costa de Macedo	»
23	Sabino Bertholet	»
24	João Water House	»
25	Arthur Brooke	Honorario.
26	Barão de Maltitz	»
27	Eduardo Alchorne	Correspondente.
28	Barão Gore Ouseley	Honorario.
29	Jared Sparks	»
30	Julio Parigot	Correspondente.
31	Manoel Estevão Benet	»
32	Conselheiro Ouvaroff	Honorario.
33	William Ouseley	»
34	William Gore Ouseley	»

1840

35 Pedro Victor Larée	Correspondente.
36 William Smith	»
37 Barão de Olfers	Honorario.
38 Conde de Dietrichstein	»
39 Carlos C. Rafn	»
40 Conde de Linhares	»
41 Dureau de Lamalle	»
42 Carlos Ritter	Correspondente.
43 Julio Victor Armand Hain	»
44 Duperrey	»
45 Eduardo de Jaegher	»
46 Frederico Luiz Jorge de Raumer	»
47 Guilherme Hunter	»
48 Larenaudière	»
49 Ternaux Campans	»
50 Leo Theremin	»
51 José Barandier	»
52 Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara	»
53 D. José de Urcullu	»
54 D. Manoel de Sarratéa	Honorario.

1841

55 Roberto Schomburgh	Correspondente.
56 Woodbine Parish	»
57 Horacio Say	»
58 Conde Jacob Graberg de Hemsô	»
59 W. Burchell	»
60 C. Allou	Honorario.
61 Dr. Martin de Moussy	Correspondente.
62 Tastu	»
63 Barão de Reiffemberg	»
64 Sergio de Lomonosoff	Honorario.
65 D. Mariano Eduardo de Rivera	Correspondente.
66 Dr. Marion de Procé	»
67 Pedro Mesnard	»
68 Hamilton Hamilton	Honorario.
69 D. Ambrosio Campadonico	»
70 Von Andréa	Correspondente.
71 Dr. Clemente Alvares de Oliveira Mendes de Almeida	»

1842

72 D. Filippe Rizzi	»
73 D. Agatino Longo	»
74 Virgilio von Helmereichen	Honorario.
75 Almirante Krusenstern	»
76 Contra-Almirante Lutke	»
77 Conde de Stackelberg	Correspondente.
78 Anatolio Demidoff	Honorario.
79 D. Damazo Antonio Larranaga	»

1843

80	Principe de Committini	Honorario.
81	Nicoláo de Santo Angelo	»
82	Commendador Ferri	Correspondente.
83	Raoul Rochette	»
84	R. de Rochelle	»
85	Finn Magnusen	Honorario.
86	C. C. Etienne Hernoux	Correspondente.
87	Filippe Victor Touchard	»
88	Dr. P. Namur	»
89	Dr. J. P. Hoebeke	»
90	S. Dutot	»
91	Conde de Thomar	Honorario.
92	D. Ferdinando de Lucca	»
93	D. Giuseppe Ceva Grimaldi, (marquez)	»
94	D. Francisco Maria Avelino	Correspondente.
95	D. Felix Santo Angelo	»
96	D. Girolano Perozzi	»
97	D. Miguel Tenore	»
98	D. Francisco Cervelleri	»
99	D. Giacomo Castrucci	»
100	D. Paulo Anamia de Lucca	»
101	D. Raphael Zarienga	»
102	D. Giovani Semmola	»
103	Duque di Serra di Falco	»
104	D. Luigi Rizzi	»
105	D. Vicenzo Stellati	»
106	D. Luiz Sementini	»
107	D. Isaak G. Strain	»
108	D. Pascuali Pacini	»
109	D. Pascuali Stanisláo Mancini	»
110	Carlos Van Lede	»

1844

111	Mage	»
112	José Ewbank	»
113	Thomaz Ewbank	»
114	Quetelet	»
115	João da Cunha Neves de Carvalho Portugal	»
116	D. Vicente Bocafuerte	»
117	D. Thomaz C. de Mosquera	Honorario.
118	José Antonio Pardo	Correspondente.

1845

119	Alfredo Demersay	»
120	Francis Markoe Junior	»
121	Conde Imbert de Mottetlettes	»
122	D. José Vargas	Honorario.
123	Conselheiro José Joaquim Lopes de Lima	Correspondente.
124	Conde de Penafiel	»

1846

125	João Russell Bartlett	Correspondente.
126	Alberto Gallatin	Honorario.
127	Roberto Greenham	Correspondente.
128	C. Wiet	»
129	B. M. Norman	»
130	Alexandre W. Bradford	»
131	Samuel Jorge Morton	»
132	W. B. Hodgson	»
133	L. L. Wauthier	»
134	D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena).	»
135	Herman E. Ludwig	»

1847

136	Cicarelli	»
137	D. Ulrico Valia	»
138	D. Antonio Ramon de Vargas,	»
139	Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida	»

1848

140	Bispo de Angra (D. Fr. Estevão de Jesus Maria).	»
141	Bernardino José de Lessa Freitas	»
142	D. André Lamas	»
143	D. José Maria Corrêa de Lacerda	»

1850

144	D. Valentim Alsina.	»

1851

145	William Prescott	Honorario.

1853

146	D. Domingo Sarmiento	Correspondente.

1859

147	Ceroni	»

1860

148	Coronel Francisco Evaristo Leone	»
149	Jorge Cesar Figanière	»

1862

150	James C. Fletcher	»

1863

151 Frederico Francisco de Figanière............. Correspondente.

1864

152 Jorge Martinho Thomaz........................ »
153 Jorge Bancrofft.............................. Honorario.

1866

154 Manoel Liais................................. Correspondente.

1868

155 Padre Brasseur de Bourbourg .... »
156 Vivien de St. Martin......................... »
157 Henrique Ambauer Schutel..................... »

1869

158 D. José Rozendo Gutterres.................... »

1870

159 Dr. D. Domingo Santa Maria................... »
160 Cesar Cantu.................................. »

1871

161 D. Bartholomeu Mitre......................... Honorario.
162 Augusto Carlos Teixeira de Aragão............ Correspondente.
163 José Victorino Lastarria..................... »
164 Miguel Luiz Amunategui....................... »
165 Diogo Barros Arana........................... »
166 Benjamim Vicuña Makena....................... »

1875

167 Ezequiel Uricoechéa.......................... »

1876

168 Barão G. Schreiner........................... Honorario.

1877

169 José Maria Latino Coelho..................... Correspondente.

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto

---

Presidentes honorarios

S. A. I. o principe D. Affonso.
S. A. o principe D. Sebastião de Bragança Bourbon.
S. M. Leopoldo I, rei dos Belgas.

Nacionaes

1 Agostinho da Silva Neves.
2 Conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
3 Dr. Albano Antero da Silveira Pinto.
4 Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.
5 Alexandre José do Rosario.
6 Amancio José Pereira de Andrade.
7 André Alves Pereira Ribeiro Cirne.
8 Antonio Affonso Ferreira.
9 D. Antonio Joaquim de Mello (bispo de S. Paulo).
10 Antonio Alves da Silva Pinto.
11 Antonio Augusto Monteiro de Barros.
12 Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.
13 Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.
14 Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.
15 Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.
16 Antonio Ladisláo Monteiro Baena.
17 General Antonio Eliziario de Miranda e Brito.
18 Padre Dr. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva.
19 Dr. Antonio Joaquim de Souza.
20 Conselheiro Antonio Manoel de Mello.
21 Dr. Antonio Navarro de Abreu.
22 Antonio Joaquim Alvares do Amaral.
23 Dr. Antonio José Ferreira da Costa.
24 Antonio Pereira de Araujo Pinto.
25 Antonio Joaquim Fortes Bustamante Sá.
26 Antonio Vaz da Silva.
27 Conego Antonio Marques de Sampaio.
28 Conselheiro Antonio José da Veiga.
29 Dr. Antonio da Costa.
30 Antonio da Costa Rego Monteiro.
31 Antonio Joaquim de Mello.
32 Dr. Antonio Thomaz de Godoy.
33 Antonio Francisco Dutra e Mello.
34 Dr. Antonio Rodrigues da Cunha.
35 Dr. Antonio Gonçalves Dias.

36 Conselheiro Antonio da Costa Pinto.
37 General Antonio Nunes de Aguiar.
38 Commendador Antonio de Padua Fleury.
39 Antonio Rangel Torres Bandeira.
40 Antonio Diodoro de Pascual.
41 Conselheiro Antonio Pereira Rebouças.
42 Padre Antonio Pinto de Mendonça.
43 Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello.
44 Conselheiro Antonio Pereira Pinto.
45 Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond.
46 Fr. Arsenio da Natividade Moura.
47 Dr. Balthazar da Silva Lisbôa.
48 Barão de Itamaracá.
49 Barão de Caçapava.
50 Barão de Quarahim.
51 Barão de Catas-Altas.
52 Barão de Antonina.
53 Barão de Uruguayana.
54 Barão de Cocaes.
55 Barão de Jaguarary.
56 Barão de Cayrú.
57 Barão da Ponte Ribeiro.
58 Barão de Lorena.
59 Barão de Santo Angelo.
60 Barão de Melgaço.
61 Benedicto Marques da Silva Acauan.
62 Dr. Bento José Martins.
63 Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos.
64 Bernardo Jacintho da Veiga.
65 Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.
66 Braz da Costa Rubim.
67 Dr. Caetano Alberto Soares.
68 Dr. Caetano Lopes de Moura.
69 Senador Candido Baptista de Oliveira.
70 Dr. Candido de Azeredo Coutinho.
71 Dr. Carlos Antonio de Bulhões Ribeiro.
72 Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar.
73 Carlos Emilio Adêt.
74 Senador Cassiano Espiridião de Mello e Mattos.
75 Dr. Claudio Luiz da Costa.
76 Conde da Bôa-Vista.
77 Conde de Irajá (bispo do Rio de Janeiro).
78 Conde de S. Salvador (arcebispo da Bahia).
79 Conde da Conceição (bispo de Marianna).
80 Conrado Jacob de Niemeyer.
81 Fr. Custodio Alves Serrão.
82 General Daniel Pedro Muller.
83 Diogo Duarte Silva.
84 Diogo Soares da Silva de Bivar.
85 Dionysio de Oliveira Silveira.
86 Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano.
87 Duque de Caxias.
88 Eduardo de Sá Pereira de Castro.
89 Emilio Faustino Lins.
90 Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.
91 Conselheiro Ernesto Ferreira França.
92 Estevão Raphael de Carvalho.

93 Senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.
94 Commendador Felicio Pinto Coelho de Mendonça e Castro.
95 Conselheiro Felippe José Pereira Leal.
96 Dr. Felix Peixoto de Brito e Mello.
97 Dr. Felizardo Toscano de Brito.
98 Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta.
99 General Firmino Herculano de Moraes Ancora.
100 Senador Firmino Rodrigues Silva.
101 Floriano Vieira da Costa Delgado Perdigão.
102 Conselheiro Francisco Freire Allemão.
103 Francisco Agostinho Gomes.
104 Dr. Francisco de Souza Martins.
105 Conselheiro Francisco Ramiro de Assis Coelho.
106 Francisco Xavier Monteiro da França.
107 Senador Francisco de Paula Souza e Mello.
108 Francisco Freire de Carvalho.
109 Dr. Francisco de Paula Candido.
110 Fr. Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão.
111 Dr. Francisco de Paula Menezes.
112 Dr. Francisco Antonio Ribeiro.
113 Senador Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.
114 Senador Francisco de Paula Almeida e Albuquerque.
115 Francisco Alvares Machado de Vasconcellos.
116 Tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.
117 Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.
118 Monsenhor Francisco Muniz Tavares.
119 Fr. Francisco de Mont'Alverne.
120 Francisco Antonio de Oliveira.
121 Senador Francisco de Lima e Silva.
122 Frederico Augusto Pamplona.
123 Frederico Carneiro de Campos.
124 Fructuoso Luiz da Motta.
125 Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.
126 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.
127 Brigadeiro Galdino Justiniano da Silva Pimentel.
128 Gaspar José Lisbôa.
129 Dr. Giacomo Raja Gabaglia.
130 Dr. Gonçalo da Silva Porto.
131 Conselheiro Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja.
132 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.
133 Senador Herculano Ferreira Penna.
134 General Henrique Marques de Oliveira Lisbôa.
135 Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.
136 Coronel Ignacio Alvares Pinto de Almeida.
137 Dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro.
138 Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.
139 Padre Ignacio Rodrigues Bermude.
140 Innocencio da Rocha Galvão.
141 Jacintho Pinto Teixeira.
142 Conselheiro Jacintho Roque de Senna Pereira.
143 Conego Januario da Cunha Barboza.
144 Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.
145 Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares.
146 Dr. João Antonio de Azevedo.
147 João Antonio de Sampaio Vianna.
148 Senador João Antonio de Miranda.
149 João Benedicto Gaspar de Giffining.

150 General João Carlos Pardal.
151 João Coelho Bastos.
152 Desembargador João Candido de Deus e Silva.
153 João Caetano da Costa e Oliveira.
154 João Carlos Pereira Pinto.
155 Dr. João Duarte Lisbôa Serra.
156 Dr. João Eleuterio Garcez e Gralha.
157 João Francisco de Souza Coutinho.
158 Dr. João Fernandes de Barros.
159 João Francisco Lisbôa.
160 João Gomes Machado Corumbá.
161 João Huet de Bacellar Pinto Guedes.
162 João Henrique de Mattos.
163 Dr. João José Barbosa de Oliveira.
164 Dr. João José de Carvalho.
165 Conselheiro João José de Oliveira Junqueira.
166 Dr. João José de Moura Magalhães.
167 General João Paulo dos Santos Barreto.
168 João de Siqueira Tedim.
169 João do Espirito-Santo Cabral.
170 João Baptista Callogeras.
171 João Candido de Brito.
172 Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.
173 Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
174 Joaquim Candido Guillobel.
175 Dr. Joaquim Caetano da Silva.
176 Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.
177 Senador Joaquim Franco de Sá.
178 Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo.
179 Senador Joaquim Francisco Vianna.
180 Joaquim Gonçalves Ledo.
181 Joaquim José Luiz de Souza.
182 Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito.
183 Desembargador Joaquim Nunes Machado.
184 Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier.
185 Senador Joaquim Vieira da Silva e Souza.
186 Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.
187 Joaquim Baptista Avondano.
188 Dr. José Alves da Cruz Rios.
189 Dr. José Agostinho Vieira de Mattos.
190 Monsenhor José Antonio Marinho.
191 D. José Affonso de Moraes Torres, (bispo do Pará).
192 José Antonio da Silva Chaves.
193 Dr. José Augusto Gomes de Menezes.
194 Dr. José de Araujo Coutinho.
195 Senador José Antonio da Silva Maia.
196 José Antonio Lisboa.
197 D. José de Assis Mascarenhas.
198 Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.
199 José Antonio dos Reis, (bispo de Cuyabá).
200 José Bernardo Fernandes Gama.
201 Dr. José Christiano Garção Stockler.
202 José Christino da Costa Cabral.
203 Senador José Clemente Pereira.
204 Conego José Constantino Gomes de Castro.
205 José Domingues de Athayde Moncorvo.
206 Dr. José Eloy Ottoni.

207 José Eloy Pessoa.
208 José Francisco da Silva Cardoso.
209 José Freire de Andrade Parreiras.
210 José Francisco de Paula Cavalcanti.
211 Dr. José Florindo de Figueiredo Rocha.
212 Desembargador José Ferreira Souto.
213 Dr. José Franklin Massena e Silva.
214 General José Ignacio de Abreu e Lima.
215 José Jacques da Costa Ourique.
216 Dr. José Bento da Rosa.
217 Senador José Joaquim Fernandes Torres.
218 Dr. José Jorge da Silva.
219 Conselheiro José Joaquim da Rocha.
220 Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.
221 Conego José Luiz de Freitas.
222 José Lino de Moura.
223 Dr. José Marcellino da Rocha Cabral.
224 José Marques Lisbôa.
225 José Manoel do Rosario.
226 Conselheiro José Mariani.
227 Commendador José Maria Pinto Peixoto.
228 José Maria Velho da Silva.
229 José Martins Pereira de Alencastre.
230 Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.
231 Conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo.
232 José Procopio de Castro.
233 José de Rezende Costa.
234 José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada.
235 Commendador José Ribeiro da Silva.
236 Conego José da Silva Guimarães.
237 José de Sá Bittencourt e Camara.
238 Fr. José de S. Bento Damasio.
239 Fr. José de S. Alberto Cardoso.
240 Fr. José de Santa Euphrasia Peres.
241 Senador José da Silva Mafra.
242 José Tiburcio Carneiro de Campos.
243 Dr. José Tito Nabuco de Araujo.
244 Dr. José Thomaz dos Santos e Almeida.
245 José Ventura Boscoli.
246 Dr. José Vieira Rodrigues Leite de Carvalho e Silva.
247 Dr. Justiniano Jose da Rocha.
248 Ladisláo dos Santos Titára.
249 Desembargador Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza
250 Conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos.
251 Lino Antonio Rabello.
252 Padre Lino do Monte Carmello Luna.
253 Lourenço da Silva Araujo Amazonas.
254 Luiz Aleixo Boulanger.
255 Luiz Antonio de Castro.
256 Desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.
257 Luiz Augusto May.
258 Luiz Antonio Patricio da Silva Manso.
259 Conego Luiz Antonio da Silva e Souza.
260 Conego Luiz Gonçalves dos Santos.
261 Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.
262 Luiz Gomes Ferreira.
263 Luiz Henrique Ferreira de Aguiar.

264 Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva.
265 Luiz Maria da Silva Pinto.
266 Fr. Luiz de Santa Theodora.
267 Senador Manoel Alves Branco.
268 Senador Manoel Antonio Galvão.
269 Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira.
270 D. Manoel de Assis Mascarenhas.
271 Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichorro.
272 Manoel de Cerqueira Lima.
273 Senador Manoel Felizardo de Souza e Mello.
274 Manoel Ferreira Lagos.
275 Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça.
276 Manoel José Pires da Silva Pontes.
277 Manoel José de Albuquerque.
278 Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.
279 D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade (bispo de S. Paulo).
280 Conselheiro Manoel José de Sousa França.
281 Dr Manoel Maria do Amaral.
282 Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo.
283 Dr. Manoel de Mello Franco.
284 Manoel Moreira Lirio da Silva Carneiro.
285 Manoel Mauricio Rebouças.
286 Senador Manoel do Nascimento Castro e Silva.
287 Manoel Odorico Mendes.
288 Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba.
289 Manoel Rodrigues da Costa.
290 Fr. Marcellino do Coração de Jesus.
291 Conego Marcellino José da Ribeira S. Bueno.
292 D. Marcos Antonio de Sousa (bispo do Maranhão).
293 Marquez de Abrantes.
294 Marquez de Baependy.
295 Marquez de Itanhaen.
296 Marquez de S. João da Palma.
297 Marquez de Lages.
298 Marquez de Mont'Alegre.
299 Marquez de Maricá.
300 Marquez de Olinda.
301 Marquez de Paranaguá.
302 Marquez de Paraná.
303 Marquez de Sapucahy.
304 Marquez de Santa Cruz (arcebispo da Bahia).
305 Marquez de Valença.
306 Marquez de S. Vicente.
307 Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
308 Maximiano Augusto Pinto.
309 Maximiano Antonio da Silva Leite.
310 Conselheiro Miguel Antonio da Silva.
311 Miguel Ferreira Tavares.
312 Miguel de Frias Vasconcellos.
313 Dr. Miguel Joaquim Ayres do Nascimento.
314 Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.
315 Conselheiro Miguel de Sousa Mello e Alvim.
316 Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno.
317 Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.
318 Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite.
319 Nicoláo da Silva Lisboa.
320 Conselheiro Paulo Barbosa da Silva.

321 Fr. Paulo da Conceição Moura.
322 Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde.
323 Pedro Affonso de Carvalho.
324 Pedro Carvalho de Moraes.
325 Brigadeiro Pedro Maria Xavier de Castro.
326 Coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
327 Conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.
328 Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.
329 General Raymundo José da Cunha Mattos.
330 Rodrigo Soares Cid de Bivar.
331 Fr. Rodrigo de S. José.
332 Dr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes.
333 Santiago Nunes Ribeiro.
334 Senador Saturnino de Sousa e Oliveira.
335 Conselheiro Sebastião do Rego Barros.
336 Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.
337 Senador Theophilo Benedicto Ottoni.
338 Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
339 Dr. Thomaz José Soares de Avellar.
340 Thomé Maria da Fonseca e Silva.
341 Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida.
342 Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.
343 Tiburcio Antonio Craveiro.
344 Desembargador Tristão Antonio de Alvarenga.
345 Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello.
346 Conselheiro Venancio José Lisboa.
347 Dr. Vicente José da Costa Cabral.
348 Visconde de Caravellas.
349 Visconde de Inhomirim.
350 Visconde de Itabayana.
351 Visconde de Itaúna.
352 Visconde de Inhaúma.
353 Visconde de Itaborahy.
354 Visconde de Jerumirim.
355 Visconde de Jequitinhonha.
356 Visconde de Maranguape.
357 Visconde de Macahé.
358 Visconde da Parnahyba.
359 Visconde da Pedra Branca.
360 Visconde de Porto-Seguro.
361 Visconde do Rio-Grande.
362 Visconde do Rio-Vermelho.
363 Visconde de Santo Amaro.
364 Visconde de Sousa Franco.
365 Visconde de S. Leopoldo.
366 Visconde de S. Lourenço.
367 Visconde de Sepetiba.
368 Visconde de Uberaba.
369 Visconde de Uruguay.
370 Wenceslão Antonio Ribeiro.

Estrangeiros

1 Adolpho Antonio Frederico de Schewelok.
2 A. Thiers.

3 Adriano Balbi.
4 Adriano Ernesto de Castilho Barreto.
5 Affonso de Lamartine.
6 D. Agostinho Guilherme Charem.
7 Alcide de Orbigny.
8 Alexandre Herculano.
9 Alexandre de Humboldt.
10 Alexandre Magno de Castilho.
11 Anatole Saulmier.
12 D. André Bello.
13 Cardeal Angelo May.
14 Padre Angelo Secchi.
15 Antonio Lopes da Costa Almeida.
16 Antonio José de Lima Leitão.
17 Augusto de Saint-Hilaire.
18 Barão de Planitz.
19 Barão Leopoldo de Daizer.
20 Barão Walcknaer.
21 Barão de Langsdorff.
22 Barão Rouen.
23 Bouillet.
24 Cardeal Bartholomeu Pacca.
25 D. Carlos Antonio Lopes.
26 Carlos Frederico Hartt.
27 Carlos Frederico Phillipe de Martius.
28 Conde de Camaldoli.
29 Conde de Molé.
30 Conde Ney.
31 Conde do Lavradio.
32 Conde de Castelnau.
33 Dr. Cuissart.
34 Diogo Kopke.
35 Duque de Doudeauville.
36 Duque de Palmella.
37 Duque de Saldanha.
38 Duque de Montmorency.
39 Duque d'Elchingen.
40 Eduardo von Laemmert.
41 Eugenio Garay de Monglave.
42 D. Filippe Pardo.
43 D. Florencio Varella.
44 D. Francisco de Borja Magarino de Cerrato.
45 D. Fr. Francisco de S. Luiz.
46 Frederico Luiz Guilherme de Warnhagen.
47 Fernando Petrich.
48 Fernando Halfeld.
49 Dr. D. Frederico Errazury.
50 Francisco Guizot.
51 D. Genaro Merolla.
52 Hercules Florence.
53 Ildefonso Leopoldo Bayard.
54 Innocencio Francisco da Silva.
55 Jacob Van Erven.
56 J. B. Eyriés.
57 J. C. Milliet de St. Adolphe.
58 João Baptista Debret.
59 João Diogo Sturz.

60 João Henrique Freese.
61 João Quincy Adms.
62 D. João Maria Gutierrez.
63 Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes.
64 Jomard.
65 D. José Delavat y Rincon.
66 Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto.
67 Dr. José Francisco Sigaud.
68 Cavalleiro José de Lucca.
69 José Manoel Valdez y Palacios.
70 José da Silva Carvalho.
71 José Silvestre Rabello.
72 Julio Frank.
73 Julio Frederico Koeller.
74 Julio de Wallestein.
75 Dr. L. F. Bonjean.
76 Letronne.
77 Levy Maria Jordão.
78 L. Agassis.
79 Luiz Augusto Rabello da Silva
80 Luiz Riedel.
81 Dr. Lund.
82 Manoel José Maria da Costa e Sá.
83 D. Manoel de Portugal e Castro.
84 Manoel y Paz Soldan.
85 Marquez de Sá da Bandeira.
86 D. Martin Fernandes de Navarrete.
87 Mauricio Rugendas.
88 Maximo Raybaud.
89 Cardeal Mezofante.
90 Dr. Mure.
91 Orfila.
92 Pedro Clausen.
93 Pedro de Angelis.
94 Principe de la Moscowa.
95 Principe Eugenio de Saboia Carignan
96 Principe Maximiliano Wied Neuwied.
97 Reybaud.
98 Roberto Southey.
99 Rodrigo da Fonseca Magalhães.
100 Roque Schuch.
101 Scipião Domingos Fabrini.
102 Cavalleiro de St. Georges.
103 Silvestre Pinheiro Ferreira.
104 Theodoro Miguel Villardebo.
105 Theodoro Monticelli.
106 Theodoro Taunay.
107 D. Thomaz Guido.
108 Visconde de Castilho.
109 Visconde de Chateaubriand.
110 Visconde de Almeida Garret.
111 Visconde de Osery.
112 Visconde de Santarem.
113 Washington Irving.
114 Wenceslão Paunero.

Resumo

Actuaes

Socios nacionaes	167
Estrangeiros.	169

Fallecidos

Nacionaes	370
Estrangeiros.	114
	820

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1880

PRESIDENTE

Visconde do Bom-Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO

Conselheiro José Ribeiro de Souza Fontes.

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Antonio Henriques Leal.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Barão Homem de Mello.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Luiz Francisco da Veiga.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. José de Saldanha da Gama.
Conselheiro José da Costa Azevedo.
Commendador João Wilkens de Mattos.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláo de Souza Mello Netto.
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

João Barbosa Rodriques
Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Dr. Antonio Henriques Leal.

HISTORIA

DA

GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 198 do tomo XLII, parte I)

Livro quarto

CAPITULO I

Da chegada de uma grande e poderosa armada de Hollanda ao Recife, e da muita festa que os hollandezes fizeram com sua vinda, e de como os nossos mestres de campo governadores se começaram a prestar para a defesa d'estas capitanias.

Os mestres de campo governadores, vendo-se faltos do necessario para continuarem a guerra, e para pôrem ao inimigo mais duas baterias, mandaram em 13 de Fevereiro de 1648 á Bahia ao capitão Paulo da Cunha Sotto-Maior, a pedir ao conde-general Antonio Telles Villapoucas algumas peças de alcance e munições, porque havia já bem poucas, e que mandasse alguma gente e gado. Escrevendo juntamente

aos officiaes da camara d'aquella cidade, pedindo-lhes fizessem a mesma petição ao conde, e que soccorressem com gado, pois estavam tão abundantes d'elle, quanto elles n'aquella campanha faltos. Fez o conde a Paulo da Cunha, sargento-maior do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, tornando-o a mandar para a campanha, muito carregado de esperanças, que soccorreriam com o que pudessem, e os officiaes da camara d'aquella cidade não responderam ás cartas que elle lhes levou dos d'esta campanha, e quando faltavam ao que com tantas véras se lhe pedia, não deviam faltar á correspondencia da devida cortezia.

Emquanto o sargento-maior Paulo da Cunha vinha da Bahia para a campanha de Pernambuco, aportou pelo mez de Fevereiro ao Recife uma poderosa e grossa armada de Hollanda, de que é necessario, tornando mais o passo atrás, fazer menção pela maneira seguinte:

Havia algum tempo que os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros tinham por noticia, que em Hollanda se fazia e aprestava uma grande e poderosa armada para os hollandezes restaurarem a campanha das capitanias de Pernambuco, e que a companhia ou bolsa das Indias Occidentaes pedira ajuda e soccorro aos Estados, os quaes lhe deram para este effeito muitas náus e gente de guerra, e lhes pagaram aos da bolsa dinheiro que lhes deviam para o fornecimento da armada, e juntamente os judeus d'aquellas provincias se haviam fintado e ajuntado cópia de dinheiro, para ajudar ao gasto e preparação d'ellas; porém os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros não sabiam com certeza se esta armada se fazia, até que alguns flamengos que se passaram para a nossa parte confirmaram que no Recife a estavam esperando, e principalmente uma caravella vinda de Lisbôa ao Pontal de

Nazareth poucos dias antes que a armada aportasse, trouxe aviso em como vinha em demanda do Brasil, e que era já partida, e por se imaginar em Portugal, que iria acommetter a Bahia, onde estava situado e feito forte o Segismundo como temos contado, para ter preparado posto para os seus, como o que se dava a entender que vinha em demanda da Bahia, e que Sua Magestade, para segurar aquella praça, e não se fiar dos flamengos, que debaixo de tregoas lhe occupavam algumas terras da corôa de Portugal, como temos feito menção no primeiro livro, capitulo dezesete, mandára a poderosa armada, de que veiu por general Antonio Telles Villapoucas, que vinha na capitanea de Portugal, que era uma náu das mais grandiosas e bem fornecidas de soldados, e artilharia, que se podia vêr. Tambem tiveram aviso que a armada hollandeza, que havia partido de Hollanda no mez de Dezembro do anno de antes de 1647. Chegando ao meio do estreito, como o tempo era de inverno, lhe déra tal tempestade e borrasca, que algumas náus se foram a pique e outras derrotaram pela costa de França, e algumas entraram em Portugal, porém as mais d'ellas vinham para o Brasil.

Com este aviso se começaram a preparar os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, até que em Fevereiro chegou esta armada, como acima dissemos, a avistar o Recife, a qual constava de sessenta náus (não fallando nas que derrotavam no estreito) de guerra bem artilhadas e providas de infantaria e mais petrechos, e muitas d'ellas demasiadamente grandes, por serem náus do Estado, e uma d'estas, que era muito grande, porém muito larga, quando chegou, soltou trinta peças de artilharia por banda. N'ellas vinham seis mil homens d'armas e tres mil do mar, e quando partiu de Hollanda trazia nove mil homens de guerra, de que os tres

mil uns morreram nas náus que foram a pique, outros foram nas que derrotaram pela costa de França, de que poucos escaparam; outros nas náus que entraram em Portugal, de sorte que com seis mil homens de guerra e tres mil do mar chegaram ao Recife. Mandaram os da Bolsa, por general da armada, um presidente supremo da companhia chamado Van Goch, que outros, corrupto o vocabulo, chamavam Vandthonga; porém, chegado á terra, entregou o governo da gente de guerra a Segismundo Vandescop (*van Schkoppe*), de que temos feito tanta menção, que era governador das armas hollandezas n'esta guerra.

Tanto que esta poderosa armada chegou á vista do Recife era para vêr, como vinham as náus soberbas e guerreiras, com suas bandeiras e galhardetes em som de guerra tremulando, ostentando diversas côres, azul e branco, e côr de amarello tostado, das provincias de Hollanda, com suas armas, leões, braços nús, com espadas empunhadas nas mãos, e outras muitas das provincias confederadas. E não poucas de côr vermelha purpurea que denunciavam guerra. Chegando mais perto do porto do Recife, deram sua salva de artilharia, e, quando cada uma entrava pela barra, disparava as peças que levava, e os soldados davam surriadas de mosquetaria, que parecia que o céo vinha abaixo com o estrondo e estrepito que faziam; correspondeu-lhes o Recife, disparando de todas as suas fortalezas innumeraveis peças de artilharia, fuzilando o ar e ficando o mar claro, que parecia que tudo ardia em fogo vivo, e o fumo tão vasto e espesso, que escurecia a claridade do dia; e os hollandezes do Recife deram tres salvas de mosquetaria, ouvindo-se o echo em partes muito distantes, havendo muitas luminarias e outros fogos festivaes n'elle e na cidade Mauricia, com que bem significavam a alegria e contentamento que tinham, dando-se os flamengos e judeus os parabens uns aos outros, por se

vêrem soccorridos com tão poderosa armada, fazendo muitas festas e applausos, tendo já por ganhada e restaurada a campanha, e sujeitos outra vez os moradores, os quaes já se davam por acabados; e bem se póde inferir quão enfadados, tristes e pensativos andariam vendo-se sem soccorro de Portugal, pois a armada fôra para a Bahia; e considerando os extremos que haviam feito por seu rei e patria, oppondo-se a tantos perigos, soffrendo tantas miserias e trabalhos como se tem visto n'esta historia, comtudo lhes servia de consolação uma firme confiança, que tinham, de que Deus os não havia de desamparar em tão grande tribulação em que se viam com o inimigo tão poderoso á porta, que desejava de os tornar de novo a sujeitar, para executar maiores tyrannias que d'antes; e considere o leitor que taes poderiam ser e quaes se usariam com homens que se haviam levantado por suas justas causas, e que tanto damno tinham feito aos hollandezes, se no tempo passado as experimentavam tão exorbitantes e rigorosas, que seria, tornando-os a submetter ao seu jugo e intoleravel captiveiro.

Porém, assim como aquelles valorosos e esforçados Machabeus, como consta da sagrada escriptura, por libertarem sua patria dos perversos gentios que os oppriniam com uma dominação tão aspera e rigorosa, se oppuzeram a tantos perigos e tantas calamidades, fazendo com tanto valor guerra a seus inimigos que, sendo tantos e elles tão poucos em numero, favorecendo Deus seus bons intentos, venceram e desbarataram tantos exercitos, alcançando memoraveis e gloriosas victorias, como se contém no livro dos Machabeus diffusamente; assim os nossos soldados estavam com grande animo, raro esforço e admiravel brio para defender a religião catholica, a patria e a liberdade, tendo contra si tantos inimigos e infieis, confiados em Deus, cuja era a causa,

que os defenderia de seus adversarios e daria vencimento contra elles, o que patente e manifestamente se viu, porque em espaço de dez mezes, sendo tão poucos em numero, alcançaram tão insignes e tantas victorias e preclaros trophéos. Exemplo que nos mostra evidentemente como Deus acode com seu divino auxilio e favor nas maiores afflicções, trabalhos e desamparo; pois, vendo-se os soldados e moradores sem soccorro nenhum, faltando-lhes o que de Portugal esperavam, elles só governados por seus valorosos mestres de campo, ficaram victoriosos e triumphantes com tão insignes victorias.

Tinham propostos diante dos olhos innumeraveis exemplos antigos e modernos, em como pequenos exercitos desbarataram e venceram a grandes e copiosos. Um portuguez Viriato, com tão poucos soldados, desbaratou tantos exercitos dos romanos, que tanto na arte militar floresceram? Um Sertorio, com tão pouca gente, venceu tanta. E outros muitos que nas historias a cada passo occorrem. O valente Scanderbeg, por libertar a cidade de Croia, patria sua, e o reino de Epiro, desbaratou e venceu tão copiosos exercitos de turcos, prostrando a soberba e arrogancia insolente de Amurathes, imperador turco, com tão poucos, mas não inferiores soldados, que mais se attribuiam as victorias a milagre do que a poder humano. El-rei D. Pelaio, que escapou do poder dos mouros africanos na memoravel e fatal batalha d'el-rei D. Rodrigo, e dentro em uma cova subterranea em Asturias, com bem pouca gente, se defendeu d'um grande exercito, pelejando o proprio céo por elle, porque as frechas, disparadas pelo inimigo, retrocediam e matavam os africanos, que as lançavam; e com este feliz successo, deu principio á acclamação da liberdade de Hespanha; como o fizeram Ignhigo Arista, D. Sancho Abarca, que libertaram os reinos de Aragão e Navarra da tyrannia dos mouros. Mas,

para que se buscam exemplos estranhos, quando vemos que o santo rei D. Affonso Henriques, com tão pequeno exercito no campo d'Ourique, desbaratou cinco reis mouros, dando feliz principio ao reino de Portugal e sua liberdade, como se póde vêr diffusamente, além dos antigos historiadores, na historia dos reis portuguezes, que com tanta erudição escreveu em lingua latina o padre Antonio de Vasconcellos, da companhia de Jesus, e o doutissimo chronista de Portugal Fr. Diogo Brandão, na terceira parte da *Monarchia Lusitana*, que foi proseguindo com tanto applauso dos doutos.

El-rei D. João I, com tão pouca gente na batalha de Aljubarrota, venceu a el-rei de Castella com tão numeroso exercito, libertando a Portugal do jugo que lhe queria pôr. E o valoroso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, com poucos soldados, tantas vezes venceu grande copia de castelhanos. Pois os nossos valorosos heróes da India Oriental? Um Duarte Pacheco, que, com tão poucos, resistiu ao poder superior de Calecut? Um D. Francisco d'Almeida, que desbaratou a armada naval do soldão do Egypto, em que vinha por general Myrozem? Um Affonso d'Albuquerque, que tão illustres triumphos e tão magestosos trophéos alcançou de seus adversarios? O valor com que Antonio da Silveira e o Mascarenhas, sujeitos valorosos, defenderam dois cêrcos tão memoraveis da fortaleza de Diu? Um D. Luiz d'Athaide que, com tanto esforço e brio, defendeu tantos sitios, que em um mesmo tempo puzeram os mouros ás principaes cidades da India? Finalmente, em nossos tempos, um André Furtado de Mendonça que, com tão pouca gente, desbaratou o poder do Cunhale, aprisionando-o um Ruy Freire d'Andrade, um Botelho e outros muitos, cujas generosas acções, grandiosos e illustres feitos, pregôa a fama pelo universo orbe? Comtudo os exemplos dos varões de fama, que apontamos, comparados com os valorosos soldados de Pernambuco,

posto que se respeita a veneravel antiguidade, parecem quasi superiores, no que obraram, a quem pondera e considera os requisitos que ha na materia, porque sendo tão poucos, em numero sem premio, sem serem assistidos do braço real, sem se lhes fazer nenhuma paga, sem o necessario sustento, nús, despidos, mortos de fome, sem terem o que lhes bastasse para a guerra, e essa continua e perpetua todos os dias e muitas noites, no caloroso verão e rigoroso inverno, perseguidos de frio e fome, mosquitos e outras inclemencias do tempo, e muitos, que digo, a maior parte d'elles nas trincheiras, assistindo nús em carnes, sem camisas, cobertos com rotos e lacerados capotes, e alguns sem elles, e outros muitos descommodos, que em silencio passo, sendo o inimigo da mais bellicosa nação da Europa, militando entre os hollandezes tantas castas de gente, abastados de todo o necessario para a guerra, satisfeitos de seus estipendios, fardas e rações congruentes para passar a vida; que na real verdade, que foi isto uma cousa tão grandiosa e desusada, que não sei se no mundo succedeu outra semelhante; e uma cousa é escrevêl-a com a pluma, e outra vêr com os olhos tanto valor, constancia e magnanimidade, o que foi patente, manifesto e evidente, a quem por seus olhos o viu, e o esteve considerando, e ponderando tantas vezes, em tantos annos de guerra, de que eu posso dar, como o dou n'esta historia, um fidelissimo testemunho, como de vista, posto que não o digo, encomio de louvores, tão egregios e singulares, quantos elles merecem e eu grosseiramente descrevo, mas Deus ha e rei, que souberam pagar, como é justo, a tão benemeritos e animosos soldados, os heroicos feitos que obraram.

De sorte que estavam os nossos soldados animosos, não temendo, sendo tão poucos, e com os descommodos e calamidades, que padeciam e temos referido, o grande poder

do inimigo, antes desejavam já de vir ás mãos com elle. Os mestres de campo governadores, com alegre semblante e cara a todos animavam, promettendo-lhes insignes victorias de seus inimigos e tratando de ordenar e preparar as cousas necessarias para a defesa; e considerando que qualquer poder, posto que grande, dividido, facilmente se destrue e desbarata, quanto mais tendo elles tão pouca gente e tão dividida, e vendo-se juntamente em uma campanha tão aberta e espaçosa, que era impossivel defendêl-a, se resolveram a mandar, como com effeito se fez, retirar a infantaria e moradores da villa de Igaraçú, com todo o seu districto, deixando juntamente o Páo-Amarello, Jaguaribe, Paratibe, e a villa de Olinda, para que junta a infantaria, que por estas partes estava dividida, unida e encorporada com a do arraial e fronteiras, pudessem pelejar com o inimigo e esperar o ultimo rigor da fortuna.

Os moradores d'estas partes, que dissemos, se retiraram com muita pressa, que deixaram suas casas, com parte do pouco que possuiam, experimentando em tão pequena retirada, miserias e trabalhos; e porque muitos queriam ir tomando o caminho para mais longe, mandaram os mestres de campo, com graves penas, que não passassem da villa de Serinhaem. De sorte que os moradores retirados occuparam desde a Moribeca até Serinhaem, accommodando-se o melhor que puderam, posto que com as muitas descommodidades, que em retiradas semelhantes succedem, mas já não tratavam de mais que livrar as vidas de tão crueis inimigos, que com tão poderosa armada, e com o mais poder que tinham no Recife, estavam tão ufanos e contentes, e os moradores sem soccorro nenhum, como dissemos, mais que confiados em Deus e no valor de seus soldados, e brioso proceder.

CAPITULO II

De como os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros mandaram juntar toda a infantaria, para resistirem ao inimigo, e do edital de perdão, que promulgaram os do supremo conselho do Recife, e carta que escreveram e resposta que se lhes mandou.

Remediado o incommodo que se temia com a retirada dos moradores e infantaria, ficou outro não menor que foi vêrem e considerarem os mestres de campo governadores, ser a varzea de Capibaribe indispensavel, por ser tão aberta, e que podia acommetter o inimigo, pois tinha tão superior poder, pela estancia do capitão João Soares de Albuquerque, e pela de Henrique Dias, e pelas dos capitães Cosme do Rego Barros, Antonio Borges Uchôa ou de D. Antonio Phillippe Camarão e pela Barreta, e que não tinham bastante poder, para resistir em duas, quanto mais em tantas partes, e que facilmente degolaria o inimigo muita gente sem lh'o poderem impedir; e que quando por estas partes não acommettesse, quereria occupar o posto da Jangada ou da Moribeca, ou Nazareth, e que era forçoso ir acudir com todo o poder a qualquer das partes, que fôsse acommettida, ficando as fronteiras desprovidas, e sómente a força da bateria que fizeram e a do arraial com gente necessaria, pelejando os nossos com o inimigo em qualquer das tres partes; e por estas razões ordenaram que, sahindo o inimigo com o seu exercito do Recife, fôsse todo o nosso poder e cabedal a pendenciar com elle, ficando guarnecida a força da bateria, e a do arraial, para que, se houvesse pendencia em qualquer das tres partes que dissemos, Jangada, Moribeca e Nazareth, se pudessem defender as duas

forças, sem embargo que tiraram d'ellas as peças de artilharia de bronze, de mais consideração, que mandaram para Nazareth, deixando sómente n'ella as de ferro até se saber o designio do inimigo, o qual não estava ocioso, mas gastando o tempo em formar esquadrões, exercitar os soldados todos os dias, para a entrada que determinava fazer na campanha.

Os mestres de campo governadores, vigilantes com mais olhos que Argos, sem perder ponto, acudindo ás cousas necessarias do bem da guerra e defesa da terra, despacharam officiaes de milicia por toda a campanha para conduzirem todos os que fôssem capazes e idoneos de tomar armas, e ajuntar os soldados que andavam espalhados á suas bandeiras, mandando deitar bandos e publicar editaes por todas as freguezias, em que franqueavam a todos os homisiados, que andavam occultos pela campanha e matos, a que viessem merecer o perdão de suas culpas, tomando armas contra o inimigo.

Ajuntou-se toda a infantaria no arraial, pelos primeiros dias de Abril, que era a semana santa em que se fez rezenha geral, e se acharam mil e oito centos soldados de Pernambuco do terço do mestre João Fernandes Vieira, e setecentos e cincoenta homens do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, e trezentos e cincoenta, que muitos assistiam em Nazareth. Do governador dos pretos, Henrique Dias, trezentos, e de D. Antonio Phillippe Camarão, trezentos e cincoenta indios, que fazem a somma de tres mil e quinhentos e cincoenta homens, porém, ha de se advertir, que sómente dois mil e duzentos se acharam na batalha dos montes Guararapes, porque os mil e tantos ficaram repartidos pelos postos de Nazareth, Arraial, Jangada, Força da bateria, e outros foram necessarios para outros ministerios. Tambem se ajuntou alguma gente de cavallo, de que era capitão

e cabo Antonio da Silva e seu tenente Domingos Gomes de Brito. Esteve a gente posta em ordem e ponto de peleja, occupando cada troço seu quartel, sempre com as armas na mão, esperando pelo inimigo com muito animo e brio, conhecendo o quanto lhe importava pelejar pelas justas causas que tantas vezes se tem dito.

Haviam já os hollandezes do supremo conselho do Recife mandado deitar pelas praias cartazes ou editaes em que, diziam elles, perdoavam aos moradores, se dentro de dez dias fossem a tomar os passaportes. Mandaram de noite á todas as fronteiras os mesmos cartazes e editaes, e além d'estes deitar muitos papeis nas estancias fronteiras de Henrique Dias e do Camarão ; e vendo ultimamente que os moradores fizeram pouco, ou por melhor dizer, nenhum caso de seu perdão, ameaças e terrores, mandaram, em 2 de Abril, uma embaixada ao Recife, com os mesmos editaes, com carta juntamente para os mestres de campo governadores, a qual traduzida de flamengo em portuguez dizia assim:

«Carta.—Por particular ordem que tivemos, mandada a nós pelos poderosos senhores dos Estados-Geraes, Sua Alteza o Principe de Orange, e a geral outorgada companhia Occidental nos mandou o nosso poder já chegado, e outro que estamos esperando para proceder contra os que se tiraram debaixo de nossa obediencia, conforme a ordem mandada outra vez contra elles, e já o temos feito a todos, e mandado que qualquer pessoa ou nação de qualquer estado ou qualidade que sejam em nome dos ditos senhores, mandamos offerecer e apresentar um perdão geral do seu levantamento e outras cousas mal feitas; assim, em cumprimento dos ditos mandados o temos mostrado e publicado, e mandado a VV. SS. com muita certeza de que tudo dito se ha de cumprir da nossa parte, pontualmente, como n'elles se contêm, e sobre esta declaração esperamos seis dias por resposta de

V. S. Feita em nosso conselho no Recife de Pernambuco em 2 de Abril de 1648.—*João Bullestrate.—Henrique Hamel.* —*Pedro Bas.*—Secretario, *João Balbe Kes.*»

As cartas ou edital que publicaram os hollandezes, e mandaram com a carta aos mestres de campo governadores, vinha escripto em lingua portugueza, mas mal polida, como n'elle se verá e era pelo teor seguinte :

« O presidente e mais conselheiros, que representam o supremo governo nas terras que conquistámos, ou para conquistar ainda no Brasil, em nome, e da parte dos illustrissimos, altos e poderosos senhores dos Estados-Geraes das unidas provincias, Sua Alteza o Sr. Principe d'Orange e geral outorgada companhia das Indias Occidentaes, a todos os que estiverem presentes, ou ouvirem lêr, saúde. Fazemos saber, por quanto a nosso cargo está a restauração do estado miseravel d'esta terra, causado pelo levantamento dos moradores portuguezes, e dos que com elles se ajuntaram, os quaes contra seu juramento de fidelidade se apartaram de nossa obediencia, e n'isso até agora estão considerando, por cuja causa justamente estão cahidos de todos seus bens e vidas, e com toda a razão se deve vingar-se d'elles, maiormente por terem commettido tantos e tão crueis excessos contra a nossa nação, durando este levantamento ; porém, e sem embargo de tudo o acima dito, ordenaram muito particularmente os muito altos e poderosos Estados-Geraes, e as provincias unidas, Sua Alteza o Sr. Principe d'Orange e geral outorgada companhia das Indias Occidentaes, como tambem nossa propria inclinação, e para bem e conservação dos moradores, e suas posses d'elles, que antes de mandar á campanha este soccorro tão poderoso de soldados, e munições por parte chegado e ainda para chegar : outra vez usar da clemencia para evitar derramação de sangue, e ruina e destruição de terras e gente,

e de novo convidar aos ditos para se tornarem a submetter debaixo de nossa obediencia, a qual de presente fazemos, e em nome e da parte acima declaramos, que remettemos e perdoamos a todos de qualquer estado nação ou condição que sejam (e tirando Theodoro Vanhooch Estrade *(van Hoogstraeten)*, e outros officiaes que deixaram seu natural serviço e governo dos muito altos e poderosos Estados, Sua Alteza e companhia, e se ajuntaram com os levantados) de todas as corporaes e semelhantes penas, que ou pelo levantamento contra este Estado ou depois até agora por elles commettidos, tiverem merecido, e o que mais é, seguraremos e acudiremos a todos os que esta nossa clemencia aceitarem em suas posses e propriedades, contra todos e quaesquer que os quizerem desinquietar ou molestar. Tambem serão geralmente governados com toda a civilidade, e igualmente como os vassallos d'este Estado com condição que depois da publicação e prégão d'este Edital venham apresentar diante de nós, ou nas freguezias de fóra, diante de nossos commemdores todos de idade de dezeseis annos até setenta, dentro em dez dias, para fazer de novo o juramento de fidelidade, com pena que, ficando em falta de não apparecer dentro no dito tempo limitado, perderão esta graça e clemencia offerecida pelos muito altos e poderosos Srs. dos Estados-Geraes, Sua Alteza e companhia occidental.

Declaramos mais, que acabados os ditos dez dias usaremos do poder que por mar e terra temos, e a este respeito por ora nos é mandado, e ainda por diante está para vir, juntamente da infantaria, que antes da chegada d'esta armada n'esta terra esteve, e dos mais confederados, nossos indios e tapuias, que se possam ajuntar para a extinguir e perseguir com rigor, sem dilação ou dissimulação alguma a todos os que não aceitarem esta nossa graça e clemencia ; protestando da nossa parte, diante de Deus e de todo o

mundo, de sermos innocentes de todas as miserias e calamidades, que possam resultar de não aceitarem esta nossa clemencia e piedade. Dado em nosso conselho no Recife de Pernambuco a 2 de Abril de 1648 annos.»

N'este edital vinha assignado o presidente Van Goch com mais outros tres dos do supremo conselho, e o secretario d'elle.

Os mestres de campo governadores, havendo visto a carta e mais papeis, lhe responderam pela maneira seguinte: « Querendo nós responder á carta e mais papeis de VV.SS., que á nossas mãos chegaram, nos pareceu acertado começar pelo ponto mais aggravante e escandaloso de todos elles, que é a protestação que VV. SS. fazem diante de Deus e de todo o mundo, como se ao mesmo Deus e mundo todo fôsse escondido o injusto procedimento com que os Srs. flamengos se houveram sempre, e actualmente vão proseguindo na mesma materia de que protestam. Por ventura deixarão de ser notorias (não só a Deus, a quem nada se encobre, mas ainda ao mais remoto do mundo) as tyrannias que se executaram nos portuguezes moradores do Rio-Grande, os quaes tomando as armas, obrigados de sua natural defensão, e depois entregando-as com o partido da vida, que debaixo de palavra dos Srs. Estados-Geraes e do Sr. Principe d'Orange lhes foi promettida, os Srs. flamengos não sómente lh'as não concederam, mas ainda lh'as mandaram tirar pelo gentio com tão extraordinarios modos de martyrios, que ás mais barbaras nações podiam causar espanto, executando o mesmo rigor nos districtos de Cunhaú e Parahyba, que por ser tão publico, e ainda pelos mesmos flamengos moradores estranhado, não é necessario extensamente declaral-o, de mais de outros insultos differentes, irritando os animos dos portuguezes, sujeitos com estupros, adulterios, roubos e homicidios, sendo-nos tão presentes, como perpetuamente

serão as donzellas que violentamente desfloraram, as casadas que deshonraram, e com a mesma força os innumeraveis templos que violaram, finalmente, os muitos a quem por usurpar suas fazendas tiraram as vidas.

Pois se estes casos, tão exorbitantes, conhecem VV. SS. melhor do que nós lh'o sabemos referir, com que fundamento commettem agora partido aos portuguezes d'esta terra, ou esperam d'elles sujeição alguma?

Por ventura são elles tão nescios, que os mova a esperança de algum bem, ou tão inferiores que os obrigue o temor de algum mal? Quanto ao primeiro, que bem podem esperar de quem sempre receberam males? Ou palavra aceitar de quem nunca lh'a cumpriu? Se os Srs. flamengos, tantas vezes lh'a quebrantaram, quando os tinham sujeitos, como lh'a guardarão agora quando os têm em conta de levantados?

Quanto ao segundo, nenhuma inferioridade conhecemos em nós para que hajamos de sujeitar-nos, a quem esperamos brevemente vencer; porque em primeiro logar, se á VV. SS. chegou soccorro, consta-nos bem o quanto vem diminuto, parte perdida, parte arribada, e da que chegou ao Recife, os mais dos infantes bisonhos, moços e opprimidos da doença; e quando não sejam estes, senão o contrario, nem por isso bastam a contrastar tantos e tão valorosos soldados, como temos n'esta campanha, cujo grande numero VV. SS. não ignoram, pelos muitos que das capitanias retiradas se reduziram a esta, e tão expertos e de tanto valor como os Srs. flamengos, tantas vezes a seu pezar têm experimentado. Em segundo lugar, nós justamente defendemos a propria terra das tyrannias que tantos annos a opprimiram, e VV. SS. de novo pretendem tyrannicamente conquistar a alheia; sobretudo nós não devemos nada á VV. SS., salvo algumas dividas e dinheiro de

particulares; as quaes todas as vezes que VV. SS. quizerem pôr-se na razão, pontualmente lhes serão satisfeitas, por onde, como Deus seja a mesma justiça, é certo que se ponha da nossa parte, onde ella sobra, que por elle respeito seguramos, esperamos o favor divino, que VV. SS. não têm lugar de esperar, para que em todo se desenganem de nos persuadir com promessas, nem temos necessidade de as aceitar, nem razão alguma de nos crêr. Tratem de sahir á campanha, onde ha tanto que os esperamos, estando certos, que a nossa maxima é vencêl-os ou morrer, posto que se VV. SS. quizerem reduzir a guerra a outros meios de alguma composição, de que necessitam, e a nós não desconvenha, em tal caso não deixaremos de nos conformar com elle, pelo que devemos á christandade, que patria, nem entregar nossas liberdades,poderemos admittir, estando prestes para corresponder com toda a boa razão, que acharmos com VV. SS.; e fóra d'aqui qualquer outro intento que emprehenderem, se fôr de industria, lhes sahirá baldo, se fôr de guerra, lhes será custoso, que para uma e outra cousa estamos bem prevenidos, com presupposto de seguirmos em tudo os mesmos estylos, e usar os mesmos rigores, que VV. SS. executar quizerem, protestando diante de Deus e do mundo, com mais razão que VV. SS., pelo derramamento de sangue, que de tudo o que succeder VV. SS. são a occasião ; que nós sómente tratamos de nossa defesa, cujo bom successo esperamos de Nosso Senhor, e fiamos de nossas armas, pois o valor d'estas e o escarmento de nossos animos não admittem, como antigamente, passaportes. E se o tempo presente é outro, outros devem ser os meios de conquistarmos.

Seja o ultimo, que devêra ser o primeiro, de presente nos consta que os Srs. flamengos puzeram fogo, e deram golpes em algumas imagens que estavam nas igrejas

d'Igaraçú, não é novo n'elles obrar tão nefarios e lamentaveis sacrilegios; mas, inadvertencia muito para estranhar, que á vista d'elles não commettam partidos de vida, a troco da nossa sujeição, como se nos houvesse de guardar palavra ou respeitar promessas, quem tão sacrilegamente quebranta a fé e respeito que a Deus e a seus santos se deve; que observancia se achará de paz com homens, que com Deus e suas imagens exercitam guerra.—Os mestres de campo governadores *João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros.* »

Mandaram tambem os mestres de campo governadores ao Camarão e Henrique Dias firmassem duas cartas, que lhe elles mandaram feitas, em seu nome d'elles, para juntamente remetterem ao Recife, por nas duas estancias dos sobreditos se haverem mandado lançar cartazes e muitos papeis. Era a carta do Camarão escripta pelo teor seguinte :

« Não temos para que haver mister papeis, salvo para cartuxos de nossas armas, que os meus soldados trataram mais d'ellas que de escripturas, porque, ainda que as soubessem lêr, confesso que são tão precipitados e inquietos, que se não acha n'elles tanta fleuma : muita deve de ser a de VV. SS., pois, havendo tantos dias que lhes chegou a sua armada, ainda hoje nos têm ociosos. Saiam já á esta campanha, que a peito descoberto os esperamos n'ella, e eu o fizéra só com meus soldados, quando não tiveramos tão poderoso exercito, como o que temos, e tão acostumados a vencer, como VV. SS. sabem. Saiam que se a este desafio me incitára o valor de soldado, me obrigára o zêlo christão, pois que os Srs. flamengos, depois de tantos sacrilegios antigos, de novo os começam a executar, abrazando e cortando as imagens santas dos templos d'Igaraçú. Façam a guerra a quem lhes ha de dar o

castigo, com a espada na mão, e não cortem com ella a quem por sua misericordia o dissimula. Saiam VV. SS. para que, desenganados com obras, o que tratam de enganar com palavras, tão infalliveis costumam ellas ser, que nos não possam persuadir, ou nós tão ignorantes que as hajamos de crêr? VV. SS. nos dizem que têm muitos indios e tapuias confederados, não temos nós tão pouco conhecimento d'elles que assim os julguemos, nem elles tão cegos, que me deixem a mim, que sou seu natural, e a superioridade do nosso poder, a defensão de sua patria propria, e a razão que têm de morrer por ella, para, em contrario de tudo, se passarem a VV. SS. que são estranhos, e para seu poder inferior, para os destruidores da patria d'elles, e com nenhuma razão conquistadores do alheio. Desenganem-se de mais traças, que todas as suas importam pouco para nós, porque totalmente resolutos nos deliberamos a morrer ou vencer; mas vencer será o mais certo, pois, temos o favor divino pela justiça de nossa defensão, e o humano pelo maior numero e valor de nossas armas.—*D. Antonio Phillippe Camarão*.»

A carta que escreveu Henrique Dias era a seguinte:

« Onde estão as armas, escusados são os papeis que VV. SS. mandam lançar; os meus soldados não entendem tanto d'elles, como dos muitos e grandes mosquetes que trazem na mão, maneados com tanta presteza e valor, como os Srs. flamengos cada hora sentem: com estas armas ou outras quaesquer, podem VV. SS. sahir á campanha, onde eu não sómente os espero, mas os convido, e seja logo, que, como sou soldado, não quizéra gastar mais tempo, nem mais palavras, maiormente que, quem como nós tem de sua parte a razão, não ha mister razões das muitas de VV. SS., colho eu seu pouco poder e menos obras: as de meus soldados hão de ser as que sempre foram, e as que se podem esperar de homens

tão acompanhados da justiça, valor, constancia, resolução e pouca fazenda; que sempre temeu menos a morte quem menos tem que gastar na vida: pelas dos Srs. flamengos não darei duas placas, fóra de suas forças, e ainda n'ellas Deus sabe minha tenção; o mesmo Senhor a ha de favorecer, que assim o espero, pois é tão justa, quanto, pelo contrario, injusta e sacrilega a dos Srs. flamengos, pois que de proximo, na villa de Igaraçú, executavam sua furia com incendios e golpes nas imagens dos santos; quem aos divinos faz guerra, que pazes saberá guardar aos humanos?—*Henrique Dias.* »

CAPITULO III

De como se entregou o governo das capitanias de Pernambuco ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.—Conta-se em summa a campanha, forças e artilharia que ganharam ao inimigo os mestres de campo governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e de como Segismundo se preparava para sahir com seu exercito á campanha.

Estando os mestres de campo governadores preparados das cousas necessarias para apresentarem batalha ao inimigo, que sabiam os havia de vir buscar, que para esse effeito se andava aprestando no Recife, chegou aos 20 dias de Abril de 1648 um correio que veiu antes de Paulo da Cunha Sotto-Maior, com uma ordem da Bahia do conde d'Aguiar Antonio Telles, para que se entregasse o governo a Francisco Barreto de Menezes, que havia fugido do Recife, como fica dito. Os mestres de campo governadores, em consideração d'alguns respeitos, e por não entender o conde que lhe não obedeciam á suas ordens, entregaram o governo a Francisco Barreto de Menezes, averiguando entre si primeiro, por serviço de Sua Magestade, deviam ficar elles

na mesma guerra, pelo conhecimento que d'ella tinham, e por serem experimentados, o que assim convinha, posto que Pernambuco não tomou isto a bem, porque requeria a terra pessoa mais experimentada n'ella e pratica no estylo da guerra d'aquella campanha, e de annos bastantes para supportar vontades tão diversas de tantas castas de gente que ha n'aquellas capitanias, e de gente tão bellicosa. Comtudo, foi o governo entregue, ficando os mestres de campo, na mesma praça, por executores da guerra, como das occasiões constará, que, se assim não fôra, sentiriam os moradores a falta, como por experiencia se viu.

E para que se saiba o muito que os mestres de campo governadores fizeram na campanha das capitanias de Pernambuco, direi em summa, porque mais diffusamente se tem n'esta historia escripto algumas cousas essenciaes. Ganharam cento e trinta leguas de campanha, que é desde o Ceará-Merim, que fica abaixo do Rio-Grande até o Rio de S. Francisco, que o inimigo occupava. Ganharam nove fortalezas, afóra muitos reductos e casas-fortes, e n'ellas ganharam setenta e tantas peças de artilharia, em que entraram muitas de bronze de vinte e quatro libras, e a este respeito os mais calibres, havendo mortos e aprisionados dezoito mil e tantos homens do inimigo.

Entregaram mais, para dois mezes e meio, mantimentos nos armazens, porque n'aquelle tempo haviam chegado navios, a que compraram mantimentos, deixando effeitos nas mãos dos moradores e officiaes da fazenda, vinte e quatro contos, e com quebras que lhe deram se cobraram dezesete contos. Ficou de divida dezeseis mil e tantos cruzados, que bem se podiam pagar com os effeitos atrás, como se pagaram.

Deixaram a gente tão destra que, de bisonha, tirados os soldados dos bafos de seus pais, e de indios e negros, fizeram

tão espertos soldados que, com elles, se ganharam tão gloriosas victorias, governando em todo o tempo com grande socêgo e quietação, sem haver alteração entre os soldados por mais miserias que passaram; e governaram com tão feliz ventura, que é o que se busca para o governo, que em todo o tempo d'elles não houve mortes na terra, matando-se uns aos outros, nem o inimigo tomou nenhum navio, nem se perdeu na barra, conservando-se os moradores em grande amizade e quietação em suas casas, sem risco das vidas. E isto tudo, que se ganhou na campanha, foi sem artilharia, que a não havia, senão com espingardas, arcabuzes, páus tostados e á espada, como se tem visto na presente historia; e, sem haver fazenda real nem soccorro, se sústentou a guerra todo o tempo que os mestres de campo governadores governaram.

Na real verdade que foi esta obediencia dos mestres de campo governadores admiravel e unica, que sendo elles os que ganharam tanta terra, e libertaram os moradores do jugo dos hollandezes, principalmente João Fernandes Vieira, que deu tão feliz principio a esta liberdade, logo entregaram o governo sem réplica alguma, sendo que poderiam haver muitas, pois deram principio e executaram esta empreza, outros foram que, com difficuldade, obedeceriam ao que o conde mandava, e em tempo que estava para sahir o inimigo com seu exercito á campanha, e lhes era devido o governo, havendo governado com tanto applauso dos moradores, e sendo tanto de seu seio os soldados que os amavam e tinham em conta de pais, e, além d'isso, sempre nos novos governos ha mudanças; e além de outros infinitos tinham exemplo no valoroso Fernão Cortez, que conquistou a nova Hespanha, e depois tornou a libertar a cidade de Mexico; e, sendo o imperador Carlos V mal informado de suas generosas acções, o mandou tirar do governo, havendo-lhe tanto

custado aquella conquista, mandando por governador a Pamphilo de Narvaes; porém, Fernão Cortez disse que fôra mal informado o Imperador, e que até saber a verdade e elle acabar aquella empreza, que entre mãos trazia, não havia de ceder e desistir de seu governo, e havendo muitas réplicas e contingencias de parte a parte, querendo com infantaria que trazia o Narvaes tomar posse do mando á força d'armas, elle lhe resistiu e repugnou, e não sómente havendo pendencia o prendeu ao novo oppositor, mas tambem sahiu com um olho menos, da contenda; e sendo informado Carlos V do bom governo de Cortez, dissimulou com a cousa e desobediencia, e mandou a Pamphilo de Narvaes á conquista da Florida, o que tudo diffusamente escreve o padre Francisco Lopes de Gomara na *Historia das Indias Occidentaes*, e Antonio de Herrera em suas *Décadas Occeanas*; e pudéra trazer outros muitos exemplos que, por não ser molesto ao eitor, deponho.

Ficaram os mestres de campo sendo executores da guerra, como se irá mostrando, e elles uma obediencia admiravel e perfeita com que illustraram e realçaram mais suas acções famosas e celebres. Emquanto o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, e os outros mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se prepararam para pelejar com o inimigo, que todos os dias esperavam sahisse á campanha, jejuaram os hollandezes no Recife por espaço de tres dias, fazendo muita penitencia, como se nunca a abominassem, fazendo-lhes cada dia seus predicantes duplicados sermões, animando-os com o saque, que lhes promettiam muito rico e abundoso, e os asseguravam, pois tinham tão grande poder de gente, exhortando-os juntamente a que não dessem quartel, como em algumas bandeiras, para que lhes esquecesse, traziam escripto. Diziam tambem por seus favaures, ou interpretes, aos indios

e tapuias que livremente matassem, não perdoando a sexo nem idade, posto que era escusada esta advertencia, que tal como este era o zêlo e piedade com que faziam os jejuns e penitencias; fazendo outras preparações, e ordenando as cousas necessarias para seu exercito, que como era tão poderoso lhes parecia que traziam o pleito vencido, e a victoria certa; porém Deus ordenou outra cousa bem differente do que imaginavam, e traçavam, como iremos referindo nos capitulos subsequentes.

CAPITULO IV

De como Segismundo, governador das armas hollandezas, sahiu com um exercito de 7,400 infantes para recuperar a campanha de Pernambuco, vindo pela Barreta em demanda da Moribeca.

Condemnavam já os coroneis, capitães e mais officiaes militares a muita demora do Segismundo, o qual vendo-se com tanta e tão luzida infantaria, com coroneis e capitães tão guerreiros, se resolveu a sahir publicamente em som de batalha, sem querer-se valer de seus costumados estratagemas; sahiu, pois, do Recife aos dezesete dias do mez de Abril de 1648, uma hora depois da meia noite da sexta-feira para o sabbado, marchando para a força dos Afogados, a qual dista meia legua do Recife, com grande estrondo d'armas, tocando caixas, clarins e trombetas, por imaginar, como de feito segurou sua gente (se bem não faltou quem dissesse o contrario), que logo os nossos, em vendo seus bem ordenados e formados esquadrões, que constavam de 7,400 soldados (afóra setecentos gastadores e negros, que eram os que carregavam a bagagem) com seis peças de artilharia, e suas luzentes e brilhantes armas e bandeiras tremulando, que eram setenta e uma, amedrontados e

intimidados juntamente da cópia e multidão dos selvagens, tapuias e barbaros, que com os indios eram 1,000, com 400 negros seus soldados, se poriam á fugida infame para sem repugnancia lograr seu intento, que era occupar a Moribeca, que ficava entre o nosso arraial e Nazareth, distando do arraial tres leguas, e de Nazareth cinco, d'onde, emquanto se fortificava, determinava mandar á campanha da Varzea 1,000 homens com indios e tapuias para degolarem os moradores, deixando no Recife outros mil homens escolhidos, para virem com seu coronel Henrique Hús (*Haus*) á vista do nosso arraial, a encorporar-se com elle (este coronel Hús (*Haus*) foi o que os mestres de campo governadores aprisionaram na casa forte da Varzea de D. Anna Paes, o qual n'aquelle tempo governava as armas hollandezas), e João Blar (*Blaar*), segundo temos escripto n'esta historia. Ao João Blar (*Blaar*) mataram em Serinhaem, e o Hús (*Haus*) foi para a Bahia, e d'ahi o embarcaram para Portugal, d'onde passou para Hollanda, e veiu na armada, que havia aportado ao Recife, poucos dias havia, para fazer guerra aos nossos; mas, por boa entrada e agazalho, na primeira pendencia perdeu a vida, como iremos relatando, e depois de fortificada e guarnecida a Moribeca, de gente, determinava marchar á povoação de Santo Antonio do Cabo, e d'ahi pôr sitio por terra a Nazareth, que por mar já estavam muitas náus preparadas para a cercarem; e o que havia feito na primeira guerra, intentou fazer n'esta, porém não succedem sempre as cousas de uma mesma sorte.

Bem disposta tinha Segismundo a guerra, se lhe não succedêra o contrario do que tinha traçado. Vinham os hollandezes tão soberbos, orgulhosos, e confiados de que haviam de ficar senhores da campanha, que além de deixarem no Recife muitos carceres e prisões preparadas, traziam diversos generos de instrumentos de martyrio,

com quantidade de grilhões, algêmas, correntes e libambos, de que alguns estão em poder do mestre de campo João Fernandes Vieira, para aprisionarem aquelles, que por então lhes parecesse deixar com vida, para depois lhe darem mais penosa morte; mas Deus, por sua infinita bondade, como aquelle que não admitte soberba, abateu a d'aquelles, mais que o Philisteu que assombrava o povo d'Israel, arrogantes, quando confiavam em o numero de muitos, e de suas armas, levantando os poucos, que, como David, humildes, armados com o poder de Deus, e por sua fé e honra entraram na batalha, que não tão sómente venceram, mas ainda conculcaram as hollandezas bandeiras de que triumpharam, senhoreando-se de muitas armas e da bagagem.

Tanto que Segismundo chegou aos Afogados com seu exercito, trazendo por coroneis d'elle os seguintes: o coronel Vanelles (*van Elts*), que vinha na vanguarda, e foi morto no conflicto, o coronel Kerver (*Keeweer*), que ficou prisioneiro, o coronel Guilherme Outin (*Hautyn*), o coronel Brinch *Brinck*), o coronel Vandebrand (*van der Brande*), o coronel Oltz, afóra o coronel Hûs (*Haus*), que ficou com mil homens no Recife, que veiu depois aos montes Guararapes, e se achou na batalha como iremos contando. Foi recebido com muita festa, tocando-se trombetas e caixas na força, que disparou tada a sua artilharia, fazendo-lhe salva. Fizeram as nossas sentinellas aviso aos capitães fronteiros, que já estavam alerta, porque tudo ouviram, em como o inimigo vinha com todo o poder acommetter o arraial; elles fizeram logo aviso ao arraial, onde no mesmo ponto, tocando-se rebate, se mandaram tomar as armas, e formarem-se esquadrões, tudo a ponto de guerra, pouco distantes da força em uma campina, d'onde até pela manhã estiveram com as armas nas mãos; o inimigo fez frente como que queria acommetter a estancia do capitão

Antonio Borges Uchôa, e foi toda a gente passando o rio dos Afogados para a Barreta, sem os nossos soldados os poderem vêr, por respeito de um grande esquadrão que, rompendo a manhã, os começou a picar.

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, por não ser pratico na campanha, pois tão pouco tempo havia que fugira do Recife, nem saber o modo com que n'ella se pelejava a nossa gente, que é muito differente do de Portugal, por respeito dos sitios, chamou a conselho os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, e ao tenente-general Phillippe Bandeira de Mello, e ao tenente-general que foi na Bahia Antonio de Freitas da Silva e ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso para se averiguar se convinha pelejar-se com o inimigo; e havendo varios pareceres n'este particular, foram sempre muito unidos aos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, que convinha pelejar-se com o inimigo; e sem embargo, que foram elles só d'este parecer, e o tenente-general Antonio de Freitas da Silva se seguiu contra a vontade dos mais, por quererem aguardar do inimigo em parte mais apertada e coberta de matos, aonde não se poderia seguir bom effeito, ou que se retirassem para o districto do cabo de Santo Agostinho, e n'aquellas partes se fizesse fronteira, que sem duvida que se alli se fizéra, pudéra haver uma ruina geral, por o inimigo ficar senhor na principal campanha e das forças do arraial, aceitou os pareceres dos dois mestres de campo por haverem sido pessoas que havia dois dias que haviam acabado de governar, e com esta resolução tomada o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes por lhe parecer mais acertado ao serviço de Sua Magestade, e por não ter conhecimento do modo com que se peleja n'esta campanha, como dissemos, entregou publicamente aos dois

mestres de campo a disposição da batalha, e que como tão previstos nas cousas da guerra a dispuzessem, como haviam feito de antes ; o que elles aceitaram com grande demonstração de alegria, agradecendo o favor que com elle esperavam em Deus de fazer um grande serviço a Sua Magestade na batalha e alcançar victoria ; e que lhe advertiam que a sua unica intenção era que, em avistando o inimigo, dar-lhe a primeira carga e investil-o logo á espada. Tudo o que prometteram assignaram por papel, e deram á execução com mais vantagem do promettido.

Mandaram ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso á fronteira ao capitão Antonio Borges Uchôa para descobrir o inimigo, e as sentinellas perdidas do Camarão lhe disseram, que da uma para as duas horas depois da meia noite até aquella, que podiam ser sete horas e meia da manhã, estivéra passando o inimigo para a parte da Barreta. Não se descuidavam n'este tempo os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros de exhortar os soldados, pondo-lhes diante o quanto importava pelejar e vencer o inimigo, pois n'isso consistia o bem de todas aquellas capitanias e resultava tanto a todos, pelejando pela fé e por seu Rei e por suas vidas e honras ; e que, como costumados a vencer, sempre haviam de alcançar uma gloriosa victoria. Os capitães e todos os mais officiaes e soldados se mostraram tão animosos e com tanto valor e brio que já desejavam de vir ás mãos com o inimigo, e qualquer demora lhes parecia grande espaço, animando-se uns aos outros para a pendencia com o excessivo desejo de eternizar sua fama e valor, promettendo a seus mestres de campo de se assignalarem com illustres feitos e magnificas acções n'aquella occasião, em que tanto lhes ia a dizer assim de sua reputação como a defensão de sua patria e vidas.

Chegou ao arraial o sargento-maior Antonio Dias Cardoso e disse que o inimigo ia marchando na volta da Barreta, que assim lh'o certificaram os indios do Camarão, e que os soldados fronteiros estavam pelejando com os esquadrões que lhes ameaçavam a estancia; comtudo esperavam os nossos até o meio dia formados em seus esquadrões, e, vendo que não vinha o inimigo, se mandou tocar a recolher, esperando se fizesse aviso pelo capitão Bartholomeu Soares Cunha, que estava por fronteiro na estancia da Barreta com oitenta e seis homens, parte dos quaes eram da freguezia de Ipojuca, a qual estancia havendo-se mandado largar, como fica dito, tornaram os mestres de campo a mandal-a occupar por não andar o inimigo por aquella campanha á sua vontade.

CAPITULO V

Da chegada do Segismundo com seu exercito á Barreta, e como pendenciou com elle o capitão Bartholomeu Soares Cunha, com 86 homens, de que lhe mataram a maior parte, e de como marchou o nosso exercito a pelejar com o inimigo. Põe-se a descripção dos Montes-Guararapes e Moribeca.

Chegou o inimigo á Barreta e o capitão Bartholomeu Soares Cunha, que na estancia d'ella estava por fronteiro, como tão costumado a pelejar, com duzentos hollandezes que os mais dos dias o iam buscar, imaginando serem os mesmos, os foi receber com quarenta e seis homens, empenhando-se como costumava demasiadamente por ter para si, como dissemos, ser outra cousa, deixando atrás quarenta homens com dois alferes, aos quaes deu por ordem que se não tirassem d'alli, fiando-se em que deixava sentinellas

nos postos por onde podia ser cortado, ficando a outra gente muito ao largo; mas o inimigo, como vinha com tanto poder, mandou com indios e tapuias por entre o mato cortar os nossos ; elles o fizeram com tanta pressa e agilidade, que apenas tocaram as nossas sentinellas rebate, os dois alferes com os quarenta homens se puzeram a pelejar tão valorosamente como aquelles que sabiam não haviam de escapar : era cousa admiravel.

Avançou pela outra parte o inimigo aos quarenta e seis, que com o capitão se vieram a encorporar com os outros, os quaes, vendo-se cercados, poem mão á suas espadas, e morreram os mais d'elles, pelejando valorosa e desesperadamente ; poucos escaparam, que por mortos ficaram em um alagadiço.

O capitão Cunha, desembaraçando-se ás cutiladas de entre a chusma e a caterva dos tapuias e indios que o procuravam matar, como haviam feito aos soldados, que com pelejarem valentemente e lhe pedirem quartel, a todos sem piedade foram matando, se veiu chegando aos hollandezes, que com grande admiração estavam vendo o grande valor com que se defendia de tantos, e por verem n'elle tão valente acção, e conhecerem ser capitão, lhe deram quartel.

Ficou o inimigo muito animoso, como se em matar alli quarenta e sete homens e aprisionar sete, que dizem mandou enforcar no mato, consistia o acabar-se a guerra. Segismundo disse aos coroneis e mais capitães que alli estavam, que aquelle era bom principio de ganhar a campanha, que se recolhessem para em outra noite irem com muita quietação amanhecer com a Moribeca, e elles lhe responderam que não convinha ; e que com tão grande exercito, como na campanha tinham, não temiam os portuguezes para fugirem de serem d'elles sentidos, e que haviam de marchar publicamente e não occultos ; o que vendo Segismundo se

resolveu, seb em que receioso a marchar; e estando n'aquelle sitio da Barreta todo o dia formado, esperando que a nossa gente do arraial o fôsse acommetter, mandou, chegada a noite, que viesse o coronel Henrique Hûs (*Haus*) com os mil homens que havia deixado escolhidos, para se passarem á vista do arraial á varzea a unir-se com o mais exercito; por quanto convinha por outro accôrdo tomado que não fôssem á ella.

Apenas a nossa infantaria, que no arraial se tinha recolhido a descansar do trabalho e desvelo que havia passado, estando com as armas esperando o inimigo, começava a tomar ração, quasi pelas duas horas depois do meio dia, quando da Barreta chegou aviso em como o inimigo havia degolado a gente que n'aquella fronteira estava, e que hia marchando para diante.

Não deixou tão infausta nova de causar algum espanto nos do arraial, e assim, sem se acabar de dar ração de mui pouca farinha que havia aos soldados por a não haver, por os moradores que a faziam se haverem retirado, mandou-se com muita pressa tocar a marchar, indo juntamente os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, levando todos o poder que havia, que constava de dois mil e duzentos infantes de todas as castas, deixando ás fronteiras pouca gente, ficando a força do arraial guarnecida e n'ella o capitão Manoel Ribeiro, e a da bateria em que ficou o capitão Diogo Esteves Pinheiro com ordem que de dia estivesse na força com sentinellas, como era costume, em cima das muralhas, e que andassem por fóra ao redor da força por vêr o inimigo que tinha gente que a defendesse, e que de noite se sahisse e estivesse á vista d'ella, e que vindo o inimigo, se lhe não pudesse resistir, se retirasse para a força do arraial, mas pelejando primeiro.

Iam nossos soldados marchando muito animosos e desejosos de chegar ao inimigo, posto que mortos de fome, e

por ventura mais os molestava a que tinham do sangue hollandez, que a que lhes debilitava as forças; e, tanto que chegaram ao caminho da Barreta, o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes e André Vidal de Negreiros, com a mais gente que foi marchando adiante, fez alto no caminho que ia para o sitio que chamam Obura, e estando indeterminados, esperavam pelo mestre de campo João Fernandes Vieira, que vinha na retaguarda recolhendo toda a gente e assegurando os postos, ficando á frente do inimigo, que ficava sendo vanguarda, e lhe perguntaram que lhe parecia se a infantaria iria marchando por aquelle caminho adiante, porém acudiu a isto o mestre de campo João Fernandes Vieira, dizendo que não convinha buscar por aquella parte o inimigo, por estar de mão posta no melhor sitio, e que tinha suas emboscadas bem preparadas, por ser o lugar para isso muito accommodado; e que antes do nosso exercito chegar, o poderiam derrotar as muitas e boas emboscadas, fazendo grande estrago; e que uma vez derrotada a nossa gente, se não tornaria a juntar á que escapasse, e que quando, o que era impossivel, se juntasse, ficava amedrontada já para pelejar, e o inimigo animoso para sem temor acommetter, com que facilmente ganharia a campanha e degolaria os moradores, e além d'estas cousas, no caminho haviam muitos alagadiços que impediam o poder-se marchar com segurança e pelejar-se, por elle saber bem aquelles passos, e que quando o inimigo não tivesse as preparações que elle dizia, não convinha pelejar com elle; porquanto, estando senhor do terreno e planicie, daria facilmente com os nossos alagadiços, que chamam da Obura, onde todos, sem o inimigo os matar, pereceriam, por onde convinha não ir buscal-o aonde ficava tão vizinho de suas forças, senão esperal-o em sitio conveniente, onde, dando a primeira carga, investissem á espada, porque de outra

sorte, sendo elles tantos e os nossos tão poucos em numero, não podiam levar o melhor; n'este interim chegou o sargento-maior Antonio Dias Cardoso, como soldado mais experimentado e mais pratico em tudo e disse; que o que o mestre de campo dizia era certo, e foi proseguindo o mestre de campo, dizendo que o inimigo ou queria ganhar a Moribeca ou o posto da Jangada, a qual por si se defendia, por se não vadear o rio, e que para isso se mandasse cortar a ponte que acima ficava, com que perderia o inimigo a esperança, se a tinha, de marchar para o cabo de Santo Agostinho, quanto mais que elle levaria o exercito á parte d'onde tomaria, assim a entrada da Jangada, como a da Moribeca, em sitio accommodado, não só para reprimir o impeto do inimigo, mas ainda para o destruir; e que se temiam, como diziam, a falta d'agua para o exercito, que no sitio que apontava não faltava, e que ficava o inimigo mais longe e distante de suas forças, para não ter esperança de se acolher ou retirar com facilidade á ellas, e que ficavam os moradores da campanha todos seguros, por ficarem pelas costas amparados com o nosso exercito.

Havendo o mestre de campo João Fernandes Vieira dito e apontado estas cousas, que foram de grande consideração para se alcançar a victoria, mandou o mestre de campo general a toda a infantaria que deixasse o caminho da Barreta, que ia tomando, e que marchasse para o sitio que disséra o mestre de campo João Fernandes Vieira, despachando logo um ajudante com vinte homens a desfazer e derrocar a ponte que estava no caminho que vai para a Jangada.

Chegaram os nossos ao ultimo monte, que chamam dos Guararapes, ao sabbado á tarde, e pelas 10 horas da noite se acabaram de situar em troços em uma baixa e planicie que está ao pé do ultimo monte, que vulgarmente chamam

Outeiro, para a parte do sul, a qual cercava por uma parte um alagadiço, e pela outra os montes, e tambem se situavam pelo mesmo monte, o qual dista do arraial tres leguas e do rio da Jangada, que adiante lhe fica, duas.

Haverá da costa do mar a este monte tres quartos de legua de distancia, de léste a oéste, e da força que o inimigo tinha na Barreta, duas leguas correndo de nordéste para sudoéste; está ao pé d'este monte um alagadiço que o mesmo monte vai cercando pela parte do sul, e tem sómente uma baixa, que dissemos, que incluirá cousa de cem passos de largo entre agua e monte, na qual baixa e pé do monte estava a nossa gente situada, como fica dito, prolongada e extensa em troços, mettendo-se no meio, d'onde os nossos estavam para a parte d'onde estava o inimigo pela frente, uma restinga de mato e agua, que do mesmo alagadiço nascia, com que ficava parte da nossa gente encoberta, que não podia ser vista do inimigo sem chegar perto de um boqueirão grande, que havia entre a restinga do mato e arvores e monte, mas, da outra parte descobria toda a nossa gente de outro monte e eminencia, e a nossa gente entrou pelo boqueirão que dissemos, quando se situou, e depois o defendeu com tanto valor como iremos relatando.

Feita a breve descripção do sitio em que a nossa infantaria estava situada, me pareceu fazer outra d'estes montes Guararapes, que pois, n'elles succederam e houveram tão notaveis e famosas batalhas, não desagradará ao curioso leitor saber as qualidades d'elles.

São estes montes quasi todos escalvados com muito poucas arvores agrestes; a terra d'elles infructifera e esteril como barro, e outra arenosa, que não produz cousa alguma que n'ella se plante, sómente pelas fraldas d'elle nascem arvores, e é a terra melhor. Contém em si muitas grutas abertas e

concavidades, que, com as aguas do inverno, se vai a terra socavando e abrindo com precipicios e despenhadeiros muito altos no cimo, e planicies da eminencia d'elles que foge a vista a quem d'ella olha para baixo ; uns montes são mui levantados e empinados, e outros têm menos altura, e de todas as suas eminencias se descobre uma amena, deliciosa e espaçosa vista do mar, correndo de ordinario ventos e viração maritima.

Não são habitados por sua esterilidade e serem tão fragosos, excepto em algumas baixas e planicies, que, com o humor que do alto corre, os fertiliza, com que produzem o que se lhes planta, com as aguas das chuvas do inverno, que correm por elles abaixo, fazem, como dissemos, e formam muitas concavidades e abertas, por onde, cahindo, qualquer se despenharia e faria pedaços, isto dos montes altos e profundos ; pela qual razão os que caminham por elles, principalmente a cavallo, vão com muito sentido e resguardo para que não resvalem e escorreguem os cavallos, e se precipitem. Têm estes montes muitas pedras duras, massiças e ponderosas que indubitavelmente são veias de ferro de que, se houvéra ordem de artifices para isso, se pudéra fazer muito; e não falta quem affirme serem minas de outros metaes ; e em algumas partes ha uma terra muito vermelha, que parece vermelhão, que, conforme se diz, d'elle se tira e faz nas Indias de Castella o azougue.

Para a parte de terra são tudo montes, e para a do mar campinas e alagadiços, até chegar á praia. Em resolução, estes montes Guararapes alcançaram perpetua fama e nome, assim n'estes tempos como nos futuros, por succeder n'elles a batalha que iremos relatando, e pela que succedeu d'ahi a dez mezes, as quaes foram as maiores batalhas campaes e de mais gente, e mais sanguinolentas que houveram n'estas capitanias de Pernambuco e Estado do Brasil, e se disser

que na America, poderá ser que não me engane, porque outras muitas occasiões tinham succedido de maior importancia, pois, foram meios de succederem estas que foram obradas com a mesma gente e cabedal.

É para notar que este nome Guararapes, no idioma e lingua dos indios, quer dizer tambor ou atabaque, que parece que foi o nome e etymologia que lhe foi posto, como presagio dos muitos tambores e caixas, e instrumentos militares que n'elles se tocaram n'estas batalhas, que quasi quer dizer monte guerreiro, e nós lhe podemos chamar victorioso.

Dista d'estes montes uma legua para o sertão a Moribeca, que é uma pequena povoação, se bem a freguezia grande em si e seu districto, e de muitos moradores, bons engenhos de assucar, em que se faz muita cópia d'elle, não poucos cannaveaes de cannas dôces, fertil e abundante de mantimentos; porque n'este territorio se planta e colhe muita cópia de mandioca, que é a raiz de que se faz a farinha da terra, que n'esta freguezia se faz em partes estremada. Tem a povoação cousa de quarenta casas de moradores, porque os mais estão diffusos por suas fazendas, granjas e pelos engenhos, por todo o contorno da freguezia. Tem uma igreja matriz e outra da invocação de S. Gonçalo. Passa por junto d'esta povoação um rio que se chama Moribeca, que é vocabulo dos indios, de que tomou o nome a mesma freguezia e povoação, com cujas aguas moem alguns engenhos, não lhes faltando outros rios e fontes de agua boa com que é regada. Dista meia legua da povoação um pequeno mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, em que assistiam alguns religiosos d'esta ordem. Fica distante do mar duas leguas, e por essa causa foi algum tempo abundante de peixe, afóra o que se pesca nos rios d'ella.

Esta povoação era a que o inimigo procurava ganhar para d'alli ir dominando a campanha, porque d'ella fica distante

Nazareth cinco leguas, como fica dito, e como quer que Segismundo occupou esta povoação com tanta facilidade no anno de 1635 e se situou n'ella, como temos escripto no primeiro livro d'esta historia, e d'ahi foi marchando sem resistencia até o cabo de Santo Agostinho, até ir pôr sitio a Nazareth, imaginou que por os mesmos passos assim o fizesse tambem com o exercito com que sahiu do Recife tão grandioso, mas então era outro tempo, como já por vezes temos advertido, e os homens não pelejavam por ordem militar, nem sabiam dispôr a guerra como n'este que investiam como leões os hollandezes sem temor da morte e com tanta differença, como se tem visto nos successos que temos escripto, e nos que mediante o favor divino iremos referindo depois da acclamação da liberdade de Pernambuco. Agora é necessario tornar a proseguir a historia e contar a famosa batalha, que n'estes montes Guararapes succedeu.

CAPITULO VI

Da memoravel batalha campal dos Montes-Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e da famosa victoria que os nossos alcançaram desbaratando o exercito de Segismundo, matando-lhes mil e duzentos soldados.

Tanto que a nossa infantaria se situou nos Guararapes, como no capitulo antecedente fica referido, formados os terços em troços, estando sempre alerta com as armas nas mãos com suas sentinellas ao largo e perdidas, como quem estava esperando por horas pelo inimigo, ordenou o mestre de campo João Fernandes Vieira a seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, mandasse vinte homens de confiança do seu terço a descobrir o inimigo pela banda da praia a vêr se marchava de noite, e, não marchando, se deixassem ficar n'ella até pela manhã.

Em rompendo a lua chegou aonde estava a nossa gente um negro com cinco feridas, fugido do inimigo, que causou um rebate que elle deu aquella noite com a fugida do negro, imaginando que commettiam o seu exercito; deu o escravo novas de seu senhor, que era o capitão Bartholomeu Soares Cunha em como estava aprisionado. Clareou o dia, chegaram as nossas sentinellas, que fizeram aviso em como o inimigo estava ainda formado sem marchar, pelo que tornou a ordenar o mestre de campo João Fernandes Vieira a seu sargento-maior (porque n'aquella batalha não houve senão o seu), mandasse vinte homens de mais confiança e valor com quarenta indios do capitão-maior Camarão, pôrem-se á vista do inimigo, e que tanto que elles vissem que marchava, lhe dessem a primeira carga e o viessem picando.

Estava o exercito aguardando a vêr a resolução do inimigo, quando n'este tempo chega o capitão Bartholomeu Soares Cunha, que vinha fugido d'entre os flamengos, e fugiu por confusão que de noite houve entre elles, por se tocar a rebate sendo a causa o negro que dissemos. Deu por novas o capitão, que o inimigo vinha com superior poder de gente, e da confiança que trazia disseram-lhe os mestres de campo que guardasse silencio, e que antes diminuisse o poder, por não occasionar confusão entre a nossa infantaria. Este capitão o fez tão valorosamente na batalha.

Tocaram n'este tempo as sentinellas rebate; começam a pendenciar os sessenta homens brancos e indios, dando a primeira carga aos hollandezes que, imaginando serem dos que haviam escapado do passado conflicto, avançaram a elles com muita furia; mas os nossos com notavel valor se vieram retirando com boa ordem, pelejando sempre com a cara ao inimigo com tanta bizarria, que admiravam os flamengos, e alegravam o nosso exerçito pela confiança e modo com que vinham pendenciando, e vieram trazendo

o inimigo mui perto do boqueirão poucos passos distantes dos nossos soldados, dos quaes começaram a dar vista, descobrindo já o esquadrão dos hollandezes, que tudo pelo monte que ao nosso exercito estava em frente toda a nossa infantaria, com cuja vista não deixaram de ficar amedrontados, porque sempre imaginavam que os nossos os não commettessem, mas seu general Segismundo lhes começou a dizer, que não tinham que temer o muito que seus braços tinham que obrar, e que seus alfanges que cortar, que aquelles que viam eram moradores casados, os mais d'elles que não pelejavam, outros que eram filhos dos mesmos moradores, mal disciplinados na milicia, que não tinham animo para lhe terem o encontro, como se nunca tivéra experimentado, e que dando a primeira carga, ouvindo juntamente suas trombetas e caixas, se haviam pôr logo em fugida ; e que para não escaparem de suas mãos tinham os indios e tapuias, bons corredores, para que, alcançando-os, os fizessem pedaços ; e que d'aquella vez ficavam senhores de todo o Pernambuco.

Occupavam já os hollandezes o alto do monte, a campina e a planicie bem junto do boqueirão, e por outra parte os tapuias e indios,fazendo ostentação de seus bem compostos e ordenados esquadrões e de suas luzentes e brilhantes armas, tocando muitos clarins, trombetas e caixas, arvorando sessenta e uma bandeiras de côres diversas, principalmente de azul e côr laranjada, trazendo o estandarte dos Estados, ao qual todas as bandeiras faziam salva ; era este de tafetá carmezim azul, no qual vinham esculpidas e bordadas as armas de Hollanda e dos da companhia das Indias Occidentaes, postas no mesmo carmezim com muita curiosidade e perfeição, e no campo um leão rompente, coroado, estendendo suas garras (este estandarte tem em seu poder o mestre de campo João Fernandes Vieira, que o tomou ao

inimigo um sargento da sua companhia da guarda chamado Affonso Rodrigues, matando ao alferes que o defendeu valentemente e na mesma pendencia lh'o offereceu, o qual elle logo dedicou á Nossa Senhora do Amparo, e vinha junto á artilharia que eram seis peças, como já dissemos). Vinha o Segismundo a cavallo como os outros seus coroneis, Vanelles *(van Elts)*, que vinha na vanguarda, Guilherme Autin (*Hautyn*), Kerver (*Keerweer*), Brinck, Vandebrand (*van der Brande*), Oltz, Henrique Hûs (*Haus*), como já no setimo capitulo deixámos escripto, governando e dispondo o exercito, e elles e seus soldados vestidos de varias galas com plumagens e bandas de diversas côres, com suas clavinas, pistolas e reforçados mosquetes, chuços, piques, alfanges e muitas outras armas.

Constava a vanguarda do inimigo de dois esquadrões, um de oitocentos e outro de novecentos soldados, com a flôr de toda a sua gente, e traziam os soldados velhos das fortalezas, deixando-as guarnecidas com os que de novo haviam vindo na armada de Hollanda, por não serem ainda praticos, nem experimentados na terra; e muita parte da gente que vinha no exercito eram francezes, allemães, polacos, hungaros, inglezes e de outras nações das partes do norte, e o resto hollandezes, todos versados e experimentados nas guerras de Flandres, Allemanha e outras provincias.

Constava a fórma da batalha do inimigo de nove esquadrões com sete mil e quatrocentos soldados, como se colheu de uma planta que se achou na algibeira do coronel Vanelles (*van Elts*), que na occasião morreu depois de prisioneiro, que os seus mataram com uma bala perdida, afóra setecentos gastadores que carregavam a bagagem, e indios e tapuias em grande numero, vindo com tanta confiança como se já fossem senhores da terra, trazendo na bagagem

muitos saguins, papagaios e outros passaros, e muitas alfaias como se viessem de casa mudada.

Tenho feito menção da bizarria e ostentação com que vinha o inimigo, agora é necessario dizer o que da nossa parte havia, que se faltava nas galas sobrava e era superior no animo e brioso espirito dos nossos soldados. Se o inimigo se ostentava com suas lustrosas e magestosas libréas, gloriando-se das arrogantes e soberbas plumagens e bizarras bandas e mais ornatos e faustos, os nossos levavam bem poucas libréas, porque os mais d'elles traziam as mombachas e almilhas safadas e rôtas do continuo trabalho da guerra e jornadas que pela campanha faziam Não traziam artilharia nenhuma, porque contra a do inimigo oppunham seus varonis e robustos peitos e animosos corações, e contra seus mosquetes e clavinas, as espingardas e arcabuzes bem guarnecidos e mencados com seus fortes braços; contra seus reluzentes e bem afiados alfanges, as fornidas e bem rigidas espadas com que as estocadas e cutiladas os rompiam, desbaratavam e davam a morte. Não levavam bandeiras, mas uma firme confiança de lh'as ganharem e conculcarem, apezar de sua soberba, e com ellas levantar os trophéos de suas insignes e celebres victorias com tantos applausos solemnisadas, e em lugar d'ellas levavam seus rosarios de contas pendurados do collo, que eram as bandeiras da Virgem Senhora Nossa em quem confiados arrebatavam as do inimigo; finalmente, se os hollandezes traziam suas mochilas bem providas de mantimentos e sua bagagem copiosa e abundante d'elle, os nossos traziam sómente uma pouca de farinha da terra, e essa tão pouca, que lhes não bastava para satisfazer a fome; mas, se lhe faltava o sustento da terra, lhes sobrava a graça divina, com que toleravam e supportavam tantas miserias e trabalhos, trazendo sempre ás costas os mosquetes, fazendo a sentinella inviolavel, a

assistencia infallivel; fazendo sempre rosto ao perigo com tantos descommodos, que nenhum peito humano os aturava senão a lealdade portugueza; e se o inimigo conduzia um exercito de 7,400 soldados, os nossos 2,200 não receiavam nem repugnavam de os commetter e investir com maravilhosa resolução, e o fizeram ainda que foram em mais numero e com duplicada quantidade. E em resolução as muitas prizões, libambos, grilhões, e algêmas que traziam para aprisionarem aos nossos lhe vieram a servir de laço em que cahiram, que como diz a verdade:— *Qui facit foveam in eam cadit.*

Visto do nosso campo o poder tão superior do inimigo, houve alguma confusão e pareceres se se retirariam a melhorar de posto, porém os dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, pela resolução que tinham tomado de dar a primeira carga e investir o inimigo á espada, depois de se metterem bem debaixo de suas armas, ainda que elle désse primeiro algumas cargas, e assim tomada esta ultima resolução marchou André Vida de Negreiros pelo lado direito, que lhe tocava aquelle dia a vanguarda, supposto que alli tudo eram vanguardas, porque era campanha aberta, levando comsigo um troço da gente do seu terço e dois troços da gente do mestre de campo João Fernandes Vieira commettendo pela baixa. Por contra-lado o seguia D. Antonio Philippe Camarão com os indios de seu terço, commettendo por junto a agua e o mato. Marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira, pelo lado esquerdo, commettendo pelo alto dos montes com tres troços da sua gente preta, commettendo pelo mesmo contra-lado dos montes.

Indo todos marchando n'esta fórma, avistando bem o inimigo com notavel resolução e valentia apressadamente para elle, que não com menos animo e valor os estava recebendo. Deu-se signal da batalha com as caixas e trombetas,

com som tremendo e violento; parecia que o ar e o vento paravam e se suspendiam, parecia um e outro campo com os chuços, piques e armas um copioso arvoredo; era grande a confusão de vozes e alaridos que se ouviam; cada qual investe ao som dos instrumentos bellicos com estrondo, furor e impeto admiravel; não bastou vêr aos peitos mais galhardos mosquetes, arcabuzes, clavinas, pistolas, lanças, chuços, dardos, setas, escopetas, e artilharia. Aguardaram os nossos duas espantosas cargas de mosquetaria e artilharia sem da nossa parte se atirar nenhum tiro, indo caminhando para os hollandezes e estando já perto. N'este tempo por todas as partes disparou a nossa infantaria, toda a um mesmo tempo sobre seus esquadrões que receberam mui grandissima perda; logo os dois mestres de campo metteram mão ás espadas, appellidando a que todos investissem a ella, o que fizeram os mais capitães e soldados, como leões no esforço, e de corrida investiram ao inimigo com tal coragem, impeto, furia e violencia, que não puderam ser rebatidos dos chuceiros flamengos, e d'esta sorte romperam seus esquadrões, começando a matar e fazer destroço no inimigo por espaço de meia hora; e os soldados se deram tal pressa, que á custa de muitas vidas dos hollandezes os fizeram desoccupar o alto dos montes, retirando-se por elles abaixo, seguindo-os os nossos com as valorosas espadas com talhos e estoradas, cortando pernas, braços, cabeças, uns matando, e outros ferindo encarniçadamente, ficando pelo campo, corpos sem braços, troncos sem cabeças; qualquer soldado alentado, com a espada na mão, por meio dos esquadrões, rompe os inimigos apinhados, dando golpes a uns e a outros mortes, mostrando a espada tinta de sangue, esquecendo-se de qualquer perigo.

Os dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, aquelle como o valoroso Thrasibulo

de Athenas com a espada para libertar a patria, e este pelo mesmo effeito, qual luzitano Annibal, por entre os esquadrões contrarios iam obrando maravilhas, de um talho deixam a um desacordado, de um revez a outro sem sentidos, prostram aos pés a um alentado, outro lhe cahe ferido a dextro e a sinistro, a qualquer lado com a furia de Marte derramam muita cópia de sangue pelo campo, em varios lances de diversas sortes fizeram, como tão valorosos que eram, dando mortes a uns, e a outros com fama eterna e nome honroso, dando famoso exemplo aos animosos capitães e mais officiaes de guerra e soldados que os acompanhavam; este dos inimigos lhes cahe aos pés e vão pisando com os cavallos accelerados, embebendo n'outros as espadas, a outros que lhes fogem, arremessando os cavallos, os seguem e atravessam, dando com alento calor ao vencimento, crescendo nos seus o animo e braveza no acommetter, abrindo pela gente caminho com talhos, revezes e estoradas, cortando corpos e acurtando vidas, ficando o campo coberto de corpos mortos.

Havendo-se o inimigo retirado, fugindo e descendo do monte a seu pezar com mais presteza e agilidade do que subira, valendo-se mais da ligeireza dos pés do que de defenderem suas proprias vidas, os que com ella escaparam d'aquelle conflicto se juntaram e encorporaram na campina com os outros, com quem andava pelejando com sua gente André Vidal de Negreiros, unindo-se juntamente com elle João Fernandes Vieira, como sempre, em amizade com seu terço, e todos juntos com a pouca cavallaria com que se achou o capitão e cabo d'ella Antonio da Silva, que avançou com muito valor ao inimigo com seu tenente Domingos Gomes de Brito, foram sobre os esquadrões que vieram soccorrendo os outros já destruidos e destroçados, com tanto impeto, que, rôtos e desbaratados, fizeram pôr em fugida os hollandezes,

ganhando-lhes a bagagem, com que se detiveram muitos indios do Camarão e parte da gente de Henrique Dias, por serem muitos os despojos; tambem foi ganhada n'esta investida a artilharia, á qual mandou pôr sentinellas o sargento-maior Antonio Dias Cardoso por mandado de seu mestre de campo, e se não mandou logo retirar pelo tempo não dar lugar, porque sómente procuravam alcançar a victoria que tanto á vista levavam.

Vendo-se o inimigo tão opprimido de nossas espadas, com ser tanto em numero, desesperado se deitou parte ao alagadiço de que atrás fizemos menção, e parte foi costeando o monte, fugindo com muita pressa e agilidade; porém os nossos soldados, que atrás os iam seguindo, deram uma carga de arcabuzaria aos que se tinham arrojado ao alagadiço, com que mataram a muitos, seguindo outros dos nossos aos que ao redor d'elle pelo pé do monte se iam recolhendo, que parece cousa incrivel haver homens que tanto aturassem a correr após do inimigo, e o que mais é mortos de fome, o que na verdade se póde attribuir a milagre superior e grande auxilio divino. Outros, não reparando no grande cansaço e fatiga, e no perigo a que se punham, como andavam engolfados na matança, se deitavam ao alagadiço, que em parte dava pelos peitos, do qual não se podiam arrancar sem muito trabalho; assim que, andavam mesclados os hollandezes e portuguezes, estes já tão cansados que não podiam matar, aquelles tão amedrontados que não tratavam mais que de se arrojarem bem ao alagadiço, o qual lhes fez tambem acerrima guerra, submergindo e afogando muitos que das mãos dos nossos escaparam.

Como naturalmente de soldados experimentados na guerra é terem gente de reserva e refresco para soccorrerem a seus companheiros, tinha o inimigo entre dois montes quatorze bandeiras de gente, que os nossos não viram,

que lhe serviam de abrigo e valha-couto, das quaes se amparavam aquelles que dos nossos iam fugindo, tendo lugar de se fazerem e reformarem, havendo-lhe tambem chegado n'aquella manhã o soccorro do Recife com seu coronel Henrique Hûs *(Haus)*. E quando os nossos, posto que cansados (o que o inimigo bem advertiu), cuidavam que levavam tudo vencido, por terem por duas partes cortado o inimigo, então avançou com as quatorze bandeiras e com a gente de Henrique Hûs *(Haus)* (emquanto os outros acabavam de refazer) pela baixa e pelo monte com tanta pressa e furor, que não pôde Henrique Dias, não por não ser valente soldado, mas por ter a sua gente, além de pouca, muito cansada, ter mão com os seus. Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, vendo a furia e impeto com que o inimigo vinha avançando pelo monte, fazendo retirar a Henrique Dias, lhe mandaram de soccorro algumas companhias, para que, dando-lhe calor, divertissem o impeto violento dos flamengos ; mas os soldados, como estavam já tão cansados, não puderam subir o monte com a presteza que convinha, é assim foram rebatidos do inimigo, vindo-se retirando, seguindo-lhes elle apressado bem os passos, dando e recebendo grandes cargas. Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se puzeram a pelejar com os que vinham pela campina postos no maior perigo, commettendo animosos com seus soldados, travando-se a peleja outra vez com as armas de fogo e á espada, sendo uma confusão notavel que uns aos outros se não conheciam com a grande fumaça da mosquetaria e artilharia, que tornava o ar caliginoso e escuro.

Quem vira n'este tempo aos dois mestres de campo postos em tão grande risco e perigo de suas vidas, pelejando como leões, cada qual como alentado Marte, cada qual como um raio que vai discorrendo pela região etherea,

fazendo notavel estrago no inimigo, mettendo-se por entre os hollandezes que parecia, com estarem já tão cansados de pelejar, que começavam a cobrar novo alent o, forças e espiritos, empenhando valor e valentia, pendenciando com tanto animo e esforço; quanto impossivel poder eu com hyperboles de encarecimentos engrandecer, louvar, e escrever, como convem, e particularisar tão grandiosos feitos? N'este recontro e arremettida pegou um hollandez na redea do cavallo ao mestre de campo João Fernandes Vieira, mas ficou o atrevido pagando seu animo, digo, seu atrevimento, porque a seu pezar lh'a fez largar, e com uma bala lhe feriram a orelha do cavallo. A André Vidal de Negreiros deram uma pelourada no cavallo em que andava, e, saltando em outro que lhe foi apresentado, depois ao ferido matou uma bala de peça; as balas parece que lhes obedeciam e lhes davam salva, porque sendo tão innumeraveis e vastas, não lhes tiravam mais que nos vestidos; e andavam tão engolfados e empenhados na pendencia, que com o estrondo das armas, com o rumor dos tiros, com o denso e espesso fumo, confusas vozes, sonoras caixas e instrumentos bellicos, e outra confusão horrenda não advertiram nas cargas que davam os do monte, antes imaginavam que inimigo que pelo monte vinha descendo era gente nossa que os vinha soccorrer; e, posto que viam as bandeiras, lhes pareciam ser das que ganharam os nossos ao inimigo, das quaes traziam muitas arvoradas, e, quando os nossos conheceram os hollandezes, foi já tão perto que, virando sobre elles, deram e receberam cargas, mettendo as armas ás caras uns dos outros, rebatendo muitos dos nossos soldados com as espadas as clavinas do inimigo, vendo-se melhorando de posto, pendenciando sempre cara á cara com o inimigo com grande disposição que da nossa parte havia, supportando todas as cargas de artilharia, que da nossa não havia.

Formaram-se os campos de parte a parte, á vista um do outro a tiro de pistola, no boqueirão de que temos já feito menção, communicando-se de palavras ; e estava já n'este tempo toda a campanha coberta e juncada de corpos mortos e toda tinta de sangue do inimigo, que era um espectaculo horrendo vêr tanta mortandade e estrago; e o alagadiço parece que corria purpureo e vermelho com o muito sangue que n'elle se tinha derramado aos hollandezes, a quem serviu de sepultura, e o boqueirão de boca da morte fatal e rigorosa, que tantos devorou n'estes conflictos e recontros.

CAPITULO VII

Em que se vai proseguindo o successo d'esta batalha, e de como se pendenciou valorosamente pelos nossos em defensão de um boqueirão d'aquelles montes Guararapes, que o inimigo procurava ganhar, e de como se retirou desbaratado, ficando o campo e victoria pelos portuguezes.

Pelejava-se no boqueirão, de que no fim do antecedente capitulo fizemos menção, que occupava a nossa gente com grande valor e constancia, e houve uma pendencia mui renhida e sanguinolenta, apertando o inimigo como estava de refresco e com tanto poder com os nossos, que estavam mui cansados de matar tão copioso numero de hollandezes ; de tal sorte que, vendo-se opprimidos, viraram sobre elles, investindo outra vez á espada, com grande animo, que parece que o céo lhes ministrava novas forças e alento ; e emquanto parte da gente foi á espada sobre o inimigo, defendendo o boqueirão, que quasi o inimigo teve ganhado, e alguma parte d'ella foi por outra parte sobre elle, que pretendia com grande furia e impeto ganhal-o. Os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros o defenderam com grande repugnancia e valentia,

reprimindo por algumas vezes os hollandezes que o procuravam ganhar com grande instancia, exhortando-os Segismundo e os coroneis que alli estavam com muitas promessas a que o ganhassem, porque, apoderados d'elle, tinham a victoria certa ; faziam notavel força por deitarem aos nossos soldados fóra d'elle, os quaes com novos espiritos e alentado brio, vendo o muito que faziam os dois mestres de campo na defensa d'elle, começaram a pendenciar com o inimigo ; e aqui começou de novo a pendencia, que a passada parecia sonho. Aqui se assignalaram muitos capitães e soldados dos terços dos mestres de campo, fazendo heroicas proezas, que, se se houvessem de particularisar, cada qual de per si, fôra necessario escrever um grande e immenso volume. Aqui morreram os capitães João Rodrigues e Domingos da Costa, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, ficando outros mal feridos. N'esta contenda uns perdem a vida, outros cahem mortos, digo, maltratados do damno, topam as balas muitos peitos valentes e esforçados, por toda a parte cresce o furor e sobra a repugnancia.

Pelejava o inimigo valorosamente por ganhar o boqueirão, insistindo com notavel furia, que, como conhecia que a nossa gente estava cansada, lhe parecia facil ganhar a victoria; porém os nossos, posto que mui fatigados e lassos do cansaço, como temos advertido, pelejavam obstinadamente por não deixarem lograr ao inimigo seu intento. Cinco horas havia que a horrenda bateria durava sem cessar, e os nossos soldados não podiam aguardar nas mãos as armas por estarem notavelmente esquentadas, e faltando já a muitos a polvora, se aproveitaram de dois caixões de cartuxos que haviam tomado ao inimigo, o qual, não podendo já soffrer o rigor de nossas armas, e pela grande perda que recebia, se retirou um pouco atrás, ficando os

nossos permanentes á vista dos hollandezes, cobrando algum alento, porque de cansados apenas podiam fallar.

Em resolução, o campo ficou pelos nossos na frente d'este boqueirão, que dissemos em que ficaram, e os hollandezes no alto dos montes, formando-se os campos de parte á parte ; e os nossos guarneceram o posto pondo sentinellas á falla com as do inimigo, o qual, com a grandissima perda de gente, de que estava toda aquella campanha coberta, como temos dito, determinou, na noite que se seguiu ao dia, retirar-se para a força da Barreta, e d'ahi para o Recife.

Ignorando-se em nosso exercito a muita perda que o inimigo havia recebido, imaginaram todos que tornaria acommetter á tarde ; para o que os mestres de campo mandaram formar outra vez os nossos soldados em troços, aos quaes deram de ração muito pouco assucar, que, desfeito em agua, beberam, tornando-se a dar por ordem que, dada a primeira carga, investissem á espada. Os hollandezes se deixaram estar em seus esquadrões formados, mandando muitos feridos que os nossos não viram, por irem por entre montes e matos para a Barreta, e d'ella os estiveram levando em cinco barcas para o Recife, e eram tantos que não bastavam estas a carregal-os ; e sendo quasi pelas quatro horas da tarde, vendo os nossos mestres de campo que o inimigo não commettia, o provocaram á peleja, tocando-se da nossa parte muitas caixas, trombetas e charamellas perto de seus esquadrões, que se não moveram do lugar que occupavam até á noite.

O Segismundo e os mais coroneis, que escaparam da batalha, vendo a muita gente que lhes haviam morto e ferido, e bandeiras que tinham perdido, e a bagagem que lhes faltava, e os tapuias fugidos e todos os mais indios, que levaram comsigo em grande numero, assim para

pelejarem, como para serem executores das mortandades que determinavam fazer, os quaes tanto que foi occasião, e viam aos nossos investir á espada, foi tão grande o medo e temor que n'elles entrou, que sem mais aguardarem um ponto, todos se puzeram em fugida, deixando os hollandezes na pendencia, e tomaram o caminho do sertão, imaginando que ainda lá não estavam seguros dos nossos. E, vendo-se juntamente Segismundo ferido e o coronel Autin(*Hautyn*), que foi passado pelo pescoço, mas escapou da ferida, determinaram de se retirarem de noite para o fazerem mais a seu salvo, e não serem seguidos da nossa gente; tanto que anoiteceu, mandaram mil homens a fazer sua emboscada por umas grutas e matos,para assim segurarem melhor a retirada com suas sentinellas; e tanto que foi pela meia noite, que foi toda rigorosa, por a muita chuva que cahiu, se mandou picar com vinte homens o inimigo, que, imaginando iam os nossos todos sobre elle, se pôz sem nenhum rumor á fugida, deixando duas peças de artilharia, muitas armas e o restante da bagagem, deixando juntamente as sentinellas nos postos por não ser sentido; e tal foi o medo, que largaram muitos feridos dos que levavam. Ficaram os nossos no campo a pé quedo aquella noite, chovendo o ceu nuvens d'agua até romper bem a manhã, passando muitos incommodos de cansaço e fome.

Tanto que amanheceu, os dois mestres de campo foram com gente a descobrir o inimigo, que se achou ser fugido, largando o campo em que ficaram mortos mil e duzentos hollandezes, d'onde entravam cento e oitenta officiaes de sargentos para cima, a saber: vinte e dois capitães, dois coroneis, Vanelles (*Van Elts*) e Henrique Hûs (*Haus*), e o coronel Kever (*Keerweer*) prisioneiro, quatro sargentos-móres, tenentes, alferes-ajudantes.

O general das armas hollandezas Segismundo Vandescop

(*Van Schkoppe*) ficou passado por um tornozelo com uma grande ferida, de que esteve muito tempo indisposto, e depois andava pelo Recife em muletas quasi aleijado da perna, e o coronel Guilherme Auten (*Hautyn*) passado pelo pescoço, como já o dissemos; alguns affirmam que o Segismundo escapou por não ser conhecido entre os mais.

Foram feridos setecentos, afóra os mortos e feridos que se retiraram sem se saber, e outros muitos que morreram pelos matos, e lhes foram tomadas, das sessenta e uma bandeiras que levavam, as trinta e tres que lhes ganharam os nossos soldados na primeira investida, e o estandarte general que, como dissemos, tomou um sargento da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira, em cujo poder ficou por lh'o haver entregado na mesma batalha o mesmo sargento Affonso Rodrigues; levou mais o inimigo, como dissemos, setecentos feridos, excepto os que com medo largou.

Um capitão do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira aprisionou ao coronel Kerver (*Keerweer*), e, tirando-lhe a bengala da mão, que trazia por insignia, a offereceu a seu mestre de campo, ficando-se com o alfange que o coronel trazia. Tomaram dois cavallos sellados e ajaezados, um dos quaes tomaram os soldados do capitão Francisco Berenger, que lhe offereceram, em que vinha o coronel Vanelles (*Van Elts*), que foi morto na pendencia, como dissemos. Ganharam as trinta e tres bandeiras de que fizemos atrás menção, e muitas d'ellas tomaram uns por tropheos da victoria, e outros para se ornarem e fazerem d'ellas bandas e mão baixas, as quaes eram de seda; outros as occultaram, e sómente se descobriram vinte e tantas, outros soldados as cingiram comsigo, em quanto pendenciavam, por lhe não cahirem, arvorando outras com grande triumpho e pompa; tomaram muitas armas de toda a sorte, mosquetes, clavinas de roda,

pistolas, alfanges, espadas, lanças, chuços, piques, trombetas, muita polvora, caixões de cartuchos, cunhetes de balas, muitas libréas dos flamengos com que se ornavam, bandas, plumagens, chapéos, e outros despojos de vestidos e alfaias, e muitos que vinham na bagagem, principalmente os soldados pretos de Henrique Dias, que a occupação que n'ella fizeram houvéra de causar muito mais desordem do que houve; elles e os indios do Camarão (que foi esta a ultima pendencia em que este valoroso indio assistiu na vida, porque d'ahi a breve tempo morreu, como escreveremos), se affirma que tomaram muito dinheiro e moedas de ouro, que traziam os hollandezes para fazer pagamento a seus soldados no sitio que determinavam occupar, e para isso traziam tambem muitos mantimentos de que os nossos soldados se aproveitaram, que bem d'elles necessitavam, e tambem de outros despojos de dinheiro e algumas joias, cadeias, e anneis de ouro, que acharam aos principaes do inimigo, que mataram e despojaram.

Tomaram tambem ao inimigo uma botica copiosa de medicamentos, que serviu para serem curados os nossos feridos. Apoderaram-se de muitos grilhões, algemas e outros generos de prisões, como já contámos, que traziam para aprisionar os que diziam estarem mais culpados no levantamento e conjuração, para depois lhes tirarem as vidas com graves e asperrimos tormentos. Traziam tambem no exercito mulheres para lhes amassar o pão e muitas vendeiras do Recife, por imaginarem terem já tudo ganhado. Affirma-se que traziam intento de tres dias naturaes largarem os indios e tapuias para matarem a todo o sexo de gente, dando o mesmo espaço de tempo a seus soldados para saquearam os moradores, e fazerem outras muitas exorbitancias e desaforos; e que se lhes déra por ordem que vencessem ou morressem todos na contenda sem se retirarem,

mas succedeu-lhes muito differentemente do que imaginaram.

Dos nossos soldados ficaram mortos no campo oitenta e quatro com os que mataram na Barreta do capitão Bartholomeu Soares Cunha, quando pendenciou com os hollandezes, a saber, sessenta e cinco, no qual numero entraram os dois capitães João Rodrigues e Domingos da Costa do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira e os mais do terço de André Vidal de Negreiros. Ficaram mais quatrocentos homens feridos, a saber: tresentos onde entravam sete capitães do dito terço de João Fernandes Vieira, e os cem do de André Vidal de Negreiros.

Ha de se advertir que a artilharia do inimigo foi ganhada, como dissemos, se bem por se não poder carregar n'aquelle tempo em que os nossos não tinham ainda ganhado a victoria, e andavam pelejando com o inimigo, lhe tornou a ficar em sua companhia, ficando-nos duas peças de bronze, uma que logo se trouxe, e outra que ficou em o alagadiço, que depois foi trazida.

Foi dada esta batalha e alcançada tão gloriosa victoria na *Dominica in Albis,* que vulgarmente chamamos Domingo da Paschoella, em dezenove dias do mez de Abril do memoravel anno de 1648, que foi bissexto, dia em que se celebra a festa de Nossa Senhora dos Prazeres, que tantos causou a estas capitanias com tão insigne victoria, e foi Domingo terceiro do Santissimo Sacramento, por cujo meio se alcançou tanto bem, e assim em rendimento e acção de graças mandou o licenciado Domingos Vieira de Lima, provisor e vigario-geral d'estas capitanias, que no seguinte Domingo proximo estivesse exposto o Augustissimo Sacramento nas igrejas matrizes de todas as freguezias, para que o povo christão lhe désse publicas acções de graças pela concedida victoria, livrando a Pernambuco com tão patente milagre

das mãos e poder dos infieis hollandezes. O que se fez com grandes applausos de todos, com muitos sermões, em que se attribuiu a Deus tão grande favor e á sua Santissima Mãi a Virgem Senhora Nossa ; sendo louvados e applaudidos os que pelejaram com tanto esforço pela fé do mesmo Deus e sua patria. Durou a pendencia desde as sete horas da manhã até quasi ao meio-dia.

Com esta tão famosa e celebre victoria ficou a campanha de Pernambuco (que já se imaginava outra vez sujeita ao tyrannico jugo dos hollandezes) livre, e ficaram as matronas e donzellas de tantas quantas affrontas e deshonras lhes estavam apparelhadas pelos insolentes flamengos; com esta victoria ficaram os templos em seu vigor com seus ministros, pois já vinham destinados os predicantes para as matrizes das freguezias, como constou do rol que se achou nas algibeiras do coronel Vanelles (*Van Elts*), que no campo ficou morto! Com esta victoria ficaram livres aquelles para quem os instrumentos dos grilhões, algemas, correntes, que no campo ficaram, vinham destinados. Finalmente, todos os moradores com esta victoria ficaram com vida, imaginando-se mortos, e com honra, e com as fazendas e bens que possuiam, dando sempiternas graças ao Summo Deus, a quem se deve o louvor e gloria e honra, porque n'esta occasião não obraram forças humanas, mas podemos dizer, como confessamos, que Deus por sua infinita misericordia e não por meritos dos nossos pelejou por elles, e os livrou, por sua clemencia, da furia d'aquelles hollandezes que vinham desejosos de lhes beber o sangue. E em resolução com esta victoria ficou Pernambuco em seu socego e em pé, e seus moradores pacificos e quietos em suas casas; que, se de outra sorte acontecêra, muito poucos escapariam das sanguinolentas mãos dos hollandezes, indios e barbaros tapuias.

CAPITULO VIII

Do que mais succedeu depois de ser retirado Segismundo com sua gente; referem-se os officiaes maiores e capitães portuguezes que na batalha pelejaram e assistiram.

Não se faz menção em particular n'esta historia de cada capitão, alferes nem mais officiaes de como procederam n'esta occasião, por ser aggravo que se faz; porque todos o fizeram muito como deviam a seu cargo e obrigação com grandes empenhos de suas vidas, fazendo esquecer os heróes Scipiões, Cesares, os Achiles, Camillos e outros valorosos capitães da veneranda antiguidade, ficando o valor de Pernambuco realçado e engrandecido com tão famosos e valentes soldados, cujo valor se póde singularisar nas mais remotas partes do orbe, cuja fama ficará perpetua e sempiterna em todas as posteridades e seculos futuros, não redundando menos ao nome lusitano; e assim não particulariso a alguns, supposto que houve merecimentos em muitos em differentes facções, em que bem mostravam o generoso valor e brio da nação portugueza, nem descrevo e manifesto o sublimado valor, generosas acções, bellicosos e singulares feitos, maiores que todo o louvor, dos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, tão conhecidos n'estas guerras por confusão da Hollanda, consolação e credito de Pernambuco, que, como outros Decios, ou qual Arato Sicynio que valorosamente libertaram a patria do poder do tyranno, que a occupava com jugo tyrannico, investiram com seus terços o inimigo com admiravel resolução, sendo dignos de eterno louvor, avançando os hollandezes nos mais perigosos e arriscados encontros e sempre na frente ao inimigo, como bem experimentados em tantas occasiões em que alcançaram gloriosas

victorias e famosos triumphos, e foram os executores d'esta batalha e os que a dispuzeram por lhes haver entregue a disposição d'ella o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, como temos referido, o qual, pelo valor dos dois mestres de campo, alcançou o contentamento e prazer que lhe resultou d'esta victoria.

O tenente-general que foi na Bahia Antonio de Freitas da Silva se achou n'esta occasião, por ter vindo da Bahia, onde mostrou a costumada vontade que tinha de servir á Sua Magestade. O tenente-general Philippe Bandeira de Mello tambem se achou n'ella, fazendo sua obrigação. O sargento-maior Antonio Dias Cardoso, tão conhecido por seu valor e animo em tantas occasiões, assim como n'esta com tão grandes empenhos de sua pessoa, mostrou seu animoso coração, perpetuando suas acções generosas, e chegou aquelle posto por todos os gráos e escallões da guerra, começando em mosqueteiro até chegar ao posto de sargento-maior (e depois mestre de campo), por cujo respeito era tão previsto n'ella, e nas disposições da mesma guerra.

D. Antonio Philippe Camarão e Henrique Dias mostraram n'esta batalha o valor e esforço que em todás as occasiões mostraram sempre, indo cada vez mais em augmento seu valente procedimento e constancia; e os mais officiaes e soldados, que mostraram seu animoso coração e perpetuaram suas generosas acções.

Morreu tambem n'esta batalha o ajudante Manoel Ferreira de Lemos, que havia chegado da Bahia, com soccorro de polvora, e foi o primeiro homem que mataram; e tambem foi morto o capitão-maior das minas, chamado Antonio Fernandes Vieira Mina, valente preto, o qual trazia cento e cincoenta minas á sua ordem, e era escravo do mestre de campo João Fernandes Vieira.

Succederam n'esta batalha miraculosos casos, porque a

muitos deram balas nos peitos, e outras partes, sem fazerem damno; e houve soldados que com muitas e grandes feridas escaparam com vida, como foi o capitão reformado João Nunes Victoria, que recebeu dezeseis feridas de chuços e alfanges, e, ficando quasi morto, escapou com vida,. e outros muitos que deixo, por abreviar a historia.

São tambem dignos de muito louvor os sacerdotes, clerigos e religiosos da companhia de Jesus e de S. Bento e S. Francisco, entre os quaes entravam dois capuchos francezes (os quaes no tempo que os flamengos eram senhores, com zêlo da fé de Christo, vieram a Pernambuco, e fundaram um convento de sua ordem, vindo de dentro da França para este effeito), que n'esta batalha se acharam, acudindo a exhortar os soldados, e animal-os para a peleja, com a imagem de Christo crucificado nas mãos, e outros a ouvir de confissão aos feridos e aos que estavam em passamento da vida, confortando a todos, e animando-os com muito fervor, espirito e zêlo, sem reparar no perigo e risco que corriam suas vidas, para acudirem como convinha a seus proximos.

Tambem acudiram muitos moradores, principalmente a guarnecer as trincheiras que estavam no caminho, por onde havia de passar o inimigo para a Moribeca, e outros muitos levando e retirando os mortos e feridos em seus cavallos que, posto que sem muito risco e empenho de suas pessoas, comtudo exercitavam as obras de caridade; e muito louvor merecem os moradores da Moribeca, em cujas casas se curaram os feridos de mais perigo, por distar mais perto d'onde foi a pendencia, que a povoação de S. Antonio do Cabo, para onde foram mandados e conduzidos os mais d'elles, acudindo com o necessario á suas curas. Em resolução, aquelles que o fizeram bem e como convinha n'esta

e em mais occasiões, receberam a remuneração e paga de Deus, que é quem recompensa as boas obras que por seu serviço se fazem e exercitam n'esta vida.

O mestre de campo general fez aviso ao conde-governador d'este Estado, Antonio Telles Villas-Boas, o qual residia na Bahia, da mercê que Deus fez a Pernambuco d'esta victoria pelo capitão Zenobio Achioli em 12 de Abril, remettendo-lhe por elle algumas bandeiras que os officiaes e soldados tomaram n'aquella batalha, tirando o estandarte, que, como temos dito, ficou em poder do mestre de campo João Fernandes Vieira, o qual, sendo como é tão curioso, e estima grandemente todas as boas habilidades, buscou o melhor e mais engenhoso pintor, por seu que tinha em sua casa, ao qual mandou pintar em dois grandes paineis esta batalha dos Guararapes, e a outra que se seguiu d'alli a dois mezes, como escreveremos, pelo natural e tão ao vivo que parecem representar e figurar as outras notavelmente, quanto podem capacitar os olhos, que é uma obra grandiosa, e em que fez muito dispendio, como tambem em mandar pintar a batalha do monte das Tabocas, e a da casa forte de D. Anna Paes da Varzea, e a que succedeu quando o governador das armas hollandezas Gassman (*Garstman*), sahiu com todo o poder ao sitio dos Afogados, como temos nos livros precedentes relatado, e outras com as fortalezas que se ganharam ao inimigo; para que o tempo não ponha em esquecimento tão notaveis feitos, assim que n'esta chronica e na pintura durarão pela posteridade, para exemplo, emulação e imitação dos valorosos sujeitos.

Parece-me cousa conveniente escrever aqui os nomes dos capitães que n'esta batalha assistiram e pelejaram pelo teor seguinte, sem haver nenhuma preeminencia dos que se poem em primeiro, ou ultimo lugar, senão assim como me foi dictando a memoria. Dos mestres de campo,

tenentes-generaes, sargento-maior Camarão e Henrique Dias, já temos acima feito menção.

Os capitães do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira são os seguintes :

Da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira era alferes Domingos de Sá.

O capitão João Soares de Albuquerque.
O capitão Francisco Berenger.
O capitão Antonio de Castro.
O capitão Cosme do Rego.
O capitão Antonio Borges Uchoa.
O capitão Francisco de Lisbôa.
O capitão Affonso de Albuquerque.
O capitão Bartholomeu Soares Cunha.
O capitão João de Albuquerque.
O capitão Francisco Barreiras.
O capitão Antonio Rodrigues Vidal.
O capitão Manoel Muniz.
O capitão Paulo Teixeira.
O capitão Braz da Rocha.
O capitão Manoel de Abreu.
O capitão Amaro Cordeiro.
O capitão Domingos Ferreira.
O capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque.
O capitão Philippe Ferreira.
O capitão Manoel Lopes.
O capitão Vicente Curado.
O capitão Simão Mendes.
O capitão Antonio da Rocha Dam as.
O capitão Braz de Barros Pereira.
O capitão Sebastião Ferreira.
O capitão João de Pontes.
O capitão Domingos da Costa (que morreu na batalha).

O capitão João Rodrigues (que tambem morreu).

Os capitães do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros são os seguintes:

O capitão Pedro Cavalcante de Albuquerque.
O capitão João Barbosa Pinto.
O capitão Antonio Curado Vidal.
O capitão Antonio Rodrigues França.
O capitão Manoel de Aguiar.
O capitão Francisco da Rocha.
O capitão Lourenço Carneiro.
O capitão João Lopes.
O capitão Antonio da Silva.
O capitão Amador Rodrigues.
O capitão Antonio Dias Santiago.

CAPITULO IX

De como o inimigo se apoderou da força da bateria que lhe largou um capitão nosso, e de como os hollandezes se situaram na villa de Olinda e sua força.

Enterrados os mortos, e despejado o campo, se recolheu a nossa infantaria ao engenho novo da freguezia da Moribeca, onde veiu aviso em como o inimigo, escandalisado da victoria que os nossos alcançaram, e do desbarato que teve seu exercito, marchára na segunda feira á tarde, em vinte de Abril, pela praia, para a villa de Olinda, com seiscentos homens, e por cabo d'elles Nicolas, que havia fugido com as duas companhias de hollandezes para o Recife, como fica escripto no capitulo primeiro do terceiro livro, o qual estava sem pessoa alguma nossa, se bem estavam ainda no reducto, que se chama a guarita de João de Albuquerque, e ao pé d'elle em uma trincheira, cinco peças pequenas de artilharia de ferro.

Chegou o inimigo á villa e se fez senhor d'ella e do reducto, com determinação de a fortificar e mandar para ella seus doentes e feridos. Tanto que se teve este aviso, se mandou tocar a marchar a nossa infantaria em demanda do arraial, aonde se veiu situar em o dito dia á tarde e descansar do trabalho e dar alento aos infatigaveis soldados, os quaes entraram nos quarteis do arraial todos muito alegres pela victoria que Deus lhes havia concedido, e logo começou a maior parte dos moradores da Varzea, que estavam retirados até vêr o successo, a tornar para suas casas, como d'antes.

Ao outro dia, 21 de Abril, se mandou dar vista das bandeiras (porque não se mandaram para a Bahia senão d'ahi a dois dias) ao inimigo pela banda das salinas por onde podiam ser bem vistas da gente do Recife em mãos de soldados, tendidas e ondeadas com o vento, e floreando com ellas, para que ficassem quebrantados seus animos, que bem o estavam com a grandissima perda que receberam, e o Segismundo tão mal tratado da perna, que muitos tempos se não levantou de uma cama, e depois apenas podia andar pelo Recife em muletas.

Como quer que no penoso desterro d'esta vida não ha gosto perfeito, succedeu aos nossos á maior alegria a maior tristeza, porque, tornando o exercito para o arraial, para se guarnecerem as fronteiras, como d'antes estavam, acharam os nossos soldados o inimigo senhor da força da bateria, para, por nosso mal, se seguirem tantos damnos; porque, se tiveramos a dita força, se apertára o inimigo de tal sorte, que alto tivéra que fazer no Recife, e não fôra infestar a Bahia, como foi, por vêr-se livre do que tanto damno lhe fazia; e assim, tendo nós a bateria de novo, pediriamos soccorro á Bahia, que o não podia negar, á vista de tal victoria; e se poderiam pôr mais duas baterias ao Recife, com que

enfadariamos aos hollandezes, dos quaes a maior parte havia de passar á nossa, e posta a bateria na praia, e sitio que se diz de Francisco do Rego, nas salinas, não ha duvida que se houvéra tomar a força primeira que o inimigo tem na mesma praia, que chamam dos Perrexis, ficando os nossos com a artilharia senhores da barra, e com principio de caminharem adiante, ou ao menos obrigar o inimigo a sahir fóra de suas forças para impedir aos nossos, que facilmente o destruiriam, para depois fazer mais a seu salvo seu effeito; que todos estes damnos se seguiram do capitão, a quem se deixou a força da bateria (que foi obrada pelos dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros), que foi a cousa de mais consideração que se fez, depois que ha guerra na America, por ser em parte muito arriscada, e emquanto se fez não foi sentido do inimigo, e por aquella parte muito arriscada, e emquanto se fez, se não viu, por se ir cobrindo com ramos, e por aquella parte se podia restaurar e tomar o Recife, não guardar as ordens que se lhe deram, atrás referidas, e deixou a força da bateria tão importante. Este capitão foi preso e depois se averiguou seu caso, e elle se livrou; e o certo é que as cousas uns as fazem e levam o trabalho, e outros o perdem por descuido da disposição. Os hollandezes no Recife ficaram muito contentes com occuparem tão grandiosa força ás mãos lavadas, sem lhes custar cousa alguma; e seus predicantes pelos consolar da infausta e fatal jornada que fizeram aos montes Guararapes, lhes diziam que fizessem conta que a gente que perderam na batalha lhes custára o renderem aquella força, que tanto opprimia e assombrava o Recife e cidade Mauricia.

CAPITULO X

De como foi o inimigo desalojado da villa de Olinda, e sua força pelos nóssos, que d'elles alcançaram victoria, fazendo-os retirar á suas fortalezas como de muitos.

Sabendo os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros que o inimigo estava apoderado da villa de Olinda, como no capitulo antecedente dissemos, persuadiram ao mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que convinha mandar-se á villa, a investir com elle e deital-o fóra d'aquelle sitio, e isto com muita brevidade, porque estava tão amedrontado pelo successo passado, que seria facil desalojal-o, antes que se fortificasse; porque nas occasiões de guerra a diligencia e presteza é com que se conseguem as victorias; e elles, como tão experimentados, sabiam bem estas regras da milicia. O mestre de campo general o fez assim sem demora, e foram mandados tres capitães do terço de João Fernandes Vieira, na terça-feira á tarde, a 21 de Abril, a saber: o capitão Braz de Barros, que era o cabo, que na villa havia estado, Antonio da Rocha Damaso e Matheus Fagundes, capitão dos soldados pardos, e o governador dos pretos Henrique Dias, os quaes por todos levaram 300 homens, ordenou-lhes que fôssem á villa a desalojar o inimigo.

Partidos estes capitães e chegados junto á villa, se foram emboscar em Bebiribe, no sitio que foi de Antonio de Sá Mahia, distante meia legua d'ella, com suas sentinellas ao largo e descobridores do campo, para no dia seguinte da quarta-feira investirem o inimigo, conforme a disposição em que o achassem.

Ao seguinte dia, descoberto o campo e reconhecido o inimigo, chegados á villa ao romper da manhã, mandou

o capitão Braz de Barros seus descobridores, os quaes, encontrando-se acaso com os do inimigo, na rua que se chama de S. Pedro, toraram (*sic*) arma e foram fugindo com grandes vozes, dizendo — nigris, nigris, e os nossos sobre elles alli deram uns e outros alguns tiros, e foram os hollandezes tomando logo pela rua até á igreja de S. Bento, mas sempre com as costas viradas, fugindo pelo outeiro abaixo, indo-os seguindo os nossos, até junto da força, que se diz de João de Albuquerque, sita na praia, no caminho que vai da villa para o Recife, como algumas vezes temos dito, onde viram o poder do inimigo, que constava de 600 homens, isto por um flamengo que tomaram.

O capitão Braz de Barros, vendo que os nossos descobridores iam pendenciando com os do inimigo, mandou com muita pressa marchar a gente que, chegada a avistar os hollandezes, se pôz ás cargas com elles; mas, vendo o capitão que lhe podia fazer muito damno o inimigo, que estava amparado da força e da trincheira que alli junto estava com sua artilharia, não dando lugar a que a disparassem, mandou que levantassem todos a voz dizendo: á espada! á espada! Os hollandezes, como haviam nos Guararapes visto a resolução com que os nossos soldados os investiram, quando disseram — á espada, temerosos com tal voz, se puzeram em fugida, os que estavam fóra da força, arrojando-se os outros pelas torneiras das peças e muralhas da força abaixo, vendo os outros que iam fugindo, desamparando juntamente a trincheira, da qual os nossos de improviso se senhorearam, e, dando fogo á artilharia, lhe mataram alguma gente, e, seguindo-os pela praia quasi junto até á sua primeira força, foram mortos cento e sessenta flamengos, que os nossos, cansados de tanto correr, não puderam matar mais, e depois de estarem mesclados com os hollandezes, que tambem de cansados e amedrontados

não offendiam a quem os matava, tomaram os nossos alentos para os matar, que com os couces das armas com que lhes davam cahiam, e a mão tente os matavam. Custou aos nossos este bom successo sete homens, que foram feridos, onde entrou o capitão Matheus Fagundes, que ficou passado pelos joelhos.

Os hollandezes largaram quasi todos as armas e dois barris de polvora com o que mais tinham de bagagem; e vindo do Recife dois troços de gente a soccorrer estes, que já estavam recolhidos na força, os que escaparam se não atreveram a pelejar com os nossos, que na mesma praia os estavam esperando, e sómente retiraram alguns mortos, que ficaram juntos á força. Levou o inimigo muitos feridos, como se viu pelo muito sangue que pela praia estava.

Succedeu isto d'alli a tres dias depois da batalha dos Guararapes, e foi de grande effeito desalojar o inimigo da villa; porque, se a fortificava, podia fazer d'ella muitas entradas e sahidas pela campanha; e foi grande a advertencia dos mestres de campo em logo acudirem com presteza a este successo.

Ficou a villa e força guarnecida de gente para a sua defensa; em vinte oito dias do mez de Abril veiu pela estancia das salinas um tambor com carta do inimigo, em que pedia lhe mandassem dar os coroneis e mais officiaes que ficaram prisioneiros na batalha dos Guararapes, na fórma que melhor estivesse, e que contribuiriam; e, além d'isso, que na occasião que succedesse em que elles ficassem de melhor, fariam o mesmo. Mandou-se que não passasse o tambor da estancia, e se lhe tomou a carta, e o despediram, dizendo que logo se responderia.

O coronel Kerver (*Keerweer*), que foi preso, se mandou para a força de Nazareth, e os hollandezes lhe mandaram, por ser

pessoa principal, um flamengo para que o servisse, e, havendo estado alguns dias em Nazareth, foi enviado para a Bahia.

CAPITULO XI

De uma sahida que fez do Recife um coronel hollandez pela força da bateria á estancia do governador dos pretos Henrique Dias, e da batalha que houve em que o inimigo se retirou com muita perda de gente, e de como intentou outra vez ganhar a mesma estancia sem surtir effeito.

Não se passaram muitos dias depois que Segismundo foi vencido nos Guararapes que chegou ao Recife um coronel, que com duas ou tres náus havia ficado atrás, as quaes eram do resto de sua armada, e, sabendo o successo, ficou muito enfadado, dizendo que, quando em Hollanda se mettêra tanto cabedal n'aquella armada tão poderosa para com ella se restaurar a campanha, então não havia feito cousa alguma ficando elles vencidos, e o grande gasto e dispendio debalde, e que elle queria sahir á campanha para vêr os portuguezes se lhe fariam o que ao Segismundo haviam feito, levando tanta e tão luzida infantaria, que sem duvida devia estar dormindo ou com as mãos atadas, quando n'ella fizeram os portuguezes tão grande estrago. Segismundo lhe respondeu que no tocante ao gasto não tinha que dizer, porque quando se mettêra dobrado cabedal com outra tanta armada não ficava o dispendio debalde, livrando ao Recife de tão grande affliccão e oppressão, qual padecia com a força da bateria, e que por boa fortuna tinha o ser vencido nos Guararapes, perdendo tanta gente para ser senhor da dita força; que, se a quizesse commetter, lhe houveram de matar toda a sua gente, sem fazer nenhum effeito.

No tocante aos portuguezes, se os queria vêr, que não tinha que ir cansar-se aos Guararapes d'onde em outra parte a poucos passos se encontraria com um preto chamado Henrique Dias, e que por alli julgaria quem os brancos eram; e que se guardasse de que, levando as mãos soltas, se não recolhesse com ellas amarradas. Zombou o coronel (cujo nome não pude saber) do dito de Segismundo, que já o desejava vêr na campanha com Henrique Dias, e aprestou e animou a sua gente, gastando alguns dias em a exercitar e formar seus esquadrões no Recife, dando grandes cargas de mosquetaria, e ordenando todas as cousas necessarias; dia da Ascenção do Senhor, que foi em vinte e um de Maio do mesmo anno de 1648, um mez e dois dias depois da batalha dos Guararapes, veiu marchando pela manhã da força da bateria com dois mil homens para a estancia de Henrique Dias, e, topando os seus descobridores, os veiu seguindo até os metter nas trincheiras, as quaes já achou guarnecidas com a gente do mesmo Henrique Dias, que, sabendo vir o inimigo marchando, pôz tudo a ponto de guerra com a diligencia costumada.

Tanto que o inimigo chegou junto das trincheiras, lhe deram os soldados pretos grandes e bem empregadas cargas de mosquetes biscainhos, que obrigaram os hollandezes a se pôrem bem ao largo, sahindo juntamente Henrique Dias de suas trincheiras com sua gente, a pelejar na campanha por muito espaço de tempo, até que chegou o capitão Francisco Berenger, que estava fronteiro e cabo na estancia das salinas com duas companhias, e a gente que assistia na estancia, que chamam do Paço, onde estavam os capitães da gente da Parahyba Antonio Rodrigues Vidal, Manoel Moniz, Vicente Curado, João de Pontes; foram estes capitães dando carga ao inimigo, pelos lados por onde o apertavam de tal sorte, e a gente de Henrique Dias por sua parte,

que o fizeram largar o campo sem lhe darem lugar a que retirasse seus mortos, os quaes tinham já amarrado pelos pescoços com cordas para os levarem a rasto. Os nossos os seguiram até debaixo da força da bateria, d'onde tornaram os hollandezes, que foram derrotados, a formar seus esquadrões, tornando a vir para os nossos, que á custa de muito sangue, assim de uma como de outra parte, os fizeram deter na campina da força, andando sem cessar a bateria de ambas as partes, que nos arrabaldes e districtos do arraial, d'onde bem se ouvia, causou grande horror e espanto, por ser mui grande e continua, retumbando e soando os tiros largo espaço. E, estando a gente no arraial prevenida, com sentido que o inimigo sahiria por mais partes, se deixou de soccorrer como convinha aos que pendenciavam, dizendo os dois mestres de campo, que era tempo de que fôsse soccorrida aquella gente, pela qual causa marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira com parte do seu exercito, o qual fez com toda a diligencia possivel, e chegando achou já o inimigo quasi em suas forças mettido, e por mais diligencias que lhe mandou fazer, provocando-o a que viesse pelejar, não quiz sahir, e emquanto vinha chegando o mestre de campo, considerando o Segismundo que já era tempo de chegar a gente do arraial, mandou do Recife onde ficou por não estar capaz de vir á guerra por causa da ferida da perna, e por não approvar aquella sahida, dizer ao coronel que se retirasse, embarcando-se para a outra banda, e pela ponte que tinha concertado; porque quando tão pouca gente lhe fizéra largar o campo, que chegando a do arraial, os investiria ao pé da sua força.

O coronel se acolheu a tempo, que já os nossos vinham chegando do arraial, com o mestre de campo, como acima dissemos, e não devia de ir com as mãos soltas, porque,

conforme foi ferido pelo pescoço, devia leval-as amarradas, indo carregado por outros. Custou esta pendencia sete homens, que foram mortos dos nossos, em que entravam dois alferes de Henrique Dias, e vinte e cinco feridos, de que depois morreram dois. A perda do inimigo não se averiguou ao certo, porque, depois que se tornou a formar ao pé da força, da qual não tornou a vir muito adiante, porque, como dissemos, os nossos o detiveram, retirou os que alli lhe mataram, mas pelos rendidos se soube que tiveram os hollandezes grande perda, assim de mortos como de feridos.

Em 18 de Agosto tornou a sahir o inimigo para a estancia do governador dos pretos, Henrique Dias, para o desalojar d'ella e ganhar aquelle sitio, e para este effeito veiu com alguns 2000 homens commettendo com grande impeto e furia, porém, defendeu-se o governador com sua gente, e com outra que acudiu da estancia que se diz de João de Mendonça, onde estava por fronteiro o capitão Francisco Berenger e outros capitães, que acudiram das estancias vizinhas, que sempre acudiam tanto que havia pendencia na estancia de Henrique Dias, com muito valor e animo, havendo durado muito tempo a contenda, insistindo muito o inimigo por ganhar o posto, mas sempre foi reprimido e rebatido por algumas vezes, até que vendo que não podia conseguir seu intento, mas antes recebia grande perda, se retirou para o Recife, deixando no campo cincoenta flamengos mortos, afóra os feridos, com bem pouco damno da nossa parte ; e por outra vez intentou ganhar a mesma estancia de Henrique Dias, por ser tão vizinha á cidade Mauricia, e receber cada dia muito damno dos soldados pretos, e os homens prisioneiros, que do Recife se acolhiam, logo acharem n'ella abrigo e amparo ; e por outras muitas causas desejavam de deitar d'alli aquelle

barbilho, porém, nunca puderam, por mais que acommetteram com muita força e poder, nem menos as estancias que junto de Henrique Dias estavam dois soldados minas, onde assistiam com seus capitães, e d'alli sahiam a fazer grande damno ao inimigo, e lhes davam muitos assaltos, tanto que os viam sahir fóra das forças. E eram tão quotidianas as pendencias, que tanto que os hollandezes sahiam a buscar cajús, e outras frutas do mato, os negros minas logo lhes sahiam de improviso, e com as vidas lh'as faziam largar: e eram tão barbaros estes minas, que não lhes queriam dar quartel, mas antes cortavam as cabeças aos que matavam, e vinham com instrumentos bellicos a seu modo e ao de sua terra com bozinas a atabaques, fazendo muita festa, dizendo que aquelles os foram captivar ás suas terras, sendo elles forros, e, feitas suas ceremonias, traziam as cabeças pelas portas dos moradores, d'onde se não iam sem lhes darem alguma cousa; custou aos nossos muito o acabarem com estes minas, que não cortassem as cabeças aos que matavam, e muito mais custou o acabarem com elles, que dessem quartel aos que aprisionavam.

Por este tempo chegaram ao nosso arraial quinhentas cabeças de gado de Sergipe d'El-Rei, que mandou o conde general Antonio Telles depois que veiu Paulo da Cunha, com que se remediou em parte a grande necessidade que a infantaria padecia; e tendo para si o conde que sabia da grande e poderosa armada que de Hollanda tinha chegado aos hollandezes, que o inimigo romperia a gente da campanha de Pernambuco, por cuja causa se acolheriam os que pudessem escapar para a Bahia, mandou cinco companhias com duzentos homens, e por cabo ao capitão Pero de Miranda para o Rio de S. Francisco, por não tomar o inimigo aquelle passo, para que os nossos o achassem seguro; porém Deus dispôz a cousa melhor do que na Bahia se imaginava, e

tanto que o conde soube da victoria e viu as bandeiras dos hollandezes que lhe foram mandadas por o capitão Zenobio Achiolle, como temos referido, festejou muito, e toda a gente da Bahia, tão insigne victoria, e fizeram a Deus muitas acções de graças, e bem se viram vingados os moradores dos damnos e mortes dos soldados que Segismundo havia feito, que assim o prognosticaram os ditos moradores da Bahia, quando o inimigo a deixou.

CAPITULO XII

Da chegada do mestre de campo Francisco de Figueiroa com seu terço ao arraial; conta-se a morte de D. Antonio Philippe Camarão, e destruição que fez o inimigo na Bahia, e outros successos.

O conde Antonio Telles Villas-Bôas, que assistia no Governo da Bahia, mandou de soccorro á campanha ao mestre de campo Francisco de Figueiroa com cousa de quatrocentos infantes e por sargento maior do terço Hieronimo de Enojosa com alguma polvora e munições.

Chegou o mestre de campo ao arraial da Varzea, aos quatro dias de Agosto de 1648, a tempo que estavam os nossos fronteiros pelejando no sitio dos Afogados com o inimigo, o qual, vendo ser tempo de chegar o soccorro do arraial, mas como a maior parte era gente do reino de Portugal, soldados novos e não acostumados á terra, vinham os mais d'elles doentes, e assim foram mandados a convalescer por as casas dos moradores que os recolheram, e fizeram as mais obras de caridade, com muita vontade.

Por este tempo morreu o governador dos indios, D. Antonio Philippe Camarão, tão afamado e nomeado n'estas

campanhas por seus illustres feitos, deixando a todos geralmente sentidos de sua morte, sabendo a falta que fazia, sendo este indio tão fidelissimo á nação portugueza, acompanhando sempre os portuguezes, e pelejando com elles juntamente em tantas quantas occasiões temos referido n'esta historia, desde o tempo do arraial velho de Pernão-Mirim e governo de Mathias d'Albuquerque, sendo bom e experimentado soldado, e grande ardiloso na guerra, e muito bom christão e virtuoso; cada dia ouvia missa e rezava o officio de Nossa Senhora, quando o tempo lhe dava lugar, e fazia praticas a seus indios; e em resolução por seus merecimentos lhe concedeu El-Rei o titulo de D. e o habito de Christo, e o fez governador e capitão-geral de todos os indios do Estado do Brasil, por ser entre elles pessoa mui principal, e a quem todos os indios d'estas capitanias obedeciam; chamava-se, antes de ter o D., Antonio Poty, que na sua lingua quer dizer—Camarão; e era tão exacto em suas cousas, que, quando fallava com pessoas principaes, o fazia por interprete (posto que fallava bem portuguez), dizendo fazia isto, porque, fallando em portuguez, podia cahir em algum erro no pronunciar as palavras por ser indio. Finalmente, foi muito zeloso do serviço de Deus e de seus santos.

Foi enterrado com muita honra e pompa funeral na igreja do arraial, deixando seus soldados indios mui pesarosos de sua morte. Succedendo no mesmo cargo, seu primo D. Diogo Pinheiro Camarão, que tambem tinha o habito de Santiago, soldado não menos valoroso e animoso que elle, posto que em outras cousas differente, e com isto se remediou em parte a falta que fez, ainda que os indios mais bem se davam com o outro, que os tratava com um amor paterno como a filhos; e é para notar que a ultima occasião em que se achou n'esta vida, foi á batalha dos Guararapes

primeira, e d'ahi á cousa de um mez se lhe seguiu a morte de doença; porque homem tão animoso á ultima pendencia da vida, que foi tão famosa, fosse a que fechasse a mesma vida á suas proezas; morreu em sua estancia fronteira, e não em tantos conflictos em que se achou, porque quando chega a morte a bater á porta e se acaba o termo da vida, tanto importa estar em arriscadas pendencias, como na maior quietação e ocio de casa, a quem navega no mar trabalhoso e tempestuoso da vida humana.

Tornou por este tempo a necessitar-se de sustento do nosso arraial, por se haver acabado o gado que veiu de Sergipe, e a farinha era muito pouca, por estarem os moradores retirados, e tinham deixado suas roças na campanha; pela qual causa se foi tirando d'ellas em carros mandioca, que é a raiz de que se faz, e outra se foi fazendo nas mesmas roças, que deu muita quantidade com que se sustentou a infantaria muito tempo, sem por isso os moradores levarem premio, antes a deixavam de boa vontade tirar para os soldados, e se era em partes arriscadas, ia gente de guerra em companhia dos carros para a comboiarem.

Occupava-se o inimigo por este tempo, visto não poder levar a melhor dos nossos, em tomar muitas embarcações, assim da Bahia, Rio de Janeiro, como do reino de Portugal, com que sustentava sua infantaria, e aprestando suas náus com gente de guerra e com o mais necessario, foi na derrota da Bahia, na qual entrando sem nenhuma resistencia, queimou vinte e dois engenhos de assucar, roubando quanto achou no districto d'elles, que foi uma inestimavel perda; sentindo grandemente os senhores dos engenhos o vê-los abrazados, e elles com pouco gosto de os tornarem a reedificar, porque como estavam á beira-mar e em parte onde o inimigo a seu salvo entrava n'elles com suas lanchas, temiam, como viam cada dia, que lh'os tornassem

a abrazar ; e os moradores da Bahia experimentavam muitos damnos e perdas.

Isto fez o inimigo em vingança da derrota e destroço que teve nos Guararapes ; que parece que do damno e mal que em Pernambuco lhe faziam, iam tomar vingança na Bahia ; porém, quando d'ella tornavam os nossos da campanha, eram os executores do castigo e vingança, como temos já contado, e no capitulo seguinte contaremos.

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, sabendo que o inimigo estava com o seu poder infestando a Bahia, mandou a infantaria da terra para suas casas e n'ellas esteve perto de um anno ; e a gente que ficou occupava as fronteiras do inimigo, o qual, depois de fazer tanta destruição na Bahia, e tomar pelo mar muitas náus, como temos dito, determinou de volver para o Recife com suas náus, o que fez e chegou em breves dias, com muitos roubos e presa que colheu assim na terra, como no mar, mui triumphante e contente ; e da soberba que trazia, lhe nasceu o querer tornar á campanha com todo o poder com que se achava, a tentar outra vez fortuna, e a vêr se a podia ganhar, e assim recolheu tambem as náus, que pelo mar andavam á pilhagem para ajuntar mais cabedal de gente ; e por alguns hollandezes rendidos se soube esta sua determinação de querer vir tomar vingança da morte dos seus, que nos Guararapes acabaram ; e emquanto se aprestam para a segunda jornada, é necessario que descansemos um pouco com a pluma, pondo fim a este quarto livro, para que, com alento novo, entremos no quinto livro a escrever a grande batalha e gloriosa victoria que alcançaram os nossos soldados segunda vez, nos montes Guararapes, os quaes, para os hollandezes, foram outros semelhantes aos de Gelboé, e para os nossos, victoriosos e triumphantes trophéos de acções tão generosas e de memoraveis proezas.

(Continúa.)

ARCHEOLOGIA HISTORICA

Cartas dos padres da Companhia dos primeiros annos da Colonia.

Carta do padre Manoel da Nobrega, Provincial d'esta Provincia do Brasil, escripta aos moradores de S. Vicente.

Muito amados em Jesus-Christo irmãos, aquelle Nosso Senhor, que já se nos vai, á dextra de seu padre, tenha por bem enviar-nos seu santo espirito, amen.

Obrigou-me o amor, que em o Senhor nosso vos tenho, a escrever estas regras a todos, já que com cada um particularmente não posso cumprir ; porque como a todos eu tenho escripto em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que o cordeiro, poucos dias ha crucificado, derramou por toda a cidade de Jerusalém, com grande e igual amor por todo o mundo, assim tambem me pareceu bem com todos juntamente me alegrar, escrevendo a todos, pois o amor é todo um, e a todos igual.

Muito me alegrei no mesmo Senhor, que caminhavam bem muitos para a vida eterna, e não lhes esqueceu logo de todo a doutrina, que por boca d'este peccador pobre ouviram ; crêra o Senhor dar graça para se acabar, pois a deu para se começar algum fructo, porque aproveitára d'outra maneira correr um pouco após dos unguentos cheirosos do Senhor, após dos quaes corriam as que diz a esposa nos cantares, senão a chegardes á botica onde elles estão, que é a vida eterna, assim como diz o apostolo S. Paulo, que a chegueis, não como gente que açouta o ar, e que corre, e

não sabe para d'onde nem a que fim, mas como gente, a quem espera Jesus-Christo para dar a corôa e fogaça da vida eterna, que os dias passados apparelhou a todos aquelles, que o amam, padecendo e resuscitando, e agora subira aos céos apparelhar o lugar, assentado á dextra de seu padre, que sómente faltava, e para d'alli nos mandar o seu espirito consolador a todos aquelles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabolicas, estão com os discipulos do Senhor juntos em oração, e conformidade de vontade ; porque, assim como é fogo de amor do padre e do filho, que é um Deus verdadeiro, assim tambem não obra sua infinita virtude, senão onde acha uns mesmos corações, uns mesmos desejos, uma paz, uma opinião, um amor, uma bondade, uns propositos, uns mesmos servidores de Christo, o qual na oração que no horto fazia, quando nossos peccados lhe doeram tanto, que obrigou a charidade sua infinita, com que amava sua creatura, a suas gottas de sangue, que de seu corpo aos vestidos corria, e dos vestidos a terra regava, por ser muito para o tal tempo guardou pedir a seu padre, que, assim como elles eram uma mesma cousa, todos seus escolhidos, fôssem uma mesma cousa com elles, porque tambem na vida eterna tudo será um com Deus; pois está escripto, que as que querem bem a Deus, um mesmo espirito, serão com elle: esta é aquella cousa só, que o Senhor Jesus-Christo dizia a suas amigas Martha e Magdalena, que lhes era necessaria, porque todo o mais perturba muito, e faz lograr este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder o outro, porque arruídos, nem odios, nem presumpções e outras cousas semelhantes, não moram na casa de Christo, a qual, posto que tenha muitas moradas, em nenhuma se recolhem as taes obras, pois que já tem a potencia e justiça deputadas; outros aposentos no centro da terra para os taes,

onde para responder uma cousa com outra ha choro e bater de dentes, e outros trabalhos, os que queria o Senhor por sua bondade ordenar, de maneira que nunca os experimenteis; porque grande mal é de trabalhos d'este mundo, se a possuir outros maiores no outro, e já que é posta a lei no mundo, que os filhos de Adão padeçam trabalhos, sejam antes os da penitencia proveitosa, os quaes o Senhor, com sua graça de consolação e alegria espiritual, faz mui pequenos, pois o seu jugo é sempre suave e leve, e é fiel senhor e bom, que no-lo ajuda a levar, ainda agora por sua parte, e sempre quer levar o maior peso, des que se avezou uma vez a levar a cruz ás costas para o Calvario, elle de uma parte, e Simão Cirineo da outra: com tal companheiro, com tão amoroso Senhor, quem poderá ser tão fraco, que não possa fazer penitencia de seus peccados, com tanto sangue derramado, que é verdadeira meisinha de nossas chagas. Quem não se curará? Curai-vos, irmãos, curai-vos, se ainda não abastou coresma, nem padecer Christo, nem resuscitar, nem abrirem-nos lá o thesouro todo da santa igreja, para pagardes com elle todas nossas dividas, porque, mui coitado será aquelle, por quem passarem estas cousas todas, e ficar ainda por curar, e muito mais coitado aquelle, do qual se despede Jesus-Christo, subindo-se á dextra do Padre, e o deixa ainda em peccado mortal, e sobretudo muito mais mal aventurado aquelle a quem, nem comtudo isto, nem com o Senhor, nos mandar o seu espirito de vida, abrazador de todos os corações de Jesus-Christo, póde acabar comsigo, apparelhar-se para recolher seu quinhão; pois tanto de graça se dá, e em tanta abundancia, muitas vezes, cuido eu, e é para mim grande signal do mundo, durar pouco, pois Nosso Senhor, vejo que quer esperdiçar tanto sua gloria,

e busca tantas maneiras para andar, e o dá, e promette tão barata, como cousa que muito já deseja encher o numero dos escolhidos, e recolher os chamados, e convidados ás bodas de seu filho ; porque, quando eu vejo que a um Abrahão, Isac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos filhos, e d'estes outros, muitos que direi agora de um Deus tão largo e liberal, que, não contente com dar-nos a seu unigenito filho para trinta e tantos annos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nós, agora n'estes tempos derradeiros, não deixa nada por trazer á praça, para cada um com sómente uma pouca de contricção, marque o que lhe fizer mister : vós, irmãos, a quem eu nas entranhas de Jesus-Christo, desejo vêr salvos, marcai muita perseverança, muita temperança, grande castidade, e se não puderdes guardar tanta cousa dos ladrões, que por nossos sentidos entram a roubar, enchei vossa alma de charidade, e n'isto, empregai todo vosso mealheiro, porque é fogo tão forte, que fogem d'elle os demonios, e não ousam a entrar na casa onde se elle accende ; e, porque sempre traz todas as virtudes após si, logo tereis tudo, se a elle tiverdes. O meu amado irmão e padre Antonio Pires vôl-o dirá, lá de mais perto, com mais claridade, do que o eu escrevo : ouvi-o, que creio, que lhe dará o Senhor lingua para vôl-o dizer, pois deu muitas de fogo a uns pobres e ignorantes pescadores, e tambem lhe dará coração para chorar vossos peccados, juntamente com os seus e meus.

Muito desejo saber a vantagem, que achais da confissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me d'isso boas novas, e folgaria muito, que muitos me escrevessem mui particularmente ; porque, posto que eu a todos não escreva, com todos fallo, muitas vezes,

e em minha alma os converso, e ás vezes passeando com elles por essas ruas, e em minhas pobres orações e sacrificios, cada um tem seu quinhão; queira o Senhor, por quem é, aceitar meus desejos, os quaes são fazer-vos Nosso Senhor taes quaes eram os da primitiva igreja; porque, se ahi não houver grande fogo de charidade, como será possivel encenderem-se os corações do gentio; primeiro acendeu o Espirito-Santo fogo de linguas em seus doze apostolos, dos quaes se ateou toda a Europa, e Asia, e Grecia, e a Palestina, e Africa e quasi todo o mundo, o qual fogo se apagou já muita parte d'elle por meus peccados, e por não achar corações limpos e puros, em que ardesse; porque esses que havia, quiz o grande pater-familias recolhe-los á sua gloria, para que já lh'o merecia, e porque sómente d'estas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas, tantos mil annos ha nunca se acendeu, nem se conheceu tal fogo; muito desejo eu, que aquelles, a quem Nosso Senhor o der, tenha tão grande cuidado, que não se lhe apague, mas antes, atiçando com a communicação dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contricção do passado, e proposito constante do que está por vir com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes e dos que esperamos, que serão sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não é razão, que seja senhor d'elle senão o mesmo, que o creou á sua imagem e semelhança: com estas cousas, e outras muitas que o mesmo espirito de vida sabe mui bem ensinar nos corações, onde entra, queria eu, que de tal maneira ardesseis em charidade, que até os matos se queimassem com elle. Ó irmãos de Jesus-Christo, herdeiros com elle da sua gloria, filhos perfilhados do Padre Eterno, vós sois as plantas, a nova semente, que o Senhor n'estas partes pôz

e plantou: quem vos detem, que não dais fructo digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial, estas são as fazendas principaes, que haveis de fazer no Brasil; este é o trato, que deveis de ter com os cidadãos da cidade de Jerusalém celestial, mandardes lá muitos gemidos, muitas settas de fogo; o portador, que leva e traz, é o mesmo Espirito-Santo; o trato bemdicto não é de açuquere corruptivel, mas de graça, mais saborosa que favo de mel: quão poucos ha que te queiram ter, quão poucos mercadores da vida eterna se acham, se os mercadores de pedras preciosas topassem comtigo, venderiam tudo por te mercar, e em ti tratar, trato sem perigo, porque o piloto, que governa, não póde errar; trato de tanto ganho, no qual não se ganha um por cento, mas por um se dá cento, e sobretudo vida eterna em contrapeso; trato que n'este mundo enriquece de graça, e no outro de gloria, trato sem desassocego, antes quanto mais se trata, quanto mais de quietação se ganha: trato onde nunca se perdeu ninguem, e todos possuem suas riquezas em paz, trato sem perigos, mas antes elle livra de perigos, trato onde onzenar é merecer, e não peccar; trato, finalmente, com o qual se afermosenta a cidade de Deus celestial de almas, que louvam a seu Senhor, e a terra dos desterrados, filhos de Adão, recebe por retorno mercadorias espirituaes de graça, de virtudes, de consolações: d'esse trato quero eu, e desejo que haja muito n'esta terra, ao menos entre aquelles, que bem sabem chorar seus peccados, deixando o trato maldito de peccar, pois, por retorno não tem senão fogo de enxofre, que queima, e nunca acaba de queimar; porque assim como por fogo de concupicencia da carne e dos olhos, e da soberba da vida, se paga no inferno est'outro fogo infernal, assim tambem por fogo de charidade e amor se paga na cidade de riba moeda de outro fogo de gloria, o qual é d'aquella

grande fogueira da essencia divina, que a todos abraça e encende em si quantos ao derredor estão; porque, como diz S. Paulo, d'esta cousa pouca, que o Espirito-Santo reparte, iremos a outro grande e perfeito: o repartidor, que d'onde quer ispira e que repartiu muito aos Apostolos, reparta tambem com essa terra seu quinhão, porque, querendo elle, e querendo vós ouvil-o, tenho por certo, que alegrareis a cidade de Deus com o impeto do rio de lagrimas, e com a emenda de vossos peccados; e por mim rogareis todos ao Senhor, pois vol-o digo com entranhas de amor, e muito mais o desejo. Agora esperamos pastor, e tão bem padres da Companhia, o que tudo nos ajudará.

D'esta casa.

Carta para os irmãos de Portugal

Quid scribam, fratribus meis, ut consolentur in Domino, nisi amaritudines contra me, ut orest pro me, et non consumat peccatis adolescentia mea.

Muitas vezes estou cuidando o muito que Nosso Senhor obraria n'estas partes pela Companhia, se muitos meus irmãos de Coimbra cá viessem; porque em cada cousa, e cada hora, se eu tivesse bons olhos, viria ao Senhor obrar e dispôr tudo suavemente. Não poderei escrever cousas particulares, porque são já tão frio e tão soberbo, que não sei já cousa, que me farte, nem me satisfaça, nem me console, nem me aquente, senão acabar de vêr já todo o Brasil christão, ou ser como Deus, e saber tudo, *heu fratres latet anguis in herba*, e eu estou longe de vós para ser ajudado; e não sei se vos esqueceis de mim, porque eu cada vez me acho atrás.

O padre Nobrega me mandou escrever-vos as cousas d'esta capitania; porque de Pernambuco se escreverá o que Nosso Senhor n'aquella capitania obrou, e por conseguinte das outras capitanias fará o mesmo; bem quizeramos que tudo se pudesse escrever junto, e não espalhado, e, porém, não póde ser, porque ás vezes se passa um anno, e não sabemos uns dos outros, por causa dos tempos, e dos poucos navios, que andam pela costa, e ás vezes se vê mais cedo navios de Portugal, que das capitanias, e por isso os padres das capitanias escreverão por sua via, e nós por a nossa.

Desde que chegou o padre Nobrega, que foi no começo da Quaresma, fazendo-se prestes um barco para S. Vicente, determinou ir visitando as capitanias e prégando o jubileu, mas, movido pelo desejo que tinha de os vêr a todos, e consolar-se com seus irmãos, que por ser vontade de Deus Nosso Senhor, como claramente se viu, porque, estando embarcados, o padre Nobrega e Manoel de Paiva em tempo de monção para toda a costa, e partindo com muito bom tempo, logo sahindo da Bahia se mudou, que foi forçado tornarem arribar, o qual considerando os padres e irmãos disseram, se por ventura não se servia Nosso Senhor de tal ida, por onde pareceu bem ao padre Nobrega pôl-o em parecer de todos, e se concluiu, que não devia de ir por muitas causas, que se alli moveram, o que depois a experiencia ensinou ser muita gloria de Nosso Senhor não ir elle por cousas, que succederam; e foi o padre Manoel de Paiva e o padre Navarro prégando o jubileu pelas capitanias, e visitando as casas; o padre Navarro ficou em Porto-Seguro em razão das prégações e doutrinas dos christãos, e gentios d'aquella capitania, onde se faz muito fructo, e andam duas povoações em bandos, sobre quem fará melhor casa de meninos por devoção, que tem aos

padres da Companhia. O padre Paiva passou ao Espirito-Santo, onde antes estava o padre Affonso Braz, e, por ser vindo a Porto-Seguro, e d'ahi vir ter commigo a communicar-me casos de consciencia, e não se encontraram no caminho, foi forçado ao padre Paiva ficar-se no Espirito-Santo, e tambem por ser Quaresma, e ao povo se não poder expedir, e foi tudo ordenado por Nosso Senhor; porque levava tres meninos, com os quaes principiou aquella casa, e não eram tão necessarios em S. Vicente, para onde elles iam, os quaes acarretaram outros da terra; que aprendem e causam muita devoção com suas doutrinas e prégações e cantares de Nosso Senhor, assim aos christãos como gentios, e vai em muito crescimento aquella casa, e ha de ser a melhor de toda costa, em razão dos muitos mantimentos, que alli ha em muita abastança, posto que agora esteja muito pobre de gente.

O padre Affonso Braz, por achar o padre Navarro em Porto-Seguro, e lhe determinar suas duvidas, se tornava no primeiro barco. O padre Nobrega se ficou n'esta capitania da Bahia, com o padre Salvador Rodrigues, o qual tinha cuidado dos meninos, e por sua fraqueza não podia confessar, nem dizer missa, e por isso carregava tudo no padre Nobrega, o qual confessava todos os dias da Quaresma, e aos Domingos dizia duas missas, e prégava duas prégações, uma n'esta cidade, e outra na Villa Velha, com andar, cada Domingo uma legua, assim da ida como da vinda, e prégar ás sextas-feiras na cidade, e acudir a todos os negocios espirituaes, que sobrevinham, e a governação d'esta casa, e gente d'ella, que são perto de quarenta pessoas, entre servidores e homens de trabalho, e meninos. O fructo, que Nosso Senhor obrou, não poderei eu escrever em particular; porque se fizeram alguns casamentos de muito serviço

de Nosso Senhor, apartaram-se muitos peccados, reformou-se muita gente em bons costumes.

Certos, irmãos, que a virem mulheres de lá, com que os homens casassem, que se poderá bem chamar esta capitania uma religião ; porque costume de jurar o nome do Senhor, mais estrannado é, entre os leigos mesmos, que em outras partes, entre pessoas religiosas ; se ha desconcertos entre alguns, logo são amigos ; o furtar senão entre pessoas, que por isso vieram degradados ; dos outros máus costumes muito apartados ; creio, que nenhum ficára por ganhar o jubileu, fazendo o que em si era, posto que alguns, por não poderem commodamente apartar-se de indias, de que tinham filhos, esperam por mulheres, com que casem, e se apartem.

O fervor dos escravos com as prégações na lingua e doutrina, é tanto que envergonhavam aos senhores ; e melhor sabem a doutrina christã que os senhores ; os christãos dos gentios, que permaneceram, são taes, que envergonham minha frieza, tambem sabem quando vêm o Domingo, como eu, e não erram nenhum ; e se algum gentio falla mal dos brancos, elles são os primeiros, que lhe vêm a offerecer, para se castigarem os ruins ; e dizem, que já não têm outros parentes senão os christãos ; e de todos os gentios, são estes invejados, e lhes querem mal seus parentes, por amor dos christãos, e, como lhe virem muitas tentações e perseguições, sempre permaneceram, que é cousa de que cá nós muitos nos maranhamos, e com que muito louvamos ao Senhor ; porque uns lhes morreram, outros são sempre doentes, os feiticeiros assacam-lhes mil raivas e muitas mentiras, para os perverter, prégando que nós os matamos com o baptismo, e provam lh'o ; porque muitos delles morreram, e comtudo permanecem no começado, com

muito trabalho dos padres, que não fazem senão prégar contra isto.

O motivo, que tiveram os feiticeiros a prégarem isto, foi por um grande e evidente juizo de Nosso Senhor, que n'esta terra obrou; porque quiz apartar os bons dos máus, e ensinar, que quem quizesse ser christão, que o havia de ser bom, e não como o eram alguns do tempo passado, que os padres acharam, quando primeiramente vieram a este Brasil, e foi de maneira que os que se fizeram christãos, e não permaneceram, quasi que nenhum ficou, que não morresse, depois de amoestados por vezes dos padres, e quiz Nosso Senhor, que os filhos d'estes, que foram baptizados na innocencia, na mesma innocencia falleceram *ne malitia mutaret intellectum*, e d'esta maneira se castigaram os parentes, e elles se salvaram, de maneira que por esta via tirou Nosso Senhor dos corações do gentio, que não podiam servir a Deus e a belial; não podiam ser christãos, e viver costumes de gentios, como d'antes cuidavam, por quanto os baptizavam, deixando-os viver como d'antes, e nunca lhe fallaram n'isso, nem os gentios cuidavam, que ser christão, que era mais que andar vestidos e baptizar-se.

D'esta grande mortandade tomaram os outros occasião, por persuasão dos feiticeiros, a fugirem dos padres, dizendo, que lhes botavam a morte, e a temerem-nos, e por medo fazerem quanto lhes pedem, como darem seus escravos, e não os comerem, quando os padres lhe dizem, como aconteceu, porque ha, a um; e outras cousas, que não se podem escrever.

Os meninos da terra fazem muito fructo, e ajudam muito bem aos padres, e espantam-se os gentios verem-nos fallar com fervor, e sem medo nem vergonha de Nosso Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assim das

prégações, como de cantigas pela lingua e em portuguez, e aprendem muito o necessario, têm sua oração mental e verbal, tudo repartido a seu tempo conveniente, e praticas de Nosso Senhor, que cada dia, todos juntos á noite, o padre Nobrega e os padres lhes fazem; têm grandes fervores e mortificações, que em alguma cousa vos querem arremedar a vós, carissimos irmãos, são grandes os desejos de padecerem, e de irem pela terra a dentro ao sertão em suas peregrinações; se aproveitam muito, o que eu não escreverei; porque o padre lhes mandou, que escrevessem aos meninos de Lisbôa; e, porque poderá ser, que suas cartas as vejais, o não escreverei, sómente de uma derradeira, que fizeram, na qual muito padeceram todos por si os padres e irmãos, como os meninos, porque fugiam os gentios d'elles, como da morte; e despejavam as casas e fugiam para os matos; outros queimavam pimenta, por lhes não entrar a morte em casa; levavam cruz alevantada, a que haviam grande medo e vinham alguns ao caminho a rogar aos padres, que lhes não fizessem mal, que passassem de largo, mostrando o caminho, e tremendo como a verga; não queriam ouvir as prégações, e isto quanto mais entravam pela terra dentro, e mui asinha se tornaram os padres, se já não tiveram entrado tanto, e esperarem achar melhor gentio adiante; e, como o Senhor é ajudador, sempre quando comerem, posto que todo o dia não achassem quem os agasalhassem, nem lhes quizessem dar de comer, sempre ás tardes Nosso Senhor movia os corações dos da aldêa, onde achegavam, a que com muito gasalhado lhes dessem quanto tinham, e alguns sahiram a recebêl-os ao caminho com muita alegria; e se algum tinha pouca fé, parecendo-lhe que seria á noite, o que foi de dia, e que poderia dormir no campo, e perecer á fome, viram evidentemente como *in opportunitatibus adjutor est Dominus.*

O irmão Vicente Rodrigues está d'aqui quatro leguas pela Bahia a dentro, e tem cuidado de visitar algumas aldêas de gentios, onde, por terem mais communicação com os padres, e serem mais achegados parentes d'estes, novamente convertidos, e nos terem muita affeição, está mui aceito entre elles, e é junto onde dizem estar as pégadas de S. Thomé; tem grande auditorio de meninos, que aprendem; tem comsigo dous meninos prégadores, que fazem muito fructo, fazem quanto lhes diz. O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse com D. Alvares, por lingua dos indios *Caramurús*, ao qual tem grande credito os indios, por haver quarenta ou cincoenta annos que anda entre elles, e ser velho honrado, que andasse pelas aldêas com os padres, promettendo-lhe ordenado d'el-rei, o que ao bispo pareceu muito bem, e logo o pôz em obra, e lhe fallou, e assim se fará, e está concertado, ir um dia d'estes por todas as aldêas a prégar contra a abusão, que está semeada entre elles, e declarar-lhes a verdade, e ha de ser pai dos que se converterem.

De S. Vicente tivemos cartas de muita consolação, por muito fructo, que lá se faz, o qual não relatarei, porque d'ella o escreverão largo; escrevem, que todos nós vamos para lá, e deixemos cá tudo d'estas capitanias, ainda que seja muito o que de cá se fizer pela grande seara, que lá se colhe de muito fructo, e por ser gentio, pelo qual se andam as quinhentas leguas, por elle veremos estas cousas, e quasi poucos somos para tanto.

Não sabemos, que dizer, e andamos todos tentados de vêr, que em Portugal andam tantos prégadores de nossos irmãos em partes, onde as almas têm seu Moysés e seus prophetas; e cá, onde tantas almas perecem á mingua, não vir ninguem; pois eu tenho para mim que folgam mais com uma alma brasilea, que estava perdida, que não muitos

justos, que por muitas vias podem ser soccorridos de Nosso Senhor. Vinde, carissimos, que vos esperam muitas almas e muitos anjos, para vos ajudarem, e Nosso Senhor quer já crear povo novo, e gente nova para Jerusalém.

Nos Ilhéos não está ninguem, por não haver padre, que lá esteja, é muito importunado d'ella o nosso padre Nobrega. Ninguem quer vêr senão padres da Companhia; promettem dar quanto têm para as casas. O padre Nobrega determina ir com o governador, e proverá e dará ordem a tudo, e creio que levará os padres, que achar comsigo, deixando as capitanias, esperando por vós, irmãos, que venhaes e soccorraes, porque ha messe, não nos sabemos dar a mãos, e os obreiros são poucos.

Outra do mesmo padre para El-Rei D. João.

A graça e consolação do Espirito-Santo seja com V. A. sempre. Amen. Porque mando este anno um padre de cá a dar conta a V. A. e á Companhia das cousas d'estas partes, e por Thomé de Sousa haver pouco, que de cá partiu, pelos quaes de tudo será bem informado, não tinha eu para que escrever; mas para cumprir com a devoção de V. A., e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho d'estas partes serem favorecidas d'elle, sómente lhe darei alguma conta d'esta capitania de S. Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais apparelhada para a conversão do gentio, que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os christãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações: ha muitas gerações

que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são crueis em suas guerras, como estes da costa, porque sómente se defendem; algumas têm um uso principal, e outras cousas, mui amigas da lei natural, por qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes soccorrermos, maiormente que n'esta capitania nos proveu de instrumentos para isso, que são alguns irmãos linguas, e por estas razões n'esta capitania nos occupamos mais que nas outras. Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolherão alguns orphãos da terra, e filhos do gentio, e do mar dez leguas, pouco mais, ou menos duas leguas de uma povoação de João Ramalho, que se chama Piratininga, onde Martim Affonso de Sousa, primeiro povoou, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer á sua igreja, e aquelles que sua palavra e evangelho engendra pela prégação, e estes de todo deixam seus costumes, e se vão extremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação, e os filhos d'estes são os que se doutrinam no collegio de S. Vicente.

Na Bahia não se entende agora com o gentio por falta de linguas, que não temos; sómente se sustenta aquella casa, e se doutrinam alguns moços, e assim tambem porque andam elles agora todos baralhados em tão crueis guerras, que vizinhos com vizinhos, e casa com casa se comem, que é grande juizo de Nosso Senhor, e é agora o mais conveniente tempo para a todos sujeitarem, e os emporem no que quizerem; e já agora a terra estava honestamente segura e cheia de gente para se poder fazer, se os indios o quizessem contradizer, quanto mais que por certo se tem, que assim uns como os outros, que dentro d'aquella geração de dez ou doze leguas estão, lhes viriam bem, e folgariam aceitar qualquer sujeição moderada, antes que viverem nos

trabalhos, em que vivem; e, porém, os homens commummente vivem e buscam, *quæ sua sunt, non quæ Jesus-Christi*, e querem mais qualquer repouso seu, que o muito que Nosso Senhor ganharia, e não querem aventurar qualquer por sua, por ganharem muito para Christo, e para o bem da terra, e por isso se permitte, que junto das portas da cidade se espedacem corpos humanos, e se comam, o que é opprobrio de Christo, e deshonra da nobreza portugueza, e todos dizem *pax*, *et non erat pax; curavimus Babiloniam, et non est curata*. Parece razão deixaremos esta parte e quinhão ao bispo, e a seus padres, o qual quer levar outro estylo com elles, differente do nosso proceder, e o seu deve ser o melhor, pois é muito virtuoso, zeloso e letrado, e em tudo muito experimentado.

Jesus. Outra do mesmo padre a El-Rei D. João.

Nosso Senhor Jesus-Christo dê muita graça e consolação a V. A. sempre. Amen. De Pernambuco escrevia a V. A. mais largo, do que agora farei, porque d'ella não havia tantos, que informassem da terra a V. A. como a de cá: o bispo mostrou-se nosso senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, apezar do principe das escuridades, que bem quizéra estorvar sua vinda, pois com elle *efficientur foras*, e davam muitas almas gloria ao Senhor.

Já que escrevi a V. A. a falta, que n'esta terra ha de mulheres com que os homens casem, e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande V. A. muitas orphãs, e se não houver

muitas, venham de misturas d'ellas quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharáõ, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado. Esta terra é tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos officiaes de V. A. que lá têm, com terem muito gasto e pouco proveito ir de cá, maiormente aquelles, que desejam mais irem de cá muitos navios carregados de ouro, que para o céo muitas almas para Christo; se se não remediar em parte, com V. A. mandar moradores, que rompam e queiram bem a terra, e com tirar officiaes tantos e de tantos ordenados, os quaes não querem mais, que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma aução de irem importunar a V. A.; e como este é seu fim principal, não querem bem á terra, pois tém sua affeição em Portugal, nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem; isto é o geral, posto que entre elles haverá alguns fóra d'esta regra.

Accrescenta-se agora gastos de bispo e cabido, o que a terra n'este principio não poderá sustentar juntamente com os officiaes, bastava que um governador com um ouvidor geral, sem *assignaturas* (duas) para não haver muitas demandas, e pouco mais para tudo, o que ao presente na terra ha por fazer, porque não sei, que parece haver officiaes de duzentos mil réis, com fazerem pouco mais de nada, dos dizimos da igreja, e os padres morrerem de fome, com rezarem todo o dia; o mais do que aproveitavam até agora, foi de representarem gente, elles e seus criados, o qual bem se escusava, se virem moradores, algumas vezes cuido, quão bem empregado seria, entretanto que a terra ajuda mais dar V. A. uma igreja ao bispo e cabido do mestrado de Christo, ou Santiago, pois é tanto para serviço do mesmo Christo.

Temos por nova, que manda V. A. ir para o anno o

Thomé de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muita que temo vir outro, que destrua isso pouco que está feito, e que favoreça mais os peccados, vicios, que este, e que queira ir aproveitado á custa da terra; sei que folgará muito de viver n'esta terra se cá tivesse sua mulher, ainda que não fosse governador, se uma filha que tem a tivesse casada; isto tudo não sei como possa ser, os meus desejos em Nosso Senhor são que, ou elle se não vá ou façam lá outro por elle; porque o maior mal, que lhe achamos é ser mais amigo da fazenda um pouco de V. A. do que deve: ao menos, lembro a V. A. que não mande a esta terra governador solteiro nem mancebo, se a não quer vêr de toda destruida; e grande bem seria, se fosse casado, e viesse com sua mulher para dar-mos principio e fundamento a estas casas das capitanias, que começamos a fundar. Não somos já idos a descobrir a terra, segundo as novas que temos, posto que, com todos meus irmãos, muito o desejamos já; e certo que o espirito do Senhor nos compelle, e força já muito, mande V. A. muitos da Companhia, que sustentem este pouco que está ganho, para que nós possamos ir buscar thesouro dolinas (*sic*) para Nosso Senhor, e descobrir proveito para este reino e rei que tambem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

As mais novas da terra, haverá muitos, que as dirão a V. A., o que me a mim occorre para dizer, é que vai tudo em crescimento, assim no espiritual como temporal, alguns se fazem christãos, depois de muito provados, e vai-se pondo em costume de, ou serem bons christãos, ou apartarem-se de todo da nossa conversação; e os que agora se baptizam, os apartamos em uma aldêa, onde estão os christãos, e têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem

baptizar muitos em multidão, porque a experiencia ensina que poucos vêm a lume, e é maior condemnação sua, e pouca reverencia do Sacramento do baptismo; o temporal, tambem vai em crescimento, posto que de vagar, porque V. A. não manda moradores, que aproveitem a terra.

Para mim tenho por averiguado, que se vierem moradores, que este gentio se senhoreará facilmente, e serão todos christãos, se vindo elles se defender, resgatar com os gentios, permittindo-se sómente resgatar com os christãos e cathecumenos, que viverem apartados dos outros, debaixo da obediencia de HOMENS, um pai, que os reja, e de um padre nosso, que os doutrine, e d'esta opinião, acho que a todos que, da terra mais sabem, porque gente, que não tem Deus, por quem morram, e tem tanta necessidade do resgate, sem o qual não terão vida, ainda que muito a seu salvo nos pudessem botar da terra, não lhes convinha, e se os obrigarem a serem christãos, para poderem resgatar, facilmente o farão, e já agora o fariam, se lh'o defendessem; e, porém, a necessidade, que temos d'elles, e de seu serviço e mantimentos, o não permitte, e se vierem moradores, que rompam a terra, escusar-se-ha o trato com elles, e a terra de todo se assegurará.

A terra recebe muito bem ao bispo, e já se começa de vêr a olho o fructo, o qual esperamos, que cada vez mais irá em crescimento, porque da primeira prégação, que fez já, cada um começa a cobrir e dar roupas a seus escravos, e vêm vestidos á igreja, o que faz a autoridade e magestade de um bispo; espero no Senhor, que com sua vida e doutrina, se faça n'esta terra um bom povo christão; favoreça V. A. de lá, e não abastem friezas, e desgostos de estorvadores, a estorvarem o santo zêlo, e

proposito de augmentar a fé catholica, que Deus Nosso Senhor tem dado a V. A.

Outra carta do mesmo padre para o padre provincial de Portugal (Nobrega).

Uma recebi de Francisco Henriques escripta por mandado de F... alegrou-nos muito com as mais que dos irmãos soubemos. Vespora da vespora de S. João chegou o bispo a esta Bahia, com toda a náu e gente de saúde, posto que trouxeram prolixa viagem, e que parecia a todos, que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nós tememos querer Nosso Senhor castigar os peccados d'esta terra, com não nol-a trazer, *sed tristitia nostra versa est in gaudium*, com a trazer com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor; o bispo veiu pousar comnosco, até que lhe marcaram umas boas casas, em que agora está; é muito benigno e zeloso, e mostra-se n'elle bem ter amor, e sentir as cousas da Companhia; prégou dia de S. Pedro e S. Paulo com muita edificação, com que muito ganhou os corações de suas ovelhas; eu trabalharei sempre por lhe obedecer em tudo, e elle não mandará cousa, que prejudique a nosso instituto e bem da Companhia.

O bispo determina occupar-nos na visitação das capitanias, e agora n'este navio encarrega ao padre Antonio Pires, que está em Pernambuco, até elle ir visitar; e, considerando eu a obediencia, que lhe devo ter, e não nos occupar mais que inquerir e amoestar, e não julgar ninguem, nem tomar conta de cousas, e a falta, que d'isso

ha de homens, e assim esta primeira vez ha de ser tudo por amor, me determino fazel-o, por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; se V. R. lhe não parecer bem, escreva-lhe, que não nol-o mande; porque diz que V. R. lhe disse, que nós o ajudariamos n'isso. Este collegio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fructo; porque andam pelas aldêas com prégações e cantigas de Nosso Senhor pela lingua, que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via; o mantimento e vestuario, que nos El-Rei dá, todo lh'o damos a elles, e nós vivemos de esmolas, e comemos pelas casas com os criados d'esta gente principal, o que fazemos, porque se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberem que tudo é dos meninos. O governador ordenou de dar a dez, que viemos de Portugal, um cruzado em ferro cada mez, para a mantença de cada um, e cinco mil seiscentos réis para vestir cada anno, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer n'esta terra; e porém eu não lhe puz grosa, porque nem ainda esse merecemos. Já tenho escripto sobre os escravos, que se tomaram, dos quaes um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar, tambem tomei doze vaquinhas para criação, e para os meninos terem leite, que é grande mantimento; em toda a maneira este anno tragam os padres provisão d'El-Rei, assim dos escravos como d'estas doze vaccas, porque tenho dado fiador para dentro de um anno as pagar a El-Rei, e será grande fortuna se d'este anno passar, nas vaccas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e tambem os outros collegios das capitanias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isto, e querem dar escravos e muita ajuda.

D'aqui a dois mezes irá o governador correr a costa e irei com elle visitando as casas, e darei ordem, como me

Nosso Senhor ensinar, para que se comecem a fazer; posto que algumas estão já bem principiadas.

Mande V. R. padres, e com elles alguns meninos de bom exemplo, e boas fallas, para lhes darem bons principios. N'esta terra custa muito pouco fazer-se um collegio, e sustentar-se, porque a terra é muito farta, e os meninos da terra sustentam-se com muito pouco, e os moradores muito affeiçoados a isto, e as terras não custam dinheiro; este da Bahia foi mais trabalho, porque se fez sem ajuda dos moradores em terra povoada de pouco, e os meninos d'ella serem degradados e gente pobre; se El-Rei favorecer este, e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos, que digo; me dizem que mandam mais escravos a esta terra de guime, (*sic*) se assim fôr, podia logo vir provisão para mais tres ou quatro, além dos que a casa tem, antes de um anno se sustentariam bem (!) meninos e mais; porque assim como ella está agora mantendo a trinta pessoas, e mais agora mando fazer algodoáes para mandar lá muito algodão, para que mandem pannos, de que se vistam os meninos, e não será necessario, que o collegio de Coimbra que nos ajude senão com orações, antes de que lhe seremos bons em alguma cousa.

Vicente Roiz era muito doente e enfermo, sempre se queixava da cabeça, mandei-lhe, que não fôsse mais doente, e assim o fez, já o não é de um anno para cá, e nos ajuda mui bem em tudo. Salvador Roiz tem cuidado dos meninos, e fal-o muito bem, e tambem se acha já melhor; o padre Navarro está em Porto-Seguro, faz seu officio; Affonso Braz tem cuidado do Espirito-Santo, tem grande collegio, manda-me pedir meninos, para o principiar; Leonardo Nunes, e Diogo Jacome estão em S. Vicente, ha dias que não tenho novas d'elles; este anno mandei o padre Paiva e alguns meninos, a visital-os, por eu não poder ir agora;

irei cedo com a armada; a fama d'elles é grande; Antonio Pires está em Pernambuco; Francisco Pires está agora aqui n'esta Bahia; todos servem a Nosso Senhor, e empregam bem seus talentos *pater, quos dedisti mihi non perdidi*........ por suas virtudes, e pelas orações de V. R., posto que meu máu exemplo abastava bem a destruir tudo, e, quando regidos por mim são tão bons, que fará se V. R. mandar um bom, que d'elles e de mim tenha cuidado, *veniat, pater, veniat, si amat Jesum Christum.*

Eu tinha dois meninos da terra para mandar a V. R., os quaes serão muito para a Companhia; sabem bem lêr e escrever, e contar, e são cá prégadores, e não ha cá mais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um anno, e algum pouco de latim, para se ordenarem, quando tiverem idade, e folgára El-Rei muito de os vêr, por serem primicias d'esta terra; e por não ter embarcação boa, e ser já tarde, e andarem francezes, os não mando este anno, para outro irão com o governador, se V. R. me não escrever o contrario.

O governador Thomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso, e entende tão bem o espirito da Companhia, que lhe falta pouco para ser d'ella; não creio que esta terra fôra avante com tantos contrastes, como teve, se houvéra outro governador, dizem, que se vai este anno, que vem, que tememos muito vir outro, que destrua tudo; de quantos de lá vieram nenhum tem amor á esta terra, só elle, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se ir; parece-me que se El-Rei lhe der lá o que tem á sua filha, e a casar, e lhe mandar sua mulher, que folgará muito de viver cá, não por governador, senão por morador, com o que cá tem; digo de sua criação e seus escravos; porque é muito contente d'esta terra, e acha-se muito bem n'ella, e muitas vezes conheci

isto d'elle, nem crerá ordenado d'El-Rei, mais que qualquer favor de honra em sua vida; e se este homem cá assentar será grande favor da terra, e com elle se ganharão muitos moradores; dê V. R. d'isso conta a El-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas; V. R. lhe escreva os agradecimentos de muitos favores, que nos cá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor.

Muito desejosos andamos todos de ir pelo sertão, porque a nenhuma parte iremos, onde não haja apparelho melhor para se fazerem bons christãos, que nas capitanias, os quaes para bem nos crerem é necessario que por tempo nos experimentem, e venham a conhecimento da verdade; porque inda agora a medo nos crêm, em razão das muitas maldades dos brancos, até agora o porque o dilatamos é por dar principio a estas casas das capitanias onde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comam a todos os que fôrem, mande V. R. logo muitos para que haja, para deixar nos collegios, e levar dous ou tres, e com elles e com o bispo teremos lugar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de gentios, onde acharemos alguns escolhidos para o reino dos céos. A nossa igreja, que fizemos, se nos cahe; porque era de taipa de mão, e de palha, agora ajuntarei estes senhores mais honrados, que nos ajudem a reparal-a, até que Deus queira dar outra igreja de mais dura, se a V. R. parecer bem fallar n'isso a El-Rei; senão os padres, que vierem, farão outra, que virão com fervores, que dure outros tres annos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra, senão se fôr d'aqui quinhentas leguas pelo sertão.

Outra do mesmo padre ao padre-mestre Simão.

Por todas as vias, que posso, escrevo a V. R., *quia amo patrem meum, qui et ipse amat me*; e porque me parece, que tenho já bastantemente escripto, n'esta sómente darei conta a V. R. de algumas cousas, que nas outras fui falto.

Todos os padres e irmãos estamos de saude, gloria a Nosso Senhor, corporal, e quietos no espirito; cada um trabalha segundo seu talento e graça, que Nosso Senhor lhe dá. Já tenho escripto por vezes a V. R. como n'estas partes pretendiamos criar meninos do gentio, por ser elle muito, e nós poucos, e saberemos lhe mal fallar em sua lingua, e elles de tantos mil annos creados e habituados em perversos costumes, e por este nos parecer meio tão necessario á conversão do gentio, trabalhamos por dar principio á casos, que fiquem para emquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos collegios, em que se criem soldados para Christo; confirmou isto mandarem de lá meninos, os quaes, como não fôssem para este fim, e para darem principio á casa, não sei para que cá eram; o que tudo praticando com o governador, e vendo a difficuldade de manter os meninos, que de lá vieram, em razão da terra ser nova, e pouca gente n'ella, que lhes pudesse dar esmolas, por serem os mais degradados, e outra gente pobre e miseravel, assentámos com o parecer dos mais padres nossos de tomarmos terra, e ordenarmos casas de meninos, e logo assim nós, por nossas mãos, como rogando aos indios da terra, como os escravos dos brancos, e elles mesmos, por sua devoção, começámos a roçar, e fazer mantimentos aos meninos, como zeloso e virtuoso que é, porque as esmolas, que se pediam, não bastavam a um só comer, depois que d'ella mandaram o

alvará d'El-Rei para nos darem mantimentos e vestuario, ordenaram os officiaes de darem a dez que viemos um cruzado em ferro a cada um, que sahia pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a mantença nossa, e cinco mil e seiscentos réis para vestido de cada padre, cada anno, o que tudo applicámos á esta casa para os meninos, e nós no vestido remediamo-nos com o que ainda do reino trouxemos; porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquei, que V. R. por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no collegio, em sãos fins; e no comer vivemos por esmolas.

Depois que vieram os escravos d'El-Rei de Guiné a esta terra, tomaram os padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-se o tempo agora cedo.

D'esta vestiaria fiz marcar outros escravos da terra; este anno, que vieram vaccas d'El-Rei, tambem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores para d'ahi a um anno se pagar pela criação e leite para os meninos; tenho principiado casas para os meninos conforme a terra; até agora passámos muito trabalho para os manter, já agora que os mantimentos se vão comendo, vai a casa em muito crescimento, e os meninos têm o necessario, cada vez melhor, de maneira que d'onde antes com muita fortuna mantinhamos a sete ou oito, agora mantem a casa a cincoenta e tantas pessoas, sem o sentir, tem a casa um barco e escravos, que matam peixe.

Alguns escravos d'estes, que fiz marcar para a casa, são femeas, as quaes eu casei com os machos, e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei um homem leigo, que d'elles todos tem cuidado, e os rege e governa, e nós com elles não temos conta, e com o homem nos entendemos, e o homem com elles; a causa, porque se tomaram femeas, é porque d'outra maneira não se póde ter roças

n'esta terra, porque as femeas fazem a farinha, e todo o principal serviço e trabalho é d'ellas; os machos sómente roçam, e pescam, e caçam, e pouco mais; e como n'esta terra os mais homens sejam solteiros, e têm escravas, com que peccam, os quaes não absolvemos sem que primeiro não as apartam de si, e elles acham outros padres, que os absolvem, tomam occasião de dizerem, que tambem nós temos escravas, que se não escusam.

Acerta-se tão bem algumas vezes seremos causa de se forrarem os negros salteados; porque d'outra maneira não absolvemos, no que não lhes fallam os outros padres; ajunta-se tudo para lançarem mão de murmurarem, e principalmente os *Carijós*, que fizemos forrar por serem salteados, sendo christãos já na sua terra; e os puzemos no Espirito-Santo casados os machos com as femeas em sua liberdade, e sómente recolhi comnosco dois moços para aprenderem comnosco a serem bons christãos; tambem nos pediam dizimos do peixe e do mantimento dos meninos, o qual, por eu não consentir, que se pagassem, se queixaram alguns: estas cousas e outras, que, por serem de pouca substancia, não as digo, e vêr que me desinquietava, muito porque esta casa fôsse avante, e quanto mais a nosso saber viveramos se fôramos e viveramos sós, e com se fallar menos, que temos terras e escravos, posto que se fizer a menos, e ganhára menos para Christo, me determinei com meus irmãos de darmos a entender ao mundo, que d'esta casa não queriamos nada para nós senão para os meninos, por todas as vias que pudessemos, e assim ordenamos de ir pedir de comer pelas casas, e os mais dos dias, dois, que entramos na cidade, imos comer com os criados do governador, o qual dá de comer com seus criados a todos que o não têm, e o querem ali ir tomar, e entre outros somos nós d'estes, e em parte nos foi bom o murmurarem de nós,

porque d'antes as mais das vezes passavamos como Nosso Senhor bem sabe, e não sei a vida que levavamos com tanto trabalho, se pudéra muito durar, e agora uma vez ao dia comemos de maneira que é melhor que duas, que antes comiamos em casa; e nos tiramos de negocios temporaes, quanto podemos, commettendo-os a leigos.

N'este comenos chegou o bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegaram logo as vozes dos murmuradores, e elle como zeloso e pai m'o disse, aconselhando-me o que devia de fazer, o que tudo posto em seu parecer, e communicando com o governador e outros, que muito em Christo nos amam, determinámos escrever assim tudo largo a V. R., e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da casa, a qual eu dava á Misericordia d'esta cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, o que nem elles, nem ninguem, quizeram aceitar; casas de meninos n'estas partes são muito necessarias, não se podem ter sem bens temporaes, e de maneira que esta casa está fundada, e sendo assim de haver estes e outros escandalos, para a Companhia a se lançar de todo d'isto não se podem sustentar estas casas nem ha zêlo, nem virtude, nem homens para isto, que bastem, podem-se reger no temporal por homens leigos, com ser a superioridade de tudo da Companhia, e do padre dos meninos no espiritual tiver cuidado, se lá houvessem homens ou padres do espirito e virtude do padre Domenico, a quem isto tudo encarregassem, tudo estaria em seu lugar. Agora veja V. R. e dê conta d'isso mui largo a Nosso Senhor, e mande-nos o que façamos d'esta casa e das outras; tambem me parece, que o bispo d'isso dará conta a V. R.

Com a vinda do bispo, foi a terra mui alegre, e estão todos mui edificados de suas prégações; é muito zeloso da gloria e honra de Nosso Senhor, e tal qual esta terra

havia mister ; porque a vir um bispo passeiro freugmatico e negligente, como tenho visto outros, eu morrêra de triste, e porventura fôra ao inferno por ter pouca paciencia ; disse missa em pontifical, dia de Nossa Senhora de Agosto, cousa tão nova, e de tanto espanto n'esta terra, e eu e outros padres ministrámos ali com capas, e folgára muito V. R. de nos vêr por quão bem o faziamos, não o havendo feito nunca ; é mui desconsolado, a terra tão pobre, que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigações de manter a muitos, e sua idade não soffre já os desamparos desta terra ; é necessario, que V. R. tome n'isto a mão, pois lá não têm outrem, ninguem, que suas cousas lembrem, e fazendo a elle, fal-o a toda a terra, e á honra do nome de Christo, e á Companhia, e a todos ; que nos parecia bem a todos, que désse El-Rei alguma commenda de Christo ou Santiago grossa a esta terra, ou pensam em outro bispado, para o bispo e cabido, até esta terra dar de si mais amor, porque até agora ha n'ella pouco mais de matos, e boas aguas, e bons ares, e alguma miseria se d'ella vem, e para mim, que nunca me fartei de pão, e bom, porque me farto n'ella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuva, nem muita sêcca, o que a idade do bispo não soffre, e de outra maneira nem nós teremos prelado, nem a terra poderá ir muito avante, pois V. R. foi principio de tão grande bem, apparelhe-se aos trabalhos de o levar avante.

Com a vinda do bispo, se moveram algumas duvidas, nas quaes eu não duvidava, porque são soberbos e muito confiados em meu parecer, as quaes nos pareceu bem communical-as com V. R. para que as ponha em disputa entre parecer de letrados, e me escreva o que devo fazer.

Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente d'esta terra, que não sabe fallar nossa lingua; porque parece cousa nova, e não usada em a christandade, posto que *caret in summam*, 11ª *condit.*, e os que alega *Non c. fratres* n. 85, de *penit. diest.* 5ª digam que podem, posto que não sejam obrigados.

Item, ha costume n'estas partes de se permittirem os gentios nas igrejas, á missa juntamente com os christãos, e não os deitam fóra para não os escandalisar, se se guardará o direito antigo, ou se se permittirá estarem todos de mistura.

Item, se nos abraçarmos com alguns costumes d'este gentio, os quaes não são contra a nossa fé catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua e pelo seu tom, a tanger seus instrumentos de musica, que elles em suas festas, quando matam contrarios, e quando andam bebados, e isto para os attrahir a deixarem os outros costumes essenciaes, e, permittindo-lhes e approvando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros, e assim o prégar-lhes a seu modo em certo tom, andando, passeando e batendo nos peitos, como elles fazem, quando querem persuadir alguma cousa, e dizel-a com muita efficacia, e assim tosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo, porque a semelhança é causa de amor, e outros costumes semelhantes a estes.

Item, como nos haveremos acêrca dos gentios, que vêm nos pedir o baptismo, e não têm camisas nem roupas para se vestirem, se, sómente em razão de andarem nús, tendo o mais apparelhado, lhes negaremos o baptismo, e a entrada na igreja, á missa e doutrina; porque parece que andar nú é contra a lei da natura, e, quem a não guarda, pecca mortalmente, e o tal não é capaz de receber Sacramento,

e por outra parte eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nú, não negando ser bom persuadir-lhes, e prégar-lhes, que se vistam e mettel-os n'isso quanto puder ser.

Item, se é licito fazer guerra a este gentio e captival-o, *hoc nomine et titulo*, que não guarda a lei de natura por todas as vias. Isto e as mais duvidas que no anno passado escrevi, as quaes ainda me não satisfizeram, faça V. R. pôr em disputa no collegio de Coimbra, e mande-me o parecer dos principaes letrados da universidade, porque, assim como para cá, como para a India, e outras partes de infieis, será proveitoso saber-se, ou para melhor dizer mande V. R. quem de todo nos tenha cuidado, e ensinado, ensaiado e amestrado no que cá devemos de fazer em tudo. O bispo mostra grande fervor de se entender na conversão de gentios, ordena um pai dos que se converterem, o qual é muito para isto que é Diogo Alvares, muito acreditado entre este gentio, andará comnosco pelas aldêas prégando: favoreça V. R. de lá com fazer que El-rei lh'o escreva e agradeça, e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

Outra para o nosso padre Ignacio.

A summa graça, etc. Depois de ter escripto a V. P. o anno passado de 1555 por duas, veiu o padre Lins da Graça no mez de Maio, com cuja vinda nos alegrámos todos, e tomámos novo fervor, e esforço para o serviço do Senhor, e eu me determinei com seu conselho em algumas duvidas que tinha.

Por este navio, que veiu, soubemos como El-Rei mandava

ir o bispo de cá ; e creio, que já o não acharei na Bahia, e portanto nos determinámos, o padre e eu, de fazermos nossa profissão d'esta maneira. Elle a fez em minhas mãos, como provincial, por não haver outro prelado na terra, o qual eu depois nas suas, como professo ; e porque as embarcações n'esta terra são difficultosas, e não nos esperaremos vêr tão cedo, o padre Luiz da Graça, e eu, m'aceitou com tal intenção, que V. P. o haja por bem ; e com vontade d'elle e eu a tornaremos a fazer, quando na feita houvesse alguma duvida.

Se eu achar o bispo na Bahia, ou outro provincial, como espero, lá a tornarei a ratificar, e o mesmo fará o padre Luiz da Graça, quando tiver quem lh'a aceite; se n'isto acertamos, ou se o podiamos fazer, e se a aceita, nos faça escrever V. P.

Da Bahia tenho novas, estarem os gentios subjugados por guerra, e mui aptos para receberem lá doutrina; levo de cá alguns irmãos para n'isso se entender de proposito, e o mesmo crerá Nosso Senhor, que seja por toda a costa.

O gentio d'esta terra, como não tem matrimonio verdadeiro, com animo de perseverarem toda a vida, mas tomam uma mulher, e apartam-se quando querem ; de maravilha se achará em uma povoação, e nas que estão ao derredor perto, quem se possa casar, dos que se convertem legitimamente á nossa fé, sem que haja impedimento de consanguinidade ou afinidade, ou de publica honestidade, e este nos é o maior estorvo que temos, não os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ousamos a dar o Sacramento do baptismo, pois é forçado ficarem ainda servos do peccado ; será necessario haver de sua S. S. n'isto largueza d'estes direitos positivos, e se parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda afinidade e

seja tio com sobrinho, que é segundo gráu de consanguinidade, e é que o seu verdadeiro casamento da parte da irmã, porque a filha do irmão é entre elles como filha, e não se casam com as taes; e, posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aquelles que, antes de se converterem, já eram casados conforme as nossas bulas, e ao direito canonico, isto não póde cá haver lugar; porque não se casam para sempre viverem juntos, como outros infieis, e se isto usamos alguma hora é fazendo-os primeiro casar, *in lege naturæ*, e depois se baptizam.

N'estas cousas estamos mui atados, e desejamos vêr a clareza e um largo poder; e o mesmo é dos mestiços da terra, que n'isto são iguaes com o gentio; e tambem ha d'estes impedimentos entre os christãos, que cá vivem; e muitos não podem ter recursos á Roma, e apartarem-se seria escandalo. Saberá V. P. como me embarco para a Bahia muito chegado á morte de uma enfermidade de que n'esta terra não tenho visto escapar nenhum, que é inchação do estomago; vou mui confiado de achar na Bahia provincial, assim por se me acabar os tres annos, como por ser já razão, que me deixe já refrigerar algum pouco, como por vezes já tenho escripto a V. P. e creio, que já deve de ter ouvido a petição d'este seu pobre filho.

Outra do mesmo padre para o nosso padre Ignacio, de 1556.

Saberá V. P. como a estas partes me mandaram os padres e irmãos, que viemos, e até agora vivemos sem lei nem regra, mas que trabalharemos de nos conformar, com o que haviamos visto no collegio, e, como n'elle haviamos estado pouco, sabiamos pouco. Chegámos á Bahia onde começámos

a exercitar-nos com o gentio, e com os christãos, vivendo de esmolas; o anno logo seguinte vieram outros quatro padres, e com estes sete ou oito meninos orphãos da casa de Lisboa, com uma procuração do padre para o Domenico, que d'elles tinha cuidado, para eu poder fazer casas e confrarias da maneira que em Lisboa se fizéra, e com elles não veiu nenhum aviso, mas estes vinham encarregados aos padres; vendo eu isto, determinei-me com os mais padres e irmãos, que aqui nos achamos, parecendo-nos ser causa de que a Companhia se encarregava a fazer-lhes casa, e pedi terras ao governador, ovelhas, alguns escravos d'El-Rei e umas vaccas para criação, determinando com aquelles que vieram, metter outros orphãos da terra, que havia muitos perdidos e faltos de criação e doutrina, e dos filhos dos gentios quantos se pudessem manter na casa, e, entendendo-se n'isso, chegou o padre Luiz da Gram, e os mais padres e irmãos, que com elle vieram, com a vinda dos quaes soubemos, como se a Companhia lançára de ter carrego dos taes orphãos, todavia escreveu-me o padre Mirão, que dos filhos do gentio tivessemos, como tinhamos, até sabermos recado de V. P.; e quanto aos orphãos, de que o padre Domenico tinha carrego, trabalharia, que não mandassem mais; todavia este anno passado de 555 annos, mandaram dezoito ou vinte á Bahia, que não foi pequena oppressão para os padres, que ahi estavam para lhes buscarem a sustentação, porque, o que elles tinham, não lhes bastava agora, que eu vou á Bahia, trabalharei quanto fôr possivel para apartal-os, e a outros da terra, dando carrego d'elles e de seus bens temporaes, a quem d'elles tenha cuidado, ficando-nos o ensinal-os e doutrinal-os sómente; V. P. me avise d'isto, o que lhe parecer mais gloria de Nosso Senhor. N'esta capitania de S. Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra do gentio, que

se doutrinavam n'esta casa, e estavam de mistura com alguns irmãos, que elle recolheu n'esta terra, a todos era muito difficultosa, e obrigavamo-nos a cousas, que não eram de nosso instituto, porque a mantença d'elles é na terra haver poucas esmolas para tanta gente, foi-me forçado, desde que á esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus pais, d'onde eram a maior parte d'elles, e com elles passei alguns irmãos e fizemos casa e igreja, e tivemos comnosco sómente alguns que eram de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os filhos e os pais e mãis, e outros alguns, como pelas cartas dos quadrimestres veja, d'aqui se visitam outros lugares de gentio, que estão ao redor.

N'esta casa se lê grammatica a quatro ou cinco da Companhia, e lição de casos a todos, assim padres como irmãos, e outros exercicios espirituaes; a mantença da casa, a principal é o trabalho de um irmão ferreiro, que por concertar as ferramentas dos indios lhe dão de seus mantimentos, e é a boa industria de um homem leigo, que com tres ou quatro escravos da casa, e outros tantos seus faz mantimentos, criação, com que mantém a casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem á casa, e com a esmola, que El-Rei dá; tem tambem esta casa umas poucas de vaccas, as quaes, por nossa contemplação, se deram aos meninos, quando estavam em S. Vicente, e do leite d'ellas se mantém a casa; a casa de S. Vicente se ficou para se viver de esmolas, os que se n'ella se pudessem sustentar, que serão dois ou tres sómente.

D'esta maneira vivemos até agora n'esta capitania, onde estavamos seis padres de missa, e quinze ou dezeseis irmãos por todos; e aos mais sustentava aquella casa de S. Paulo, de Piratininga com alguns meninos do gentio, sem se determinar, se era collegio da Companhia, se casa de meninos, porque nunca me responderam a carta

que escrevesse sobre isto, e n'estes termos nos tomaram as constituições, que este anno de 56, nos fez Nosso Senhor mercê de nol-as mandar, pelas quaes entendemos, não deveremos ter carrego, nem de gente para doutrinar na fé ; ao menos em nossa conversação conhecemos tambem, não poderem os irmãos ter bens temporaes nenhuns, se não fôr collegio ; vêmos, que para se fazer aquella casa de S. Paulo collegio, não tem mais que a grangearia d'aquelles homens com aquelles escravos, os quaes morreram, e nós não buscamos outros : assim mesmo o irmão ferreiro é doente e velho, não sei quanto durará ; as vaccas foram adquiridas para os meninos da terra, e são suas, a esmola d'El-Rei é incerta, para não ser collegio, senão casa, que viva de esmolas, é impossivel poderem se sustentar os irmãos d'aquella casa, em toda esta capitania, nem como eu agora, levar cinco ou seis, que imos d'elles para o Espirito-Santo, d'elles para a Bahia, porque as povoações dos christãos são muito pobres, e se n'esta casa de S. Vicente, se não podem manter mais de dois ou tres que é a principal villa, quanto mais nas outras partes: vendo-nos o padre Luiz da Gram e eu n'esta perplexidade, dando conta aos padres, que nos aqui achamos, nos pareceu escrever estas cousas todas a V. P., e ao padre-mestre Ignacio, para que com o que lá se assentarem, se tomar resolução nas cousas seguintes.

Primeiramente se nos convém, que aquella casa de Piratininga seja de meninos ; a nós cá parecia-nos, que não, e que é melhor andal-o doutrinando por suas povoações a pais e a filhos ; e, se todavia El-Rei quizesse casa d'elles, e os quizesse manter, nós não teremos mais, que a superintendencia espiritual sobre elles ; e já que El-Rei os não queira manter, nem nos convenha têl-os,

se será bom fazermos d'aquella casa collegio da Companhia, e n'isto o nosso voto é que, se S. A. quizesse dar áquella casa alguns dizimos de arrôz e miunças, já que alli hão de estar padres e irmãos, applicando áquella casa para sempre, e tirar de nós toda a esmola, que cá nos dão, que era muito bem fazer-se collegio, e se serviria muito Nosso Senhor d'elle, e á S. A. custaria menos do que lhe custa, o que nos agora dá, e podia dar-nos alguns moios de arrôz do dizimo, e o dizimo da mandioca da villa de S. André, que creio que tudo é menos do que cá nos dão ; e a nós escusar-nos-hia de mandarmos fazer mantimentos, nem teremos necessidade de ter escravos, e com isto, e com o mais, que a casa tem, seria collegio fixo, porque já tem casas e igrejas, e cêrca em muito bom sitio, posto que o melhor da terra, de toda abastança, que na terra póde haver, em meio de muitas povoações de indios, e perto da villa de S. André, que é de christãos, e todos os christãos desejam ir alli viver, se lhes déssem licença ; alli foi a primeira povoação de christãos, que n'esta terra houve em tempo de Martim Affonso de Sousa, e vieram-se a viver ao mar, em razão dos navios, de que agora todos se arrependem, e, todavia, a alguns deixaram lá ir viver; assim tambem ensina-se já alli grammatica a alguns estudantes nossos, e lição de casos a todos : e, sendo collegio, alargando-se de todo o cuidado dos meninos da terra, será necessario haver trespassação do Nuncio, onde quem o poder fazer, para aquellas vaccas, que são dos meninos, ficarem ao collegio nosso, no qual não haverá cá escandalo nenhum ; porque, como se houveram por contemplação do nosso irmão Pero Corrêa, todos as têm por dos irmãos, mas, ellas na verdade, d'ellas foram doadas com umas terras, assim mesmo do irmão Pero Corrêa.

Na Bahia, se El-Rei ordena de fazer collegio da Companhia deve-lhe de dar cousa certa, e dotar-lh'o para sempre, que seja mantença para certos estudantes da Companhia, e não deve aceitar V. P. dada de terras com escravos, que façam mantimentos para o collegio, senão cousa certa, ou dos dizimos, ou tanto cada anno de seu thesouro, salvo se lá acharem maneira, com que nós em nada nos occupamos n'isso, o qual eu não sei como possa ser, e ordene V. P. que não nos dêm cá nada aos padres, que entendemos com os proximos; porque parece, que é dar-nos renda, e como salario de nossos trabalhos; mas o que nos S. A. havia de dar, se devia repartir por estes dois collegios: sc. o da Bahia e este de S. Paulo de Piratininga, que está principiado, de tal maneira, que a maior parte fôsse para a Bahia, e os mais padres, que não estiverem nos collegios viverão de esmolas; n'isto assentamos o padre Luiz da Gram e eu.

Do mesmo padre, quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557, ao nosso padre Ignacio.

Este quadrimestre de Janeiro até Abril relatará cousas, que muito aos de cá nos hão consolado, e outras que nos hão entristecido; porque á maneira de lavradores nos havemos, que se vêm suas sementeiras ir bem, se alegram, e se tempo contrario lhes succede, se entristecem: de um, e de outro, será V. P. informado, para que lhe caiba parte das consolações, e assim das desconsolações de seus filhos, para que apresentando tudo á sua divina magestade em seus sacrificios e orações, negocie com a divina misericordia, que cumpre a estes seus filhos desterrados, e

para este novo povo, que em Christo e para Christo se começa a criar.

A estes indios, que ficaram aqui junto com os christãos, posto que lhes defenderam o comer carne humana, não lhes tiram o irem á guerra e lá matarem, e por conseguinte comerem-se uns a outros, o que bem se poderá defender a estes vizinhos dos christãos, segundo estão amedrontados, mas é a pratica commum de todos os christãos fazerem-nos guerrear e matar, e induzirem-nos a isso, por dizerem, que assim estarão mais seguros; o que é total estorvo de sua conversão, e por esta causa e outras, não ouzarão os padres baptizal-os, até se n'isso não prover. Aconteceu, pois, que vespora dos reis na aldêa do Tubarão, onde residia o padre Navarro, sendo ido o principal com sua gente á guerra aos contrarios, que está além da Bahia, os mesmos contrarios vieram por outra parte, e deram em uns poucos, que estavam fazendo sal para o governador, menos de meia legua d'esta cidade, e mataram muitas mulheres da aldêa do Tubarão, e outros feriram e levaram; a vinda, que este principal vinha, deu com os que haviam tomado os seus, e depois de muita peleja, tomou a alguns dos mesmos que haviam dado o salto, dos quaes lhe coube um ao quinhão da aldêa do Tubarão; pediu elle licença ao governador para matar aquelle, pois era dos que haviam morto aos seus, para consolar o nojo, que tinha, dos que lhes haviam morto; deu-lhe o governador licença para o matarem fóra da aldêa; fizeram-no assim, e mataram-no, e comeram-no, porque lh'o acharam a cozer; amostravam os padres muito sentimento de tão grande abominação, e veiu-se o padre Navarro da aldêa, que muito sentiu a aldêa toda, queixaram-se ao governador, por haver dado tal licença, o que elle muito sentiu; mas Nosso Senhor, que sabe do mal tirar bem, o permittiu assim pelo bem,

que d'isso se seguiu, porque o governador fez n'isso grandes ameaças aos indios, e mandou apregóar por suas aldêas, sob pena de morte, que ninguem comesse carne humana; de maneira que os indios ficaram muito atemorizados, e comtudo isto não quizeram os padres tornar á aldêa até o principal mostrar signaes de muito arrependimento, e os que comeram da carne, fizeram penitencia, e não entraram na igreja por certo tempo. N'isto verá V. P. o piedoso coração a crueldade dos christãos d'esta terra, que, podendo defender a uns e a outros, que não querem, e todos obedeceriam, pelo grande medo, que têm depois da guerra passada; todavia lhes consentem, que junto ás portas da cidade venham matar aos que estão em serviço dos mesmos christãos, e aprendem a doutrina com desejos de se baptizarem, estas e outras semelhantes são cá as angustias dos que zelam a honra e casa de Deus.

N'esta igreja de S. Sebastião, povoação do Tubarão, tornou a residir o padre Navarro com o padre Antonio Pires, e d'aqui visitavam a outra aldêa de Simão, de que nos outros quadrimestres faço menção; o trabalho, que se com elles leva é dispol-os e fazel-os capazes do baptismo, para quando parecer bem, dar-lh'o; aqui ha trinta moços de escola n'esta aldêa, e na de Simão haverá sessenta ou mais, aprendem muito bem, e ha muitos entre elles de muito bom engenho; os mais d'elles sabem a doutrina toda, e sabem o essencial da fé, que em perguntas, á maneira de dialogo, lhes ensinam na sua lingua; têm grande obediencia aos padres, ninguem da aldêa vai fóra sem pedir licença aos padres, e se algum faz alguma travessura, faz a penitencia, que lhes dão, e ás vezes é disciplinar-se na igreja; os que n'esta aldêa residem, se mantêm das esmolas dos indios, porém não deixam de padecer muita falta, porque, como esta aldêa não está junto do mar, mas pelo

sertão um pedaço, está a pescaria longe, e por amor dos contrarios que alli os acostumam de esperar, não ousam de ir pescar, senão todos juntos, o que é causa de muitas vezes elles e seus mestres padecerem muita fome.

Na casa de Nossa Senhora, que está no Rio-Vermelho, se continuou o exercicio acostumado da doutrina aquellas duas aldêas, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados, e os meninos terem alli a pescaria, onde todo o dia andam ora uns, ora outros, de maneira que se os não iam a buscar não vinham, por mais que lhes tangesse a Companhia, nem seus padres eram mais diligentes em vir, se primeiro não lh'o rogavam, importunavam, no que se experimentava grande trabalho e afflicção do espirito, até que Nosso Senhor quiz abrir mais caminho para nos consolar, e foi que na povoação perante o padre João Gonçalves foram muitos outros ou todos da aldêa a fazer offerta das raizes de seu mantimento a um seu feiticeiro, para que lhes fizesse crescer, a que tinham plantado, dando-lhe chuva, e tempo conveniente; outras muitas offertas d'estas haviam feito, quando partiam para a guerra, mas era em secreto, posto que não faltava quem os descobrisse dos mesmos seus, a quem aquillo parecia mal, e haviam sua remprensão (*sic*), mas esta foi em publico perante o padre seu mestre, e sobre isso se ajuntou blasphemarem da nossa doutrina, e desprezarem-na, o que sabido pelo governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina fallava, estiveram presos sete ou oito dias, até que por rogos dos padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que d'ahi por diante se começaram a encher as igrejas; favoreceu a isto muito mandar o governador por sua lingua prégar-lhes e autorizar-lhes, que nós ensinavamos, de maneira que supitamente vimos o notavel proveito, que nasceu de se castigar aquelle

feiticeiro, porque d'onde antes nem com rogos, nem com importunações queriam vir á igreja, depois logo, como ouviam a Companhia acudiam todos, e logo os meninos, que antes vinham á escola com tanto trabalho de os irem buscar, vinham todos, como os chamavam com a Companhia os Domingos e festas, em que se ajunta a gente de duas povoações, não cabiam na igreja; e d'onde antes offereciam a seus feiticeiros, trazem a offerecer á igreja; e vêm já a pedir saude á igreja a Nosso Senhor para si e para os seus, se estão doentes, antes se tinham algum filho pequeno para morrer, não queriam que lh'o baptizassem, por lhe dizerem seus feiticeiros, que morreriam logo, nem elles, se adoeciam, negavam estarem doentes, por lhes não faltarem no baptismo, mas já agora de boa vontade dão seus filhos, antes que morram, ao baptismo, e d'estes mandamos bom quinhão de innocentes regenerados com o santo baptismo dos céos.

O governador vendo que eu cedia tão bem á prisão do feiticeiro, e que tanto fructo disso sahiu, *apposuit, ut aprehenderentur alii malefactores*, os que impediam a palavra do Evangelho do Senhor; do que resultou muito maior bem, e os indios se sujeitaram com isso mais, e se fizeram muito nossos obedientes, assim que por experiencia vemos, que por amor é mui difficultosa a sua conversão, mas, como é gente servil por medo fazem tudo, e posto que nos grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos, que não terão fé no coração; os filhos creados n'isto ficarão firmes christãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição, farão d'ella o que quizerem, o que não será possivel com razões nem argumentos; já agora dão os filhos de boa vontade para lh'os ensinarem, e lhes levam d'isso que têm para ajuda de sua mantença, mas d'estes se aceitam poucos, por causa da sustentação, que não temos para lhes dar; n'esta

igreja do Rio-Vermelho se começam já alguns a extremar dos seus, e vieram a fazer casa junto da igreja, com desejos de em tudo se conformarem com a vida christã, escolheram uma só mulher, são mui continuos, e quanto parece ao de fóra não póde ser melhor exterior, porque mostram sentirem no coração o que dizem pela boca, mas todavia não se baptizam até mais serem provados, porque como estes indios têm tantas occasiões para tornarem atrás, e muitos tornaram, não ousam os padres baptizarem, sem primeiro muito os provarem; as occasiões, que tem, são terem outras aldêas perto, e tão perto, que uma está a uma legua da cidade, e outras a duas, e outras a mais, onde se come carne humana, e são importunados, e convidados para as taes festas, assim mesmo os seus das outras aldêas tem-os em pouco, se se fazem christãos, e ficam deshonrados para com os seus além das occasiões dos outros peccados, como é seu beber e luxurias, nos quaes vicios, como se n'elles criaram, e n'elles viveram, sempre é mui difficultoso tirar-lh'o.

A um d'estes, que estão junto da igreja, nasceu um filho, e fez muito que lh'o baptizassem logo como filho de christão com solemnidade, o que se fez em um Domingo, com festa e solemnidade, fizeram-lhe o officio solemne e cantado, os meninos fizeram procissão com todos pela aldêa cantando a ladainha, alli se fez uma boa prégação a todos, que eram mais de tresentas pessoas; offereceu este com seu filho uma offerta de peixe assado e farinha; com este se baptizaram outros innocentes, por serem filhos de indios, que crêm estarão quedos sem se mudarem d'alli, por terem obrigação ao lugar.

Esta quaresma nos quiz Nosso Senhor muito consolar com as confissões dos gentios; maiormente dos escravos dos christãos, no que se conheceu tanto fervor e devoção,

quando nós não cuidavamos; o padre Navarro confessava por isso, outros padres por interpretes; e foi de maneira, posto que todos confessassem, sempre sobejavam muitos, que não se podiam confessar; foram tão proveitosas estas confissões, que enxergámos muita emenda de seus vicios, e máos costumes, e temos alcançado, que se os senhores puzessem qualquer cuidado em os fazer viver em bom estado, casando os que fôssem para isso, e fazêl-os ir Domingos e festas á missa e doutrina, que seriam melhores christãos que seus amos, porque tirados do vicio da carnalidade, todo o mais d'elles é muito venial.

D'isto havia muitas particularidades que dizer; mas basta o dito; uma só direi, pela qual conhecerão as outras: poucos dias ha que veiu uma velha com uma offerta á igreja do Rio-Vermelho, rogando ao padre João Gonçalves que sarasse a um seu neto, que trazia, que tinha muito doente; e quiz o Senhor, por virtude de suas palavras, que sarasse, para confusão do demonio, que lhes mette em cabeça, que lhe deitamos a morte com o baptismo; outras crianças trazem á igreja enfermos, e como lhes rezar o padre João Gonçalves o Evangelho, quer o Senhor que sarem por sua bondade e misericordia. Acha-se já indias escravas dos christãos, que amoestadas nas confissões, que não pequem com seus senhores, nem outrem ninguem, antes se deixam espancar, e se offerecem a matarem-nas antes, que tornarem ao peccado passado.

O padre Ambrozio Pires fez muito fructo esta quaresma, com suas prégações, as quaes fazia todos os Domingos e festas, e alguns dias outros da semana, é mui affeito a todos, os christãos nos tem muito credito e amor, o que bem vimos esta quaresma, que succedeu a terra estar necessitada de mantimentos, porque os indios não os tinham, e padecem inda agora muita fome; a causa d'isto foi não quererem os

indios plantar, por terem para si, que os haviam de distar da terra, e lhes haviam de dar guerra, no que elles tinham muita razão de cuidarem; porque era pratica de muitos máos christãos, por qualquer cousa que lhes não queriam dar os indios, ou fazer-lhes, os ameaçavam com o governador, dizendo que logo os haviam de matar, e deitar fóra da terra, pela qual não ousavam fazer nada de novo, mas sómente comiam o mantimento, que tinham feito, depois que estas duas igrejas se fizeram entre elles e os padres os seguraram, começaram a fazer roças depois que aos indios se lhes acabou o mantimento velho, e o que tinham feito de novo não eram ainda de vez, veiu-lhes grande trabalho de fome, de maneira que, nem a si, nem a seus mestres, podiam soccorrer.

No collegio da cidade tambem houve grande necessidade por haver muita gente, e não haver remedio de sua mantença, nem tinha com que mercar mantimento aos christãos, por não ter dinheiro, nem o haver d'El-Rei para lh'o darem, o que sabido pelos que regem a cidade, determinaram de nos manter a todos, sem ninguem lh'o pedir, nem n'isso nenhum de nós intervir; mas elles vendo nossa necessidade, e falta tão manifesta, soccorreram com muito mantimento, que abasta á esta casa da cidade, e d'aqui se provém tão bem os padres e irmãos, que estão nas outras igrejas com os indios.

Outra do mesmo padre para o provincial de Portugal.

Por via de Pernambuco escrevi duas cartas, uma a V. R., e outra ao padre Dom Leão, a qual tambem servia de informação a V. R., por outro navio; dos Ilhéos escrevemos por diversas vezes, sc. uma carta com as do

governador D. Duarte, e outras por via de um Francisco de Andrade, porque esteve nos Ilhéos, e outras em que iam os quadrimestres, com as da mulher de Antonio Cardoso, que Deus haja.

Agora o faço tambem por via de Porto-Seguro, para que não vá de cá navio sem carta nossa, e isso mesmo deviam lá de usar de mandarem sempre por todos os navios alguma carta, para qualquer d'estas capitanias, que venha, porque em todas se achará quem as encaminhe a esta Bahia.

Agora não ha que escrever, porque temos já escripto muito, e de nada temos visto resposta, e em muitas cousas estamos suspensos, por tardar tanto o recado, que esperamos.

No fim de Julho chegou aqui uma caravella d'El-Rei, que trazia gado; esta deu nova, como Mem de Sá, governador, partia do Cabo-Verde vespora da Ascenção, primeiro que este navio tres dias; espantam-se todos, não seja aqui, e tememos haver arribado, ou permittir Nosso Senhor algum desastre, para que venha sobre esta terra toda a perdição, e desconsolação possivel, porque até a leitura d'esta não é chegada, presumimos virem alli padres, posto que ninguem nôl-a saiba certificar; estas trabalhosas e venturosas viagens causam partirem navios de lá tão tarde, e virem tão fóra de tempo, que se da vinda escapam, ás vezes não escapam da volta, e será muita parte, tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento a esta terra, o qual creio, que todos lhe têm já ganhado, se não é S. A., cujo coração christianissimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente ha que escrever, direi brevemente, porque se Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella tornar este anno, por ella o faremos mais largamente.

Os padres e irmãos estão de saude, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si, como já saberão; todos procedem bem no que lhes é mandado. Na cidade reside o padre Antonio Pires, como reitor da casa, como o padre Ambrozio Pires, o qual agora tem cuidado de lêr uma classe aos que mais sabem de latim, e tem tambem a seu cargo as prégações da cidade; ficaram com Antonio Blasques, os que menos sabiam; ha na mesma casa, assim mesmo, escola de lêr a alguns meninos do gentio, e com elles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um irmão; os estudantes de fóra, não são mais que tres ou quatro moços capellães da Sé; mas de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros moços orphãos, d'aquelles que pareceu mostrarem, e terem melhor habilidade, para estudarem, e melhores partes para poderem ser da Companhia, todos os mais orphãos são dados a officios, salvo dois ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem a officios, por não serem para isso; a estes não vêmos outro remedio, salvo tornal-os lá a mandar.

N'esta casa de Nossa Senhora do Rio-Vermelho resido eu agora com o irmão Antonio Rodrigues, e d'aqui visito, quando posso, aos irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na igreja de S. Sebastião reside o padre João Gonçalves com um irmãosinho mal disposto.

A mantença de todos agora é as esmolas da cidade, a qual tomou a carrego manter-nos até havermos algum remedio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'El-Rei não nos dão nada, nem ha que dar, e, se Nossa Senhora não abrira este caminho, não sei que fôra de nós, porque nem com vender os ornamentos, e calices da igreja

fôra possivel manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os christãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, como por vezes lá é escripto, e não sinto poder-se a estes dar remedio, senão o que me parece, que não se ha de pôr, é para nós grande desconsolação; com o gentio tambem se faz pouco, porque a maior parte d'elle, que eram freguezes d'estas duas igrejas, fugiram; a causa d'isto foi tomarem-lhe os christãos as terras em que têm seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tyrannias que podem, dizendo-lhes, que os hão de matar, como vier esta gente, que se espera, e esta é a commum pratica de máos christãos, que com elles tratam, e de todos seus escravos; e cuidam, que salvam a alma em os deitar d'aqui, e fazer-lhes mal, pelo grande odio, que todos lhes têm.

E porque alguns se asseguravam com nossas palavras, inventaram a dizer-lhes, que nós os queriamos ter juntos para os melhor matarem, e com lhe tomarem as roças e terras, que é outro genero de os matar, se foram muitos, outros ficaram ainda, que tambem esperamos, que se irão, se a cousa vai como vai; o governador n'isso não póde fazer nada, nem sei, se o que vier fará alguma cousa; para nós é grande dôr esta, porque vêmos que são forçados irem-se onde não pudermos ter conta com elles, e levam-nos os filhos, que já estavam doutrinados, e, se não os baptizamos é porque sempre tememos isto de se irem, ou por sua vontade ou forçados da necessidade, pela má vizinhança dos christãos, assim que nenhuma ajuda nem favor temos n'isto dos christãos, mas antes muitos estorvos, assim de suas palavras, como do exemplo de sua vida, dos quaes muitos

lhes não ensinam, senão a furtar, e adulterar, e ter relações com as infieis, e outros males, de que o gentio se escandalisa, e estamos fartos de ouvir ao gentio contar cousas vergonhosas dos christãos, e certo que nos envergonham e tapam a boca, que não ousamos de lhe extranhar seus peccados, que n'elles são muito menos.

De maneira que por todas as vias está esta terra mui perdida e desbaratada, nem ha n'isso justiça nem remedio, porque acharam que infieis não podem testemunhar nada contra christãos, e por isso quem quer se atreve a viver como quizer, ainda que seja peccar notoriamente perante o gentio, sómente se guardam, que christão, que os não veja fazer peccado, e fazer muitos aggravos ao gentio e tomar-lhe o seu, porque não ha justiça contra elle, que attente n'isso, e ainda que queira attentar, como não ha provas de brancos, ficam absoltos, como aconteceu os dias passados, que um barco que estava ao resgate da banda d'além da Bahia, porque se botou ao mar um escravo, que lhes haviam vendido, porque teria saudade da mulher e filhos, que lhe ficava, podendo haver o seu pelo mesmo Senhor, que lh'o havia vendido, que estava ainda no navio; movidos os christãos de raiva diabolica, mataram a sete ou oito pessoas sc. ao mesmo senhor do escravo, velho tolhido, e as mais mulheres e moças, pelo qual se levantaram todos os d'aquella parte de guerra, e tem feito já muito mal, e se quebraram as pazes, que tinham com os christãos, prenderam alguns, que fizeram isto, e por não haver provas, senão de indios, sahiram soltos.

E, todavia, com estes poucos, que nos ficaram, trabalhamos, e a muitos baptizariamos e casariamos já, se as cousas se puzessem em seu lugar; a ordem que desejamos era fazerem ajuntar ao gentio, este que está sujeito em povoações convenientes, e fazer-lhes favores em favor de sua conversão e

castigar n'elles os males, que fôrem para castigar, e mantel-os em justiça e verdade entre si, como vassallos d'El-Rei, e sujeitos á igreja, como n'esta parte são, e fazer-lhes tambem justiça nos aggravos, escandalos dos christãos, o que se faria bem, se a justiça secular e ecclesiastica fôsse mais zelosa, como convém á honra de Nossa Senhora e bem commum da terra; e d'esta maneira podiam ir cada dia ganhando gente, e sujeitando-a ao jugo da razão.

E os que não quizessem recebel-o, sujeital-os e fazêl-os tributarios ao serviço d'El-Rei e dos christãos, que os ajudassem a senhorear, como se fez em todas as terras novas, que são conquistadas, como do Perú e outras muitas.

Com a escravaria se faz muito agora mais fructo em sua doutrina e prégações na sua lingua, e confissões, maiormente as do artigo da morte, de que cremos resultar muito proveito a muitas almas. Creio que pelas movermos a contricção de seus peccados, são salvas. Muitos meninos gentios mandamos á Nossa Senhora regenerados com o baptismo, e muitos que parecem, que querem morrer, depois de baptizados, vivem, que é causa de os virem já trazer á igreja a offerecer a Nosso Senhor com suas offertas, d'isso que tem. De S. Vicente e do Espirito-Santo não temos ainda cartas, mas temos novas, que estão todos bem, e trabalham o que podem no serviço de Nossa Senhora com edificação dos proximos.

Desde que fui entendendo, por experiencia, o pouco que se podia fazer n'esta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e ella ser uma maneira de gente de condição mais de féras bravas, que de gente racional, e ser gente servil, que se quer por medo, e conjuntamente vêr a pouca esperança de se a terra senhorear, e vêr a pouca ajuda, e os muitos estorvos dos christãos d'estas terras, cujo escandalo e máo exemplo bastára para não se

convencer, posto que foi gente de outra qualidade, sempre me disse o coração, que devia mandar aos *Carijós*, os quaes estão senhoreados e sujeitos dos castelhanos do Paraguay, e mui dispostos para se fructificar com outras gerações, que tambem conquistam os castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de lá instancia grande por muitas vezes, sc. o capitão e os principaes da terra, tendo todo o favor e ajuda necessaria para bem empregar nossos trabalhos, assim entre os christãos, como gentios; tive tambem cartas de pessoas, que esperavam nossa ida com bons desejos de servirem a Nossa Senhora n'esta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto vêr, que a capitania de S. Vicente se vai, pouco a pouco, despovoando, pela pouca conta e cuidado, que El-Rei e Martim Affonso de Sousa tem, e se vão lá passando ao Paraguay pouco a pouco, e considerar eu os muitos irmãos, que ha em S. Vicente, e o pòuco que se faz ahi, e parecer-me que seria bom ter a Companhia lá um ninho, onde se recolhesse, quando de todo S. Vicente se despovoasse; ajuntava-se a isto parecer-me, que estando lá os da Companhia se apagariam alguns escandalos, que os castelhanos têm dos portuguezes, e a meu parecer, com muita razão, porque usaram muito mal com uns, que vieram a S. Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata; vivendo eu com este desejo, o deixei de pôr obra, por não ter quem mandar, e algumas vezes estive determinado de eu mesmo sahir a saber o que se poderia fazer; n'isto chegou o padre Luiz da Gram, o qual desejei muito que fôsse, mas porque o achei de opinião contraria adquirisse concilio *ejus*, e tive o meu espirito por suspeitoso; depois, vindo eu agora ha um anno a esta Bahia achei cartas do provincial, o Dr. Torres, em resposta do que sobre isto lhe tinha escripto, depois de as lêr aos padres, que aqui estavamos, pedi a todos seu parecer, os quaes mandei

com as cartas ao padre Luiz da Gram, tirando-me a mim afóra, sem dar parecer de sim nem de não, dizendo-lhe, que fizesse fazer oração, e aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava de Portugal, e com parecer dos padres e irmãos se lá parecesse bem, entrasse *in nomine Domini*: agora recebi carta sua, em como feito o que lhe escrevi, todos os padres e irmãos, tirando um só, eram de opinião, que fôssem aquella terra; e por isso estava determinado de ir, se o caminho, que aquelle tempo estava perigoso, se assegurasse mais; o que sempre nos deteve, foi parecer-nos que Sua Alteza poderia ter d'isto algum desgôsto, e esta foi a principal razão que isto estorvou até agora; se lá o sentirem podem o escusar, como lhes parecer melhor, e além da tal ida ser muito de serviço de Nossa Senhora, convinha para se ordenar cinco ou seis irmãos de S. Vicente, com o bispo, que já lá é, e é muito mais conveniente ordenarem-se lá, que virem á Bahia, quanto mais que não ha bispo, nem sabemos, quando o haverá n'esta costa.

Escreve-me o padre Luiz da Gram, que agora não póde levar mais que um irmão lingua por companheiro, para se lá ordenar, que é o irmão Chaves, uma boa cousa, e pede-me que mande quem d'aquelles irmãos tenha cuidado, pelo qual será forçado de quatro que aqui estamos, que aqui ha de fazer muita falta; portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem soccorro logo, ao menos de um provincial, e de alguns padres e irmãos, que ajudem, porque a mim devem-me já ter por morto, porque ao presente fico deitando muito sangue pela boca; o medico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que póde ser da cabeça; seja d'onde fôr, eu o que mais sinto é vêr a febre ir-me gastando pouco a pouco.

Dialogo do padre Nobrega sobre a conversão do gentio : interlocutores, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira.

Porque me dá o tempo lugar para me alargar, quero fallar com meus irmãos o que meu espirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu irmão Gonçalo Alves, a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra na capitania do Espirito-Santo, e com meu irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesus-Christo, o qual, posto que com palavra não préga, fal-o com obras e com marteladas.

Entra logo o irmão Gonçalo Alves, tentado dos negros do gato, e de todos os outros, e, meio desesperado de sua conversão, diga, por demais é trabalhar com estes que são tão bestiaes, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão encarniçados em tratar e comer, que nenhuma outra bemaventurança sabem desejar; prégar a estes, é prégar em deserto á pedras.

Matheus Nogueira:—Se tiveram rei, poderão se converter, ou se adorarão alguma cousa; mas como não sabem, que cousa é crêr, nem adorar, não podem entender a prégação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crêr, e adorar a um só Deus, e a este só servir; e como este gentio não adora á cousa alguma, nem crê em nada, tudo o que lhe dizeis se fica em nada.

Gonçalo Alves:—O que bem dizeis, quão fóra estes estão de se converter em um dia cinco, e no outro tres mil, por uma só prégação dos Apostolos, nem de se converterem reinos e cidades, como se fazia no tempo passado, por ser gente de juizo.

Matheus Nogueira:—Uma cousa têm estes peior de todas, que quando vêm á minha tenda, com um anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter por serem inconstantes, e não lhes entrar a

verdadeira fé nos corações ; ouvi eu já um Evangelho a meus padres onde Christo dizia, não deis o santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos ; se alguma geração ha no mundo, por quem Christo Nosso Senhor isto diga, deve ser esta ; porque vemos que são cães, em se comerem, e matarem, e são porcos, por vicios, e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão, por que alguns padres, que do reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo Brasil em uma hora, e vêm-se que não podem converter em um anno, por sua rudeza e bestialidade.

Gonçalo Alves :—Ora isso deve ser, porque não sei a quem ouvi, que quando vinham na náu, imaginavam-se um S. João Baptista, junto de um rio Jordão a baptizar quantos a elles viessem.

Mathias Nogueira :—Se foram tainhas do Piraique podéra ser.

Gonçalo Alves :— Não ha homem em toda esta terra, que conheça estes, que diga outra cousa ; eu tive um negro, que criei de pequeno, cuidei que era bom christão, e fugiu-me para os seus ; pois quando aquelle não foi bom, não sei quem o seja ; não é este o que só me faz desconfiar d'estes serem capazes do baptismo, porque não fui eu só o que criei este corvo, nem sei se é bem chamar-lhe corvo ; pois vêmos que os corvos, tomados nos ninhos se criam, e amansam, e ensinam, e estes mais esquecidos da criação, que os brutos animaes, e mais ingratos, que os filhos das viboras que comem suas mãis, nenhum respeito têm ao amor e criação, que n'elles se faz.

Mathias Nogueira : —Pois que razões mais vos movem a desconfiar de nossos padres, que a isso foram mandados do Senhor para lhes mostrarem a fé, não foram fructo n'estas gentes por de mais.

Gonçalo Alves :—Muito bem lhe chamais, sabeis qual é a mór difficuldade, que lhes acho, serem tão faceis de dizerem a tudo *si* ou *pá* ou como vós quizerdes, tudo approvam logo, e com a mesma facilidade, com que dizem *pá,* dizem *aani,* e se algumas vezes chamados dizem *neim tia* é pelos não importunardes, e mostra-o bem a obra, que se não é com o bordão não se erguem, para beber nunca dormem, esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experiencia de nenhum fructo de tanto *pá,* tem quebrado os corações a muitos ; dizia um de nossos irmãos, que estes eram o filho, que disse no Evangelho a seu pai, que o mandava, que fôsse, e nunca foi.

Nogueira :—Pois que remedio, hemos de cansar de balde; a minha forja de dia e de noite, e o meu trabalho não me renderá nada entre elles para levar diante de Christo, quando nos vier julgar, para que ao menos outra alguma parte de meus peccados muitos.

Gonçalo Alves :—D'isso, irmão estais seguro, que vós não perdeis nada, se Christo promette por um pucaro de agua fria, dado por seu amor, o Reino dos Céos, como é possivel, que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigilia, e a paga de tanta ferramenta, como fazeis ás vossas fouces, machados muito bons são para roçardes a mata de vossos peccados, na qual o Espirito-Santo plantará muitas graças e dons seus, se por seu amor trabalhais.

Nogueira :—Ay, Ay.

Gonçalo Alves :— Porque dais estes ays.

Nogueira :— Porque vós metteis esse pontinho, se vós por seu amor trabalhais.

Gonçalo Alves :— Pois que cuidais, desenganai-vos, pois que se assim não é tudo perdeis, quanto fazeis.

Nogueira : —Pois digo-vos, irmão meu, que me metteis em confusão, e como saberei eu, que trabalho por seu amor,

se eu vejo que trabalho para quem não no ama, nem no conhece.

Gonçalo Alves:— Conhece logo o Senhor; porque vos haveis de fazer, que desejais vós, que o conheçam, amam e sirvam todos estes a todo o mundo.

Nogueira:—Desejo certo, e sempre lhe peço, que Elle seja santificado, de todos conhecido e amado, pois é muita razão que a creatura conheça a seu Creador, pois todo o ser e perfeição Elle lhe communicou, e a creatura racional sobre todos o conheçam e o Ir., para ella foram creadas e feitas todas as cousas, e é obrigada a ser a boca de todos, para louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

Gonçalo Alves:—Pois, meu irmão, isso me parece que basta para se Deus contentar de vosso serviço, ou sacrificio; chamo-lhe assim, porque esse vosso officio parece, que vos faz o sacrificio, que na lei velha se chamava holocausto, que ardia todo, e nada se dava a ninguem d'elle.

Nogueira:—Irmão, não digais isso por amor de Deus, não é bem, que um peccador, como eu, ouça isso de tão imperfecto serviço, como faz a Deus, e mais que ouvi eu já, que isso era figura do amor grande, com que o filho de Deus ardeu em fogo de charidade por nós na cruz.

Gonçalo Alves:—Assim é, perdoai-me, irmão, que a humildade não soffre bem louvores, e eu descuidei-me.

Nogueira:—Agora me amastes bem, chamais humildade a viva soberba; não sejais vós como o padre ou irmão, que o padre Leonardo Nunes, que está em gloria, nos contava, que por se desculpar se emmelava como mosca no mel.

Gonçalo Alves:—Oxalá estivesse eu tanto avante, que me parecesse eu com elle, que é santo; mas, tornemos ao proposito: irmão Nogueira, por amor de Nosso Senhor, que livremente e segundo o que entendeis diante de Nosso

Senhor digais, que vos parece d'este gentio, segundo a experiencia, que tendes d'elle, os annos, que ha que com elles conversais.

Nogueira:—Que aproveita conversar, que os não entendo, ainda que, segundo me parece d'elles, para este fim de se converterem, e serem christãos, não ha mister muita intelligencia; porque as obras mostram quão poucas mostras elles têm de o poder vir a ser.

Gonçalo Alves:—Logo, de que me aproveita a mim a minha lingua?

Nogueira:—Ah, ah, ah: sabeis de que me rio, de me perguntardes de que aproveita a vossa lingua; porque vos pergunto de que aproveita a minha forja?

Gonçalo Alves:—Já vos eu respondi a esta pergunta.

Nogueira:—Tómai a mesma resposta.

Gonçalo Alves:—Não, que os officios são differentes; porque o meu é fallar e o vosso fazer.

Nogueira:—Não é logo differente o fim; porque cada um de nós ha de fazer o seu.

Gonçalo Alves:—E qual é esse fim?

Nogueira:—A charidade ou amor de Deus e do proximo.

Gonçalo Alves:—E vós, irmão, sois já theologo?

Nogueira:—Alguma cousa se me ha de pegar de meus padres, pois lhe eu pego, quando se chegam a mim, das mascarras do carvão da forja, e queira o Senhor, que com meu máo viver não lhe pegue algum escandalo, ainda que pois são espirituaes, ensinados estão a soffrer os enfermos e fracos.

Gonçalo Alves:—Dizei-me, irmão Nogueira, esta gente são proximos?

Nogueira:—Parece-me que sim.

Gonçalo Alves:—Por que razão?

Nogueira :—Porque nunca me acho senão com elles, e com seus machados e fouces.

Gonçalo Alves :—E por isso lhe chamais proximos ?

Nogueira :—Sim, porque proximos, chegados quer dizer, e elles sempre se chegam a mim, que lhes faça o que hão mister, e eu como a proximos lh'os faço, cuidando que cumpro o preceito de amar ao proximo, como a mim mesmo, pois lhe faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

Gonçalo Alves :— Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer, que estes não eram proximos, e porfiam-no muito, nem têm para si, que estes são homens como nós.

Nogueira:—Bem, se elles não são homens, não serão proximos; porque só os homens, e todos máos e bons, são proximos; todo o homem é uma mesma natureza, e todo póde conhecer a Deus, e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era proximo ; prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Christo Nosso Senhor, que aquelle é proximo, que usa de misericordia.

Gonçalo Alves:— Deveis de ter boa memoria, porque vos lembram bem as cousas, que ouvis, ouvistes já disputar entre os irmãos, ou fallar n'isto, em que praticamos da conversão d'este gentio.

Nogueira:— Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus irmãos, se falla d'isso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa ; cada um falla de seu officio ; e como elles não têm outro, senão andar traz esta ovelha perdida, sempre tratam dos impedimentos, que acham para attrahir.

Gonçalo Alves:— E que concluem, ou em que se determinam, os mais dos que n'esse officio andam, das partes, que acham n'estas gentes para virem á nossa santa fé.

Nogueira:—Todos remettem o feito a Deus, e determinam de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assim

porque a obediencia lh'o manda, como porque não fique nada por fazer a esta gente; alguns não têm cá grande esperança d'ella, olhando a sua rudeza, e as cousas da fé serem delicadas, e que requerem outros entendimentos, e costumes; porque, dizem elles, que é mui grande disposição, para um vir a ser christão, ter bom entendimento, que ainda que só este não baste para entender as cousas da fé, ainda ha lhe fazer entender que não ha n'ella cousa que seja contra a razão natural, de que estes carecem, e d'aqui dizem que nasceu, que no tempo dos apostolos quanto os homens eram mais sabios, e de boa vida, mais facilmente vinham ao conhecimento da verdade; e os martyres mais lh'os contrariavam os máos costumes dos tyrannos, que as razões que nenhum d'elles tivessem contra o que lhes prégavam; e que, porque estes gentios não têm razão, e são muito viciosos, têm a porta cerrada para a fé naturalmente, se Deus por sua misericordia não lh'a abrisse.

Gonçalo Alves:— Parecem boas razões essas, a memoria das cousas de Deus. Dizei-me, irmão, por amor de Nosso Senhor, não ha entre meus irmãos e padres quem esteja da parte d'estes negros?

Nogueira:— Todos, porque todos os desejam converter, e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

Gonçalo Alves:— Não duvido eu, que todos têm esses desejos; mas como isso é cousa de necessidade, quizéra eu, que houvéra um, que déra razões para nos acender o fogo, e para nos fallar por nossos termos, quizeramos uns foles para nos assoprar o fogo, que se nos apaga.

Nogueira:—Não falta isso, bastam os nossos padres, para fazer fogo artificial, que nos queime a todos os que n'este negocio nos occupamos; porque, como o elles devem de ter no espirito, não fazem senão destruir razões e dar outras, ainda que a frios, como eu, não satisfazem.

Gonçalo Alves :—Por que?

Nogueira :—Porque todas ellas parecem que não convêm mais, senão que, já que havemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convêm muito, pois, segundo a charidade, com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará, quando chamar á tarde os obreiros para lhes pagar seus jornaes, os quaes já ouvireis que só deram, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e diligencia que se puzer na obra.

Gonçalo Alves :—Não fallemos como ferreiro.

Nogueira :—Não sei como fallo, fallo como me vem á boca, se fôr mal dito, perdoai, que não é ninguem obrigado a mais que ao que tem e sabe.

Gonçalo Alves :—Dissemos isto, sou tão descuidado, que logo me esquece que esperais, como vos louvam, como o fio quente, quando o batem; eu me guardarei de vos dar mais martelada, porque me não queime, por amor de Deus, que me digais algumas das razões, que os padres dão para estes gentios virem o ser christãos, que alguns têm acertado, que trabalhamos de balde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sujeito, e que com medo venha a tomar a fé.

Nogueira :—E isso que aproveitaria, se fôssem christãos por força, e gentios na vida, nos costumes e vontade.

Gonçalo Alves :—Aos pais, dizem os que têm esta opinião, que pouco; mas os filhos, netos, e d'ahi por diante, o poderiam vir a ser, e parece que têm razão.

Nogueira :—E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros não fallemos em seus segredos e potencia e sabedoria, que não ha mister conselheiros, mas, humanamente, como homens, assim fallando, este parece o melhor e o mais certo caminho.

Gonçalo Alves:—Mas as razões dos padres, se vos lembram, desejo ouvir, porque as que eu apontei no principio, não sei como, mas elle desfará.

Nogueira:—Olhai cá, irmão, a charidade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

Gonçalo Alves:—N'isso me parece que vós não tendes razão, porque a charidade não poderá tirar a verdade, e mais, que razões pertencem ao entendimento, e a charidade á vontade, que são cousas differentes, assim como o fogo não tira ao ferro senão a escoria, e não gasta o ferro limpo e puro; se as razões são boas a charidade não será contra ellas, porque seria contra a verdade, e assim não ficaria charidade, senão pertinacia.

Nogueira:—Parece-me que é isso verdade, e que onde houver sobejo zêlo, ás vezes haverá cegar-se as razões, ou usar pouco d'ellas, o que cada dia se vê nos muito affeiçoados a uma cousa.

Gonçalo Alves:—E isso não é máo.

Nogueira:—Não sei eu ora quão máo será, parece-me que ouvi dizer, que S. Paulo não approvava tudo o que com bom zêlo se fazia, se que a uns dava testemunho do zêlo, ainda que era bom, a circumstancia necessaria, que é saber, se é conforme a vontade de Deus; porque esta é a regra, que mede todas as obras, e tanto vão direitas e boas, quanto com ella conformam, e tanto desviam da bondade, quanto d'esta se desviam.

Gonçalo Alves:—Parece muita razão, que seja isso muita verdade, conforme a isso não foi bom fazer El-Rei D. Manoel os judeus christãos, depois da matança, ainda que os mais d'elles diziam que sim; mas tomou-os com os portaes cheios de sangue, que derramaram os ministros do demonio percutiente, que por justiça de Deus os feriu, incitados por

dois frades dominicos, que depois pelo mesmo caso morreram no Porto, por mandado do dito Rei, e assim se pagou um mal com outro, como se costuma no mundo, permittindo e dissimulando Nosso Senhor, até o dia em que manifestou a todos nossas obras, quaes foram ; e El-Rei Jesebuto, Rei d'Aragão não se lhe condemna nos sagrados canones o zêlo com que contra vontade dos pais, judeus, mandou em seu reino baptizar seus filhos, mas o fim não lh'o louvam ; logo nem tudo, o que parece bem, se ha de fazer, senão o que realmente fôr bom.

Nogueira :—E como saberá homem sempre acertar, que é homem ignorante e fraco, se Reis com seus conselhos não acertam ?

Gonçalo Alves :—Tomando conselho com Deus, e com os homens desapaixonados, e que tenham boa consciencia.

Nogueira:—E onde se acharão esses, acerta-se muitas vezes, que não se acham senão uns regelados e frios, como eu, que por se poupar não querem sahir do ninho, não se lembrando quanto as almas custaram a Christo, e estes taes parece, que não podem aconselhar bem em semelhantes negocios.

Gonçalo Alves :—A falta d'outros, que tenham zêlo e saber, todavia me aconselharia com esses, porque alguma ora fallou já o Espirito-Santo, e aconselhou um propheta, ainda que não muito virtuoso, por bem do povo, que elle amava, e se elle quer fazer bem a estes, como é de crer, que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que sim, o que nós fazemos, elle aconselhára por máos, o que se deve fazer ; mas já folgaria ouvir-vos as razões, que tendes ouvido dos padres, para nos animarmos a trabalhar com elles, e as que têm em contrario das que demos no principio.

Nogueira :—Já que tanto apertais commigo, e me pareceis desejoso de saber a verdade d'este negocio, creio que vos

tenho esgotado, dir-vos-hei o que muitas vezes, martelando n'aquelle ferro duro, estou cuidando, e o que ouvi a meus padres, por muitas vezes, parece, que nos podia Christo, que nos está ouvindo dizer: ó estultos e tardios de coração para crêr, estou eu imaginando todas as almas dos homens uma, nos serem umas e todas de um metal feitas á imagem e semelhança de Deus, e todas capazes da gloria e criadas para ella, e tanto val diante de Deus por naturaleza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papana.

Gonçalo Alves :—Estes têm alma como nós.

Nogueira :—Isso está claro, pois a alma tem tres potencias, entendimento, memoria e vontade, que todos têm: eu cuidei, que vós ereis mestre, já em Israel, e vós não sabeis isso; bem parece, que as theologias, que me dizeis arriba era, e eram postiças do padre Braz Lourenço, e não vossas; quero-vos dar um desengano, meu irmão: Que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio, para entender as cousas de nossa fé.

Gonçalo Alves :—Tendes muita razão, e não é muito, porque ando na agua aos peixes bois, e trato no mato com brasil, não é muito ser frio, e vós andais sempre no fogo, razão é, que vos aquenteis, mas não deixeis de proseguir adiante, pois uma das obras de misericordia é ensinar aos ignorantes.

Nogueira :—Pois estai attento, depois que nosso pai Adão peccou, como diz o psalmista, não conhecendo a honra, que tinha, foi tornado semelhante á besta, de maneira que todos, assim portuguezes, como castelhanos, como *Tamoios*, como *Aimurés*, ficamos semelhantes a bestas, por naturaleza corrupta, e n'isto todos somos iguaes, nem dispensou a naturaleza, mais com uma geração, que com outra, posto que, em particular, dá melhor entendimento

a um, que a outro, façamos logo do ferro todo um frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porém, mettido na forja, o fogo o torna, que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas sem graça e charidade de Deus, são ferros frios sem proveito, mas, quanto mais se aquenta, tanto mais fazeis d'elle o que quereis, e bem se vê em um, que está em peccado mortal, fóra da graça de Deus, que para nada presta, das cousas, que tocam a Deus, não póde rezar, não póde estar na igreja, a toda a cousa espiritual tem fastio, não tem vontade para fazer cousa boa nenhuma; e se por medo, ou por obediencia, ou por vergonha a faz, é tão tristemente e tão preguiçosamente, que não vale nada; porque está escripto, que ao dadôr, com alegria recebe Deus.

Gonçalo Alves:—Isso bem entendo eu, porque o vi em mim antes que fôsse casado, que andava em peccados, e ainda agora praza a Deus, que não tenha muito d'isso.

Nogueira:—Pois que, direi eu, que envelheci n'elles, e, como homem, que foi ferido, fallo.

Gonçalo Alves:—Pois assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns, de que veiu estes negros serem tão bestiaes, e todas as outras gerações como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avisados.

Nogueira:— Esta é boa pergunta, mas claro está a resposta; todas as gerações tiveram tambem suas bestialidades; adoravam pedras e páos, dos homens faziam deuses, tinham credito em feitiçarias do diabo; outros adoravam os bois e vaccas, e outros adoravam por Deus aos ratos, e outras immundicies; e os judeus, que eram a gente de mais razão, que no mundo havia e que tinha conta com Deus, e tinham as escripturas desde o começo do mundo, adoravam

uma bezerra de metal, e não os podia Deus ter, que não adorassem os idolos, e lhes sacrificavam seus proprios filhos, não olhando as tantas maravilhas, que Deus fizéra por elles, tirando-os do captiveiro de Pharaó; não vos parece tão bestiaes os mouros, a quem Mafamede, depois de serem christãos, converteu á sua bestial secta, como estes, se quereis cotejar cousa com cousa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira; os mouros crêm em Mafamede, muito vicioso e torpe, e poem-lhes a bemaventurança nos deleites da carne, e nos vicios; e estes dão credito a um feiticeiro, que lhes poem a bemaventurança na vingança de seus inimigos, e na valentia, e em terem muitas mulheres; os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintam, e têm inda por Deus a um idolo, a uma vacca, a um gallo; estes têm que ha Deus, e dizem, que é o trovão, porque é cousa que elles acham mais temerosa, e n'isto têm mais razão, que os que adoram as rãs, ou os gallos; de maneira que, se me cotejardes horror com horror, cegueira com cegueira, tudo achareis mentira, que procede do pai da mentira, mentiroso desde o começo do mundo.

Gonçalo Alves:— Bem, estou com isso; mas como são os outros todos os mais polidos, sabem lêr e escrever, tratam-se limpamente, souberam a philosophia, inventaram as sciencias, que agora ha, e estes nunca souberam mais que andarem nús e fazerem uma frecha, o que está claro, que denota haver entendimento em uns e em outros.

Nogueira:— Não é essa razão de homem, que anda fazendo brasil no mato, mais estai attento, e entendereis: terem os romanos e outros gentios mais policia, que estes, não lhes vejo de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor creação, e crearem-se mais

politicamente, e bem creio, que vós o vereis claro, pois tratais com elles, e vêdes, que nas cousas de seu mestre, e em que elles tratam tem tão boas subtilezas, e tão boas invenções, e tão discretas palavras, como todos, e os padres os experimentam cada dia com seus filhos, os quaes acham de tão bom entendimento, que muitos fazem a vantagem aos filhos dos christãos.

Gonçalo Alves : — Pois como tiveram estes peior criação que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma policia, que deu aos outros ; isso podem-vos dizer claramente, fallando a verdade, que lhes veiu por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cham, filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pai bebado, e em maldição, e por isso ficaram nús, e têm outras mais miserias, os outros gentios, por serem descendentes de Seth e Japhet, era razão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma vantagem ; e porem toda esta maneira de gente, uma, e outra, n'aquillo em que se criam, têm uma mesma alma e um entendimento, e prova-se pela escriptura, porque logo os primeiros dois irmãos do mundo, um seguiu uns costumes e outro outros : Isac e Ismael, ambos foram irmãos ; mas Isac foi mais politico, que o Ismael, que andou nos matos : um homem têm dois filhos de igual entendimento, um criado na aldêa, e outro na cidade ; o da aldêa empregou seu entendimento em fazer um arado, e outras cousas da aldêa, o da cidade em ser cortezão e politico ; certo está, que, ainda que tenham diversa criação ambos têm um entendimento natural exercitado segundo sua criação ; e o que dizeis das sciencias, que acharam os philosophos, que denota haver entendimento grande, isso não foi geral beneficio de todos os humanos, dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos, nem a todos os gentios,

senão a um ou a dois, ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo, mas que estes, por não ter essa policia, fiquem de menos entendimento para receber a fé, que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes provo quanto esta policia aproveita por uma parte, tanto damna por outra, e quanto a simplicidade d'estes estorva por uma parte, ajuda por outra; veja Deus isso, e julgue-o, julgue-o tão bem quem ouvir a experiencia desde que começou a igreja, e vêr que mais se perdeu por sobejos e soberbo entendimento, que não por simplicidade, e pouco saber: mais facil é de converter um ignorante, que um malicioso e soberbo; a principal guerra, que teve a igreja foram sobejos entenderes; d'aqui vieram os hereges, e os que mais duros e contumazes ficaram; d'aqui manou a pertinacia dos judeus, que nem com serem convencidos por suas proprias escripturas nunca se quizeram render á fé; d'aqui veiu a dizer S. Paulo: nós prégamos a Jesus-Christo crucificado aos judeus escandalo, e ás gentes justiça. Dizei-me, meu irmão, qual será mais facil de fazer, fazer crêr a um d'estes, tão faceis a crêr, que nosso Deus morreu, ou a um judeu, que esperava o Messias poderoso, e Senhor de todo o mundo? com mais difficuldade a um judeu; mas desde que elle cahisse na conta, ficaria mais constante, como ficaram muitos, que logo davam a vida por isso.

Nogueira:—O mesmo vos digo, que desde que estes cahirem na conta, o mesmo farão: dai-me vós, que lhe entre a fé no coração, que o mesmo será de um que de outro, e o tempo e o trabalho, e a diligencia, que é necessaria para convencer um judeu ou um philosopho, se outro tanto gastardes com doutrinar de novo um d'estes, mais facil será sua conversão de coração, dando Deus igual graça a um que a outro, e está clara a razão; porque, como as

cousas de nossa fé das mais essenciaes, como são da Santissima Trindade, e que Deus se fez homem, e os mysterios dos Sacramentos, não se podem provar em razão demonstrativa, antes muitas são sobre toda razão humana, claro está, que mais difficil será de crêr a um philosopho, que todo se funda em subtilezas de razão, que não a um que outras cousas muito mais só menos crê.

Gonçalo Alves:—É verdade, porque estes se lhes deitais a morte, cuidam, que os podeis matar, e morrerem da imaginação, pelo muito e sobejo que crêm, e crêm que o panicú ha de ir á roça, e outras cousas semelhantes, que seus feiticeiros lhes mettem na cabeça, mas ainda nem isso não falta, porque muito ha, que estou na terra, e tenho fallado de Deus muito, por mandado dos padres, e nunca vi a nenhum ter tanta fé, que me parecesse, que morreria por ella, se fôsse necessario.

Nogueira:—Se me vós desseis licença, eu vol-o diria.

Gonçalo Alves:—Dizei, meu irmão, que eu vos perdôo.

Nogueira:—Parece-me que por mais faceis, que fôssem a se converterem, não se converteriam da maneira, que lhes dizeis, nem lh'o dizem os padres, e por isso estai-me attento, sabereis como o officio de converter almas é o maior de quantos ha na terra, e por isso requer mais alto estado de perfeição, que nenhum outro.

Gonçalo Alves:—Que requer, não basta ser lingua, e saber-lh'o bem dizer.

Nogueira:—Muito mais ha mister, vêde vós o que tinha um dos apostolos de Christo, que converteram o mundo, e por ahi vos regereis; primeiramente tinham muito espirito, tanto que ardiam de dentro do fogo de espirito-santo, porque d'outra maneira, como a de atear fogo divino em o coração do gentio, o que tem o seu um caramelo; ha de ter muita fé, confiando muito em Deus, e

desconfiando muito de si; ha de ter graça de fallar mui bem a lingua, ha de ter virtude para fazer milagres, quando cumprir, e outras graças muitas, que tinham os que converteram gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguem se convertesse; e vós quereis converter sem nada d'isto, e que de graça sejam logo todos santos; esse seria o maior milagre do mundo, e ainda que vós sejais lingua e lh'o sabeis bem dizer, não me negareis, que se algum vos não falla á vontade, logo perdeis a paciencia, e dizeis que nunca hão de ser bons; nem têm razão de vos darem credito a vossas palavras, porque hontem lhe pedieis o filho por escravo, e est'outro dia os querieis enganar, e têm razão de se temerem de os quererdes enganar, porque isto é o que commummente tratam os máos christãos com elles.

Gonçalo Alves:—Isso é verdade, mas os padres, que lhes fallam com tanto amor, por que os não crêm.

Nogueira:—Porque até agora não têm os indios visto essa differença entre os padres e os outros christãos, seja logo esta a conclusão, que quando Santiago com correr toda a Hespanha, e fallar mui bem a lingua, e ter grande charidade, e fazer muitos milagres, não converteu mais que nove discipulos; e vós quereis e os padres, sem fazer milagres, sem saber sua lingua, nem entender-se com elles, com terdes presumpção de Apostolo e pouca confiança e fé em Deus, e pouca charidade, que sejam logo bons christãos, porém, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos indios d'esta terra com mui claros signaes de terem verdadeira fé no coração, e mostrarem-no por obra, não sómente dos meninos, que criamos comnosco, mas tambem dos outros grandes, de mui pouco tempo conversados: quem viu na capitania de S. Vicente, que é terra onde se mais tratou com os indios, que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes; quem viu suas lagrimas, os abraços de amor aos

irmãos e padres; diga-o quem viu a virtude tão viva de sua mulher, quão fóra dos costumes, que antes tinha, quão honesta viuva, e que christãmente vive, tanto que pareceu a todos digna de lhe darem o Santissimo Sacramento; pois que direi de suas filhas, duas, a qual melhor christan; que direi da fé do grão velho Sayobi, que deixou sua aldêa e suas roças, e se veiu morrer de fome em Piratininga por amor de nós, cuja vida e costumes, e obediencia, mostram bem a fé do coração; quem viu vir Fernão Corrêa de tão longe com fervor de fé vir a pedir o baptismo, e depois de tomado, leval-o N. S. e muitos outros da aldêa, os quaes, ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros máos christãos, que vêm, todavia se crê d'elles terem fé, pois o principal peccado, e que lhe mais estranham, deixaram, que é matarem em terreiro, e comerem carne humana; quem não sabe, que indo á guerra estes, e tomando contrarios, os mataram, e enterraram; e para mais vos alegrar, tambem vos direi, que se viu na mandisoba, onde se matavam uns indios *Carijós,* outro indio, que com os padres andava, offerecer-se, com grande fervor e lagrimas a morrer pela fé; e porque aquelles morressem christãos, e outros muitos casos particulares, que acontecem cada dia, que seria largo contar, pois entre tão poucos colher-se logo tal fructo, e com tão fracos obreiros, como será possivel, se N. S. mandar bons obreiros á sua vinha com as partes necessarias, não se colher muito fructo, por certo tenho, que se vos achareis no tempo dos martyres, e vireis aquellas carniçarias d'aquelles infieis, que não abastava tantos milagres e maravilhas, para os amolentar, nem tão boas prégações e razões, vós e eu disseramos, nunca estes hão de ser bons.

Resolvendo-me logo, digo emfim, razões, que o negocio de converter é principalmente de Deus, e ninguem traz

a conhecimento de Jesus-Christo, senão quem seu pai traz, e quando elle quer, faz de pedras filhos de Israel, como tão pouco ninguem póde salvar-se, nem ter graça sem elle.

Gonçalo Alves :—Isso é tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio tambem é necessario apparelho, porque ouvi dizer, que diz S. Agostinho : que Deus, que me fez sem mim, não me salvará sem mim.

Nogueira :—Da parte do gentio, digo, que uns e outros tudo são ferro frio e duro, e que quando os Deus quizer metter na forja, logo se converterão esse, estes na fragoa de Deus, ficaram para se metterem no fogo por derradeiro ; o verdadeiro ferreiro senhor do ferro, o sabe o porque, mas do apparelho de sua parte, tão máo o têm estes, como o tinham todas as outras gerações.

Gonçalo Alves :—Isso desejo saber mais claro.

Nogueira :—Quantos mais impedimentos um tiver para a conversão, tanto diremos, que está menos disposto, e quanto menos do mal, tem Deus que tirar d'elles, tanto mais disposto serão.

Gonçalo Alves :—Ide adiante, e provai isso.

Nogueira :—Contai-me o mal de um d'estes, e o mal de um philosopho romano, um d'estes, muito bestial, sua bemaventurança é matar, e ter nomes, e esta é sua gloria ; porque mais fazem, a lei natural não a guardam, porque se comem, são luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma cousa aborrecem por má, e nenhuma louva por boa ; têm credito em seus feiticeiros, aqui me encerrareis tudo ; um philosopho é muito sabio, mas muito soberbo, sua bemaventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos, muito malicioso, que a verdade, que Deus lhe ensinou, escondeu, como diz S. Paulo, não guardam a lei natural, posto que a entendam, muito viciosos no vicio, contra a natura,

muito tyrannos e amigos de senhorear, muito cobiçosos, e mui temerosos de perderem o que têm, adoram idolos, sacrificam-lhes sangue humano, e senhores de todo o genero de maldade, o que não achareis n'estes, porque, segundo dizem os padres, que confessam, em dois ou tres dos mandamentos, têm que fazer com elles, entre si vivem mui amigavelmente, como está claro, pois qual nos parece maior punido para desfazer.

Gonçalo Alves :—De ruim ganado não ha que escolher, mas, todavia queria, que me respondesseis ás razões de cima mais distinctamente.

Nogueira :—Pelo que está dito, bem clara está a resposta.

Lê-se em appendice á carta do quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557.

Morte do Padre Navarro.

Por el cabo desta me parecio conveniente poner el bienaventurado transito del padre Navarro tan gran siervo del sõr, y que por su amor tantos trabajos tomo en la conversion desta gentilidad a que fue mandado en espacio de siete años que se conservó entre ellos, nunca descansó, sino ora a unos, ora otros enseñava y dotrinava con la gracia y talento que el señor le communicó para este oficio porque el fue de los padres y hermanos que del reyno venieron el que mas se adelantó en la lengua brasilica de modo que el confesava por si y hacia platicas y predicas a los indios en su misma lengua.

Entre ellos era muy amado y tenido por padre, y la verdad, las obras que el hacia merecia con justa causa tal apellido, porque munchas veces se desvelava en sacar sús predicas a limpio para dotrinar e a las cuales tenia en xp°. tanto amor cobrado que los xpianos se maravillavan de los grandes trabajos que por ellos y por su dotrina y edificacion tomava y no solamente con los indios sino tambien con los esclavos de los blancos adonde estavan.

No le ertorvaba esto para que dejase de acudir a los xpianos cuando lo mandase su necesidad, porque a todo acudia y para todo le dava el sõr gracia.

Digo esto porque los trabajos que tomo por uno y otros, parecerá imposibles a quien no los vio quasi quatro años continuos a decir misa en dos poblaciones todos los domingos y fiestas la ordem que tenia era esta... Partia de madrugada de la ermita de Nuestra señora que está en medio de los dos pueblos, el uno de los cuales estaba media legua camino mas fragoso de arenales y cuesta s muy ingremes en medio, y dicha la misa hacia la dotrina a los esclavos y despues á los xpianos. Acabada esta misa hiba a decir otra el mismo dia al otro pueblo que está de alli muy lejos, y tenia allá el mismo ejercicio con los gentiles y con los xpianos, lo que todo acabado se venia tal a casa cual es razon que veniere el siervo, que asi avia servido al señor quiero decir aparejado, si el señor tuviese p. bien, a fenecer en esta, los xpianos por ver su celo asi con ellos como con los indios tenia opinion de virtuoso y santo y era causa de grande servicio de muestro señor en hacer amistades y apartar a muchos del pecado, y derarregar de la tierra muchos vicios, porque su celo era tan grande que bien demonstrava la mucha charidad que en su pecho ardia unos com otros en estos y outros tales exercicios se ocupó todo el tiempo que en esta tierra conversó com unos y con

otros queriendo el señor darle el galardon y premio de tan justos trabajos por su amor padecidos, antes que del todo enfermasse lo mandó llamar el padre Nobrega de la iglezia del Tubaron esta quaresma pasada, a donde el residia para que se ejercitase en confesar xpianos como a los gentiles, lo que hizo por toda la santa quadragesima, estando como digo algum tanto convalido, y hacia el esto con tanta pena del cuerpo que le oí por muchas veces que si algum tiempo padeciera que fue entonces. Acabando la quaresma como por despedida fue el jueves santo en la noche a predicar la pasion a una poblacion de xpianos mucho sus devotos : y fue com tantas lagrimas y sentimento suyo como de los oyentes, dixo el compañero que tambien despues de aver acabado la predica a los indios en la lengua brasilica que nunca en su vida avia visto ni pensó de ver tanto sentimento, tantas lagrimas y ya en este comenos se llegava el tiempo que queria el señor que acabando este misero destierro fuese a gozar de dios y visitandolo con unas fiebres agudas, y con unos agastamintos del corazon muy continuos, en muy breve como cuerpo gastado lo pusieron en tal estado del corazon que el mismo conocio (aunque nosotros nos parecia el contrario) que estava muy propinqua su muerte, asi que una mañana estando nosotros bien descuidados deste su proposito, mandó llamar a su confesor, y quedandose despues de su confesion un gran rato solo, mando llamar a todos los padres y hermanos y niños que estavan en casa, y juntos nos dixo como el estaba de camino pera la otra vida, y que nos pedia que le perdonasemos al sñor, diciendo estas palabras con tanto sentimiento y angustia que a todos nos provocó a lagrimas.

Mandó que le truxesen um crucifixo al cual hizo una oracion con tan grande afecto y fervor de espirito que bien parecia quanto deseaba verse ya desatado y hir a gozar de

el. A nosotros dijo: yo me aparto de esta vida mis hermanos y no llevo otra cosa atravesada em my corazon sino por no aver convertido muchos gentiles, pero vos quedais acá que suplireis esto y los hermanos que de Portugal venieron? De aqui por delante le comenzaron los desmaios a acudir tan fuertes, que nos parecia que era verdad lo que el decia y el mismo dia que no usasen de mas remedios humanos porque ya era hecho. Hallaronse entonces prestes los padres y hermanos que estavan en las aldeas que aunque por de fuera desimulavan la pena que sentian todavia quando se acordavan que perdian tan buen compañero y tal obrero para la viña del señor, no se podian contener las lagrimas. Dada ya la santa uncion todos juntos le rezamos las ledaiñas y otras oraciones, hasta que el señor tuvo por bien de llevarlo para si, dejandonos a todos tan llorosos y sentidos de su transito que cada uno decia que ni por padre ni por hermano avian tenido nunca tal sentimento. El padre Nobrega acordando-se-lhe como padre que desos pocos hijos le avia el señor llevado al padre Leonardo Nunes padre Salvador Roiz y el hermano Corrêa y eran instrumentos tan buenos para la viña de señor, que ahora tanbien le queria llevar un hijo tan amado tomava con la consideration de esto maior tristeza y fatiga porque sentia mayor la falta que hacia. Sabido por el gobernador su fallecimiento dijo que le hiciesemos saber quando se le avia de hacer el officio porque queria allarse presente, y asi vino el con toda la mas gente del pueblo asi nobles como plebeus, porque todos se hallavan sus dendores y obligados algunos le besavan los pies y las manos por su devacion y por les parecer que lo hacian a un santo. De esta manera acabo el padre Navarro, el cual tenemos para nos que goza ya de los premios que Dios da a los suyos.

———

Noticia e informação que deram os PP. da Companhia das pensões que recebiam, feitas por D. Henrique.

Porque se entende que algumas pessoas determinavam propôr ou tratar por occasião das côrtes algumas cousas ácerca da Companhia de Jesus, das pensões que El-Rei D. Henrique, que Deus tem, deixou aos collegios d'ellas, pareceu necessario dar d'isso a informação que se segue; porque é de crêr que por falta d'ella se moverão a fallar no de que não tem verdadeira noticia e conhecimento.

A religião da Companhia foi instituida para servir e ajudar a igreja universal na conversão dos infieis, instrucção e doutrina dos catholicos e reducção dos hereges. E pela experiencia do muito fructo que Nosso Senhor, por meio d'ella, faz nas almas, foi sempre muito favorecida dos Summos Pontifices e dos Reis e Principes christãos, e o Concilio Tridentino, sess. 25 c. 16, tratando da profusão e reformação das religiões, e ordenando algumas cousas para esse effeito, não tocou em cousa alguma da mesma Companhia, antes approvou em todo o seu modo de proceder por estas palavras: *Per hæc tamen santa synodos non intendes aliquid innovare aut prohibere quin religio clericorum Societatis Jesum juxta jurem corum institutionem a sancta sede approbatum Domino, et ejus ecclesiæ in servire possiunt.*

E, posto que os Principes catholicos a favoreceram muito, os Reis de Portugal a tomaram á sua conta, dos quaes o primeiro foi El-Rei D. João III, que a pediu ao Summo Pontifice, e assim elle como os seus successores sempre a pretenderam favorecer e augmentar com dotações de collegios e privilegios; e entendendo que redundava isto em grande beneficio e proveito de seus reinos, como por experiencia se tem nos

bons costumes que os religiosos d'ella com as sciencias ensinam em seus collegios, nas prégações e confissões em que perpetuamente se occupam nos carceres, hospitaes, enfermos, a que sempre e todo o tempo acodem, e nas partes em duas das quaes sómente n'esta cidade de Lisboa morreram perto de quarenta, e foram feridos e estiveram á morte mais de cento, por offerecerem suas vidas em beneficio espiritual e temporal do proximo, ajudando em grande parte aos prelados a cumprir sua obrigação em tempo em que elles não achavam sacerdotes, que com muito estipendio quizessem acudir n'estas necessidades; e isto não fallando em outros muitos que n'estas e em outras partes morreram, e foram feridos em outras cidades e logares d'estes reinos, por se quererem occupar em semelhantes obras.

Não sómente a favoreceram os Reis passados, pelo que fica dito, mas tambem porque com ella satisfaziam a obrigação que tem a corôa d'estes reinos, de prover de ministros idoneos para a conversão dos infieis de sua conquista, da qual este reino tem tanto proveito temporal. Para este effeito manda a Companhia ordinariamente ao Brasil, Guiné, India e Japão, etc., muitos prégadores, mestres, e confessores, os quaes em muitos annos e com muita despeza da mesma Companhia vêm a ser aptos para estas emprezas, nas quaes andam com muito risco de suas vidas, como se tem experimentado nos muitos que nas ditas partes, entre infieis acabaram, etc., não fallando em outros que em varias partes padeceram martyrio; só em uma armada que d'esta cidade ia para o Brasil, foram martyrisados quarenta; e para acudir á estas necessidades e obrigações se fundaram os collegios d'estes reinos, e nem todo o numero de religiosos que n'elles ha, basta para poderem acudir á estas necessidades, porque são ellas taes e tão importantes, que fundando El-Rei D. João III

em Coimbra o collegio das artes, tomando sobre si o provêl-o de mestres, que mandava vir de outros reinos, foi tão grande o trabalho, e tão grossa a despeza que tinha, que pediu á Companhia o descarregasse e o tomasse sobre si, o que a Companhia aceitou para o servir, ainda que lhe é mui oneroso, e com o qual tem muito trabalho e despeza, e para o poder continuar, ha mister criar muitos sujeitos.

Considerando El-Rei D. Henrique todas estas cousas e vendo a necessidade que havia de se criarem ministros para ellas por descarregar a fazenda da corôa d'estes reinos, havendo de alargar as pensões que tinha no bispado de Coimbra e arcebispado de Braga, pediu ao santo padre que houvesse por bem de applicar parte d'ellas aos collegios das ditas cidades e do Porto, por certo tempo, para a sustentação dos ditos ministros, o que S. S. lhe concedeu.

Entre as pessoas que têm muita razão de favorecer á Companhia são os prelados, pois os da Companhia, conforme o seu instituto, são ajudadores, prégando, confessando, doutrinando e tirando de peccado suas ovelhas, e acudindo-lhe de dia e de noite em suas necessidades espirituaes, a que os prelados têm obrigação de acudir, se elles o não fizessem. Vendo isto os Summos Pontifices concederam á Companhia muitas graças e privilegios; entre os quaes foi o de « *decimus non solvendis* » querendo que suas propriedades fôssem isentas de pagar dizimos, pois ella toda se occupa em ajudar os prelados e ministros e ecclesiasticos, a quem elles por esta causa se devem.

E com isto ser assim, comprando os padres de S. Antão cinco herdades no termo d'Evora, com licença de Sua Magestade por El-Rei D. Henrique, que Deus tem, deixar ordenado com consentimento e approvação do Papa, que para a ajuda da sustentação do dito collegio, de que é fundador, se comprasse alguma renda. E estando em posse das ditas

propriedades, que por serem da Companhia ficam isentas de pagar dizimos. E sabendo isto o arcebispo e cabido, receberam parte do dizimo das ditas herdades forçosamente, com ameaças, e excommunhões fulminadas por um conego do dito cabido, procedendo como juiz, sendo parte e suspeito. E processando-se a causa diante de juiz competente, e sendo dada sentença que os ditos dizimos se restituissem, o dito cabido não quer obedecer á dita sentença, nem aos privilegios apostolicos, e tres sentenças de rotas em confirmação d'elles. Nem se póde dizer que esse privilegio é em detrimento notavel do dito arcebispo e cabido, pois em respeito de cincoenta mil cruzados, que pouco mais ou menos o arcebispo tem de renda, e de dois mil que cada conego tem, fóra seus bens patrimoniaes, monta o dito dizimo quasi nada, e ainda que montára mais deveram de folgar de o largar á Companhia, pois n'aquella cidade ha cento e vinte religiosos da dita Companhia, todos occupados em lições, prégações, doutrina e em outras obras pias, em ajuda e beneficio das almas d'aquelle arcebispado, descarregando em grande parte ao arcebispo e mais ministros a que pertence a cura d'ellas. Nem é para estranhar carecerem de tão pouco, pois as rendas do dito cabido são tão grossas que soffrem por muitos annos alguns conegos comerem as suas rendas, estando ausentes, sem notavel detrimento do mesmo cabido.

O bispo de Coimbra pretende não pagar ao collegio da dita cidade a pensão que por alguns annos El-Rei D. Henrique lhe deixou, com approvação do Papa, para ajuda de sua sustentação, e para com isso remir seiscentos e cincoenta e sete mil réis (657$), que cada anno tem o dito collegio de S. M., o que devêra bastar para se haver por bem empregado, ainda que não houvéra outro respeito; pois, quanto se accrescenta na fazenda de S. M., tanto se

ajuda á conservação d'este reino, e outras despezas importantes á nossa santa fé e igreja universal, que S. M. tanto tem a seu cargo, quanto mais que esta pensão não se pôz de novo, porque havia muitos annos que os bispos seus antecessores pagavam. Tambem se deve considerar que este collegio é o primeiro que a Companhia teve, e El-Rei D. João III fundou, e ha 44 annos que serve aquelle bispado com perto de 200 religiosos, que se occupam em lêr, prégar e doutrinar e confessar, e outros ministerios espirituaes, descarregando ao bispo em grande parte de sua obrigação, sem ter das rendas d'elle cousa alguma.

Sendo muito ordinario ajudarem os prelados as fundações dos collegios que ha em suas prelazias. E muito ha que ás suas proprias custas têm fundado uns e mais collegios, dotando de renda bastante, e fazendo-lhe os edificios com todo o demais, com grande effeito e devoção, pelo beneficio que por meio dos ditos collegios elles e suas ovelhas recebem. E pelo allivio de suas obrigações e consciencias.

O arcebispo de Braga pretende não pagar ao collegio da dita cidade e á do Porto parte de uma pensão que El-Rei D. Henrique tinha no dito arcebispado, e a trespassou com licença do Summo Pontifice aos ditos collegios por certo tempo, acabado o qual vaga para o arcebispo, e assim não se lhe pondo carga nova, e dando-se esta pensão tem por assim á religião tão util, e de que aquelle arcebispado tanto se serve e ajuda ; parece cousa dura contradizel-o contra letras apostolicas, especialmente que em nenhuma cousa mais util se póde dispender, que em religiosos, cujo instituto se ordena ao proveito das almas ; e quanto lhe faltar de sustentação, tanto menor poderá ser o numero d'elles, e por isso ellas menos ajudadas. E este foi o motivo com que o papa e El-Rei D. Henrique com tanta piedade e zêlo das almas concederam estas pensões antes d'ellas serem providas

das ditas prelazias, e deviam os prelados conformar-se com este tão sánto intento do papa e d'El-Rei D. Henrique, e imitar o que agora faz S. S. na fundação do collegio de Roma, para o qual tem já dado em menos de dois annos trezentos mil cruzados; quanto mais que estas pensões deixou El-Rei D. Henrique por sua alma, com obrigação de muitas missas, suffragios e orações, como consta de seu testamento, as quaes se vão continuando. E, pois, estes reinos lhe devem tanto, principalmente estes prelados deviam de haver por bem que não ficasse n'esta parte seu testamento por cumprir, ainda que por rigor de justiça se não devêra, quanto mais devendo-se. E espera a Companhia que S. M. acuda á esta como cousa tão devida a seu catholico e pio animo, e não permitta que esta religião que tanto serve a Deus e a S. M. e ajuda os prelados, seja molestada e desacreditada, pois os Reis de Portugal, seus antecessores, sempre como verdadeiros pais a favoreceram e tiveram debaixo da sua protecção; e o mesmo se espera agora de S. M. com muito mais razão, porque se a isto se não atalha, alienar-se-iam os animos dos povos e perderiam a devoção que têm á Companhia, e perdendo-a, perderiam o beneficio que por meio dos religiosos d'ella suas almas recebem, e os mesmos prelados a ajuda continua que n'elles têm, e seria cousa mui contraria e repugnante ao serviço de Nosso Senhor e bem espiritual, e ainda temporal dos povos d'estes reinos, e das outras partes a elles sujeitas, onde os ditos religiosos exercitam seu instituto com tanto trabalho e fructo, como se sabe.

E porque algumas pessoas advertindo nas muitas despezas que a Companhia tem e faz na creação dos ministros necessarios para o bem espiritual das almas, e o mais que fica dito, dizem que os collegios da Companhia n'este reino têm muita renda, porque as casas professas a não têm nem podem ter, pareceu dever lembrar: que

tirando das ditas rendas as despezas de pensões que os collegios pagam á diversas pessoas, porções de curas e vigarios, fabricas, ornamentos, quindenios, quebras de rendeiros, ordenados de officiaes e outras cousas semelhantes, não fica para sustentação de cada religioso cincoenta cruzados, o qual uns annos por outros conforme a cousa, vão os tempos, não basta; porque d'essa quantia se terá o que se gasta na fabrica dos collegios, vestido, calçado, livros, e o mais movel da casa. E as esmolas ordinarias que fazem aos collegios, residencias e suas igrejas, pelo qual estão individados e padecem necessidades; porque os religiosos d'estes collegios não têm para seus vestidos, livros e o mais que hão mister, ajudas d'outras partes como outros religiosos, nem a Companhia succede nas heranças de seus religiosos, nem se ajuda das esmolas que se costumam dar por missas, prégações, enterramentos, capellas, e as mais cousas que as outras religiões santamente têm: sómente se sustenta das rendas, que os Papas, Reis, Principes, Prelados e outras pessoas dotam aos collegios.

Vista esta informação, a utilidade da Companhia, o pouco que tem para sua sustentação (posto que alguns com animo damnado falsamente dizem e affirmam o que não é), as muitas obrigações que toma sobre si; parece que será serviço de Nosso Senhor mandar Sua Magestade que não se trate d'estes pontos, antes faça que inteiramente se cumpra o que o Santo Padre e El-Rei D. Henrique tão piamente ordenáram acerca das ditas pensões, e não se dê occasião á murmuração do povo, que por esse respeito injustamente póde haver, antes se lembra a Sua Magestade, que os reis seus antecessores d'esta corôa costumavam nos tempos das côrtes, mandar avisar os que vinham a ellas, que não tratassem das cousas tocantes ás religiões. E por algumas pessoas se desmandarem acerca d'esta materia, as

mandaram castigar, tendo este humor por suspeito em cousas tocantes á fé e prejudicial para a paz e quietação d'esta Republica.

E espera-se que Sua Magestade com tanto mais zêlo quanto maior senhor é, e mais depende d'elle o bem da igreja universal, mande pôr este freio aos que se podem desordenar.

UM MANUSCRIPTO GUARANY

Carta ao Illm. Exm. Sr. Senador Candido Mendes de Almeida, e por este apresentada ao Instituto Historico.

Exm. Sr. Senador,

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. o escripto que lhe prometti mandar para o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.

É um cathechismo guarany, que copiei com a maxima possivel fidelidade, traduzi, e annotei com observações tendentes ao melhor esclarecimento do texto abanheenga. Fui nesta tarefa singularmente ajudado pelo nosso mais illustre americanologo, o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que teve a bondade de rectificar o texto, revêr e corrigir a minha versão, e illustral-a com o muito que sabe do idioma guarany. Suas são as mais importantes notas ; e para as distinguir, fil-as precedidas de asterisco e terminadas com as suas iniciaes B. C.

O original está em meu poder, e com muito gosto o enviarei ao Instituto si V. Ex., pela cópia, achar que vale a pena guardal-o no archivo de tão douta corporação. É uma folha de papel de peso, marca BATH, dobrada em 12. No rosto se lê : *Este cuaderno es de D.ⁿ Cipriano Antonio Ayala.* E com lettra já differente : *Soy del uso y priedad* (propriedad) *de D.ⁿ Fortunato Ibarra.* No v. e nas fls. 2 e 3, vêm orações *al entra en la yglesia.* E aqui já este verbo *entra,* pronunciado *entrá,* me suggere uma reflexão, e é que, assim como no portuguez fallado no Brasil, os verbos hispanhóes no Paraguay, e talvez em todas as nações da mesma origem no sul d'America,

estão perdendo o *r* final do modo infinitivo: facto que, a respeito do portuguez do Brasil, já foi notado pelo erudito philologo de Lisboa o Sr. Adolpho Coelho. No texto guarany verá V. Ex. *comulgá* por *comulgar*, *participá* por *participar*. É evidente influencia da lingua selvagem na lingua culta. Mas, fechemos este parenthesis, e prosigamos na descripção do MS. Á fl. 3 v., está um *Actos de Fé*; fl. 4, *Actos de Esperanza*; e no fim, *Actos de Caradad* (caridad). Cabe aqui tambem uma advertencia, sobre o plural desses *Actos*, que devião d'estar no singular. No texto guarany, V. Ex. achará *meritos, prosimos, personas*, em vez de *merito, proximo* e *persona*. Não sei porque. No v. de fl. 4, continua o « acto de caridade », e vem uma oração a Nossa Senhora, a qual termina á fl. 5 v., seguindo-se nesta os dias do mez: *30 dias trae Nobrē con Abril Junio y Sebrē* etc. Á fl. 6, os dias das festas nas Reducções, a saber: *Prócurahide guardar las fiestas quiere saber. Estes versos aprender, la Circumcision tenemos de Enero al 1º y Pablo a 29. a 25 de Julio nrò patron y despues la Abuela. A 20 de Obrē Simon y Judas veras que en aqueste no hay mas. Fin.* Esta escripta está mostrando a ineptidão litteraria do amanuense. Vem no verso o seguinte: *Un quintal tiene cuatro arrobas una @ tiene 25 libras una libra tiene 4 cuarte.* Segue-se então a Declaracion de la Doctrina Cristiana: é o texto guarany que damos em seguida, datado e assignado por quem o escreveu, *Elias del Rosario Ibarra*; depois de cuja firma, isto: *20, 30, 40, 650, 60, 70, 80, 90, 100*. Estamos no fim de fl. 11, em cujo verso se lêm umas quadras a Jesu-Christo, para livrar da guerra e da *secca*, com o estribilho: *Misericordia, Señor!* terminando a fl. 12, que traz no verso estas declarações; *Soy del uso y propiedad de D.ⁿ Cipriano Antonio Ayala.*

— *Sor del uso y propieda de D.ⁿ Elias del Rosario Ibarra.* Data do MS. : *30 de Maio de 1851.*

Pelo conteudo, assim minuciosamente descripto, eu seria levado a crer que se tracta de um caderno de menino de escola si, juntamente com elle e outros de orações christãs e de grammatica elementar castelhana, me não tivessem vindo na mesma occasião e do mesmo logar outros manuscriptos que me não parecem escolares, como sejam um *Tratado 2º Tit. 1º Del Soldado,* especie de regimento militar, e umas *Breves Lecciones del Curso de "Juzgados Militares" arregladas á la practica del Esercito.* Mandou-m'os da villa do Pilar, no Paraguay, quando foi tomada pelos nossos em 1867, meu irmão o Dr. Joaquim Mariano de Macedo Soares, medico militar, servindo então no exercito em operações. Delles se vê que a instrucção popular dos Paraguayos comprehendia o ensino religioso, o militar, e as primeiras lettras, incluindo a grammatica hispanhola.

Mas, seja ó que fôr, V. Ex. não levará a mal, creio, tão comprida descripção de caderno, que pertenceu a algum sargento de Lopez. São tão raros os monumentos escriptos da lingua dos guaranys, e tanto tem ella influido no desenvolvimento dialectal do portuguez que se falla no Brasil, que um documento desta ordem não póde deixar de ser considerado digno d'attenção dos estudiosos das lettras patrias, que já d'ora avante não podem ser bem conhecidas sem algumas noções da grammatica e do vocabulario do guarany, do tupí, do guaycurú, do xocrem e outras linguas americanas, do bundo, do congo, do benguela, do caçange, moçambique, fulo e outras linguas africanas.

Por outro lado, sabido é o empenho e alacridade com que andam os linguistas do velho mundo catando, e apanhando, e guardando para exame os textos das linguas rudes d'Asia, Africa, America e Oceania. Já é consideravel o

catalogo das grammaticas, diccionarios, cathechismos, biblias e outros materiaes d'estudos dos idiomas americanos; não são, porém, ainda bem conhecidos os elementos constitutivos de cada um para que qualquer documento novo não seja acolhido com a satisfacção das boas-vindas.

O guarany, que o padre Hervas considera a mais difficil das linguas americanas, é, como V. Ex. melhor do que eu sabe, tão subjeito a irregularidades de toda a sorte que admira como se tem podido subjeitar a preceitos grammaticaes. Só mesmo a inspiração de um Anchieta, o profundo talento de um Montoya, a tenacidade intelligente de um Couto de Magalhães, ou a incontestavel superioridade de um Baptista Caetano, poderiam dictar a lei n'anarchia grammatical e lexicographica da lingua geral nos seus dous ramos, tupí e guarany. Ora, a essas difficuldades accrescem as alterações dialectaes dos Paraguayos; a influencia do castelhano, fallado no Paraguay e em todas as nações de origem hispanhola que rodeam a pequena republica; a nulla instrucção dos copistas; a falta da imprensa e de outros meios de reproducção exacta dos originaes, para que mais e mais se embarace e estorve o conhecimento de uma lingua que, pensando bem, já se não póde com justiça classificar entre as selvagens; pois é fallada e escripta por um povo que, atrazadissimo embora, tem assento na communhão das nações christãs, é dizer, das nações civilisadas, ou que, pelo menos a certos respeitos, participam dos beneficios da civilisação christã.

Tenho a honra de ser o maior admirador e o menor dos criados de V. Ex.

S. C., no Mar de Hispanha, 15 de Fevereiro de 1880. —*Antonio Joaquim de Macedo Soares.*

DECLARACION

DE LA DOCTRINA CHRISTIANA (*)

P. Mbovĭpa (1) oyme ñandeyara (2) ?
Mbobĭ-pa oĩme ñande yára ?
Quantos ha nossos senhores (deuses) ?

R. Petēiño ñandeyara ete (3).
Peteĩ ñō ñande yára eté.
Um só Deus verdadeiro.

P. Mamopa oyme ñandeyara *Dios* oguecope (4)?
Mamō-pe oĩme ñande yára » oguecó-pe ?
Onde está Deus de Deus seu ser no ?

R. Oyme ĭbape, ĭvĭpe hae opamamopaberipi (5).
Oĩme ĭbá-pe ĭbĭ-pe hae opá mamō pabē rupi.
Está céu no, terra na, e todo logar qualquer em.

P. Mamopa oyme ñandeyara caray oguecope?
Mamō-pe oĩme ñande yára caraĭ oguecó-pe ?
Onde está Deus de homem seu ser no ?

R. Oyme ĭbape Tupã Tuba acatuape, hae *en*
Oĩme ĭba-pe Tupã Tuba acatuá-pe, hae »
Está céo no, de Deus Padre direita á, e no

el Santisimo Sacramento del Altar.
» » » » » .
SS. S. do Altar.

P. Mabapa (6) ñandeyara ?
Maba-pa ñande yára ?
Quem Deus ?

(*) Por falta de typos de vogaes com o accento do som nasal ˜, emprega-se aqui o signal de syllaba longa

R. *La* *Santisima* *Trinidad.*
» » ».
A SS. Trindade.

P. Mabapa *la* *Santisima* *Trinidad?*
Maba-pa » » » ?
Quem a SS. Trindade?

R. Tuba, Taïra hae *Espiritu Santo* mbohapï *personas*
Tuba, Taïra hae » », mbohapï »
Padre, Filho e Espirito Sancto, tres pessoas

oycoe coé oyuegui ([7]), *pero* peteinte ñandeyara.
oicoé-coé oyohugui, » peteĩ-nte ñande yára.
distinctas si entre, porém um só Deus.

P. Tubapa ñandeyara?
Tuba-pa ñande yára?
O Padre Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Taïrapa ñandeyara?
Taïra-pa ñande yára?
O Filho Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Hae *Espiritu Santo*pa ñandeyara?
Hae » » - pa ñande-yára?
E o Espirito Sancto Deus?

R. Ñandeyara.
Ñande yára.
Deus.

P. Aiporamo ninpo ([8]) bohapï ñandeyara?
Aipó-ramo nĩpó mbohapï ñande yára?
Assim sendo, porventura tres deuses?

R. Ahãni y *persona*nte mbohapĭ oycoe coe oyuehegui,
Aaní i » - nte mbohapĭ oicoé coé oyoehegui,
Não ; as pessoas só tres distinctas si entre ;

ñandeyara pētēyetente.
ñande yára peteĩ - eté-nte.
Deus um verdadeiro só.

P. Maba ūguĩ mbohapĭ y *personas*guipa oyeyapo
Mabae ũguĩ mbohapĭ i » - gui-pa oyeyapó-
Qual essas tres pessoas d' se fez

baecue carayramo ([9]) hae omano ñanderaĭhupaje ?
baecue caraí-ramo hae omanõ ñande raĭhúpa-pe ?
foi que homem em, e morreu nosso amor por ?

R. Taĭra mbitepegua y *personas* momocoyha ([10])
Taìra mbĭte-pe-gua i » mo-mocõiha ;
O Filho, meio no estando, a pessoa segunda sendo ;

upebareheco ([11]) oyeyaporire carayramo hera *Je-*
upé bae rehe co oyeyapó rire caraí-ramo, hera »
isso por é-que, se fez depois-que homem em, chamou-se Je-

su Cristo.
» .
sus Christo.

P. Mabapa *Jesu Cristo* ?
Maba-pa » » ?
Quem Jesus Christo ?

R. Ñandeyara hae caray ete.
Nande yára hae caraì eté.
Deus e homem verdadeiro.

P. Mamopa oyeyapo ñandeyara carayramo ?
Mamõ-pe oyeyapó ñande yara caraí-ramo ?
Onde se fez Deus homem em ?

R. *Señora Santa Miria* ([12]) marãneĭrĭepe ([13]) *Espiritu*
» » Maria maraneỹ rĭe-pe »
Da-Senhora Sancta Maria immaculado ventre no, do Espirito

Santo rembiapo hae y *gracia*rupi.
» · rembiapó hae i » - rupi.
Sancto obra e sua graça por.

P. Maērāpa oyeyapo ñandeyara carayramo?
Maerā-pa oyeyapó ñande yára caraí-ramo?
Para que se fez Deus homem em?

R. Ĭcatu (14) hāguā omano Curuzurehe ñanderaĭhupape
Ĭ-catu haguā omanō curuzú rehe ñande raĭhúpa-pe
Poder para morrer cruz na nosso amor por

ñande*libra*haguā mbaepochĭretagui (15) hae omeē̃
ñande liberá-haguā mbaé-pochĭ-retá-gui, hae omeē̃-.
nos livrar para cousas ruins das, e dar

hāguā ñandeve (16) *esemplo.*
haguā ñande-be » .
para nós a exemplo.

P. Haecoomanorirepa mamoohō?
Hae co omanō rire-pa mamō ohó?
E eis morreu depois que para onde foi?

R. Hianga oyepeabobe hetegui ogueyĭ
I anga oyepeá mbobé hete gui ogueyĭ
Seu espirito se separou logo que seu corpo de, desceu

*Limbo*pe *las almas de los Santos Padres* renohēbo, hae
» -pe » » » » » » renohē-bo, hae
Limbo ao, as almas dos Santos Padres tirar para, e

hetecue opĭta Curuzurehe *la divinidad* ndive (17).
hetecué opĭta curuzú rehe » » ndibe.
seu cadaver ficou cruz na a divindade com.

P. Haeoycobeyiebĭpa (18) coñandeyara?
Hae oicobé yebĭ-pa co ñande yára?
E resuscitou depois nosso Senhor?

R. *Tresdias*hape (19) oycobeyebĭ hae *cuarenta dias*
» » ha-pe oicobé-yebĭ, hae » »
Terceiro dia no resuscitou e quarenta dias

oycobeyebiriro ohò ĭbape oguapĭ
oicobé yebĭ rirē ohó ĭba-pe oguapĭ
resuscitou depois que foi céo ao, está sentado

Tupã Tuba acatuape.
Tupā Tuba acatuá-pe.
de Deus Padre direita á.

P. Aracaepa ouyebĭbaērā (20) ?
Aracae-pa oú yebĭ-baerā ?
Quando voltar ha de ?

R. *En el dia del juisio* oypĭhĭbo *cuenta* omano
» » » » » oi-pihĭ-bo » omanō
No dia de juizo, tomar para conta mortos
hae oycobebagui (21).
hae oicobé-bae-gui.
e vivos que são dos.

P. Mbovĭ *naturalezas*pa oguereco *Jesu Cristo?*
Mbobĭ » -pa ogue-recó » » ?
Quantas naturezas tem Jesus Christo ?

R. Mocōȳ pētēy *Divina Dios* hecope (22), haambuae (23)
Mocōi: peteī » , » hecó-pe, ha ambuae
Duas: uma divina, Deus elle ser em, e outra
humana caray hecope.
» , caraí hecó-pe.
humana, homem elle ser em.

P. Mbaepa *la comunion delos Santos?*
Mbae-pa » » » » ?
O que a communhão dos Santos ?

R. Opa*cristianos* ya*participa* (24) *delos bienes espirituales*
Opá » yaparticipá » » »
Todos os christãos participarmos dos bens espirituaes
dela Iglesia.
» ».
da Igreja.

P. Mbaepa *la Santa Iglesia?*
Mbae-pa » » » ?
O que a Sancta Igreja ?

R. *Una junta de cristianos*, ynacã hechapĭ *el Papa*,
» » » « iñ-acã hechapi » »,
Uma sociedade de christãos, seu cabeça visivel o Papa,
hae hechapĭẽỹ *Jesu Cristo.*
» hechapĭ-eỹ » ».
e visivel-não Jesus Christo.

P. Mbaepa ya*receri* ya*comulgar*amo ?
Mbae-pa ya- » ya- » -ramo ?
O que recebemos commungamos quando ?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*rete hae huguĭ marangatú (25).
Ñande yára » » -reté hae huguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Christo o corpo e o sangue verdadeiro.

P. Mbaepa oyme *Hostia*pe *Pai* o*consagrar*iro (26) ?
Mbae-pa oĭmé » -pe » o- » -rirẽ ?
O que está hostia na, o Padre consagra depois que ?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*rete, hae huguĭ marangatú.
Ñande yára » » -reté, hae huguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Cristo o corpo e o sangue verdadeiro.

P. Mbaepa oyme *Caliz*pe *Pai* o*consagrar*ire ?
Mbae-pa oĭmé » -pe » o- » -rirẽ ?
O que está calix no, o Padre consagra depois que ?

R. Ñandeyara *Jesu Cristo*ruguĭ marangatú.
Ñande yára » » -ruguĭ marangatú.
De nosso senhor Jesus Christo o sangue verdadeiro.

P. Co *Hostia consagrada Pai* õỹpẽhẽãramopa
Co » » » oi-pehẽá-ramo-pa
Depois da hostia consagrada, o Padre a parte quando,
oñẽpẽhẽã ñandeyara ?
oñe-pehẽá ñande yára ?
se parte nosso senhor ?

R. Noñēpēheay, opaypehēnguemimime
No ñe pehē á i, opá i pehengué-mīmī-me
Não se parte, todos os pedaços d'ella pequeninos em

ōȳ *entero* ĭbape ōȳ haichá ([27]) abey.
oī » ĭba-pe oī haichá abé í.
está inteiro, céo no está como assim.

P. Mbaehapa ñoñepēhēay?
Maecha-pa no-ñepehē-ái?
Como não se parte?

R. *Espiritualmente* ōȳhabarehe ([28]).
» oī-haba rehe.
Espiritualmente estar por.

P. Mbovĭ mabaepa tēcōtebē ñemombeū ([29])
Mbobĭ mbae-pa tecótēbē ñemombeú
Quantas coisas são precisas uma confissão
porā yayapo haguā ([30])?
porā yayapó—haguā?
bemfeita fazer para?

R. *Cico cosas.*
» ».
Cinco coisas.

P. Mabamabapa ([31])?
Maba-maba-pa?
Quaes?

R. *Ezamen dolor, propocito confesion, satisfacciòn.*
», », », », ».
Exame, dôr, proposito, confissão, satisfacção.

P. Mbaepa *ezamen*?
Mbae-pa »?
Que coisa exame?

R. Ñañemomanduapa ñaneangaiparehe, haembovĭ-
Na ñemo maenduá-pa ñane angaipa rehe, hae mbobĭ
Nós nos recordarmos nossos peccados de e quantas

yebĭpa *cada* angaipa yayapo hague.
yebĭ-pa » angaipa yayapó-hagué.
vezes cada peccado se commetteu.

P. Mbaepa *dolor* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa dôr ?

R. Ñambuacĭ ñamoñemĭrõhague ([32]) ñandeyarape
Ña mboacĭ ña moñe moĭrõ-hague ñande yára-pe
Nós termos pezar nós offendido havermos de Deus a,
haĭhupĭrahabarehe ([33]).
haihúpĭrahaba rehe.
de ser amado digno ser por.

P. Mbaepa *proposito ?*
Mbae-pa » ?
Que coisa proposito ?

R. Ñameẽ ñandeyarape ñaneñeẽ ña*ofesde*beĭhaguã ([34])
Ña meẽ ñande yára-pe ñane ñeã ña *ofende*beĭ haguã
Nós darmos Deus a nossa palavra nós offendel-o mais não de,
hae ñaenepĭtĭbõhauepĭ ([35]).
hae ña y ñepĭtĭbõ ha ete pe.
e nós a isso nos resolvermos firmemente.

P. Mbaepa *confesion ?*
Mbae-pa » ?
Que coisa confissão ?

R. Ñañemombeupa pŏrã haguã ([36]) ñane angaipagu
Ña ñemombeu-pa porã haguã ñane angaipa-gui
Nós nos confessarmos bem nossos peccados do
ñane*confesor*pe.
ñane » -pe.
nosso confessor ao.

P. Mbaepa *satisfaccion ?*
Mbae-pa » ?
Que coisa satisfacção ?

R. Ña*cumpli*pa pŏrã hãguã ([37]) *penitencia*
Ña » -pa porã haguã »
Nós cumprirmos bem a penitencia

*omanda*ba ([38]).
».
imposta.

P. ñaĭcŏtĕbĕ ([39]) yaye*salva*hāgua ?
(Mbobĭ mbae-pa) ña icotēbē yaye » - haguā ?
Quantas coisas nos são precisas nos salvarmos para?

R. Tres cosas.
» ».
Tres coisas.

P. Maba mabapa ?
Maba maba-pa ?
Quaes ?

R. Fe , esperanza y caridad.
» , » » ».
Fé, esperança e caridade.

P. Mbaepa *fé* ?
Mbae-pa » ?
Que coisa fé ?

R. Yarovia ñandeyara pētēiētende ([40]) oymeha
Ya robiá ñande yára peteī eté nte oīméha
Nós crermos de Deus um verdadeiro só a existencia.
opayahechaĭrehebe yepeñandecĭ ([41])
opá ya hechaỹ rehebe yepe ñande
tudo o que nós vemos-não com junctamente comtudo, de nossa
Santa Madir Iglesia omombeuharupi. ([42])
ci » Madré » omombeu-ha rupi.
mãe a S. Madre Egreja o ensino conforme.

P. Mbaepa *espesranza* ?
Mbae-pa esperanza ?
Que coisa esperança ?

R. Yarecó ñandeyararehe *esperanza* ñaneangaipa
Ya recó ñande yára rehe » ñane angaipá
Nós termos Deus em esperança de nossos peccados,

beramoyepe ñane*perdona*nde (43) hãguã *Jesu Cristo*
béramo yepe ñane » — nte haguã » »
tudo não obstante, nos perdoados serem, de Jesus Christo

*meritos*rupi.
» -rupi.
merecimentos pelos.

P. Mbaepa *caridad*?
Mbae-pa » ?
Que coisa caridade ?

R. Yahaïhu ñandeyarape opa mbaeguibebe
Ya haïhú ñande yára-pe opá mbae guibe-be,
Nós amarmos Deus a todas as coisas sobre,

haeyahaïhu ñane*prosimos*pe (44) ñandeyayehaïhu
hae ya haïhú ñane » -pe ñande ya-yéhaïhú
e nós amarmos nosso proximo ao, nós nos amamos

haychaabey.
haicha abei.
como assim.

A 30 de Mayo de 1851—Escribió *Elias del Rosario Ibarra*.

No Mar de Hispanha, em 1879, traduziu

ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES.

NOTAS

(1) *Mboví*. No alphabeto guarany falta a letra *v*: a palavra é *mbobí*. O *v* do texto, n'este e outros logares, que depois mostraremos, é indicio da influencia castelhana.

*—A troca do *b* em *v* não é sómente por influencia hispanhola; ella dá-se tambem no tupi do Amazonas: e, segundo a lei geral do « abrandamento das instantaneas em continuas », é frequente a mudança da labial *b* em *v*, e d'esta em *u*, como se vê em *íba* arvore, que se tornou successivamente *íva*, *íua*, como actualmente dizem no Amazonas. (V. O *Selvagem* do Dr. Couto de Magalhães). — B. C.

Influencia hispanhola no guarany, influencia portugueza no tupi do Amazonas, attestada pela grande cópia de vocabulos, e não poucas phrases, introduzidos no abanheẽ e no nheengatú. Si, em vez do hispanhol ou do portuguez, houvesse a « lingua geral » soffrido o jugo, por ex., allemão, em vez de se mudar o *b* em *v*, e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ípa* por *íba*, *mpopí* por *mbobí*, sem sahir das leis geraes da phonetica. Só nas linguas neolatinas é *geral* a lei do abrandamento das explosivas em continuas; n'este assumpto, a unica *lei geral* averiguada é que a troca das lettras é facto dependente da organização vocal de cada povo. Tomemos por typo um intertropical: os meridionaes abrandam o som das letras que os septentrionaes endurecem. O *b* do equador tornase *p* no norte e *v* no sul. O mesmo succede com as gutturaes e as dentaes, que se amollecem n'uns climas e enrijam n'outros, segundo a disposição dos orgãos vocaes dos povos respectivos.

(2) *Ñandeyara*.—Litteralmente, « nosso senhor », e assim traduzimos, ou « Deus », segundo o sentido da phrase e sua melhor construcção. Em alguns logares se poderia traduzir por « Jesus Christo. »

*—*Ñande yara* é com effeito « Nosso Senhor », e tambem « o Senhor, o Creador, aquelle que nos nasce », construcção especial do v. *ar* nascer, que faz no infinito *y-ara* o que ou aquelle que nasce (transitivo): *ñande* a nós; afinal, por translação tropologica, *ñande yara* significa « Deus ».—B. C.

(3) *Ete.* —*Eté*, como escrevem Montoya e outros grammaticos; não *ete*, como se lê sempre no texto. É longo o segundo *e*; e aberto n'umas regiões (*é*), fechado n'outras (*ê*). *Caráetê* chamamos no littoral o cará da melhor qualidade, o cará por excellencia. *Caeté* chamam os mineiros, paulistas e paranáenses á « bananeira do matto », *Canna Indica*; e tambem o mato brabo, sem mescla de campo. *Cuyetê*=*cuyeté* é o cabaceiro, *Crescentia Cuyete* L., assim pronunciado no Paraná e em Minas, ora com ê, ora com é.

(4) *Dios oguecope.*—Litteralmente, *Dios*, hisp., Deus, *ogu*, seu, *ecó*, ser, *pe*, pospos., em: « em seu ser de Deus » sob o aspecto da divindade, *tanquam Deus*. Na pergunta seguinte, vêmos *caray oguecope*, em seu ser de homem, *tanquam homo*, sob o poncto de vista da humanidade. É o questionario do cathechismo em relação a Christo: « Onde está Jesus-Christo emquanto Deus? Onde está Jesus-Christo emquanto homem? » N'estas duas perguntas, *ñande yara* é synonymo de *Tupã Taïra*, Deus Filho, Jesus-Christo, como dissemos supra, not. 2.

*—*Tecó* ser é verbo e substantivo simultaneamente, e póde-se dizer *tecó* ou *ticó*, e tirando-se o *t*, demonstrativo generico, *ecó*=*icó*; d'aqui a conjugação: *a icó* sou, *re icó* és, *o icó* é, etc. No infinitivo, o *t* absoluto torna-se *r*, *h*, *gu*, quando se conjuga com os pronomes pacientes, e temos *che-r-ecó* me ser, o ser eu, o meu ser, *nde-r-ecó* te ser, o seres tu, o teu ser, *h-ecó* elle ser, o ser elle, d'elle o ser, *gu-ecó* (ou pleonasticamente, como hoje usam os paraguayos, *ogu-ecó*) se ser, o se ser ou ser-se, o seu ser, etc. Assim na pergunta: « Onde está Nosso Senhor (ou o Creador) *Dios oguecópe* de Deus o seu ser em (no seu ser de Deus)? », e mais adeante: « *Caray oguecópe* no seu ser de homem. »—B. C.

(5) *Opamamopaberipi.*—Esta phrase pleonastica tinhamos a principio traduzido: «por toda a parte.» *Opá* é todo, todos, tudo, *mamõ*, onde, *pabẽ*, todos indeterminadamente, todo e qualquer, *ripi*=*rupi* posp., por: assim, fica mais energica a expressão traduzindo: « em todo e qualquer logar », mais consoante á resposta dos nossos catechismos.

*—*Mamõ* é « onde (*ubi* lat.) em geral », e póde-se traduzir por « algures »; e assim *opámamõ* ou *mamõpabẽ* é « todo onde, todo algures, algures seguido, algures sem fim (*pabẽ*). » D'este modo, a phrase pleonastica *opámamõpabẽrupi* póde ser traduzida muito bem pelo dizer: « por toda a parte. » A posposição *rupi* tem a primeira

syllaba tão breve que os paraguayos chegam a pronuncial-a *rpi*. Em geral, são brevissimas todas as posposições em guarany, e ainda quando têm mais de uma syllaba, são encliticas; de modo que, ainda quando são accentuadas, a demora da pronuncia se faz na ultima syllaba do thema, como em *oyũhẽgũĭ*, onde até o diphthongo *ũi* é brevissimo. D'ahi vem que, em alguns versos de Anchieta e outros, a contagem das syllabas, para quem não estiver prevenido, é inexacta; porque, por ex., em *có rupi*, devendo ser enclitica *rŭpĭ*, a pronuncia se torna quasi *córp*, embora sôe bem claro o *i* final. Tem logar aqui observar que será preciso cautela com a designação das breves e longas, porque o signal de breve ˘ é usado em guarany para designar o ĭ especial, que na realidade é sempre brevissimo, mas quando se tractar de designar quantidade, irá se confundir com o outro *i*; por ex., em *oíri*, elle se desprende, que, indicado por quantidades, seria *ŏīrĭ*. —B. C.

A escripta *ripi* do texto, em vez de *rupi*, prova a exactidão do conceito do Sr. Dr. Baptista Caetano. Sendo *re* ou *ri* o som do *r* guarany (*r* fraco=*ere* port.), em *ripi* lê-se *rpi*, ou *rupi* com a quéda do *u*.

(6) *Mabapa.*—O pronome interrogativo « quem? » propriamente é *abá-pe*; o outro *maba-pa* quer dizer « como que, como quem, qual, o qual », etc. É inutil dizer que todos os pronomes pacientes (*che*, *nde*, *y* ou *h*, etc.) trazem implicito o verbo « ser ».—B. C.

A phrase *mabapa ñandeyara*? encerra noção de modo: « quem é Deus? de que modo se nos apresenta esse Ente Supremo? qual sua fórma? » A resposta o diz: « É a SS. Trindade; é um ente trino e uno, etc. » Cumpre notar que a fórma *abápe* nunca é empregada n'este cathechismo.— Quanto á asserção do nosso illustre mestre que os pronomes que elle chama de « pacientes » já trazem em si o verbo « ser », é para nós tão duvidosa como a de se achar o mesmo verbo incluso nas particulas interrogativas *pa*, *pe*. É que não vemos a justificação de uma regra sinão em sua necessidade. Os antigos grammaticos da lingua geral muito se preoccupavam com a carencia de um verbo que exactamente correspondesse ao *sum*, *es*, *fui*, dos latinos, e tractaram de suppril-o da melhor maneira. Anchieta formulou a seguinte regra: « Os nomes conjugados como verbos incluem em si o verbo *sum*, *es*, *fui*, em duas significações, *scilicet* « ser » e « ter ». Montoya vai mais longe; faz d'esses nomes verbos, quando conjugados com pronomes. Figueira confessa

que «não ha n'esta lingua verbo algum particular que propriamente responda ao verbo *sum, es, fui,* latino; mas, esta falta se suppre bem com o pronome *che* ». Ora, si não ha verbo que traduza *esse,* ser, como é que o havemos de suppôr existindo, mas occulto? Não é verdadeira phantasia ellipse de palavra que não existe, e, portanto, nunca póde apparecer clara? Tanto mais que a falta do verbo « ser » não é essencial para a intelligencia do guarany e do tupi, que possuem meios de suppril-a. O mesmo succede em certas linguas africanas, que carecem do verbo substantivo. O fulo, por ex., suppre-o com o adverbio demonstrativo *ina,* eis, eis ahi, eis aqui, *ecce* lat., ou com os pronomes demonstrativos « este, aquelle », *o, kanko,* etc. (Faidherbe, *Langue Poul,* 45, 46). O bundo e o conguez tambem não possuem o verbo « ser », e si o possue o bundo (diz Cannecattim, 2ª ed., 17) é tão irregular que a cada passo se confunde com outros verbos; suppre-o, porém, com os verbos *cucala,* estar, e *cuia,* ir, e com um vocabulo similhante ao *ina, inani* dos fulos, que é *ené=iné,* privativo da 3ª p. pl. do pres. do ind. do nosso v. « ser », e com outros mais. E aqui seja dicto de passagem que essa ausencia do verbo » ser », *sum, es, fui,* nas linguas africanas do grupo das referidas, não é o unico poncto de contacto que ellas têm com as linguas americanas; ha outros, tão visiveis, numerosos e importantes que nos induzem a vêr intimo parentesco entre ellas. Não adiantemos, porém, materia que não póde ser assim tratada *su i due piedi.*

Quanto ás particulas interrogativas *pa, pe,* incluem tanto o verbo « ser » quanto em latim as analogas *nam, ne, piam, quam, que, ve, vis* e outras, das quaes umas têm significado proprio, outras são meras adjecções destinadas a particularisar, de certo modo, a palavra com que se compõem, ou dar ao discurso fórma interrogativa, ou mais valentia á phrase. Por isso, as orações: *Mabapa ñandeyara? Mabapa Jesus-Christo? Mbaepa fé? Mbaepa la S. Iglesia?* traduzimos tal qual, sem supposição do v. « ser »: « Quem Deus? Quem J. C.? Que (que coisa) fé? Que a S. Egreja? », bem certo de sermos perfeitamente comprehendido e fazermos assim o leitor melhor comprehender as fórmas peculiares do discurso guarany. — Concluamos com a seguinte observação: A falta do v. « ser » não se dá só no tupi e no guarany, mas tambem nos dialectos algicos e iroquezes, e n'outras linguas americanas, nas dravidianas, etc.

(7) *Oycoé coe oyuegui.*— Eis aqui nove palavras guaranys

exprimindo uma só portugueza: *distinctas*, ou quando muito, tres: *distinctas entre si*; e são: *o*, elles-ellas (pessoas da SS. Trindade), *icó*, são, *ē*, distinctas, *co*, são, *ē*, distinctas, *o*, ellas, *yu*=*yo*, se=si (reciproco), *egui*=*ehegui*=*hegui*=*hugui*, posp., de, d' entre, precedida da particula *he*. Todas ellas junctas exprimem: « inteira e totalmente distinctas entre si, muito e muito, completamente distinctas umas das outras. » Adeante temos a mesma phrase escripta de outra maneira: *oycoe coe òyuehegui*. O Sr. Dr. Baptista Caetano corrige em cima *oyohugui*, e em baixo *oyoehegui*; mas já o Sr. M. M. Caceres (intelligente paraguayo, hoje brasileiro, empregado na repartição dos telegraphos da côrte) prefere *oyuhegui*. Tudo isto denota a extrema difficuldade de transcrever palavras de linguas selvagens, sem alphabeto, sem grammatica, sem vocabulario, sem guia, ás apalpadelas, pelo som que a cada um se affigura, segundo a estructura do seu ouvido...

(8) *Aiporamo ninpo*.— « *Aipóramo* é phrase que se decompõe: *ā ipó ramo*, isto sendo em, ou « assim sendo »; pois *ā* é « isto, agora, assim », *ipó* é o verbo *por* haver, na 3ª pessoa, *ramo* o suffixo de subjunctivo, correspondente ao *quum* latino. *Ninpó*, adv., é originario do mesmo v. *por*, e por isso, susceptivel de sentidos diversos.—B. C.

Ninpó é o adv. dubitativo *ypó*=*nipó*=*tipó*, porventura, acaso, dá-se que, dá-se caso que ?, então etc. Na pergunta não entra o verbo « ser », nem « haver » na mesma significação, pela razão dada na nota 6: o guarany não tem o verbo « ser », *esse* lat.

(9) *Carayramo*.— *Ramo* suff. de subj., « como, si, quando, por, em ». *Oyeyapó carayramo*, elle se tornou ou converteu em homem, se fez homem, na phrase do catechismo. *Baecue* (*cuê*, pret., « foi », *bae*, part., « o que ») foi que.

(10) *Mbitepegua y personas momocoyha*. Leiam *persona* no sing., a 2ª pessoa da SS. Trindade.

« — A força e significação dos suffixos de participio se patentêa n'esta oração: *Taĩra, mbite-pe-guā, y persona momocōy-ha*. De deante para traz, e affirmando, por ser resposta á pergunta precedente: « É o Filho, o qual faz (ou constitue) a 2ª pessoa collocada (*gua*, seente, existente) no meio. » *Gua* ou *guar* é contracto de *equar* part. do v. *ecó* ser, e correspondente ao ant. part. port. «seente.» O adj. *mocōy* gera o v. *momocōy*, fazer dous, cujo part. *momocōyhar*, o que faz dous, pela regra dos participios em

guarany, póde servir como oração incidente ou de relativo. — B. C.

(11) *Upebareheco.* — * *Upeba rehe* por isso (isso por), *có* (contracto de *ecó* ou *icó*) é que, *o-ye-yapó-rire* depois delle se fazer (elle se fazer depois de), *caray-ramo*, homem em (em homem), *hera* chama-se ou chamou-se Jesus-Christo. O v. *her*, chamar-se, pertence á classe dos que denominei « transitivos de pronome paciente » ou « pronominaes », contestados por um meu amigo, grande auctoridade na materia, mas á cuja evidencia já cedeu outra auctoridade. São os verbos que se conjugam: *che rera* chamo-me, *nde rera* chamaste, *herã* chama-se, etc.; tal como tambem: *che racĭ*, doe-me, *nde racĭ* doe-te, *hacĭ* doe-lhe etc.; e tal ainda como: *che tī*, empallideço, *nde tī*, empallideces, *y tī*, empallidece. No guarany antigo, é irregular a construcção *oyeyapóriré*, porque, regido o verbo da posp. ou conjuncç. *rirē*, deve estar no subjunctivo, ou pelo menos no infinitivo, e não admitte o pronome agente *o*; mas, os paraguayos collocam sempre o pronome agente nas orações de subjuntivo. — B. C.

Upeba é contracção de *eupé bae*, essa cousa, essa razão, causa ou motivo. *Rehe*, posp., por. *Upebarehe*, por isso, portanto, por consequencia, por essa razão, motivo ou cousa.

(12) *Miria.* — *Maria*. Adeante vem *Madir* por *Madre*, *espesranza* por *esperanza*, *cico* por *cinco*. Erros visiveis: copiamos assim mesmo para móstrar que o amanuense do texto tanto errava na escripta do abáñeenga, como na do hispanhol, e não ha que fiar na orthographia dos manuscriptos.

(13) *Marãneĭrĭepe.* —* *Marãn*, maculado, *marãneỹ*, não maculado, immaculado; mas, os paraguayos deram na moda de escrever a negativa *ẽy* com *ĭ* griphado, ou com *y*. —B. C.

(14) *Icatu hãguã omano.* —Aqui se verifica a observação supra n. 11 sobre o pronome agente (na opinião do Sr. B. Caetano, ou prefixo verbal ou flexão de conjugação, segundo o Sr. Dr. Couto de Magalhães e os antigos grammaticos da lingua geral), regendo o infinitivo *mānō*.

(15) *Mbaepochĭretagui.* — *Retá=etá*, muito, adj. que, unido a um substantivo, o leva ao plural, pois é desconhecida na lingua geral a distincção dos numeros grammaticaes. Aquella formação do plural não é de todo alheia ao bundo, que aliás possue os dous numeros, differençando-se, não como nas linguas neo-latinas, pela

terminação, porém pela inicial da palavra; mas, vocabulos havendo que não têm plural proprio, o formam com a adjecção de *iavul*, muitos, pl. de *q'uiavul*: ex. *menha*, agua, *menha iavul*, aguas. É o processo guarany: *abá*, homem, *abáetá*, homem muito, homens. —Em vez de *mbaepochĭretágui*, diz hoje o catechismo paraguayo, segundo o Sr. Caceres, *la condenacion eternagüi*.

(16) *Ñandeve.*—Corrupção castelhana de *ñandebe.*

(17) *Ndive.*—Idem, por *ndibé.*

(18) *Oycobeyebĭpa.* — « Resuscitou », traducção do catechismo: litteralmente, *o*, elle, *icobé*, vive, *yebĭ*, vez, volta; *icobéyebĭ*, viver de novo, resuscitar, reviver.

(19) *Tresdiashape.* —A particula *ha* é a verbal de tempo, logar, instrumento, etc.; *pe*, pospos., em: « dentro em tres dias. » Montoya tem por incorrecta esta fórma do numero ordinal.

No catechismo moderno, segundo o Sr. Caceres, se diz *mbohapĭ arahape*, e em vez de *cuarenta dias*, como se lê logo em seguida, *cuarenta ara.*

—* *Tres diashape* já é construcção adulterada; a exacta seria *y-mo-tres-dias-ha-pe* n'aquelle que faz ou fazia o dia tres (no terceiro dia). A quéda das iniciaes das phrases contractas é lei muito constante no guarany: exemplo, *ĭbapĭtang*, hoje só « pitanga », *yaçapucai*, hoje « sapucaia » etc. —B. C.

(20) *Ouyebĭbaērā.*—Litteralmente, *o*, elle, *u*, vir, *yebĭ*, de novo, *baerã*=*baerām*, sign. de fut., o que ha de.

(21) *Omano hae oycobebagui.*—* É usado pelos paraguayos *ba* em vez de *bae*, e tambem *ha* em vez de *hae* (conj. *e*). Demais, todas as vezes que se seguem duas orações ligadas pela copulativa (*ha* ou *hae*) costumam junctar sómente á ultima quer o suffixo de partic., quer a posposição. Assim está *omanō hae oycobe-ba-gui* em vez de *omanō-bae-gui hae oycobe-bae- gui*, dos que são vivos e dos que são mortos. Mais acima, já ficou a posposição *rupi* uma só vez, regendo *rembiapo* e regendo *gracia.* —B. C.

(22) *Hecope.* O Sr. Caceres prefere aqui a fórma reciproca: *Dios guecope, caray guecope,* porque o sujeito da oração principal é o mesmo a quem se refere *ecó*, e, portanto, é reciproco (*gu*).

(23) *Haambuae.*—A qui está *ha* por *hae*, conj. copul. *e*, como observou o Sr. Dr. Baptista Caetano, supra not. 21.

(24) *Yaparticipa.*—O Sr. Caceres dá de dous modos esta phrase

do catechismo moderno: ou *opácristianos cuera oparticipá*, na 3ª p. do pl. ; ou na 1ª. *ñande opácristianos yaparticipá*, etc.

(25) *Marangatu.*—Não concorda o Sr. Dr. Baptista Caetano na significação que damos á esta palavra.—« Verdadeiro, real, positivo » (diz elle) é *eté* ; « verdadeiro, exacto, conforme o facto » é *hupi* (*çupi* na lingua geral) ; *marangatú*, porém, vem de *porã* bonito, e *catú* bem, muito, de modo que *porangatú* propriamente é « excellente, optimo, perfeito, lindissimo. » A significação de « bemaventurado » cabe-lhe por translação.—Do mesmo parecer é o Sr. Caceres. Continuamos, porém, a pensar que *marangatú* aqui não tem outro significado sinão « verdadeiro, real, tal qual ». Notem que a palavra é empregada para traduzir a phrase do cathechismo : «corpo, sangue, alma e divindade de N. S. J. Ch., tão *real* e *perfeitamente* (*real* e *verdadeiramente*, segundo outra versão) como está no céu. » *Marangatú* está exprimindo o *real*, e *perfeito*, e *verdadeiro* da transsubstanciação. Esta cartilha da doutrina christã é obra dos padres jesuitas, que se não apartavam do ensino da Egreja, nem do phraseado orthodoxo ; e quando encontravam difficuldade em significar idéas novas por palavras velhas, nem por isso deixavam de recorrer ao vocabulario indigena, que lhes fornecia expressões mais ou menos condignas, mais ou menos adaptadas. Montoya dá *mārāngatú*, « provecho, bondad, honra » ; *chemārāngatú cê*, « deseo ser bueno, honrado y virtuoso. » No *Dialogo da Doutrina Christã pela lingua brasilica* do padre Marcos Antonio (na *Chrestomathia* do Sr. Dr. E. Ferreira França), a resposta á pergunta identica á do nosso texto é esta : *Iandeïara J. C. cetê, çuguy, ïanga* e *Tupan abê ybâkype cecou ïabê catú*, de N. S. J. C. o corpo, sangue, alma e divindade como no céu está, de maneira exacta=real, verdadeira, perfeita, tal qual.

Em fundo, *marangatú*, « bemaventurado, sancto », ou «real e verdadeiramente como está no céu », exprime a mesma idéa.

(26) *Oconsagrariro.*—Erro d'escripta: as duas ultimas syllabas são a pospos. *rirē*, depois, depois que.

(27) *Haicha.*— « *Haichá* assim como, *maychá*=*mbaichá*, são dous adverbios modernos (compostos), que se podem traduzir por «como», um affirmativo, e o outro interrogativo.—B. C.

Na pergunta seguinte vem *mbaehapa* (*h* aspirado) = *maychapa*, interrogativo.

(28) *Ōȳhabarehe.*— « *Espritualmenté oȳ-haba rehe* pelo facto de

ser (estar, existir) espiritualmente. *Õyhaba* é o part. do v. *ỹ* ser, estar; e como todos os participios em *haba*, exprime «o logar, o tempo, o modo de ser.»—B. C.

Assim parece; mas, não é facil de entender essa resposta, que se tornaria heterodoxa. Depois da hostia consagrada, já não é só *espiritualmente* que Jesus-Christo está n'ella; é tambem *materialmente*, com o seu corpo, sangue, alma e divindade. Ora, não sendo possivel que os jesuitas ensinassem similhante heresia, cuidamos que na resposta ha lacuna, e grande.

(29) *Ñemombeú.*— É o infinitivo do v. *mõmbeú* com o reciproco *ñẽ*=*ye*, se: confessar-se. «Confissão» é *ñẽmõmbeúhaba*=*ñẽmombeguaba*. Entretanto, o final da phrase aconselha a tomar o infinitivo pelo substantivo, «o confessar-se» por «uma confissão», *porã*, bonita, direita, bemfeita.

(30) *Yayapó hãguã.* Talvez devesse ser, como opina o Sr. Caceres, *yeyapó hãguã*, para *se* fazer, e não *yayapó*, para *nós* fazermos bonita confissão, etc.

(31) *Mabamabapa.*—Outro modo da formação do plural, consistente na repetição da palavra. *Maba*, qual; *mabapa*, qual? (interrog.); *mabamaba*, pl., quaes: *mabamabapa*, quaes? (interrog.).

(32) *Ñamoñemĭrõhague.* —Em vez das syllabas *mĭro* d'esta phrase, deve d'estar o v. *moyrõ*, offender. *Ñaya*, nós. *Mõ*, diz Montoya, é «particula de composicion, que haze hazer lo que importa el verbo, y que haze del verbo neutro activo.» *Ñeye*, recipr. *se*. *Haguê* é o verbal *haba* e o pret. *cuera: haguera*, referencia ao passado, proximo ou remoto.

(33) *Haĭhupĭrahabarehe.*— Traduzimos esta phrase assim: «por ser digno de ser amado, porque deve de ser amado», *quia amandus, diligendus est, dignus est amandi, dignus est diligi.* O part. do fut. pass. em *dus* lat. se fórma com *pĭra* e *rãmã:* devia ser, pois, *haĭhúpĭrãmãrehe.*—No mais, entende o Sr. Dr. Baptista Caetano que ha nessa resposta erro ou omissão de cousa essencial para completar a phrase. O que é certo é que aqui se define a *dôr christã*, cuja fórmula liturgica é o «Acto de Contricção» do catechismo, onde vem esta oração: «por serdes vós, Senhor, quem sois, summamente bom e *digno de ser amado,*» *haĭhúpĭrahabarehe.*

(34) *Ñaofesdebeĭhaguã.*— Ha evidentemente aqui uma palavra castelhana: o alphabeto guarany carece do *f* e do *s* sibillante; deve

de ser *ñaofendebeĭhaguā*, a saber: *ña*, nós, *eỹ*, não, *ofendê*, offendermos (sc. a Deus), *bé*, mais, *haguā* nota de futuro.

(35) *Ñaeñepĭtĭbŏhauepĭ.*— Até a antepenultima syllaba não ha difficuldade na interpretação d'esta phrase; mas as duas ultimas, *uepĭ* ou são erro d'escripta, ou alguma peculiaridade da lingua que ignoramos, e não nos souberam explicar o Sr. Dr. Baptista Caetano, nem o Sr. Caceres. Na difficuldade de interpretarmos alguma parte obscura d'este catechismo, devemos recorrer ao texto do catechismo geral da doutrina christã, que, sendo identico em todas as linguas, é certamente o mesmo vertido para o guarany, o tupí etc.; e a razão é a que demos na not. 25. Composto por padres missionarios, que se não afastavam nem da doutrina, nem da linguagem da Egreja, no texto guarany d'este catechismo se ha de achar, mais ou menos, sempre porém com a possivel fidelidade, o vocabulario orthodoxo. Tracta-se aqui do « proposito christão »: sua fórmula liturgica é o « Acto de Contricção », onde se depara o enunciado: « Peza-me, Senhor! peza-me, Senhor! de todo o meu coração, de vos ter offendido (é a *dôr*, definida na resposta antecedente; segue-se o *proposito*); mas, *proponho firmemente*, ajudado com os auxilios de vossa divina graça, *nunca mais vos tornar a offender* (expressões do nosso texto), e espero alcançar o perdão etc.» Ora, em *ñaeñepĭtĭbŏhauepĭ* temos o v. *pĭtĭbō*, ajudar, favorecer, incitar, e (com o reciproco *ñe*) determinar-se, resolver-se, animar-se; *ha*, o part. *hāguā*, do futuro; *pĭ*, firmeza, perseverança, boa vontade. Ahi estão os elementos da fórmula. O que resta entender é a syllaba *ue*, e confessamos não lhe achar explicação.

(36) *Ñañemombeupa porā hāguā.*—Esta ultima palavra é nota de futuro: « nós nos *havermos de confessar* bem.

(37) *Ñacumplipa porā hāguā.*—A mesma observação: « nós *termos de cumprir* bem. »

(38) *Omandaba.* —* Deve haver lacuna grande entre a palavra antecedente e esta; falta o sujeito, provavelmente *pai*, o padre, e o pronome *ñandebe*, a nós, ou cousa equivalente que complete a phrase.—B. C.

(39) *Ñaĭcŏtĕbĕ.*—* Esta phrase deve de ser precedida de outra; falta necessariamente o principio *mbobĭ mbaepa* quantas cousas, *ñaicótebē* nós precisamos, nos são precisas, etc.—B. C.

(40) *Pētēiētende.*—É *peteȳeténte=peteȳ*, um, *eté*, verdadeiro, *ñōte*, só, unico.

(41) *Opayahechaĭrehebe yepeñandecĭ.* — Estas duas ultimas palavras *ñande cĭ*, nossa mãi, devem ser separadas das outras antecedentes, que assim se traduzem: *Opá*, tudo, *yá*, nós, *hechá*, vemos, *ĭ*, não, *rehe*, com, *bé*, junctamente, tambem, *yepe*, não obstante, comtudo, embora, apezar de. Segue-se : *ñande cĭ* de nossa mãi, *Santa Madre Iglesia* a S. M. Egreja, *omombeúha* o ensino, a doutrina, *rupi*, conforme. Isto é, « cremos na existencia de um só e verdadeiro Deus, e assim tambem em tudo o que a S. M. Egreja nos manda crêr, embora o não vejamos. » Parece ser este o sentido da phrase, um tanto obscura, *opayahechaĭrehebe yepe*, correspondente á seguinte resposta do *Catecismo de la Doctrina Cristiana* do padre Gaspar Astete, Buenos-Ayres, 1862: «P. Qué cosa es Fé?—R. Creer lo que no vimos. »

(42) *Omombeuharupi.* — *Omombeú* é a 3ª p. sing. pr. ind. v. *mombeú*, declarar, decretar, publicar, ordenar, e, por translação, doutrinar, ensinar, mandar crêr e observar; mas o verbal *ha=haba* converte a palavra no substantivo participial *mombeúhab=mombeúguab*, declaração, publicação, decreto, ensino, doutrina que se professa ou confessa (já vimos ácima o significado de « confissão » *ñēmombeguaba*, a confissão propria, de si, *ñē* recipr.). Já se vê que a vogal *o*, seja pronome agente, como classifica o Sr. Dr. Baptista Caetano, seja a flexão verbal da 3ª pessoa, como considera o Sr. Dr. Couto de Magalhães, seja o articulo de Anchieta, é de mais ; comtudo, modernamente se está empregando não só nos modos pessoaes, como no infinitivo, e até nos participios. Vejam a not. 11 supra, e o *Esboço Grammatical do Abáñeẽ* do Dr. Baptista Caetano, nos *Ann. da Biblioth. Nac.*, VI, 9.

(43) *Ñaneperdonande.*—Deve de ser *ñane perdoná nte*, nos serão perdoados (*ñane perdoná hāguā*, futuro) não obstante, pois, emfim, a final, apezar de não merecermos, mas só pelos merecimentos de Christo. A troca do *t* pelo *d*, perfeitamente de accôrdo com as leis da phonetica, já vimos supra em *peteȳetende*, not. 40.

(44) *Ñaneprosimospe.*—Ha de mais um *s* em *prosimos* (aliás, em castelhano, *proximos*) ; a phrase está no singular : « ao nosso proximo. » Como tem o leitor visto, do texto guarany puzemos em grypho todas as palavras puramente hispanholas : n'elle só ha uma,

que é de origem castelhana, mas já hoje se acha incorporada no abanheẽ, é *curuzú*, cruz ; as mais são guaranys. A phrase nem sempre é vasada nos antigos e correctos moldes da lingua ; ao contrario, o guarany actual se resente muito já do jugo castelhano, e está n'uma phase nova de sua historia, como succede com o tupi do Amazonas e o tupi do littoral, em relação á lingua portugueza. Guaranys e tupis, comtudo, se podem gabar de terem fornecido aos seus conquistadores não sómente palavras destacadas, porém phrases inteiras ; não um vocabulario apenas, porém mesmo algumas fórmas grammaticaes : e, por dezenas de palavras que receberam dos invasores, lhes deram milhares ! São, principalmente, essas novidades indigenas que fazem do castelhano e do portuguez d'America uma lingua já assás differente do castelhano e do portuguez da Europa. É por ahi, mais do que pelas instituições politicas, que o Brasil e as republicas hispanholas vão affirmando sua individualidade, sua independencia, sua nacionalidade.

HISTORIA

DA

GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(Continuada da pag. 79 *do presente volume)*

Livro quinto

CAPITULO I

De como o coronel Brinc (*Brinck*), governador das armas hollandezas se aprestou com um exercito para sahir á campanha de Pernambuco, e das prevenções que fizeram os nossos mestres de campo para lhe terem o encontro

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes queriam outra vez sahir á campanha, mandou deitar bando que todos os soldados viessem ás suas companhias, porquanto estava o inimigo para sahir do Recife com todo o seu poder; e como a infantaria era tão obediente, acudiu logo, porque amavam tanto aos seus dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, executores da guerra

que, sem pôr cousa alguma diante, acudiram todos os soldados para os acompanharem na occasião. Sendo chegados ao arraial, mandaram confessar a todos os de seus terços, para que, estando confessados e sacramentados, lhes concedesse Deus victoria de seus inimigos exteriores (e o mesmo haviam feito na primeira occasião dos Guararapes); tambem fizeram o mesmo todos os mais soldados das fronteiras onde foram mandados sacerdotes para os ouvir de confissão. E para que Deus concedesse aos nossos outra gloriosa victoria, como a que tinham alcançado havia dez mezes nos montes Guararapes, se fizeram por todas as freguezias da capitania muitas rogativas, procissões e outras obras pias, mandando o provisor e vigario-geral o licenciado Domingos Vieira de Lima, expôr o Santissimo Sacramento pelas igrejas matrizes por espaço de tres dias continuos, e que em todas as igrejas se cantassem as ladainhas com muita devoção dos fieis christãos, para que Deus se lembrasse de todos, e lhes désse vencimento contra seus inimigos.

Suspeitando-se que o inimigo tornaria a buscar a Moribeca, se mandaram prover e guarnecer de novo com gente necessaria as trincheiras que chamam dos Barachos e as do Engenho-Novo, as quaes estavam no caminho por onde de necessidade haviam de passar os hollandezes, se fôssem em demanda e derrota da Moribeca, e estavam n'este tempo por fronteiros nos Guararapes os capitães Francisco Barreiros e Philippe Ferreira, ambos do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, para ter o encontro ao inimigo na trincheira, defendendo o passo até vir soccorro do arraial, e assim estavam com muita vigilancia com suas sentinellas para o que fôsse necessario, e tambem os moradores d'aquella freguezia, pelo que tanto lhes importava, iam assistir principalmente de noite ás trincheiras do

Engenho-Novo e ao posto que chamam a ponte de S. Bartholomeu, por mandado do capitão-mór da Moribeca Bartholomeu Marques, que era mui diligente em acudir a todo o necessario para bem d'esta e das outras freguezias circumvizinhas, mandando dar rebate com tres peças de artilharia que na povoação estavam, para que acudissem todos os moradores, assim d'ella como da de Santo Amaro, e outras partes d'aquelle districto, com suas armas, e procurando que outros trouxessem bastimentos necessarios para o nosso exercito, quando veiu aos Guararapes.

Tanto que o inimigo teve junto todo o seu poder no Recife, como no capitulo passado escrevemos, determinou sahir á campanha o coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas hollandezas por o Segismundo não estar em disposição para o fazer, por ficar mal ferido, por junto ao tornozello, na batalha dos Guararapes, e apenas se poder levantar de uma cama, e andar em pé sobre umas moletas, como temos algumas vezes dito. Este coronel Brinc (*Brinck*), desejoso de obrar alguma acção digna de valor, se resolveu de sahir á campanha e acabar de uma vez com os portuguezes que a senhoreavam (parece que esquecido do que lhe succedeu á outra vez, escapando da batalha com bem risco e empenho de sua vida) ajudava-o a este intento a informação que lhe deram uns italianos e portuguezes, e outros negros fugidos do arraïal para o Recife, dizendo ao inimigo que a infantaria estava á folga, como temos dito, e que havia pouca gente no arraial, e com poucas munições e bastimentos, e a gente enfadada pelo máu trato que lhe davam, e que por ventura seria essa a causa d'elles haverem fugido, e que se commetteu a campanha, cóm facilidade conseguiria o que tanto desejava.

Communicando estas cousas o coronel Brinc (*Brinck*), Segismundo, com elle como experimentado lhe disse, que não

intentasse sahir á campanha, porque sem duvida seria destruido e desbaratado, porquanto, conhecia muito bem a resolução dos portuguezes n'ella, e o seu modo de pelejar á espada, a que não havia resistencia, como havia bem experimentado na pendencia que tivéra a 19 de Abril do anno passado, onde elle ficára tão ferido, que ainda estava incapaz de tomar as armas, e lhe disse mais que os portuguezes pelejavam como desesperados, que se, no principio d'aquella guerra, bastava sómente o nome de hollandezes para intimidal-os, tinha entendido que só a vista dos mesmos portuguezes bastava agora n'aquella para desbaratal-os, e mais, quando estavam victoriosos, que seu parecer era fazer a guerra ao largo e deixar perecer aquella gente de fome, pois carecia de todo o necessario, ou aguardar-se maior soccorro de Hollanda para fazer mais segura a victoria.

O coronel Brinc (*Brinck*), obstinado em sua resolução, sem ter conta alguma com estes conselhos de Segismundo, respondeu que elle levava na vanguarda bôa cópia de fortes e valentes soldados, com seus chuços e piques, os quaes, como elle, bem via andava adextrando e exercitando no Recife, por espaço de um mez, para que os portuguezes os não pudessem romper á espada, porque com elles seriam logo rebatidos e reprimidas as espadas portuguezas, que tanto temiam, e que como elles não pudessem usar d'ellas facilmente seriam vencidos, e que estava seguro de que alcançaria uma insigne victoria e recuperaria a campanha, vingando a morte dos seus.

Alguns tambem affirmam que apostou este coronel com o Segismundo uma bôa somma de dinheiro, que havia sahir vencedor, ainda que lhe mostrou bem a experiencia que não sómente foi vencido, perdeu ainda a aposta com a vida.

CAPITULO II

De como o coronel Brinc (*Brinck*) sahiu do Recife com um exercito de cinco mil homens para ganhar a campanha, e se situou e fortificou nos montes Guararapes, e de como partiram do arraial os mestres de campo com seu exercito para lhe apresentarem batalha

Havendo aprestado as cousas necessarias para a jornada, o coronel Brinc (*Brinck*) sahiu do Recife á primeira quinta-feira da quaresma, pela manhã, em 18 de Fevereiro de 1649, com cinco mil homens de guerra, todos soldados velhos e guerreiros, com que fazia mais forte e poder que o da batalha passada (afóra setecentos gastadores, e os que carregavam a bagagem e algumas tendas de guerra que trazia) dos terços de que eram coroneis os seguintes; o mesmo coronel Brinc (*Brinck*) que os governava, o coronel Vandebrand (*van der Brande*), o coronel Guilherme Autim (*Hautyn*), o coronel Oltz e o terço de Krever (*Keerweer*), que foi preso na primeira batalha, como temos dito, governava o capitão Nicoláo, e a mais gente dos outros terços governavam sargentos-maiores, e tenentes-generaes. Traziam tambem duzentos indios dextros na milicia, de quem vinha por cabo Pero Poty, e duas companhias de negros (afóra muitos tapuyas) e trezentos marinheiros com que vinha o seu almirante do mar; traziam seis peças de artilharia de campanha, e doze bandeiras que, se da primeira vez trouxeram sessenta e uma, agora vinham tão poucas, ou porque lhes ganharam tantas e não tiveram tempo para fazer outras, ou por temerem que tivessem o mesmo naufragio que o passado. E, com muitas trombetas, clarins e caixas, com seu exercito e campo formado, tomaram a volta da Barreta, e d'alli a derrota dos montes Guararapes, e posto que não lustrosos com as golas e libreas que da primeira vez traziam, como que annunciavam o mal que lhes succedeu, a empreza, comtudo,

era dos melhores e mais alentados soldados que tinham e dos mais velhos e experimentados na guerra, digo na terra, que para isso os foram tirando das fortalezas do Rio-Grande, Parahyba, ilha de Itamaracá e das do Recife, deixando-as guarnecidas com pouca gente, e essa bisonha e vinda de novo. Traziam na vanguarda muita quantidade de soldados com chuços e piques, e outros que vinham nas frentes dos esquadrões para reprimirem os nossos, quando os investissem á espada, e imaginaram que com este ardil e estratagema, com muita facilidade rebateriam as espadas dos portuguezes; mas, como dissemos, manifestamente se enganaram, porque as espadas dos nossos lhes romperam os chuceiros e piqueiros, e a elles desbarataram e mataram, porque o valor que os governava, inda passára os limites de outra maior força que se oppuzéra diante, que digo? Não sómente com as espadas lhes desfizeram os piques e chuços, mas ainda lhes ganharam a artilharia, segundo iremos mostrando, e parece na real verdade que não ha resistencia á espadas portuguezas bem regidas e governadas, como n'este e em outros muitos successos se tem por claro e patente exemplo conhecido.

Estando os nossos no arraial permanentes, até verem o designio do inimigo de que tinham noticia certa que estava para sahir á campanha, havendo-se feito rezenha de toda a infantaria, se achou que constava de dois mil e seiscentos homens de todas as castas, todos com muito animo e brio desejando de se verem com os hollandezes em batalha, promettendo-se uns aos outros a victoria, porque os bons principios são presagios de gloriosos effeitos na guerra.

No dia que temos referido, 18 de Fevereiro, quasi pelas 10 horas do dia, fez aviso o capitão Francisco Barreiras, que estava por fronteiro dos Guararapes, que o inimigo marchava para a Barreta; assim foi fazendo avisos até que

no ultimo mandou dizer que o inimigo vinha marchando para os montes Guararapes com todo seu exercito e artilharia. Tanto que chegou este aviso, se mandou tocar a rebate no arraial e ajuntar a gente toda das estancias fronteiras e formar toda.

Chamou-se a conselho em que se ordenou que marchasse nosso exercito a buscar o inimigo, indo repartido pela maneira seguinte: o mestre de campo Francisco de Figueirôa, a quem tocava a vanguarda aquelle dia, ia com trezentos homens que alli se achavam do seu terço; o mestre de campo André Vidal de Negreiros com outros trezentos com que alli se achou; D. Diogo Pinheiro Camarão, que succedeu no cargo a D. Antonio Philippe Camarão, que, como nos capitulos precedentes escrevemos, era morto de doença, com trezentos e vinte indios; Henrique Dias com trezentos e trinta de seus soldados; o mestre de campo João Fernandes Vieira, na retaguarda com mil trezentos e cincoenta que faziam o numero de 2,600 homens, e foi marchando o exercito em demanda dos montes Guararapes, e acabou de chegar quasi pelas 4 horas da tarde ao primeiro monte que se chama do Oitizeiro (por alli estar uma arvore que chamam assim pela lingua brasiliana, a qual produz uma fruta de côr amarella gualde, doce e saborosa ao gosto, porém tanto mais tem de caroço quanto menos de carne), onde se formou, e mais para diante a cavallaria de que era capitão e cabo Antonio da Silva e seu tenente Domingos Gomes de Brito, e levava comsigo outro capitão de cavalleiros, chamado Manoel de Araujo, filho de Amador de Araujo, capitão-maior da freguezia de Ipojuca, de quem nos livros passados fizemos menção, o qual n'este tempo era morto de doença.

N'este tempo em que chegou o nosso exercito a este primeiro monte, já estava o inimigo formado em todos os outros

que ficavam em frente da baixa e boqueirão, onde havia sido a primeira batalha, e nas eminencias todas d'elles estava fortificado, como tambem nos terrenos e campina com sua artilharia, e tinha feito muitas e boas emboscadas pelas baixas dos montes, com nove esquadrões formados, postos á vista em som de batalha com uma soberba ostentação e bizarria de sua artilharia, bandeiras e mais apparatos de guerra, imaginando com esta vista pôr terror a quem como vencedor fazia bem pouca conta d'ella. Mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes fazer alto para se resolver pela parte que haviam de marchar, e áquella vista se tomou conselho por onde se buscaria o inimigo, se pela frente, se pela retaguarda, se pelos lados, que como era campanha aberta e descoberta tudo ficava sendo frente. Houve varios pareceres, deram votos os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa que marchassem pela frente, porém o mestre de campo general esperou pelo mestre de campo João Fernandes Vieira que vinha na retaguarda, recolhendo o exercito, e chegando, lhe pediu seu voto, que foi de contrario parecer, dizendo que se buscasse o inimigo pela retaguarda e não pela frente, porquanto estava senhor do melhor sitio, como aquelle que tanto tempo tivéra para o escolher, e que o caminho por onde o nosso exercito marchava era tão apertado que apenas podiam ir quatro a quatro homens em fileira, e que estando o inimigo, como estava, senhor do melhor posto, terreno e das eminencias dos montes, com pouco trabalho poderia destruir ou ao menos derrotar a nossa gente, e que descendo aquelle monte teria o inimigo ao pé d'elle e no alto do outro boas emboscadas, como tinha por ser o sitio bem accommodado, e que para os nossos chegarem áquellas paragens haviam de ir apertadamente de quatro em quatro, e que pelos lados era principio de mui

altas barrocas quebradas e grutas por onde a nossa gente se podia precipitar e despenhar, e que por estas razões o não convinha buscar pela frente, senão pela retaguarda, e além d'isso que era já mui tarde, e que não havia sitio para a nossa infantaria ser alojada, e que, quando o houvéra, se não podia alojar n'elle por não haver agua, que iam os soldados mui sequiosos, respeito da grande calma que fazia, e que era justo que quando lhes faltava o comer lhes não faltasse a agua, e que, buscando-o pela retaguarda, havia agua e lenha para se accommodar o exercito, o que não havia pela frente, e que pela dita retaguarda havia terrenos d'onde a infantaria com menos trabalho podia pendenciar, e em resolução disse que a outra batalha se déra por este mesmo caminho, e que por elle se tornasse a buscar a fortuna da guerra, e o que mais se podia averiguar, era o ficarem os moradores guardados e amparados.

Tambem disse que, se alguns diziam que o inimigo deixava gente no Recife, para aquella noite darem no arraial e investirem a força d'elle, e pela varzea para degolarem os moradores, que a isto respondia que o inimigo não tinha gente para fazer aquella empreza, porquanto estava tão amedrontado que não se havia de atrever a marchar de dia para aquelle sitio em que estava, d'onde ficava tão longe de suas forças se não com todo o poder, e que quando assim não fôsse, que não importava que do Recife fôsse ao arraial, por quanto ficava na força d'elle para sua defensa mui sufficiente guarnição com um capitão tão experimentado como Manoel Ribeiro, e que quando o inimigo tivesse tanto poder que puzesse a força do arraial em cerco, nem por isso se havia de entregar, pois ficava mantimento para sustentar-se a infantaria emquanto soccorressem de fóra, e que quando não fazendo caso do arraial fôsse á Varzea, não importava, porque os moradores d'ella estavam retirados

com o pouco que possuiam, quanto mais que as sentinellas que ficavam fariam aviso para que logo se mandassem 600 homens á Varzea, ficando com 2,000 e com os moradores que viriam recrescendo para se dar a batalha ao inimigo em sitio conveniente, e que o melhor era ir buscar as trincheiras do Engenho-Novo para que alli descançasse a nossa gente aquella noite, deixando a trincheira dos Barachos bem guarnecida, e que vindo a manhã reconheceriam o inimigo com quem, depois de tomado conselho, pendenciariam no mesmo sitio em que na occasião passada o haviam feito ou onde melhor se pudesse apresentar batalha, pois não podia o inimigo passar parte alguma sem ser sentido, e que para ir á Moribeca estava totalmente impedido por ficar a trincheira dos Barachos bem guarnecida, e que na outra ficaria todo o exercito para o impedir.

Foi tão importante este arrazoamento do mestre de campo João Fernandes Vieira, que fez Deus, em primeiro lugar, ganhar a victoria que se perdêra com toda a campanha, se se buscára n'aquella tarde o inimigo pela estrada que vai para a Jangada pelos montes. Ajustou-se o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes com este parecer e todos os mais, pelo que logo se mandou virar o nosso exercito, que já ia marchando por o outro caminho atrás que ia para a Jangada, e foram tomando o do Engenho-Novo e o engenho que chamam dos Guararapes, e os que se dizem dos Barachos e por os cannaveaes d'estes engenhos se situou a nossa gente e que acabou de chegar pelas 9 horas da noite, onde dormiram aquella mesma noite, na qual guarneceu o terço do mestre de campo Francisco de Figueirôa as trincheiras por tocar-lhe a vanguarda, mas ficaram de fóra á vista do inimigo com suas companhias os capitães alli fronteiros Francisco Barreiras e Philippe Ferreira, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, os quaes de

noite inquietaram o inimigo, picando e tocando-lhe arma por diversas partes com que o tiveram desvelado.

Aquella mesma noite se fez conselho e tomou por resolução que se havia pendenciar com o inimigo, tanto que se abalasse dos sitios em que estava para qualquer parte que fôsse, e posto que houve muitos pareceres contra estes, por dizerem que se pelejassem de dentro das trincheiras d'onde estavam, venceram comtudo os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, com que se dispuzeram a dar batalha ao inimigo como costumados a vencel-o no campo tantas vezes fóra das trincheiras.

CAPITULO III

De como se repartiu a nossa infantaria pelos mestres de campo para irem commetter o inimigo que ia desoccupando os montes Guararapes

Tanto que amanheceu o seguinte dia, 19 de Fevereiro, se accordou em conselho se reconhecesse o inimigo, a fórma em que estava, e assim ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes a todos os mestres de campo e ao tenente-general Philippe Bandeira de Mello e aos sargentos-maiores do terço, a saber: Antonio Dias Cardoso, do de João Fernandes Vieira, Paulo da Cunha, do de André Vidal de Negreiros, Hieronimo de Enojoza, do de Francisco de Figueirôa, com o capitão de cavalleiros Antonio da Silva para que reconhecessem o inimigo, viram que estava na mesma fórma que o dia de antes, situado nas eminencias dos montes Guararapes, podendo soccorrer uns aos outros, e que tinham um esquadrão que defendia a agua de que bebiam. Proveram-se as sentinellas á sua vista e falla, estando a fallar uns com os outros. Andavam os mestres de campo

vendo o modo com que estava o inimigo formado nos outros montes que occupava, de um que lhes ficava em frente, com melhor de cinco mil homens e seis peças de artilharia, afóra indios e negros e gastadores que carregavam a bagagem, e tinham no monte armadas algumas tendas de guerra em que estavam recolhidas as pessoas mais principaes do exercito. Desceram os mestres de campo a uma campina para a parte do inimigo, que, vendo a nossa gente tocando arma, deu duas cargas de artilharia, porém não fez nenhum damno.

Recolhidos os mestres de campo, havendo bem notado e visto a disposição dos hollandezes, se chamou a conselho d'onde se tornaram como d'antes a resolver que não convinha buscar o inimigo, por estar bem formado, e senhor assim das eminencias dos montes, d'onde soccorriam uns aos outros como da baixa do boqueirão, porque não havia em nosso exercito poder para contê-lo por oito ou nove partes, como estava formado, e que para commetterem por duas ou tres partes seriam os nossos logo cortados e facilmente destruidos, mas que estivessem com muito cuidado para que tanto que o inimigo se movesse, ou para marchar para diante ou para se ir para o Recife, investissem, e não convinha estar a nossa infantaria á sua vista formada por não reconhecer nosso poder; e com este accôrdo e parecer se ajustou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.

Por este tempo foram acudindo muitos moradores que de todas as freguezias vieram com seus capitães e armas, e logo mandou o mestre de campo general deitar bando sob pena de morte, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade sahisse d'aquelle arraial sem ordem, e estavam tomadas as estradas com sentinellas, causa de haver muita gente, porque o que entrava não sahia, e sendo pelas 10 horas do dia mandavam, por tocar aquelle dia a vanguarda a André

Vidal de Negreiros, oitenta homens de seu terço com quatro capitães, indo por cabo o capitão Antonio Rodrigues França a picar o inimigo, que o fez e os mais com valente resolução o que lhes foi mandado, obrigando a que o inimigo se movesse, mas elle, conhecendo ser estratagema, se tornou com muita pressa a seus postos, estando-lhe os nossos dando lentamente tiros, e sendo da uma para as duas horas depois do meio dia foi o inimigo desoccupando o alto dos montes, juntando-se em um grande esquadrão em uma meia ladeira, fazendo o capitão França aviso que o inimigo tocava a marchar, e que se ia para o Recife; mas, o certo é que desoccupava por aquella parte os montes, vindo para a meia ladeira por imaginar que os nossos os commetteriam pela campina para vir por entre outros montes a corta-los, mas este ficou enganado.

Tanto que os nossos ouviram dizer que o inimigo se ia para o Recife, perderam a paciencia por ir-se sem pelejarem com elle, e do sitio d'onde os nossos estavam das trincheiras para dentro seria um tiro de mosquete de distancia ao que o inimigo occupava; tornaram a marchar com muita pressa, mas mais se deram os nossos soldados que com muita presteza os mandou o mestre de campo general acommetter o inimigo, que foram correndo até uma comprida agua, d'onde o inimigo deu vista d'elles, e logo quiz tornar a occupar os montes, mas não lhe deram esse lugar, porque os mestres de campo davam muita pressa á infantaria que com elles ia.

Formado o nosso exercito em troços, que era o modo como se peleja na campanha, foram acommetter e investir o inimigo pela maneira seguinte: marchou o mestre de campo André Vidal de Negreiros, a quem tocava a vanguarda n'aquelle dia, pelo alto dos montes, com a sua gente e com alguns troços de gente do terço do mestre de

campo João Fernandes Vieira, e com as duas companhias de cavallo que dissemos, e pelo contra-lado dos altos por onde foi acommettendo, ia o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com quatro troços do seu terço, e logo em seu seguimento ia o mestre de campo Francisco de Figueirôa com seu terço. Pelo terreno da baixa marchou o mestre de campo João Fernandes Vieira com oitocentos homens do seu terço a buscar o boqueirão que estava mais bem fortificado, porque n'elle tinha o inimigo duas peças de artilharia, e quatro no alto do monte. Por contra-lado do mesmo boqueirão, por onde ia commetter o mestre de campo João Fernandes Vieira, ia alguma gente de Henrique Dias e de D. Diogo Pinheiro Camarão, que tambem iam acommetter o inimigo, e n'esta ordem que temos dito, resolutos foram acommetter o inimigo com grande animo e valor, exhortando a seus soldados que não menos ó mostravam, mas com poucas palavras, por conhecerem bem clara e manifestamente as obras de tão valorosos e resolutos homens que como estavam briosos e gloriosos com a primeira victoria, que na mesma paragem haviam alcançado, tão pouco havia dos hollandezes, parecia-lhes que quasi já tinham conseguido a segunda, pelo que é certo que aos vencedores sempre lhes parece que hão de vencer, e lhes ha de mostrar a fortuna favoravel o rosto, que digo? Fortuna! A Divina Providencia, d'onde dependem os successos de todas as cousas.

CAPITULO IV

Da segunda batalha campal dos montes Guararapes, entre portuguezes e hollandezes, e de como o mestre de campo João Fernandes Vieira ganhou um boqueirão dos montes em que estava forte o inimigo com sete esquadrões, e se apoderou de sua artilharia, e de outros casos notaveis d'aquella pendencia

O mestre de campo João Fernandes Vieira, que como no precedente capitulo dissemos, ia com tanto valor, animo e resolução conter o inimigo que estava forte com a maior parte de sua gente n'aquelle boqueirão, onde na primeira batalha se pendenciou tão valentemente, como escreveremos, chegou a elle primeiro que pelas outras partes se pelejasse, por o inimigo alli lhe ficar mais perto. Este o sahiu a receber bem no meio do boqueirão, com sete esquadrões, onde tinha duas peças de artilharia, como dissemos, e quatro mais no alto. Vinha o inimigo pelejando a seu modo, esperando que os nossos parassem e pelejassem como elles, mas o mestre de campo João Fernandes Vieira, como em taes occasiões não sabia estar quieto, mandando-lhe dar carga, ia caminhando para diante, o que vendo um esquadrão do inimigo, que no meio da ladeira estava, acudiu ao boqueirão a unir-se com os outros, com que ficavam sendo sete esquadrões os que defendiam o boqueirão. No mesmo tempo estava o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes com grande valor dispondo e mandando soccorrer as partes d'onde era necessario, com tanta diligencia, com a espada na mão, dando exemplo a todos, e exhortando-os á peleja. Aqui, ao som de instrumentos bellicos, se foi continuando a pendencia, bem travada, por estar aquelle posto bem fortificado e ter n'elle a maior parte do seu exercito o inimigo, não cessando de ambas as partes a bateria,

disparando com muita presteza sua artilharia. Aqui se assignalaram portuguezes e hollandezes, estes em defender, aquelles em acommetter o boqueirão, que era o mesmo que na occasião passada tantas vidas e sangue custou.

Durou a bateria mais de um quarto de hora, primeiro que se pendenciasse nas outras partes, porque em todas ellas ficaram sendo vanguardas, por ser a campanha descoberta, como dissemos.

O mestre de campo João Fernandes Vieira, vendo a muita força que tinha o inimigo n'aquelle posto, por ter, como dissemos, sete esquadrões, n'elle procurou cortal-o por um dos lados, elle mandou com dois troços picar o inimigo na retaguarda (como fez), e indo-o fazendo com grande valor e brio, se lhe atolou o cavallo em um grande e profundo lamarão que alli estava (já n'esse tempo se pendenciava nas outras partes com grande calor), vendo-se o mestre de campo d'esta sorte com o cavallo quasi submergido, saltando d'elle se pôz a pé, e veiu outra vez buscar o boqueirão, e acudindo-se-lhe com cavallo, se pôz n'elle em frente de toda a sua gente, sem reparar no risco e empenho de sua vida, dizendo a seus soldados com animosa resolução, que dessem aquella ultima carga, e que investissem á espada, como elle fazia, o que se fez com grandissimo valor e esforço, assignalando-se seus soldados n'aquella occasião com grande animo, avançando contra o inimigo com tanto impeto e coragem que, apezar da brava resistencia, lhe romperam os chuceiros e piqueiros em que tanto o inimigo se fiava e os mais esquadrões, e lhe ganharam o boqueirão sem se lhes dar das grandes cargas de artilharia e mosquetaria com que repugnavam e defendiam obstinadamente o posto, e tanto que o mestre de campo entrou o boqueirão apezar dos hollandezes, lhes ganhou duas peças de artilharia que n'elle tinham.

Quem vira o mestre de campo João Fernandes Vieira n'aquelle conflicto e pendencia, assim a pé como a cavallo, posto em frente e dianteira de todos os seus soldados, animando-os, exhortando-os a romper os sete esquadrões do inimigo, que com tanta mosquetaria e chuçaria defendia aquelle boqueirão, e com as peças de artilharia lhe davam cargas sem reparar no grande perigo que sua vida corria, posto na parte mais arriscada, fazendo maravilhas com sua espada, como leão forte, a uns vai ferindo, a outros na fuga lhes dá caça, os que alcança fere, discorrendo por entre a multidão da gente hollandeza, com seus valentes capitães e soldados, partindo, destroçando, cortando, ficando o campo tinto em sangue, quão admirado ficaria? Na real verdade, que mais são estas cousas para admirar que para se escreverem com a penna, porque essa não é sufficiente para poder relatar como se passaram, porque uma cousa é vêrem-se com os olhos tão grandes proezas e notarem-se com admiração, do que pôrem-se em escripto, pelo que se deixam á consideração do leitor prudente, e certo que mais parecem cousas de encantamento do que passarem na verdade.

Que um sujeito sem reparar em tão grande e manifesto risco e empenho de sua vida, de que dependiamos de tantos, investisse como leão sem consideração de tanto perigo diante de seus soldados, contra sete esquadrões tão fortes do inimigo, cercados de chuçaria, tão perto de sua mosquetaria e artilharia, indo sempre para diante até lhe ganhar o posto e destruir os esquadrões hollandezes, não se lhe dando das immensas ballas que choviam? Se não fôra este successo tão patente e manifesto, e succedêra nas ultimas e remotas partes do mundo, pudéra receiar o chronista de escrevê-lo, ainda que assim passasse, porque temeria que lhe não poderiam dar credito, mas isto que

escrevemos foi tão patente a todos, que não é necessario o rectifica-lo, e ainda foi com mais vantagem do que eu escrevo.

Se Quinto Curcio louva e engrandece tanto a Alexandre Magno, porque em uma batalha com os persas posto em frente de seus soldados pelejando com a espada e rodella embraçada, na qual recebeu as settas que os inimigos contra elle disparavam ficando crivada e cheia d'ellas, veja-se que differença ha, e que comparação de Alexandre em aguardar as settas, e quão superior ficou o mestre de campo João Fernandes Vieira, porque a peito descoberto não aguardou nem esperou settas senão ballas de artilharia e mosquetaria, e sem rodella nem outras armas defensivas mais que seu valoroso peito e animoso coração, que tanta superioridade tem a todos os demais ? E é para admirar que no meio da pendencia, quando mais furiosa e sanguinolenta estava no boqueirão, chegando bem perto do inimigo, disse em voz alta : Ah ! flamengos, rendei-vos, que aqui está João Fernandes Vieira, que é o vosso açoute ! E os hollandezes, conhecendo-o, lhe deram uma carga de vinte clavinas, mas o céo que o livrou de tantos perigos, n'este lhe guardou e defendeu a vida, e, depois da derrota dos hollandezes, elles foram apregoar ao Recife que mataram ao mestre de campo, e assim correu a fama, como mais diffusamente escreveremos no capitulo VI d'este livro.

Sem duvida que, se os reis viram o esforço com que os vassallos pelejam em seu serviço, como foi n'esta occasião e em outras muitas e n'aquelle boqueirão, que o inimigo tanto defendeu, e a seu pezar se lhe ganhou com a artilharia, como temos dito, que os haviam de premiar e avantajar como suas obras merecem.

E parece que estes dois sujeitos, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, competiam na emulação de

valor, admirando o mundo, porque, como contaremos, tambem mataram, na outra parte em que pelejava, o cavallo a André Vidal de Negreiros, e ficou a pé até que se lhe apresentou outro, fazendo maravilhas entre o inimigo; sem duvida que como eram tão unidos em amizade e participavam de uma sympathia de valor e brio, que a um mesmo tempo lhes succediam os casos semelhantes, ficando ambos a pé em diversos postos n'aquella batalha, e que houvesse uma comparação e para lê-lo igualmente de seus illustres feitos e generosa emulação de um com o outro, e ainda mais se ha de notar que n'esta pendencia do boqueirão topou uma balla ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que, supposto o não passou, feriu-o, tambem na outra parte onde pelejava André Vidal de Negreiros o topou outra balla, na mesma fórma, que parece que como eram camaradas, e d'elles dependia o bem da guerra, por serem as duas columnas d'ella, as ballas lhes faziam salva, e tinham em certo modo respeito, pois tocavam e não passavam.

Agora é necessario tornar ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que com sua gente ia pelejando com o inimigo pelo alto dos montes por onde commetteu como dissemos com seu costumado valor, fazendo á espada grande estrago nos hollandezes, indo pelo corno esquerdo o capitão e cabo de cavallaria Antonio da Silva e o capitão Manoel de Araujo levando entre ambos quarenta homens de cavallo. D'ahi a pouco espaço, quasi pelos mesmos passos de André Vidal ia o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com quatro troços do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, indo tambem pela outra parte em seguimento do Vidal com suas companhias os capitães Francisco Berenger, Antonio Borges Uchôa, Matheus Fagundes e Estevão Fernandes.

Tinha já n'este tempo o mestre de campo João Fernandes Vieira entrado o boqueirão á custa de muito sangue e das

vidas de muitos capitães do inimigo, como temos dito, e emquanto estava pelejando com elle em uma meia ladeira, trabalhando por lhe ganhar a ultima artilharia, que eram as quatro peças que no alto do monte tinha; foi André Vidal de Negreiros com a gente que dissemos, descendo pelo monte em frente áquelle em que estava, mas tendo já quasi descido o monte, o qual era além de alto mui fragoso, achou em uma campina pequena entre um e outro monte um esquadrão forte do inimigo, estando os hollandezes, uns agachados e outros de joelhos esperando conjuncção de fazerem damno aos nossos, e como André Vidal não sabia que cousa era medo, tirando da espada, chamou por seus soldados, que vinham espalhados, e disse ao cabo da cavallaria Antonio da Silva que era tempo de acommetter o inimigo; o cabo chamou ao capitão Manoel de Araujo para investirem os hollandezes, o qual lhes respondeu ser mui grande o poder do inimigo, e que era temeridade investir com tão pouca gente, como eram quarenta de cavallo com tão grande esquadrão sem ter dado carga, o cabo Antonio da Silva disse: «fômos desgraciados em ser honrados, aqui havemos de morrer»; ao que respondeu Manoel de Araujo: «pois paciencia, morramos como honrados»; o que disse pondo os olhos no céo, por ventura conhecendo a morte que o aguardava.

Apenas tinha dado a gente do mestre de campo André Vidal de Negreiros sete tiros, quando ficou a pé por lhe matarem o cavallo e com notavel furor e coragem, assim elle como a cavallaria investiram áquelle esquadrão, recebendo d'elle a primeira carga. Andavam os de pé á espada, e os de cavallo ás lançadas, pendenciando com notavel valor com bem desigual partido, havendo mortos de ambas as partes. N'este tempo o sargento-maior Antonio Dias Cardoso foi cortando pelas fraldas do monte, por encurtar o caminho e deu uma grande carga ao inimigo, com o que fez virar

logo, não pôde a gente de cavallo voltar logo por respeito de uma grande rotura e barroca que ahi havia e de necessidade ou desesperação aguardando a primeira carga do esquadrão do inimigo do monte, a tempo que os nossos davam a sua, investiram pelo monte acima, d'onde com grandissimo animo e varonil esforço romperam, sendo tão poucos, o esquadrão do inimigo, indo por um lado a nossa infantaria, ficando muitos dos hollandezes mortos e feridos, fazendo a nossa gente de cavallo maravilhas, matando uns, e ferindo outros ás lançadas e atropelando a muitos com os cavallos; e na real verdade que foi um acommettimento de tão pouca gente de cavallo contra um esquadrão, que romperam do inimigo, digno de eterna memoria, e esta durará apezar do tempo. Aqui nos mataram n'este encontro e investida o capitão de cavallos Manoel de Araujo, pelejando com grande valor, e outro soldado da sua companhia e tres da do capitão e cabo Antonio da Silva, em que entrou um irmão do seu tenente Domingos Gomes com tres pelouradas, ficando feridos de ambas as companhias alguns seis soldados e cinco ou seis cavallos mortos, e depois a gente de cavallo, posto que, muito fatigada e cansada, foi seguindo o inimigo até a Barreta.

Emquanto na baixa d'entre os montes andavam os nossos mesclados com os flamengos pendenciando-se com muito valor, vinha por um lado um esquadrão do inimigo a soccorrer os seus, porém receberam-no e pelejaram com elle as quatro companhias dos capitães Francisco Berenger, Antonio Borges, Matheus Fagundes e Estevão Fernandes do terço de João Fernandes Vieira, que o fizéra fugir.

Tinha o inimigo um esquadrão de reserva que, vendo ao mestre de campo André Vidal de Negreiros e ao sargento maior Antonio Dias Cardoso com toda a sua gente mesclados com os seus, com quem pendenciavam, veiu logo o

esquadrão pelo monte em sua ajuda de soccorro para cortar aos nossos, dando-lhes pelas costas, e, vendo-o vir, se apartaram, retirando-se um pouco atrás, seguindo-os o inimigo animoso por vêr que vinha o esquadrão em seu favor e soccorro; porém, o mestre de campo Francisco de Figueirôa, tanto que o viu vir, foi com grande pressa marchando pelo monte acima, indo botando para diante a gente do terço o sargento maior Hieronimo de Enojoza, e quando o inimigo vinha para cortar os nossos, lhe sahiu a tão bom tempo o mestre de campo Figueirôa, que, mandando dar uma carga, fez virar os hollandezes amedrontados com muita perda de mortos e feridos, e juntamente dos muitos moradores de todas as freguezias, que viam vir para elles, os quaes vinham em tropas com seus capitães André Vidal de Negreiros e Antonio Dias Cardoso, vendo virar o inimigo pelo monte tornaram dando cargas a investir os hollandezes na baixa, fazendo n'elles grande estrago e mortandade; e emquanto pendenciam é necessario tornar ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que por este tempo tinha ganhado o boqueirão, como temos referido.

CAPITULO V

Conta-se o que mais succedeu n'esta batalha campal, e da famosa victoria que os portuguezes alcançaram, matando ao coronel Brinc (*Brinck*) com mais de dois mil hollandezes, e de como os outros se puzeram em fugida, e foram seguidos até junto das forças da Barreta

Emquanto o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o sargento-maior Antonio Dias Cardoso e a cavallaria pelejavam com o inimigo e depois na baixa com o esquadrão de reserva e com o que investiu Francisco de Figueirôa,

acabou de pelejar valentemente João Fernandes Vieira com os sete esquadrões que defendiam com tanta repugnancia o boqueirão, sendo já topado pelo hombro direito por uma bala, como no capitulo precedente dissemos, e depois de aguardar as cargas de artilharia e mosquetaria com tanto risco e empenho de sua pessoa os commetteu com tanto impeto e furor que os fez deixar aquelle posto, ganhando-lhes a artilharia, como dissemos, porque as cousas admiraveis se devem repetir uma e muitas vezes, e foi cousa notavel e miraculosa escapar o mestre de campo de tão manifesto e evidente perigo; e d'esta sorte que dissemos, está pintado muito ao natural, ganhando o boqueirão e artilharia do inimigo no painel que mandou fazer a um pintor d'esta batalha e da outra, como já temos referido, e tanto que ganhou o posto, levando rotos e postos em disbarate os esquadrões hollandezes que o defendiam á espada, foi subindo até ao alto do monte, onde tinham a mais artilharia, que eram quatro peças que tambem lhes ganhou com toda a bagagem e tendas de guerra, e depois de ganhada a entregou com guarda a um ajudante do seu terço, para de tudo dar parte e conta ao mestre de campo general. E alli foi morto o coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas, estando n'aquelle posto a cavallo animando os seus soldados a pelejar e defender o sitio, o qual ficou morto no campo com todos os despojos que trazia e o seu cavallo; tambem ficou morto no campo junto á artilharia o almirante do mar, e foi aprisionado n'este mesmo tempo Pero Poty, que era regedor dos indios, e sendo os hollandezes desbaratados e postos á fugida, os soldados de um esquadrão, que ficou mais proximo aos nossos, vendo que os haviam de ir passando á espada, e que não podiam escapar de suas mãos, se puzeram de joelhos ante o mestre de campo João Fernandes Vieira e lhe pediram e imploravam

com humildes palavras e rogos lhes concedesse bom quartel, e fizesse mercê das vidas, e elle mandou a seus soldados que lh'o dessem.

Havendo mandado pôr guardas na artilharia, sem nenhum dos soldados se deter em despojar a bagagem, se foi unir e encorporar com André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa e Antonio Dias Cardoso, e todos juntos foram apertando com o inimigo, de tal sorte, que o fizeram precipitar e despenhar para aquellas barrocas e grutas dos montes Guararapes, d'onde lhe fizeram grande estrago e mortandade, com que estava já toda aquella campanha dos altos e baixos dos montes lastrada e juncada de corpos mortos do inimigo, que era uma cousa horrenda e espantosa vêr tanta mortandade, tantas e tão espantosas feridas, tantos corpos sem cabeças, braços, pernas, uns já mortos, outros agonisando e lutando com a morte, outros revolvendo-se em seu sangue e muitos urrando e gritando com as ancias e agonias mortaes, não poucos dando e exhalando o ultimo espirito.

Aqui estavam uns clamando e implorando com humildes rogos misericordia aos vencedores, alli se ouvia a turbamulta dos que pediam bom quartel, em outra parte, em seu idioma mal articulado com as ancias da morte, se queixavam de sua adversa fortuna, e muitos entre os mortos, fingindo-se que o estavam, queriam ainda dilatar a breve vida. Finalmente, infinitos precipitados bem desejavam n'aquelle apertado passo outras azas de Icaro e Dedalo para voarem, e não se fazerem pedaços n'aquelles precipicios e penhascos correndo copiosa inundação de sangue por todos aquelles, montes, que era um espectaculo admiravel.

Vendo-se desbaratados e destroçados os que ficaram, se puzeram em fugida, largando as armas os que com vida escaparam, que foram os do esquadrão que logo virou

fugindo, tendo lugar de se retirar muitos feridos, estavam os nossos já tão cansados, e com tão intoleravel sêde, que não podiam seguir ao inimigo, porque ainda que os soldados de cavallo os seguiam iam mui cansados,e apenas os cavallos se podiam mover ; comtudo, muitos soldados, tirando forças da fraqueza, foram seguindo os hollandezes até junto das suas forças da Barreta com os mestres de campo e mais officiaes, indo matando e aprisionando muita cópia dos que iam fugindo, e outros perderam-se pelos montes e mattos que no caminho havia, de sorte que poucos escaparam das mãos dos nossos soldados, e tambem muitos moradores dos que acudiram os foram seguindo, matando e aprisionando, valendo-se tambem não poucos da presa e despojos que achavam, posto que de menos consideração do que foram os da primeira batalha, principalmente muita cópia de negros que iam no alcance de seus senhores. E foram tomadas muitas armas de fogo e grandissima quantidade de chuços e piques, de que vinham bem armados e providos contra as nossas espadas ; porém, não foram de nenhum effeito. Outros moradores os foram tambem seguindo e matando a cavallo em companhia dos mestres de campo,os quaes, deixando algumas companhias e indios pelos caminhos, que ainda no seguinte dia prenderam e mataram a muito numero de hollandezes, se recolheram pelas oito horas da noite ás trincheiras, onde a passaram mui contentes e alegres pela victoria tão insigne que Deus lhes havia concedido, rendendo-lhe immensas graças pelo bem que Pernambuco recebêra, mandando-se tocar muitas trombetas, charamellas e caixas com outras demonstrações de alegria por tão glorioso vencimento.

Ficaram do inimigo mortos no campo passante de dois mil homens, onde entraram muitos capitães e officiaes e o mesmo coronel Brinc (*Brinck*), que governava as armas. O coronel

Guilherme Autim (*Hantyn*) foi ferido pelo pescoço, onde tambem o foi na primeira batalha; e morreu o almirante do mar, como dissemos, e os nossos aprisionaram ao cabo dos indios Pero Poty, grande inimigo da nação portugueza e amigo dos flamengos, que, com ser parente muito chegado do Camarão, nunca quiz obedecer a seus mandados, commettendo-o por muitas vezes que se passasse para os nossos que elle lhe alcançaria perdão de seus delictos, o que bem pouco aproveitou, o qual, depois de estar preso em ferros na força do arraial dois annos e meio, foi embarcado para Portugal, e se affirma que no mar morreu. Ganharam os nossos dez bandeiras do inimigo, e as seis peças de artilharia que ganhou o mestre de campo João Fernandes Vieira, como temos referido; muita polvora, balas, munições e toda a mais bagagem, onde vinha muito de comer, com que se alentaram os nossos soldados.

Da nossa parte ficaram mortos quarenta e sete homens, onde entravam o sargento-maior do terço de André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha Sotto-Maior e o capitão de cavallos Manoel de Araujo; foram feridos duzentos homens, onde entravam do terço de João Fernandes Vieira os capitães Paulo Teixeira, Cosme do Rego Barros, que d'ahi a poucos dias morreu da pelourada, Manoel de Abreu, João Soares de Albuquerque, Hieronimo da Cunha do Amaral, Estevão Fernandes, e do terço de André Vidal de Negreiros feriram os capitães Manoel Antonio de Carvalho e João Lopes; tambem foi ferido Henrique Dias, governador da gente preta, e os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros foram topados cada um de sua bala, como temos escripto, mas como eram as principaes columnas sobre as quaes estribava a grande machina d'esta guerra, não quiz o céo que entrassem, se bem fizeram grande bateria que os molestou muito.

Vendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes aquella famosa batalha, que Deus foi servido ganhasse por meio dos valorosos cabos e soldados que á sua vista ficaram vencedores, lh'o agradeceu com demonstração de alegria, abraçando a todos como bom general. Concedeu-nos Deus esta victoria em a primeira sexta-feira da Quaresma, 19 de Fevereiro de 1649.

É para notar que, se na primeira batalha dos montes Guararapes ficou em poder do mestre de campo João Ferdandes Vieira o estandarte general dos hollandezes, que lhe apresentou um seu sargento, como temos referido, e as prisões, libambos, algemas e outros instrumentos, e n'esta batalha a artilharia e uma bandeira das principaes do inimigo, a qual lhe apresentou o seu alferes da companhia da guarda João Fradique, que a ganhou a um alferes flamengo que a defendia com muito valor, e o da guarda ficou mal ferido em uma mão, as quaes foram as cousas de mais preço que n'estas batalhas se tomaram.

Os officiaes e capitães flamengos, que escaparam da batalha, diziam pelo Recife que jámais viram nem ouviram que houvesse gente como aquelles portuguezes, que acommettessem com tanta resolução, e investissem seus esquadrões formados, guarnecidos, com tantos chuços, piques, e com artilharia, sem temer nem receiar á morte, que n'outras batalhas em que se tinham achado havia pendencias de parte á parte, que iam dilatando por alguns dias até ultimamente se dar batalha campal, o que raras vezes succedia, mas que os portuguezes deviam de ter duas vidas, nem menos podia presumir d'elles, que uma deixaram em casa e com a outra vinham á pendencia, porque se admiravam de vêr gente que d'aquella sorte arriscava a vida indo acommettendo para diante sem fazer caso dos seus bem formados e fortes esquadrões, que assim os estimavam

e temiam como se fôsse cousa de zombaria e de nenhum momento, e assim com razão não tem comparação com os valorosos homens de que temos feito menção no primeiro capitulo do v livro, mas antes em suas proezas e famosos feitos quasi parece que os sobrepujam.

O Segismundo disse aos do supremo conselho do Recife (conforme se teve por noticia), sabendo da perda e destroço de seu exercito, que os da companhia ou bolsa das Indias Occidentaes tinham pouco que esperar d'aquella guerra tão arriscada e custosa, pois em dez mezes de tempo perderam duas batalhas tão celebres, e n'ellas e em outras pendencias particulares que n'este espaço de tempo succederam, haviam perdido alguns cinco mil homens com todos os melhores e mais espertos capitães, officiaes e soldados, que tinham e que bem havia desenganado ao coronel Brinc (*Brinck*), da grande resolução dos portuguezes, e dissuadido a que não sahisse á campanha, e que quasi lhe prognosticava o máu successo de sua empreza, rota de seu exercito, e perda da vida pela muita experiencia que tinha da guerra.

Tambem se achou n'esta batalha o provisor e vigario-geral o licenciado Domingos Vieira de Lima, que com outros sacerdotes clerigos andaram confessando os feridos, e outros religiosos da companhia de Jesus e de S. Bento, S. Francisco, e capuchos francezes, andando animando e exhortando os soldados, e ouvindo-os de confissão n'aquelle conflicto; e em refação e rendimento de graças, no seguinte domingo se expôz o Santissimo Sacramento pelas igrejas matrizes das freguezias, assim como na primeira batalha se havia feito, onde houveram sermões dos melhores e mais scientes prégadores que havia, dando-se o louvor e gloria a Deus Senhor Nosso, e á sua Sacratissima Mãi a Virgem Maria, que foi medianeira de se alcançar esta

victoria e a passada, e as mais que temos referido, porque o poder divino e auxilio do céo suppriu no que faltaram ás forças humanas, e pelejou pelos nossos com tão miraculosos e evidentes successos.

CAPITULO VI

De que mais succedeu depois de ser alcançada a victoria, e dos officiaes-maiores e capitães que na batalha assistiram, e pelejaram. Conta-se em como os hollandezes do Recife mandaram pedir treguas para enterrar os seus, que morreram na batalha, e saber por seu embaixador se o mestre de campo João Fernandes Vieira fôra morto n'ella, conforme entre elles se dizia.

Acabou-se de recolher a nossa gente que tinha ido em seguimento do inimigo pelas oito horas da noite, como no capitulo passado escrevemos, que n'aquelle sitio passaram; ao outro dia enviados os feridos e enterrados os mortos, partiu o nosso exercito mui triumphante pela victoria alcançada para o arraial, e n'aquella tarde juntando-se os mestres de campo, capitães e mais officiaes, com parte da infantaria, deram sepultura com devida pompa ao sargento-maior Paulo da Cunha, na igreja matriz da Varzea de Capibaribe; o capitão de cavallos Manoel de Araujo foi enterrado na sua freguezia de Ipojuca, que dista do arraial dez leguas.

O encomio e louvor que se tem dado aos que pelejavam animosamente com tanto empenho de suas vidas, na outra batalha primeira, sirva tambem para os que o fizeram valorosamente n'esta segunda, que em uma e outra houve grande valor, valente resolução, acções generosas, proezas illustres, heroicos e nobres feitos em armas.

Pareceu-me que não desagradaria escrever os nomes dos officiaes-maiores e capitães qne n'esta batalha assistiram e

pelejaram, e se por ventura não forem todos, eu os hei por expressos e declarados, porque não tive lembrança senão dos que aqui vão abaixo nomeados, e assim como d'estes faço menção, muito estimára, se fôra possivel, pôr os nomes de todos os mais officiaes-menores e soldados que tão valorosamente n'esta e n'outras occasiões em que se acharam mostraram o raro e famoso valor de seu peito; mas já que o não posso fazer, por não saber tanta cópia e numero dos que com seu sangue escreveram no livro da fama suas acções valorosas, ella os publique immortalisando suas memorias por todo o universo orbe, sem que o tempo o possa escurecer e pôr em esquecimento, porque a seu pezar durarão largas e dilatadas posteridades.

Os officiaes maiores são os que se seguem abaixo:

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes.

O mestre de campo João Fernandes Vieira.

O mestre de campo André Vidal de Negreiros.

O mestre de campo Francisco de Figueirôa.

O tenente-general Philippe Bandeira de Mello.

O sargento-maior do terço de João Fernandes Vieira, Antonio Dias Cardoso.

O sargento-maior do terço de André Vidal de Negreiros, Paulo da Cunha Sotto-Maior, que morreu na batalha.

O sargento-maior do terço de Francisco de Figueirôa Hieronimo de Enojoza, Henrique Dias, governador da gente preta.

D. Diogo Pinheiro Camarão, capitão-mór e governador dos indios.

Os capitães de cavallos Antonio da Silva, que era cabo, e Manoel de Araujo, que morreu na pendencia.

Os capitães do terço do mestre de Campo João Fernandes Vieira são os seguintes:

Da companhia do mestre de campo João Fernandes Vieira, seu alferes João Fradique.

O capitão Francisco Berenger.
O capitão João Soares de Albuquerque.
O capitão Affonso de Albuquerque.
O capitão Antonio de Castro.
O capitão Cosme do Rego Barros.
O capitão Francisco de Lisbôa Abreu.
O capitão Hieronimo da Cunha do Amaral.
O capitão Antonio Borges Uchôa.
O capitão Bartholomeu Soares Cunha.
O capitão João de Albuquerque.
O capitão Francisco Barreiras.
O capitão Antonio Rodrigues Vidal.
O capitão Manoel Moniz.
O capitão Vicente Curado Moutinho.
O capitão Braz de Barros Pereira.
O capitão Domingos de Sá Barbosa.
O capitão Paulo Teixeira.
O capitão Gonçalo Pereira Fidalgo.
O capitão Braz da Rocha.
O capitão Manoel de Abreu.
O capitão Francisco Ramos.
O capitão Manoel Lopes.
O capitão Amaro Cordeiro.
O capitão Domingos Ferreira.
O capitão Philippe Ferreira.
O capitão Gregorio de Caldas.
O capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque.
O capitão Simão Mendes.
O capitão Sebastião Ferreira.
O capitão Estevão Fernandes.
O capitão Antonio da Rocha Damas.

O capitão João de Pontes.

Os capitães do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros são os seguintes:

O capitão João Barbosa Pinto.
O capitão Antonio Curado Vidal.
O capitão Antonio Rodrigues França.
O capitão João Lopes.
O capitão Manoel de Aguiar.
O capitão Manoel Antonio de Carvalho.
O capitão Antonio da Silva.
O capitão Amador Rodrigues.
O capitão Francisco da Rocha.
O capitão Antonio Rodrigues Santiago.

Os capitães do terço do mestre de campo Francisco de Figueirôa são os seguintes:

O capitão Pero de Miranda.
O capitão Fernão de Mello de Albuquerque.
O capitão D. João de Sousa.
O capitão Amaro Velho Cerqueira.
O capitão Francisco Coutinho.
O capitão Manoel Fernandes.
O capitão Clemente da Rocha.
O capitão Jacintho da Cruz.
O capitão João Luiz.

Chegada a nossa infantaria ao arraial no seguinte dia, mandou o inimigo do Recife uma embaixada pedindo treguas para mandar aos Guararapes a enterrar seus mortos, as quaes lhes foram concedidas desde a Villa de Olinda até o sitio da Jangada. Foi mandado o sargento-maior Antonio Dias Cardoso com alguma gente para o sitio onde se deu a batalha, e d'elle veiu com o capitão Francisco Barreiras á praia a receber os hollandezes que vinham,

como em taes occasiões se costuma, e com elles um capitão de clavinas e um judeu muito rico, chamado Moysem Navarro por fallar bem portuguez, e depois d'elles saudarem ao sargento-maior, mandaram enterrar seus mortos, ficando admirados de verem tal estrago e mortandade, e estando vendo disse o capitão de clavinas, o qual havia escapado do conflicto, que ainda havia de vir morrer n'aquelle boqueirão, que tantas mil vidas havia custado assim dos principaes de França como de Hollanda! Respondeu-lhe o sargento-maior que assim confiava em Deus, que elle como os mais que viessem, acabariam alli onde estavam os ossos de seus parentes e amigos, e que seria muito justo vir-lhes fazer companhia; tornou o capitão a dizer ao sargento-maior que os portuguezes, como disséra o coronel que governava as armas, quando investiam que ou iam mui borrachos, ou deixavam as vidas nas caixas.

O sargento-maior lhe respondeu que na campanha havia mui pouco vinho, e que quando fôra muito que os portuguezes se não emborrachavam por ser entre elles a maior infamia, e que o emborrachar-se convinha aos flamengos, como aquelles que tão continuamente o faziam no tocante ás vidas que tinha cada qual, o que Deus lhe havia dado que com tanto valor como elles a seu pezar experimentavam, offereciam a morte por lh'a darem a elles pelas tyrannias que haviam usado, e de novo tentavam proseguir, que, se antigamente ganhavam a campanha com tanta felicidade, fôra por engano e por os portuguezes não saberem quem elles eram, mas agora que tanto conhecimento tinham de suas maldades como elle bem sabia, elegiam antes por menos mal o morrerem pelejando, investindo logo com tanta resolução do que imaginarem que os moradores haviam de ficar sujeitos a tão tyrannico jugo, tornou o capitão a dizer que era verdade que os soldados portuguezes

haviam de estar mui contentes com tão grandes duas victorias que ganharam, sendo muito menos. O sargento-maior lhe respondeu, que não andavam por isso os soldados muito contentes, e que então o andariam quando os flamengos foram os soldados que não eram, e que não faziam muita estima de victorias alcançadas de homens que com tanta facilidade se deixavam investir e romper, pondo-se sempre em fugida infame sem os quererem esperar, e que puderam ficar os soldados mui gloriosos e ufanos quando venceram homens que pelejavam sem fugir. O capitão, enfadado, disse ao sargento-maior, se dizia elle aquillo ou os soldados? Elle lhe respondeu que os soldados o publicavam assim.

O flamengo, ouvindo isto, começou de pura raiva a chorar mais que um menino, dizendo que na primeira batalha investiram os portuguezes logo e desbarataram seus esquadrões, mas que n'esta haviam pelejado mais de uma hora valentemente antes que largassem o campo, e por lhe matarem tanta gente, o largaram por elles não pelejarem espalhados como os portuguezes, que não perdiam tiro e morriam poucos, mas que se elles pelejavam espalhados, como haviam de fazer d'alli por diante, que tambem venceriam aos portuguezes. O sargento-maior lhe disse: se os flamengos pelejarem espalhados melhor para nós, quanto mais que elles se não hão de atrever, e perguntando o capitão por que não pelejariam como os portuguezes espalhados, lhe respondeu o sargento-maior: para os flamengos pelejarem espalhados ha mister cada soldado um capitão, e os portuguezes pelejam d'esse modo porque cada soldado é capitão, quanto mais que n'estas occasiões pelejamos e investimos em troços, que se os soldados se espalham é para darem alcance ao inimigo que lhe foge.

O capitão respondeu: é verdade, mas o que queria saber

como era melhor para os portuguezes o pelejarem os hollandezes espalhados? O sargento-maior lhe disse: se nós os investimos á espada, estando formados em seus esquadrões, tendo tantos e bons chuços e piques, como os não investiremos melhor andando espalhados? ou quando não os invistamos basta a nossa cavallaria para fazer sem muito trabalho grandes estragos n'elles.

Não tratou mais de cousa alguma o capitão hollandez senão de ir com o judeu ao arraial, e, chegados, sentiram o rumor dos soldados, que não viam por levarem os olhos tapados. O judeu pediu de mercê que o deixassem vêr a bizarria de tão valentes soldados, concederam-lhe o que pedia, e, apeando-se do cavallo em que vinha, começou de abraçar os soldados que conhecia muitos d'elles do tempo que iam ao Recife, quando os hollandezes eram senhores, dando-lhes muitos vivas e que só elles eram valentes e que não sabia se lhes chamasse sóes, se lhes chamasse sombras, se sóes porque com os resplendores de tanta valentia e valor não davam lugar a que a vista d'ella campasse a dos melhores do mundo, se sombras porque com as proezas de suas façanhas obscureciam as de todos os antigos, e que não contasse a fama por valentes á vista de taes soldados, os que ella até então publicára não se enfadava o judeu de louvar os soldados á vista do capitão flamengo, que não pouco se enfadou, e, subindo para onde estava o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, depois de o saudar, lhe disse: que muito lhe pesava da morte de Paulo da Cunha por ser bom taful, e que grandissimamente sentia o haver sido morto João Fernandes Vieira na batalha quando ganhára a artilharia, e que com sua morte davam no Recife por bem empregada quanta perda nos Guararapes tiveram, mas que elle como seu amigo lhe pesava muito, que eram successos da guerra, que não dava senão mortes.

O mestre de campo-general lhe respondeu: que Paulo da Cunha era morto, mas que João Fernandes Vieira estava em sua casa descansando do muito trabalho que tivéra. Ao que o judeu (cuidando não ser verdade o que lhe dizia) respondeu: folgava de o vêr, que d'aqui á sua casa não é muito longe, e trago uns poucos de portuguezes de ouro. quizéra jogar com elle, que tambem é grande taful. Ha de se advertir que no Recife tinham por certo que o mestre de campo João Fernandes Vieira morrêra na batalha, como temos dito, quando ganhou a artilharia, e isto porque quando investiu o inimigo e lh'a quiz e procurou ganhar, disse em voz alta: aqui está João Fernandes Vieira, que é vosso açoute! E elles, conhecendo-o, lhe deram uma carga de vinte clavinas, e disseram no Recife que na artilharia o haviam morto, e por esta causa procurava tanto o judeu de o vêr e fallar com elle para saber de certo o que. O capitão e o judeu não traziam ordem de estarem fóra mais que até o pôr do sol; comtudo excederam-na, esperando por o mestre de campo João Fernandes Vieira, que se fôra chamar á sua casa, onde estava no seu engenho da invocação de S. João, e tanto que chegou lhe fez o judeu muita festa, ficando bem admirado o capitão de clavinas de o vêr (e depois soube-se que ambos vieram sómente do Recife a certificar-se da morte do mestre de campo) e lhe disseram: folgamos de vêr a Vossa Senhoria, porque nos certificaram que fôra morto na batalha. Respondeu-lhes o mestre de campo, dizendo-lhes: graça, quem disse isso aos flamengos fallou verdade que eu era morto, e o fui, mas chegando ao céo, me perguntou Deus se ficavam ainda flamengos no Recife? e eu lhe respondi que sim, e elle me tornou a mandar que os viesse acabar de matar, que depois elle mandaria o que fôsse servido. Elles lhes responderam, assim parece, por que muitas vezes disseram que V. S. fôra

morto nas batalhas que havia tido e por alguns portuguezes seus inimigos e agora o vêmos com vida.

Depois de se passarem a outros colloquios com graças e galantarias semelhantes, se tornaram o capitão e o judeu para o Recife desenganados que João Fernandes Vieira era vivo, de que ficaram os do Recife, com tanto sentimento, quanto tiveram de alegria, cuidando que era morto, e o capitão ia com notavel iracundia e raiva batendo os dentes como javali, pelo que lhe disséra o sargento-maior, que foi afim de o mortificar por lhe abater a soberba com que vinha, e com que havia dito outras cousas na praia ao capitão Francisco Barreiras, e a alguns soldados, porque bem conhecia elle o quanto os hollandezes eram soldados, e a grande mercê que Deus nos havia feito em conceder tantas victorias, livrando-nos de tão crueis inimigos, os quaes mais tratavam de ganhar a campanha por se vingarem asperrimamente dos moradores e ajuramentados, do que por outra cousa, porém Deus, por cuja causa se pelejava, abateu sua soberba, que, quanto mais cresce, tumida e arrogante se alevanta, maior quéda e ruina dá, por estar fundada sobre fraca base e caduco fundamento.

CAPITULO VII

De alguns successos que houve até o anno da restauração, de commettimentos que o inimigo fez recolhendo-se sempre com perda de mortos.

Depois que os hollandezes perderam aquelle grande numero de gente, tantos soldados e sargentos, alferes, capitães, ajudantes e coroneis, na segunda batalha dos montes Guararapes, se passaram alguns mezes que elles, opprimidos, não fizeram sahidas fóra de suas forças, e só tratavam ao menos conservar-se n'ellas, por quanto lhe faltava

o poder, e o soccorro era duvidoso vir-lhe, porque nas duas batalhas dos montes Guararapes haviam perdido os melhores capitães e soldados velhos e experimentados na milicia e nas guerras de Flandres e outras partes, mas tratavam sómente de entreter a nossa infantaria, e trazê-la desinquieta, até de Hollanda lhe mandarem soccorro bastante para romper a campanha (como determinou por muitas vezes) e pôr todos a ferro e fogo.

O mestre de campo general, Francisco Barreto de Menezes, depois de feitas as acções de graças a Deus, que lhe havia concedido tão grande victoria por meio dos heróes de eterna fama, os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, mandou prover nossas estancias com capitães e soldados necessarios para a defensa. Estava por cabo na estancia, que chamam do Mendonça, o capitão Antonio Borges Uchôa, que fica perto de uma força do inimigo que chamam dos Afogados por onde o inimigo, em 25 de Agosto de 1650, sahiu com uma tropa para dar em nossas sentinellas; porém, o capitão, investindo com elle, pelejou grande espaço de tempo, e o fez retirar com perda, ficando no campo seis mortos e levando muitos feridos, da nossa parte ficaram alguns feridos.

Não deixava o inimigo passar o tempo ocioso, porque em suas forças, Recife e cidade Mauricea exercitava seus soldados, que haviam vindo da Hollanda, e concertava seus reductos; mas, vendo que perto da força dos Affogados havia um matto onde os nossos cada hora sahiam a lhes fazer muito damno, que era junto á estancia do Aguiar, aos que iam para a força e os que d'ella sahiam, deixando a muitos sem vida, sahiu o inimigo em 7 de Outubro de 1650 a querer roçar o matto. N'este sitio estava por cabo o capitão Manoel de Aguiar, Caraça, por alcunha, do terço do mestre

de campo André Vidal de Negreiros, que, sendo visto do capitão, acudiu com sua gente, e pelejando com elle, o fez retirar para sua força, com perda de mortos e feridos, que se não soube por se retirarem logo.

Vendo o inimigo que não podia seguir seu intento pela parte dos Afogados, porque por aquella parte determinava fazer alguns assaltos aos moradores, sahiu o inimigo de suas fôrças uma noite, 15 de Dezembro de 1650, e se veiu emboscar em um matto junto ás salinas, que chamam de Francisco do Rego, onde estava por cabo o capitão Amaro Ferreira Machado e Appolinario Gomes Barreto, os quaes, com sua infantaria, investiram com elle, que repugnava, com grandes cargas de mosquetaria, os fizeram retirar até debaixo de suas forças, onde os seguiram e alli nos mataram o capitão Appolinario Gomes Barreto e tres soldados nossos, vingando primeiro sua morte. Os nossos lhe fizeram muita perda, ficando-lhe no campo 17 mortos e muitos feridos que retiraram.

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que o inimigo mandára infestar o rio de S. Francisco, se informou dos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, a quem mandaria com soccorro, para com effeito lançar fóra d'aquella capitania o inimigo, porque se os não lançassem fóra d'aquella capitania, ficaria a nossa infantaria impossibilitada, e não haveria gado para se sustentar, porque sempre de lá se remediava com algum. O mestre de campo João Fernandes Vieira disse que ninguem podia ir, que fôsse de mais confiança, zêlo e experiencia que o seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, como tão experimentado n'estas campanhas. E assim se resolveu que fôsse, e em 4 de Janeiro de 1651 partiu de nosso arraial com 500 homens, e, chegado que foi ao Rio, em 15 do mesmo mez, já o não achou, por se haver retirado

para o Recife por aviso que teve, de que ficou bem pezaroso o sargento-maior; porque, como era tambem soldado, tinha por dita encontrar-se com elle, e se tornou para o nosso arraial.

Os hollandezes, os mais dos dias, sahiam de suas forças, porém sempre tornavam de corrida a se recolher n'ellas, que por serem de pouca consideração deixo; mas, escreverei de alguns em que houve pendencia de mortos e feridos. Por pareceres dos dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes fazer uma emboscada entre as forças, como Pontas, Afogados e Barreta, para que, vindo algum provimento para as forças, lh'o impedissem para provocar o inimigo a sahir d'ellas; e para este effeito mandou ao sargento-maior Antonio Jacome Bezerra, em 6 de Março de 1651, com 300 homens emboscar-se entre as forças do inimigo, como Pontas, Afogados e Barreta, por d'ellas sahir o inimigo a Ilhado e Cheiradinheiro. Vendo os nossos uma embarcação de remo, que do Recife vinha, lhe foram a nado com as espadas nas mãos doze soldados nossos, e, achando n'ella seis flamengos e a mulher do commandante da força da Barreta, os mataram, obrigando o inimigo a que sahisse, o que fez, sahindo da força da Barreta em seu soccorro, que, travando-se pendencia, houve de parte a parte muito grande repugnancia, com que o inimigo, já desesperado, não podendo soffrer o rigor de nossos soldados, se retirou outra vez á força com muitos feridos, e no campo lhe ficaram 20 mortos, que não pôde retirar, e lhe aprisionaram 3. Esteve o sargento-maior com a infantaria n'aquelle posto dois dias continuos sem que o inimigo tornasse a sahir, nem a artilharia lhe fez damno algum, e o mestre de campo general o mandou recolher com a gente.

Determinando o inimigo fazer algum damno á nossa gente, que estava na estancia do Mendonça, e degolar as sentinellas que estavam n'aquelle posto e senhorear-se d'elle para que mais seguramente lançassem tropas a fazer todo o damno que pudesse aos moradores, sahiu da força dos Afogados cousa de 300 hollandezes uma manhã de 7 de Abril de 1651 em demanda da estancia do Mendonça, com intento de a ganhar. N'ella estava com sua companhia, e por cabo de outras o capitão Antonio Borges Uchôa, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, que, vendo o inimigo, começou a pendenciar com elle com a gente que o acompanhava, com muitas cargas de mosquetaria, pendenciando muito tempo, o investiu á espada, fazendo-o retirar, e lhe mataram 15 e muitos feridos, e ficando o campo tinto em sangue de muitos feridos, que levaram. Da nossa parte houve 6 feridos.

Mandou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, em 16 de Julho de 1651, á campanha do Rio-Grande ao capitão João Barbosa Pinto, do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, com 300 homens á sua ordem, para que fizessem todo o damno, que pudessem ao inimigo, que estava n'aquella campanha; e, chegando ás Guararairas, os hollandezes se recolheram á uma força, que, investindo-a, os prendeu a todos os que n'ella estavam, e lhe fez muito damno n'aquella campanha, arrancando-lhe os mantimentos que tinham plantados, e depois se tornou para o arraial, trazendo 83 pessoas presas, entre negros e indios da terra, e lhe fez muita destruição nas roçarias e mais lavouras.

Sabendo os hollandezes que de nossas estancias sahia todos os dias uma companhia a descobrir o campo, sahiram de suas forças em 11 de Outubro de 1651 cousa de 150 homens a emboscar-se no matto em tres partes, para que,

sahindo a nossa gente a descobrir o campo, os degolassem; e sendo vistos por nossas sentinellas, deram logo parte ao capitão Manoel de Aguiar, que estava por cabo d'aquella estancia, os investiu com grande esforço, e pelejando muito tempo os fez retirar com perda de mortos e feridos, que se não soube ao certo.

Muito se desvelava o inimigo em roçar o matto da estancia do Aguiar, por lhe servir de estorvo para não darem com a artilharia na estancia, e senhorear-se d'ella, e assim mandou, em o 1º de Novembro de 1651, um capitão com gente que lhe pareceu bastante para defender os que haviam de roçar o matto; mas, sendo vistos pelo capitão Manoel de Aguiar lh'o defendeu, de sorte que os fez retirar com mais pressa do que a com que vieram, porque pendenciou com elles até os metter debaixo de sua artilharia, ficando seis mortos, e se retiraram com muitos feridos; da nossa parte houve quatro feridos.

Vendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes não sahiam fóra de suas forças, havia tantos mezes, lhe pareceu conveniente fazer-lhe algum damno para mais o intimidar, e juntamente via que os nossos soldados, desejosos de pelejar, andavam enfadados pelos ter ociosos.

Mandou em o 1º de Maio de 1652 ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso com 400 homens fazer uma emboscada entre as forças do inimigo, Barreta e Afogados, onde esteve até o outro dia; vendo, pois, o sargento-maior que o inimigo não tratava de sahir fóra, o mandou no seguinte dia picar a força da Barreta, d'onde sahiram a pendenciar, e dos Afogados sahiram tambem a soccorrel-os, cuidando cortar a nossa infantaria, que pelejava valorosamente com dois esquadrões do inimigo, um que sahiu da força da Barreta a defender, outro dos Afogados

a soccorrer, travando-se uma sanguinolenta batalha, que, durando mais de hora e meia, uns e outros, fracos de pelejar, e as armas tão quentes, que nas mãos as não podiam suster; o inimigo já não podia resistir, porque a nossa infantaria os ia desbaratando, e elles já de todo o ponto perdidos, uns se lançavam ao rio, outros descompostamente se retiravam para a força, lançando as armas por escaparem com vida, outros armas e vida juntamente. Muitos se afogaram no rio, e no campo ficaram 15 mortos; levaram muitos feridos, ajudando-nos sempre Deus contra aquelles que tantas offensas haviam feito á suas sagradas imagens.

Sabendo o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes que os hollandezes no Rio-Grande haviam junto muita quantidade de páo-brasil para mandarem para a Hollanda, e de lá soccorriam os do Recife com mantimentos, mandou, em 20 de Maio de 1652, ao sargento-maior Antonio Dias Cardoso, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, com 500 homens fazer todo o damno possivel aos hollandezes; chegando ao Rio, aprisionou quantidade de negros, arrancando-lhes todas as roçarias e todos os mais mantimentos que no campo achou, e lhe queimou muita quantidade de páo-brasil, matando muitos hollandezes e indios com que se tornou para Pernambuco, deixando feito muito estrago n'aquella campanha.

Os hollandezes estiveram em suas forças com grande vigilancia por alguns mezes; porém, sempre lhe causou grande cuidado aquella estancia do Aguiar, que tantas vezes determinaram roçar aquelle matto, que está junto, para descobrir aquella estancia, e com sua artilharia senhorear-se d'ella para fazer o damno possivel aos moradores, e com esta determinação sahiu o inimigo em 11 de Março de 1653 a querer roçar o matto com intento de ganhar a estancia. N'ella estava por cabo o capitão Affonso de Albuquerque,

o qual, sabendo o designio do inimigo, marchou com toda a gente que a seu cargo tinha, pelas 7 horas da manhã, a lhe impedir o intento, ainda que o inimigo procurava fazer todo o damno á nossa gente com sua artilharia, comtudo, o capitão os investiu, e fez retirar com mostras de muitos mortos e feridos, que se não soube ao certo pelos retirarem logo; e da nossa parte houve tres feridos.

Como quer que o inimigo fizesse tantas diligencias por ganhar aquella estancia do Aguiar, a mandou provêr o mestre de campo general com 5 companhias e por cabo d'ellas o capitão Paulo Teixeira, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, e sahindo o inimigo, em 18 de Junho de 1653, com mais de 200 homens de sua força dos Afogados, tendo suas emboscadas feitas, para que, passando a nossa gente, a degolassem; porém, o capitão, investindo com elle, o fez retirar e levantar as emboscadas, onde tinham 50 homens, e, retirando-se estimulado com muita perda de gente morta e ferida, se refez de maior poder, e no mesmo dia veiu pelas 3 horas da tarde ao mesmo posto, e, tornando o capitão sobre elle com sua gente, que, travando peleja com muitas cargas de mosquetaria, durando grande espaço de tempo, o fez retirar á sua força, com perda de mortos e feridos, que não foram poucos.

Por este tempo chegou aviso ao nosso arraial em como o inimigo fôra ao rio de S. Francisco para trazer para o Recife todo o gado que pudesse, porque lhe ia faltando o mantimento.

Assistia no Rio com suas companhias o capitão Francisco Barreiras, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, e tendo encontro com o inimigo em uma parte que chamam Santa Isabel, onde se travou peleja que durou grande espaço, fazendo retirar com grande perda, sem ter effeito seu intento, havendo muito grande repugnancia de

parte a parte. O nosso capitão os foi seguindo com sua gente, com carga de mosquetaria, a que o inimigo, dando algumas cargas, topou uma bala de mosquete ao capitão, fazendo-lhe grande bateria, onde cahiu morto e tres soldados nossos e doze feridos; do inimigo ficaram 37 mortos e muitos feridos: ficou o mestre de campo bem pezaroso em haver perdido aquelle capitão por ser tão valente soldado, e mui previsto nas regras militares.

Não deixava o inimigo de seguir o intento que tinha em descobrir aquella estancia do Aguiar e roçar o matto, não reparando nas grandes perdas que por tantas vezes alli havia perdido, parecendo-lhe que, ganhando-a, poderia ter algumas esperanças de fazer algum damno á nossa gente, e vir a ser senhor do nosso arraial; mas, sempre se enganou, porque os nossos capitães sempre o fizeram com muito valor, seguindo-os sempre até debaixo de suas forças; o inimigo com este intento sahiu da força dos Afogados a roçar o matto com 300 homens. Estava n'este sitio por cabo o capitão Francisco Pereira Guimarães com 70 homens, investiu o inimigo e o fez retirar, matando-lhe muitos de seus soldados, com que, descompostamente, se recolheram em sua força, o que não seria sem grande perda.

Da nossa parte feriram um capitão, um alferes, e um soldado, que foi em 12 de Novembro de 1653, com que o inimigo se deixou uns dias, e em 18 do mesmo mez sahiu com mais de 300 homens com o mesmo intento; mas, o capitão Manoel de Aguiar, que estava por cabo na mesma estancia, o fez retirar com alguma perda de mortos e feridos, que se não soube pela pressa com que os retiraram, frustrando-se sempre seu intento.

CAPITULO VIII

Da preparação que se fez para a restauração e entrada do Recife e outros successos.

Vendo o mestre de campo João Fernandes Vieira, que se ia dilatando a guerra por ser lenta, com que a infantaria se ia enfadando, e muito mais os moradores, por verem que não eram soccorridos, e vendo-se perder as vidas e gastar a fazenda com receios que no fim viriam ser todos mortos e destruidos; e, conhecendo o mestre de campo esta desconfiança entre toda a gente, e vendo elle que era a causa principal d'estas queixas, se resolveu a procurar com todo o cuidado os meios por onde poderiam ser restauradas estas capitanias da tyrannia do inimigo.

Procurou o remedio d'onde lhe podia vir, e, tanto que o teve, manifestou ao mestre de campo general Francisco Barreto, que então governava as armas, as razões que havia para que tratassem da guerra e da restauração, e tanto que foi informado do que o mestre de campo João Fernandes Vieira lhe disse, respondeu que era necessario tomar sobre isso conselho, porque havia grandes duvidas para commetter empreza tamanha, e que n'outra occasião se resolveria o negocio. Estava n'este tempo de assistencia o mestre de campo general no Pontal de Nazareth. Passados alguns dias tornou o mestre de campo João Fernandes Vieira a apertar com o negocio para a resolução. Pôz o mestre de campo general as razões e as duvidas que se offereciam, que todas eram de aceitar; mas, o zêlo e vontade do mestre de campo João Fernandes Vieira facilitavam com outras mais forçosas para que se désse principio á restauração, e as ultimas que deu, foi dizendo:

estamos aqui tres mestres de campo, e V. S. que é mestre de campo general, faça-se um conselho para vêr o que se resolve pelos mais votos. Approvou o mestre de campo general este parecer, chamando os mestres de campo á igreja de S. Gonçalo da Praia, 7 leguas do arraial, e alli com todo o segredo se propuzeram as razões de tudo o que era necessario para a resolução da empreza, perguntando-se o voto do mestre de campo Francisco de Figueirôa, não votou cousa em que se pudesse apegar mais que impossiveis.

Perguntou-se o voto do mestre de campo André Vidal de Negreiros, que com o zêlo respondeu, que elle já tomára vêr o fim da guerra, e sua patria restaurada; mas, se houvéra de sentir algum effeito do que se intentava, que era de parecer se conseguisse. Pediu-se o voto do mestre de campo João Fernandes Vieira, e como autor da obra trazia mais diante dos olhos a vontade de dar fim á guerra, dizendo para os companheiros:

Nós somos christãos, filhos da igreja, somos vassallos da Magestade de Portugal. Somos Portuguezes, que sempre defendemos os mandamentos da lei de Deus e de sua igreja, com razão devemos ter confiança no bom successo, como até aqui havemos tido em todos.

Vejo o miseravel estado em que nos vamos pondo, e cada vez será peior, com que será maior acerto procurar por uma vez vencer ou morrer. Estas armadas do comboyo são portuguezes como nós, quando passar por aqui pedir-lhe-hemos da parte de Deus que nos soccorram, e que nos ajudem, já que Sua Magestade tem razões para o não fazer; além d'estas razões, deu o mestre de campo muitas mais, que o mestre de campo general Francisco Barreto ouviu com tenção, dizendo da sua parte que não havia duvida, que o que elle propunha era o que convinha; mas

que via que para o dar á execução não havia o necessario.

Respondeu-lhe o mestre de campo João Fernandes Vieira, que dissesse tudo o que se lhe offerecia para dar principio á resolução. Respondeu que tinha pouca polvora e morrão, e não havia nenhum mantimento, nem as ferramentas necessarias para trabalhar, nem taboado para explanadas, nem cestos para a terra, nem saccaria para as trincheiras, nem reparos para a artilharia e outros necessarios que manifestou. Perguntou-lhe o mestre de campo João Fernandes Vieira, se punha duvida o que tinha referido, e supposto que as razões eram poderosas, e como de soldado tão grande, lhe disse com resolução: tudo isso me obrigo a remediar e a procurar, dando-me V. S. o poder: com bôa vontade lh'o concedeu o mestre de campo general, e entre todos os mestres de campo ficou de accôrdo, seguindo todos o parecer do mestre de campo João Fernandes Vieira, que tanto que apparecesse a armada do comboyo, se trataria de dar principio, se o general da frota concedesse o que se lhe pedisse; e entretanto que se fôsse preparando todo o necessario, com todo o segredo e dissimulação, que assim o permittiu Deus se conservasse.

Começou logo o mestre de campo João Fernandes Vieira, com o seu descoberto zêlo e vontade, a procurar de todos os moradores, começando primeiro em si, a cujo exemplo seguiram todos o mesmo zêlo e vontade, que pedindo elle um lhe davam quatro de qualquer genero que pedisse, e offereciam tudo quanto possuiam e as proprias vidas, e assim o fizeram. Em poucos dias ajuntou mantimentos para 17 mezes para todo o exercito e todos os mais de sobra, e tudo se comboyou para os postos convenientes, que foi uma admiração a facilidade com que o mestre de campo João Fernandes Vieira obrou, porque muita gente entendia que

era impossivel poder-se conseguir a facção, pelo muito que se havia mister ; mas, elle obrou de maneira que parecia que tinha tudo em armazens; mas, o certo é que Deus ajudava por conhecer o amor com que o servia. Isto posto em via e preparado, foram esperando a vinda da armada do comboyo, e entretanto se ia picando o inimigo; elle fazia algumas sahidas, em que havia algumas pendencias, em que havia mortos e feridos; mas, como eram de pouca consideração, não se faz d'ellas menção, até que chegou o dia em que chegou a armada do comboyo, a pôr-se sobre o Recife, e vinha por general Pero Jacques de Magalhães, e por seu almirante Francisco de Brito Freire, e chegaram alli.

E tanto que os nossos mestres de campo viram estar alli a armada, se fez conselho sobre o que se faria, resolveu-se que mandasse o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes aviso ao general da armada, pedindo-lhe se quizessem avistar no mar ou na terra. Foi o general tão cortez e o seu almirante, que vieram á terra e desembarcaram no Rio-Doce, onde o mestre de campo general foi com todos os mais mestres de campo a recebel-os, e depois de se saudarem e as cortezias de parte a parte, se manifestou a resolução que tinham tomado para dar principio á restauração; mas, que para obrar com melhor fundamento, e os soldados e os moradores terem melhor vontade e animo, era necessario que a armada estivesse alli de fóra tanto tempo, e que haviam as lanchas de todos os navios barquear a terra muitas vezes, para que cuidasse o inimigo, que era desembarcar gente e munições. Defendeu-se o general com razões, que não podia alli deter a armada, em razão dos tempos, que entrariam os sues, e que debaixo d'isso que elle não tinha ordem nenhuma de Sua Magestade para tal fazer; que não queria que lhe cortasse a cabeça.

Apertaram-se as razões tão poderosas e piedosas que veiu o general a resolver-se a acompanhar aos da terra e ajudar aos portuguezes seus naturaes, e o mestre de campo João Fernandes Vieira, que n'este tempo lhe fazia mil requerimentos da parte de Deus, pedindo-lhe que restaurasse aquella christandade, já que Deus o trouxéra alli, e que da mesma sorte lhe permittia todo o bom successo, e que não houvéra faltar tempo para seguir a viagem, e como o general era amigo do mestre de campo João Fernandes Vieira, e o almirante pela outra parte ambos de conformidade consentiram em tudo, sem repararem em risco nenhum, nem no castigo que Sua Magestade lhe podia dar. Marcharam todos para a villa de Olinda, onde n'aquella noite dormiram todos, praticando na materia, para no outro dia se fazer conselho para começar a batalha. Considere o leitor as variedades que haveria nos taes dias e noites, e as desconfianças e confianças em differentes animos e vontades, quem n'este tempo constante e só confiado vira o mestre de campo João Fernandes Vieira, animando aos soldados e aos moradores que alli se achavam, não socegando em toda a noite em lhe facilitar e permittir grandes felicidades da parte de Deus, com que todos se davam por contentes e alegres até que pela manhã que foram.... horas, chamou o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes a conselho, onde chamou os mestres de campo, tenentes-generaes, sargentos-maiores, em que assistiu o general da armada e o almirante, e, todos juntos, propôz o mestre de campo general as razões que se lhe offereciam para duvidar de conseguir aquella empreza pelos grandes riscos que se offereciam. Propôz, como general, para ouvir aos mais, e cuidando o mestre de campo João Fernandes Vieira, que tudo estava facil para a execução; alli viu os maiores impedimentos (que nem todos se hão de chamar a conselhos em semelhantes occasiões),

porque, começando de votar a quem tocára, tudo foram difficuldades e variações. Foram-se ouvindo os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros, Francisco de Figueirôa, o tenente-general Philippe Bandeira, o sargento-maior Antonio Dias Cardoso, o sargento-maior Antonio Jacome Bezerra e o sargento-maior Hieronimo de Enojoza.

Depois d'estes votarem, pediu o mestre de campo general ao general da armada Pero Jacques de Magalhães e ao seu almirante Francisco de Brito Freire que votassem; responderam ambos que não votavam sem ouvir primeiro ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que, como autor da obra, e mais pratico e visto no paiz, teria as cousas mais bem vistas. Pediu o mestre de campo general que quizesse dar o seu voto, obedeceu e disse: ha tantos tempos que se tem visto e fallado n'esta materia, em que todos foram de parecer se tratasse da restauração; aprestou-se todo o necessario, está junto, e a infantaria e a armada no mar com as pessoas que a governam com vontade de nos ajudar, com que não fica lugar de deixar de conseguir a execução d'esta restauração, que, quando de todo o não consigamos, ganharemos algumas forças do Recife, assim como temos ganhado as demais praças, com que o inimigo ficará mais fraco de suas forças, com que será mais facil vir alguma conveniencia. Perguntou o mestre de campo general por onde lhe parecia que commetteriam o Recife, respondeu que fallassem os mais cabos. Uns disseram que por uma parte, outros que pela outra; mas, com nenhum se ajustou o mestre de campo, e disse que o seu parecer era mui differente d'aquelles, encontrando e vencendo com razões os lugares que tinham apontado, dizendo que os terrenos eram limitados e sem agua, que se haviam de buscar os lugares mais convenientes, onde houvesse agua e lenha, e com facilidade serem soccorridos, e ficarem os moradores seguros debaixo de

nossas armas, que pela força que se chama de Francisco do Rego se houvéra começar, e era a terra firme, e que alli podiamos levar com mais facilidade a nossa artilharia ; e que aquella força ganhada sujeitavamos a praça do Recife, que até os navios se offendiam, e d'alli começariamos pela força de Altenar, e d'alli iriamos buscar a força da eminencia e a das Cinco-Pontas, e a isto ajuntava mais as razões necessarias, e offereceu por papel, como se houvéra ir obrando, ouvindo ao mestre de campo João Fernandes Vieira, pediu ao general da armada e ao seu almirante o seu parecer ; responderam que elles seguiam todos os que o mestre de campo João Fernandes Vieira déra, que ainda que elles não foram tão ajustados como eram, que por muitas razões se houveram de seguir por mais interessado no negocio, por mais pratico na terra e o que maior conhecimento tinha da natureza e traça dos flamengos, e que lhe parecia justo darem logo principio á guerra, que elles da sua parte se offereciam para ajudar em tudo. Ajustou-se o mestre de campo general com os pareceres ultimos, e resolveu como general, e dispôz com todo o acerto e prudencia. Mandou ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que n'este tempo tinha provido e guarnecido as fronteiras com o seu terço, que fôsse segurar todas as entradas que o inimigo tinha e o sitio de suas fortalezas, cavas e estacadas e pontes, para se saber o modo com que se houvéra obrar; e que, para poder fazer esta segurança, nomeasse a gente que lhe parecesse, do seu terço, para a defensa. Pediu-lhe o mestre de campo dois engenheiros, que havia um portuguez, que sabia pouco, e um estrangeiro, que entendia melhor, para tomarem conhecimento dos terrenos para saberem como houveram de obrar. Pôz-se o mestre de campo em bombaixa, e marchou pelo estylo da terra, ficando todos os demais cabos na villa de Olinda; e tanto que entrou a noite,

começou a ir descobrir todas as forças e fronteiras que tinha o inimigo fóra do Recife, e n'este descobrimento em muitas das forças era sentido e começava o inimigo a laborar com mosquetaria e artilharia, que assombrava o ar. N'este tempo se tendia o mestre de campo com a gente que levava no campo com todo o silencio, até que o inimigo se tornava a socegar, e elle socegado marchava para outra força só com o engenheiro estrangeiro, que era bastante animoso, e em resolução na dita noite fez o mestre de campo tal diligencia, chegando a pôr a mão em todas as estacadas, descobrindo os fossos, desprezando a vida no maior perigo que se podia imaginar; e d'isto será testemunha o mesmo estrangeiro, quando haja quem ponha duvida na verdade; e é para reparar que um homem mancebo, casado de pouco tempo, rico, com demasiadas riquezas, sem ter filho que as gozasse, se arriscasse tão facil a perder a vida, e com este mesmo zêlo o ajudou Deus, que não intentou cousa que não conseguisse. Recolheu-se á villa de Olinda a dar parte ao mestre de campo general Francisco Barreto do que tinha obrado, e, depois de lhe agradecer o grande serviço que havia feito, mandou que fôsse com o seu terço, por lhe tocar n'aquelle dia a vanguarda, que fôsse a pôr bateria e a situar a força do Rego, e logo atrás d'isto marchou todo o exercito a alojar-se por todas as fronteiras e situarem-se pelas costas das baterias. Preparou-se o mestre de campo João Fernandes Vieira com a deliberação e confiança de animoso soldado, pedindo com grandes encarecimentos a todos os cabos e soldados do seu terço, quasi com as lagrimas nos olhos, chamando a uns filhos, a outros irmãos, dizendo-lhes: este é o dia e principio de nossa felicidade, da restauração da grande christandade, e das honras de nossas mulheres e filhas, confiemos todos em Deus, que o temos da nossa parte, não haja em nenhum receio dos estrondos

das armas, nem do sangue que muitos de nós podemos derramar, porque de necessidade são os effeitos da guerra; e só ponham o sentido que os que ficarem vivos hão de vingar a morte de nossos companheiros, e a todos quantos são mortos n'esta guerra e d'aqui por diante morrerem, saibam que tenho mandado dizer e hei de mandar dizer pela alma de cada um sua missa, e, para começarmos, digamos todos de joelhos, com grande devoção, um Padre Nosso e uma Ave Maria, offerecido ás chagas de Christo, para que, por esse meio, sejamos vencedores contra a herezia.

Entrou a noite, começou com todo o silencio a carregar oito cestões, que eram feitos por conta para poderem reparar as peças de artilharia de bater, e as assentou a tiro de pistola da fortaleza, e, depois de assentados, os mandou encher com saccos de terra, e, depois de cheios, mandou chegar quatro peças de artilharia de 24 ás mãos, que estavam distantes da fortaleza um bom tiro de mosquete; e houve tal prevenção em as levar, que nenhum rumor fizeram; assentou-se a explanada, pôz-se a artilharia em sua conta, começou da bateria para a parte do sul a abrir uma cava até entestar dentro no rio, e pela banda do norte mandou abrir outra começando da mesma bateria, até entestar no mesmo rio, com que ficou a fortaleza em cerco com a bateria, rio e cavas; mas, das cavas se descortinava bem as portas das fortalezas a tiro de pedra; guarneceu as cavas, abriu estradas encobertas para soccorrer onde fôss enecessario, mandou fazer outras cavas de alojamento, onde estava a gente encoberta. Tanto que teve tudo posto em ordem, sem o inimigo ter sentido cousa nenhuma, estando ouvindo fallar sobre a madrugada perto da manhã, mandou levantar bandeiras na bateria e pregar de subito a explanada, que não estava mais que apontada, por não se

ouvirem as pancadas, e na hora em que se deram parecia uma quarta-feira de trevas, e tanto que se segurou para poder laborar a artilharia ao amanhecer, disseram as sentinellas portuguezas ou camaradas do forte—bons dias! No mesmo instante mandou dar fogo ás quatro peças de artilharia, que estavam apontadas ao dito forte, com que os flamengos ficaram assombrados; começou a bateria a laborar, e a fortaleza do inimigo da sua parte com porfiada pendencia de artilharia e mosquetaria. Disparavam tambem as fortalezas do Recife e as que estavam tambem da nossa parte em terra firme, e os mesmos navios que estavam no porto, que eram muitos, com que faziam um notavel estrondo, que fazia tremer a terra e o mar. Durou esta cruel bateria até uma hora depois do meio-dia, e cessou para haver outra maior. N'este mesmo tempo tinha o inimigo preparado soccorrer a força com esquadrões por terra e embarcações pelo rio para vir tambem a buscar a bateria; descobriram as sentinellas que o inimigo marchava assim por terra, como por mar, de que ficou o mestre de campo muito alegre pela confiança que tinha de os vencer; vieram chegando até que chegou o tempo da pendencia porfiada e renhida, as embarcações, para metterem o soccorro pela porta, os que vinham por terra para os defenderem, e a nossa gente a defendel-o, até que o mestre de campo João Fernandes Vieira lhe pareceu tempo, mettendo mão á espada, mandou sahir toda a infantaria fóra dos alojamentos e cavas a peito descoberto, e investindo-os com toda a resolução, sem reparar em treze fortalezas que sobre elle estavam batendo, e outros tantos navios que se encontravam as balas umas com as outras, e das fortalezas vizinhas, tambem laborava a mosquetaria, e era tal o fumo das armas, que quasi se não viam uns aos outros; aqui se desprezava a vida por se avantajarem todos a fazer melhor sua obrigação,

começando do mestre de campo até o minimo soldado. Que acertada cousa fôra se aos reis e principes do mundo pudéra ser revelado o zêlo e valor de alguns vassallos, para lh'o agradecerem? Mas, ainda mal, porque logram as mercês os que não têm merecimentos, e os que têm ficam no esquecimento; mas, só Deus paga com justiça. Em resolução, ficou o intento do inimigo frustrado, ficando uns degolados em campanha e outros fugidos para dentro do rio, largando as chalupas, que não puderam retirar, com que os da força ficaram descoroçoados, n'esta prolongada bateria, chegando á espada e ás punhadas depois das armas de fogo estarem tão quentes que já não as podiam supportar nas mãos, mandou o mestre de campo recolher a infantaria a seus lugares de cavas, e mandou contar os mortos que lhe ficariam da bateria da sua gente, imaginando que seriam muitos, se viu um notavel favor do céo, que não houve mortos mais que.... e feridos.... e da parte do inimigo se não pôde contar a quantidade, por ficarem mettidos por diversas partes e pelo rio; mas, foi a perda tão consideravel, que foi o inimigo tão intimidado, que d'aquelle dia por diante não pôz mais mão em arma mais que para se defender.

Depois de tudo socegado, descansou a gente, e começou a se pôr em seus postos para o que se offerecesse. Entrou a noite, e entrou de guarda o mestre de campo André Vidal de Negreiros, a quem o mestre de campo João Fernandes Vieira entregou o posto e bateria, quando foram pelas 9 horas da noite, pediram os da fortaleza quartel e se entregaram ao partido, entregando a fortaleza com.... homens, peças e munições, bom principio de, em tão poucas horas, entregar-se uma força de tanta consideração! Amanheceu o dia, foram se preparando as cousas necessarias para pôrem segunda bateria á força de Altenar, entrou outra vez o mestre

de campo João Fernandes Vieira de guarda, ordenou-lhe o mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, que fôsse pôr sitio á fortaleza de Altenar e a situasse como a outra. Entrou o silencio da noite, deu á execução o mestre de campo a ordem, mandou carregar os cestões para o lugar onde se punha a bateria, e logo os mandou encher e armar as explanadas, e carregar a artilharia ás mãos, que de uma força á outra eram dois tiros de mosquete. Chegou-se sem o minimo sentir, que parece que Deus o estava cegando; depois de preparada a bateria, mandou o mestre de campo abrir as cavas, e assim, e da maneira que o havia feito na outra fortaleza, porque estava a força no mesmo terreno; abriram-se as cavas, alojou-se a gente, chegou a manhã, seguiram as sentinellas o mesmo estylo. Tanto que o dia se descobriu, começou a laborar a artilharia, de parte a parte, desfaziam-se as fortalezas do inimigo, e a povoação de Santo Antonio, á qual o conde de Nassau deu o titulo de cidade de Mauricea, que tambem tinha muita fortificação, e ficava perto da nossa bateria pela parte do sul. Durou a bateria de artilharia e mosquetaria até 2 horas depois do meio-dia; mas, não quizeram experimentar a galhofa passada. Vieram só pelo rio tres ou quatro lanchas para metter soccorro na fortaleza, por ter a porta junto ao rio; mas, sahiu-lhe tambem frustrada a tenção, porque os capitães que estavam nos principios das cavas de uma parte e da outra, lhe defenderam o soccorro a todo o risco; vendo o inimigo da força que lhe não podia entrar o soccorro de munições e gente que vinham nas lanchas, ficou descoroçoado, e estando na força do inimigo uns poucos de indios, se botaram ao rio a nado, e fugiram. Mandou o mestre de campo laborar a bateria e mosquetaria, a que o inimigo da força respondia já muito brando; quando foi pelas 3 horas botou o inimigo da fortaleza bandeira de quartel, veiu ao

partido e entregou a fortaleza com.... soldados, peças e quantidade de munições. Guarneceu-se a fortaleza, entrou a noite. N'este tempo tinha mandado o inimigo retirar a força dos Afogados, que era inexpugnavel, que estava da nossa parte da terra firme, retirando alguma artilharia d'ella e deixando outra.

Na mesma occasião, largou a força da Barreta, que tambem estava da nossa banda da terra firme, retirando alguma artilharia, deixando outra, e na campina, que chamam do Taborda, mandou retirar duas casas fortes que guardavam aquelle campo quando marchavam do Recife para os Afogados. Tambem largaram a praia do Recife, que ia para a villa, duas fortalezas, uma de grande consideração, que era do Buraco, e outra chamada dos Perregis. Ha de se reparar que todas estas fortalezas eram inexpugnaveis e bem guarnecidas de gente, e de artilharia e das mais armas, todas se podiam soccorrer por mar. O certo é que, quando Deus quer, e a guerra se faz com zêlo, é facil vencer as batalhas. Depois de rendida a força de Altenar, entrou de guarda o mestre de campo André Vidal de Negreiros, que tinha entrado de guarda por lhe tocar; e não faça duvida o leitor em não se fallar em outro mestre de campo, porque o outro que havia, por occupações que teve, não veiu senão depois do Recife posto em partidos. Ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, que tinha entrado de guarda, que fôsse investir um reducto á escala, que se chama eminencia, e a ficava sendo da grandiosa fortaleza chamada Cinco-Pontas, e pelo silencio da noite marchou o mestre de campo, e quando foi sobre a madrugada investiu o reducto com seu costumado valor, não fazendo caso da grande resistencia que o inimigo fazia para estar bem fortificado; mas, não lhe valendo nada de sua prevenção, foi

entrado o reducto, degolando o inimigo, que eram.... e da nossa parte houve perda de um valoroso capitão chamado João Barbosa Pinto.

Vendo-se o inimigo tão apertado, e vendo as resoluções tão notaveis com que se lhe escalava e rendiam as fortalezas, estavam embaraçados e admirados de vêr o estylo; e não havia soldado flamengo que quizesse tomar armas, nem tinham vontade de pelejar.

Entrou o mestre de campo João Fernandes Vieira de guarda nas trincheiras que estavam juntas ás Cinco-Pontas a tiro de arcabuz. N'aquella noite, levantaram-se mais as trincheiras e accrescentaram-se trincheiras, d'onde se picava o inimigo com a mosquetaria; que alli não tinhamos artilharia, por não se poder alli carregar, e só o inimigo laborava com ella com grande admiração; mas, nós por todas as partes não nos desandavamos a fazer o damno que podiamos. Não fez n'aquelle dia o inimigo menção de si. Entrou o mestre de campo André Vidal de Negreiros de guarda nas mesmas trincheiras; quando foi pela manhã, mandou o inimigo embaixada a tratar de partidos. Gastou-se n'isso aquelle dia, por haver algumas repugnancias; mas, ficou-se de accôrdo que no dia seguinte se entregariam. Tornou o mestre de campo João Fernandes Vieira a entrar de guarda nas mesmas trincheiras, e estas guardas se faziam com a gente necessaria para o que se offerecesse. Amanheceu o que era dia de entrega. Ordenou o mestre de campo general Francisco Barreto ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que estava de guarda, que fôsse tomar entrega da praça do Recife e da povoação de Santo Antonio, que era a cidade de Mauricea, e que nas praças desarmasse as infantarias do inimigo e tomasse entrega das fortalezas e as guarnecesse. E entregue das chaves de todas as portas e armazens, marchou o mestre de campo com 1,500 homens

do seu terço, que, supposto que tinha 2,000, marchavam os 500 para outra parte com o mestre de campo André Vidal, que marchou por outro lado para guarnecer a cidade de Mauricea. Chegou o mestre de campo João Fernandes Vieira á uma praça que lhe pareceu conveniente, que ficava entre a cidade Mauricea e a fortaleza Cinco-Pontas, e alli formou, e, depois de formado, mandou recado ao que governava a praça da cidade de Mauricea, que mandasse sahir os terços de infantaria. Vieram marchando os coroneis com os seus terços. Deu ordem o mestre de campo ao seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso, que fôsse desarmando, arrumando em um armazem que alli ficava a um lado, que as armas as fôsse mettendo dentro do armazem; assim se foi fazendo, e elles vindo formados, e á vista do mestre de campo João Fernandes Vieira, com toda a prevenção, porque, visto a gente que se desarmou na quantidade e no lustro, bem se via que era obra do céo. Acabou o mestre de campo de desarmar alli aquella quantidade, marchou para a praça do Recife. Já n'este tempo tinha guarnecido o mestre de campo André Vidal a praça Mauricea. Tanto que o mestre de campo foi entrado n'ella pela ponte, mandou dentro á praça do Recife segurar a entrada toda á gente da ordenança que havia n'ella, e alguma infantaria. Tinham guarnecidas todas as ruas por onde ia passando até chegar á praça principal. Alli formou o mestre de campo a infantaria que levava, e, depois de formada, mandou vir toda a infantaria, que havia paga, e da ordenança para desarmar o inimigo, a quem logo mandou recado que viessem vindo, e assim o fizeram, companhia por companhia, e alli se desarmou a todos; e, depois de dizerem que não havia mais gente para desarmar, mandou o mestre de campo guarnecer todas as forças, portas e lugares que eram necessarios e aquartelar a infantaria; e, depois de ter isto

socegado e quieto, e toda a gente do inimigo por suas casas, sem molestia nem aggravos, foi pessoalmente á casa de um Estado que alli se achava, que era o que governava tudo, e, depois de haver de parte a parte as cortezias devidas, lhe mandou entregar ao mestre de campo João Fernandes Vieira, que é o que tinha entrado de vanguarda, como fica referido atrás, 73 chaves que eram de todas as fortalezas do Recife e da cidade Mauricea, e de todas as portas das entradas, e de todos os armazens de munições e armas, e alguns em que estavam algumas fazendas, e outros de trens de embarcações e de outras casas em que havia petrechos de guerra de toda a sorte.

Fez aviso o mestre de campo pelo seu sargento-maior Antonio Dias Cardoso ao mestre de campo general Francisco Barreto do que tinha obrado, porque estava o dito mestre de campo general da outra banda da fortaleza Cinco-Pontas, e logo marchou para a praça do Recife e se situou no palacio que alli havia do inimigo, a cujo lugar lhe foi levar o mestre de campo João Fernandes Vieira as chaves referidas, e dar-lhe conta do que tinha feito. Muito lh'o agradeceu o mestre de campo general com palavras de alegria. Considerem os que conhecimento tinham da soberba com que os hollandezes estavam fazendo opposições aos maiores monarchas do mundo, e as fortificações que tinham as praças do Recife, de Nazareth, de Porto-Calvo, do rio de S. Francisco, da ilha de Itamaracá, na capitania da Parahyba, e na do Rio-Grande e Ceará, que vinha a ser por costa mais de 200 leguas fortificadas, e para o sertão tudo quanto chegava ao povoado; mas, quando Deus é servido, castiga soberbos, derrota forças e põe por terra reinos; assim se viram os hollandezes, que, quando mais ufanos estiveram, lhes veiu o maior castigo, e bem se conhece a certeza d'esta verdade, que, o que não póde obrar tantas

armadas poderosas de tão poderosos monarchas, obravam os miseraveis moradores das capitanias de Pernambuco com mui poucas armas e paus tostados, que, como elles eram os aggravados, os affrontados e os destruidos por taes algozes hereges, quiz Deus que pelas mesmas mãos tivessem o castigo e se desforçassem, fazendo só eleição para seu capitão d'esta empreza João Fernandes Vieira, morador nas mesmas capitanias; e como a eleição foi de Deus, bem se póde entender que havia merecimentos, lealdade, zêlo, valor, riqueza, juizo para as disposições do tal capitão; e as obras com o tempo o foram bem justificando; e tambem se deve reparar que, havendo tão grande numero de homens nas quatro capitanias tão florescentes, foi o unico escolhido para tão grande empreza, e ainda foi maior do que a fama publica pelas muitas e grandes circumstancias particulares e arriscadas que houve, que se não póde explicar.

Com razão e com justiça deve ser sempre lembrado este bem afortunado e valoroso capitão, pondo-se n'elle os olhos para a satisfação de seu merecimento, para que a este exemplo continuem outros famosos, que no agradecimento se conhece o beneficio.

Quando se entregaram as forças do Recife, foi assentado nos partidos, que se fizeram, que todas as mais que estavam por entregar das capitanias da parte do norte, se entregariam, que vem a ser: as capitanias de Itamaracá, Parahyba, Rio-Grande, Ceará, e, depois dos concertos feitos, que os flamengos poderiam, dentro em tres mezes, embarcar-se para Hollanda com todos os bens que possuiam, que, supposto que não eram seus, que eram dos miseraveis moradores que lhes haviam roubado; e não tão sómente os que lhes concederam, e de mais a mais tornaram a vender as quantidades de escravos e de cobres e outras fabricas de engenhos, e tudo resumiram a dinheiro, assucar, tabaco, páo-brasil,

não houveram os tyrannos, se foram vencedores, fazer taes partidos; e bem se vê que pelos que fizeram no arraial de Pernamirim, quando entraram na campanha, que, não tão sómente lhe tomaram a fazenda, que acharam dentro na força, mas ainda lhe venderam e resgataram as proprias vidas a troco de dinheiro, prata e ouro, que os rendidos pediram emprestado aos moradores e parentes, como no primeiro livro cap. 14 se faz menção; mas, o certo é que os partidos dos catholicos têm differenças dos tyrannos, e ainda puzeram por condição, que teriam direito em pedir debitos aos miseraveis moradores, mas n'esta lhes foi respondido e concedido, que, se tivesse justiça e determinado a magestade el-rei de Portugal; mas, como elles não tinham nenhuma, e o rei catholico fôsse informado de suas tyrannias, era certo que lhe mandaria aos hollandezes restituir o que lhe levavam, e não que lhes satisfizessem o que tinham roubado e lhes tornaram a vender.

Depois do mestre de campo general Francisco Barreto ter averiguado e satisfeito aos hollandezes nos partidos, mandou tomar entrega da capitania de Itamaracá e das mais; e, como os flamengos têm por costume serem falsos e cavillosos em seus contratos, mandaram dissimuladamente avisos ás mais capitanias, que se embarcassem nas embarcações que tivessem e largassem as praças, e cravassem a artilharia que não pudessem levar antes que a nossa gente chegasse. Assim o fizeram, deixando as praças desertas. N'estas culpas e falsidades não repararam os hollandezes. Guarneceram-se as praças. Foi o mestre de campo João Fernandes Vieira a governar a Parahyba e fortificar as trincheiras e ruinas que houvesse nas fortalezas, e a descobrir a cidade, que tudo estava arruinado e queimado; e consentiram commercio dentro na Quicama, e entraram religiosos e baptizaram quantidade de gente, e se baptizou o mesmo imperador,

que se chamava Cafugi, de que foi padrinho por toque o governador. Assombrou isto toda a Ethiopia, el-rei do Congo, com ser tão rebelde, foi o mais obediente que n'aquelles tempos houve, e todos os tres mezes mandou bacular ao governo, concedeu ao governador o commercio livre em seu reino, o que não fazia. Fez pagar á fazenda real o que devia a maior parte, entregou toda a gente fugida que tinha dos moradores, que eram grandes quantidades por haver muitos annos que as recolhia, cousa que nunca quiz fazer. E em resolução, todo o gentio sujeitou e fez baptizar quantidades de almas, tudo pôz em paz e quietação na cidade, mandou acabar o governador uma fortaleza, que se chama de Santo Amaro, que havia muitos annos que se tinha começado, e se havia gastado da fazenda real mais de trinta mil cruzados, e lhe faltava por acabar mais da quarta parte, que foi acabada com perfeição com menos de duzentos mil réis da fazenda real, porque a agencia e a disposição faz muitas vezes mais que o cabedal; deu principio a uma matriz grandiosa, por a não vêr alli, e, quando largou o governo, deixou as paredes nas cornijas com a capella-mór e mais capellas acabadas, sem n'esta obra gastar fazenda real, quantidade da sua sim, como é notorio. Fez um cáes na povoação da praia, que entrou pelo mar dentro mais de oitenta braças, todo de cantaria gateada, obra de grande importancia para a carga e descarga dos navios, por ser alli um sapal, sem dispendio da fazenda real; botou pela barra fóra, em tres annos e onze dias que governou, 59 navios carregados de gente, em que houve muitas náus que levaram mais de duas mil almas, que foi cousa grandiosa.

Chegando áquelle reino, o governador achou quantidade de moradores ausentes pelos mattos, quebrados por dividas; todos pôz livres e pagou por elles mais de sessenta mil cruzados, e fez outras grandezas, que é costumado de

esmolas e favorecer pobres. Recebeu no tal governo grandiosas perdas de fazenda ; mas, por outra parte, é favorecido de Deus com bastantes bens, bemquisto e bem afortunado, e bem mostra esta verdade, quando cinco capitanias, á sua voz e vontade, largaram suas vidas e fazendas e as proprias honras, pelo seguirem e fazerem a guerra da restauração, havendo nas capitanias mais de 500 mil almas; mas, não era muito fazel-o, porque era pai de todos, e a todos favorecia e ajudava quando o occupavam.

Considerando todas as razões, crueldades e tyrannias que os hollandezes fizeram a todos os moradores do Estado do Brasil, como é notorio, por obras e damnos recebidos são tão orgulhosos, matreiros e cavillosos, que, para desfazerem ou cuidar que desfazem as maldades escriptas em uma paz que fizeram quando se viram mais miseraveis com a magestade de Portugal el-rei D. João IV, pediram pretenções de perdas e dividas, como se elles não deveram muito mais, e pela pouca informação que a magestade tinha, e por ser amigo da paz como tão catholico, não reparou condicionalmente no pedido, porque deviam de ser primeiro ouvidos os miseraveis moradores, que eram as partes mais interessadas em suas ruinas, e, para que melhor se veja a certeza da verdade e a maldade dos flamengos, me pareceu mostrar aqui as razões seguintes por manifesto, que da parte dos moradores se offereceram já ha muito tempo.

MANIFESTO DE RAZÕES PODEROSAS

Que os miseraveis moradores das capitanias de Pernambuco, vassallos de Vossa Magestade, allegam para que Vossa Magestade com olhos de piedade, as mande examinar por pessoas desinteressadas, que tenham zêlo do serviço de Deus e do bem commum, e ao dito Senhor tomam por defensor de sua causa, etc., etc.

Com pouca razão e justiça pedem os hollandezes perdas e dividas, aos moradores das capitanias de Pernambuco, sendo elles a unica causa da ruina e destruição de fazenda e perda de vidas, que cruelmente lh'as tiraram debaixo de passaportes e palavras promettidas, e a tudo faltavam os ditos hollandezes !

Na éra de 1623 para 1624, estando quieto o Estado do Brasil, patrimonio legitimo da Corôa de Portugal, vieram os hollandezes á Bahia com uma cavillosa armada, e por entrepreza e com enganos a tomaram, roubando quantidades de riquezas, arruinando muitas fazendas, tirando vidas sem lhes darem occasião, commettendo n'esta execução dois crimes notaveis ; o primeiro em quererem usurpar a terra á corôa de Portugal não tendo guerra com elles, o segundo a el-rei de Castella sendo seus vassallos, que n'este tempo possuia intruso o Estado do Brasil, e mandou restaurar por uma grossa armada sua, em que teve grandes gastos. Pagaram os hollandezes ás magestades dos reis, e a seus vassallos as perdas e ruinas que lhes deram contra direito, para elles as pedirem.

Depois de lançados os hollandezes fóra da Bahia pelo poder das armas, trataram com toda a dissimulação e cautela fazer uma poderosa armada, com a qual vieram na éra de 1629 para 1630 ás desunidas capitanias de Pernambuco, e intrusos as tomaram mais com passaportes e

promettimentos de palavras, que com as armas, promettendo segurança nas vidas, liberdades para as igrejas e religião romana, que lhe não tomariam suas fazendas, e que não pagariam mais direitos, que o que pagavam a seu rei. Fiados n'estas palavras os miseraveis moradores, e no pouco poder que tinham de armas, se entregaram ao rigoroso açougue, porque, tanto que os hollandezes se viram de posse, começaram a tirar vidas tyrannamente, roubando grandes riquezas, e offerecendo em sua defesa os falsos passaportes, lh'os tornaram a tomar, e tiravam-lhes as vidas, como temos dito, e foram continuando em roubar e queimar villas e cidades e quantidade de engenhos, e outras muitas fazendas que importavam grandes riquezas; foram continuando n'este exercicio até a éra de 1633 para 1634, em que vieram a usurpar e senhorear as quatro capitanias de Pernambuco. Pediram estes miseraveis moradores, ou os hollandezes lhes pagaram tão grandiosas perdas e ruinas, para agora as pretenderem.

Na dita éra de 1633 para 1634 assentaram novas capitulações, os governadores hollandezes com os miseraveis moradores, em que os conservariam em sua quietação de viver em sua liberdade, dando-lhes por desculpa, que até aquelle tempo o rigor das armas havia feito aquelles damnos (como se elles o não tiveram mandado fazer); mas, vendo-se os moradores sem outro remedio, se tornaram a sujeitar tomando novos passaportes, e ainda fazendo-lhes juramentos, só afim de se vêrem no socêgo de suas casas; mas, importou-lhes tão pouco que d'ahi por diante experimentaram maiores martyrios, tomando os hollandezes por occasião os falsos testemunhos que lhes levantavam, para lhes roubarem o resto da fazenda que iam adquirindo, e lhes tiravam a vida não tão sómente pela rigorosa justiça d'elles, como em lhe mandarem largar os barbaros tapuyas

e indios, que como tyrannos algozes lhes tiravam as vidas, depois de tirarem publicamente á muitas honestas e virtuosas donzellas, a sua virgindade; e assim foram destruindo e arruinando no decurso dos mais annos, até a éra de 1645, havendo-lhes os moradores feito por muitas vezes protestos e requerimentos de suas queixas aos governadores hollandezes e cabos de guerra, para que o remediassem, e cada vez experimentavam mais importaveis ruinas, antes por força os queriam obrigar pelos predicantes flamengos a que fôssem hereges, tomando a muitos moradores suas filhas com terrores de medo com que o dissimulavam, pagaram os hollandezes estas perdas e ruinas, ou os moradores lh'as pediram para que elles as peçam.

E vendo-se os moradores tão desesperados de poder supportar taes crueldades, de verem queimar todos os seus templos sagrados e botarem-lhe os religiosos fóra da terra, depois de lhes roubarem os bens de suas igrejas e tirarem as honras de suas filhas, frigindo a muitos em tachos quentes de azeite, e mettendo a outros rachas de cannas pelas partes venerandas, e outros muitos martyrios que se calam; e alfim não lhes fazendo em nada justiça, antes faltando-lhes sempre com a palavra, sem terem remedio mais que o auxilio do céo, para quem appellaram com justas exclamações, appellidando a liberdade divina; e vendo Deus, como justo, processo tão ajustado, sentenciou o caso, infundindo na christandade uma resolução piedosa para que tomassem as armas e com ellas se defendessem de tão barbaras torpezas!...

Resolveram-se os moradores na éra de 1645, no dia do padroeiro Santo Antonio, 13 de Junho, de tomarem as armas, que as mais d'ellas foram paus tostados e facões, e se puzeram em campanha descoberta a defender-se do

maior poder que os hollandezes tinham, largando suas casas, familias e fazendas ao desamparo, não reparando nas vidas que facilmente foram largando, e o tiveram por mais facil que não soffrer o que padeciam; foram continuando em sua defensa, e os hollandezes com seus exercitos a dar-lhes batalhas campaes, mandando vir de Hollanda poderosas armadas para de todo os destruir como o fariam em tudo o que podiam, e ainda o mandaram fazer á cidade da Bahia por armadas que lá mandaram; mas estavam os moradores portuguezes tão obstinados dos aggravos e affrontas que lhes haviam feito, que não reparavam nos maiores perigos que os exercitos dos hollandezes lhes offereciam, porque tinham da sua parte a Deus que os favorecia de tal maneira, que até os mesmos flamengos o confessavam, até que na éra de 1654 foi Deus servido dar-lhes a ultima sentença de sua restauração e liberdade; e foi tão justa, que entre todas as nações se festejou facção tão notavel, e parece que até as aguas e animaes deram signal de alegria.

E é tal a nação portugueza no que obra e na grandeza de seu animo e procedimentos, que, tendo vencido por opposição de armas aos hollandezes, que em inexpugnaveis fortalezas estavam mettidos, causa principal de todos os seus damnos, perdas e ruinas, em lugar de os matarem e tomarem todos os seus bens que possuiam, lhes fizeram favoraveis partidos, os deixaram ir para suas terras em quinze ou vinte navios com todos os bens que se acharam no Recife, usando com elles de toda a cortezia, sem lhes pedirem o que com tanta justiça lhes puderam pedir, assim de perdas de vidas como de roubos de grandes riquezas e ruinas de tantas fazendas, porque se deram por pagos os vencedores só de se vêrem livres de tão cruel jurisdicção.

E para abono das razões offerecidas, sendo Deus servido

dar a corôa de Portugal a seu legitimo rei e senhor, tanto que esteve de posse do seu reino, offereceu logo paz e amizade por seu embaixador Tristão de Mendonça Furtado aos hollandezes; porque o catholico reino de Portugal sempre a teve com todos os reis da Europa; e averiguando o dito embaixador uma tregua só por tempo de dez annos, por lh'as não quererem fazer para sempre, sendo feitas com os estados de Hollanda e confirmadas por Sua Magestade de Portugal, foram os hollandezes tão ambiciosos, que, debaixo d'ellas com enganos, foram tomar com poderosas armadas o estado do Maranhão, ilha de S. Thomé e o reino de Angola, e vinte e tantos navios que tomaram no mar, e na terra grandes quantidades de riquezas, queimando e abrazando muitas cidades e villas; e n'estas ditas terras e embarcações se acharam tambem quantidade de riquezas dos moradores do Brasil, e os hollandezes se ficaram com ellas, não lh'as podendo tomar, por estarem vivendo debaixo de sua jurisdicção e passaportes, não reparando com a sua muita ambição que, tanto que Sua Magestade tomou posse do seu reino, o ficava tomando de todas as suas conquistas e vassallos; tendo os estados de Hollanda conhecido por suas, e assim o confessam no tratado das treguas dos dez annos, e tendo os moradores vassallos de Sua Magestade tanto direito para lhes pedirem perdas e roubos de fazendas e tantas ruinas, lh'as não pediram, nem os hollandezes lh'as pagaram para terem direito de lh'as pedir, se lh'as devessem.

Estavam os moradores das florescentes quatro capitanias de Pernambuco, vassallos e patrimonio da corôa de Portugal, em seu socêgo, sem terem guerra com nação nenhuma nem dado occasião para lh'a fazerem, e na éra de 1629 para 1630, como fica dito, fizeram os hollandezes uma poderosa armada assistida pela mercancia em que se deve reparar,

e com as armas e passaportes as tomaram sem serem suas, nem terem justiça para as tomar, porque até ao mesmo rei, que então era de Castella, foram rebeldes por serem seus legitimos vassallos e virem tomar as terras que por intruzão tinha então a jurisdicção, e continuaram as guerras e crueldades até a éra de 1645, como fica dito; se os ditos hollandezes allegam, por razões offerecidas, que a guerra foi justa para elles introduzir sua jurisdicção, negando-se-lhes por todo o direito, se lhes concede para nos servir de prova e abono aos moradores de Pernambuco.

Repare Vossa Magestade que os moradores de Pernambuco não alteraram nem fizeram aleivosia nem uma cavillação, e só se desforçaram do que tyrannamente e com engano lhes tinham roubado; e se lh'o fizeram os hollandezes por via das armas, com essas mesmas e com menos ainda se desforçaram, fazendo opposição com ellas em campanhas, vencendo-lhes inexpugnaveis fortalezas, com o que não podem allegar nenhum direito em dizerem que os moradores eram seus subditos, quando por nenhuma razão o foram nunca, e só foram violentados com o rigor das armas, sendo a religião mui differente; e ainda que n'isto tiveram alguma razão, elles mesmos a quebrantaram, porque não deram cumprimento a seus passaportes e negaram suas palavras, usando do que fica referido. Que razão nem justiça têm os hollandezes de pedirem aos ditos moradores perdas e dividas, quando elles, devendo-as tantas vezes, não as pagaram.

Tambem se deve advertir que as guerras que fizeram os moradores das capitanias, não foram todas, porque foram só os da capitania de Pernambuco, e ainda parte d'elles, e as mais capitanias tinham os hollandezes obrigação de os defender de todo o inimigo e acto de hostilidade, para que não fossem destruidos nem arruinados, conforme o assento

do seu conselho, e pelo contrario elles mesmos foram executores e destruidores das tres capitanias do Rio-Grande, Parahyba e Goyana, pondo-lhes fogo e retirando todos os cobres dos engenhos, escravos e gados, o que elles não podiam fazer, pelo que tinham promettido, e para terem algum direito em o pedirem ; e se isto é cousa tão notoria, provada com os mesmos flamengos, como pedem dividas do que elles mesmos tornaram a tomar e arruinaram, que mais parecerá justiça, por credito dos mesmos hollandezes, não fallarem n'isto.

Tambem se deve attentar, que as dividas que pedem os flamengos se lhes não devem pelas razões apontadas e pelas que se offerecem.

Os ditos flamengos deram alguns cabedaes de fazendas, dinheiro e escravos por mercancia para se cultivarem terras e fabricarem engenhos e partidos de cannas; e estando isto n'este estado e feito com a mesma fazenda e com as dos proprios lavradores, mandaram os lavradores flamengos tropas de soldados a retirarem os mesmos escravos que tinham vendido e os que possuiam os mesmos moradores, e os embarcaram para as Indias; e nos partidos que fizeram na entrega do Recife se ficaram com todos os cobres e escravos que tinham comsigo, e os tornaram a vender aos moradores a dinheiro de contado, antes que se embarcassem para Hollanda, para onde levaram e embarcaram tambem quantidade dos ditos cobres e signos..., etc.

N. B. N'este livro faltam-lhe folhas, pelo que se depreliende pela falta de conclusão de sentido, e demonstração final por uma *palavra* que voltava para a outra pagina.

NOTA

Esta cópia foi extrahida do Codice MS. n. 111, existente na Real Bibliotheca Publica do Porto.

A GRAMMAR AND VOCABULARY

OF THE

TUPI LANGUAGE

Partly collected and partly translated from the works of Anchietta and Figueira noted brazilian missionarys by John Luccock

N. B.—This Grammar is not sufficiently digested and is arranged badly

RIO DE JANEIRO—1818

Em sessão de 2 de Julho de 1880, o Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro resolveu publicar a grammatica e vocabulario manuscripto de John Luccock, que percorreu diversos pontos do Brasil e escreveu *Notes on Rio de Janeiro, em 1820.*

Como este ha muitos outros documentos manuscriptos que conviria dar á publicidade; porém quando os Platzmann, Porto-Seguro, Uricoechea e outros, têm com tanta fadiga reimprimido grammaticas e vocabularios das linguas americanas, movidos pelo grande interesse que actualmente despertam os estudos linguisticos, pareceu ao Instituto Historico Brasileiro opportuno, dar á luz o manuscripto de Luccock.

Resolveu-se, é intuitiva a razão, que fôsse impresso mesmo em inglez e com a maior fidelidade.

A redacção apenas tomou a liberdade de corrigir um ou outro erro orthographico, ou talvez de copia do inglez do manuscripto.

No fim do impresso irão algumas notas sobre o vocabulario e grammatica tupi, feitas pelo socio Dr. Baptista Caetano de A. Nogueira.

GRAMMAR OF THE TUPI

The letters of the *tupi* or brazilian alphabet are twenty two viz.

a b d e g h i j k m n o p q r t u v w x y z

Besides these there ought to be another character to represent the sound formed by a catch of the breath something like the first syllable of the word «hickup» is slightly guttural and uttered by tuming the point of the tongue downwards and throwing out the breath but not freely through the throat.

This sound has been represented in a variety of ways. The grammar uses the *y* for that purpose as distinct from *i* which is always sounded like our *u*. The author of the Dictionary writes the *y* with a point over it thus *y*', and Cazal puts an *h* before the same letter making it *hy*. Anchieta inserts the letter *g* after a vowel. Figueira says the ancients used an *i* to express this sound and is dissatisfied with it because that letter can never represent a guttural sound. The old *linguas* he says used both the letters *i* and *y* promiscuously, but he prefers to retain the *i* for the usual sound *u* and reserves the *y* for what he calls the guttural vowel.

But to an English student each of these methods creates confusion, to avoid it as much as possible we shall write the word *ik* or *hik* where the sound occurs ; of the foregoing characters seven are vowels., viz ;

a e i o u y and *hik.*

a has the same sound as ours in the words « hat, man, cast».

e has that of our « a » in the English word « hay » or the « e » in « get, fret, etc. »

i has... the sound of our « ee » in « heel, feel, kneel, etc. » or that of « ei » in yield, but when it begins a word it is sound like *i* in the word *it.* In the middle of a word it has sometimes of ours in « onion, trunnion, etc. »

o has too sounds, one like that in the word « on » the other similar to that in the word « no ».

u I believe is always long and uttered' as ours in the word « blue ». It is sometimes also consonant and sounds like our « w » particularly when it comes before a diphthong.

y is frequently confounded with the vowel *i*, the principal difference between consists in the *y* having a somewhat longer sound, the

hik has been described above.

The diphthongs in this language are, *ai, ei, yi, oi, ui, ao, au, eu, iu, ou, uu.*

Both the venerable padres and almost all who have written Brazilian names use the consonant *c* sometimes with and at other times without a zeura after the mode of the portuguese whose alphabet does not contain the letter k ; with them the plain *c* is always hard before the vowels *a, o,* and *u* and soft before the others, but even they were obliged in some instances to adopt the letter *k* and as our alphabet contains it I shall always use it instead of the hard *c* and in place of the soft *c* the letter *s.*

It is true that neither Anchieta nor Figueira have the letter *s* in their alphabet, nor do they use it and the latter says that the natural sibilation of the *s* does not agree

with the brazilian tongue, but the excessive sibilations used by some people is a fault in pronounciation and this very author confesses that he uses the *c* with a zeura instead of an *s*.

The english alphabet does not admit of this *c* with a zeura nor is it now certainly known what sound it represented three hundred years ago; at present it is expressed as an *s*, but this could not be the case formerly for Anchieta would then have used it, and Figueira could not have told us that the sound did not accord with the Brazilian tongue. Mr. Southey thinks it might be pronounced like a soft theta and Cazal in a few instances writes *th*; to me these appears more reasons for thinking that it expressed merely the same among the Indian sound *tz* does with us, we shall use instead of it the *z* alone.

Indeed the apertures in the cheeks and lips of these people must have very considerably affected their pronounciation.

d never appears at the beginning of a word it is generally preceeded by *n* as *nde* and requires a sort of nasal sound *nh* is also nearly of the same kind and expressed as we should the letters *n'ya*, *n'ye*.

g does not appear in Anchieta's alphabet, but is much used by both the Padres and later writers make it soft before *e*, *i* and *y*, and hard before *a*, *o*, *u*. When followed by an *h*, it is always hard even before *e*, *i*, or *y*, but it will agree much better with the english alphabet, and ear if we use the *g* only in cases where it is naturally hard and *i* in all those where it would be soft.

The language has no strong aspirate except in the words *ahem* and *ehem*, he or they.

I has been employed for various purposes sometimes it has been used for the long *i* frequently instead of the *y* and occasionally for the soft *g*. Its true english broad sound

however is natural to the Tupi language as appears in the words *Jacare, Jararaca, Jacu, Juru,* etc.

Jeru, Tijuca, in some of the cases however some portuguese who understand the genius of the Tupi tongue and wish to restore its original purity, instead of an *i* write the letter *Yu* as instead of *Juruoca* they write *Yuruoca* although the word is now pronounced with the natural and stray sound of *i*.

Instead of *m* and *n* in the middle and end of words the portuguese make use of a mall mark over the vowel called a «til» but as this is now rejected among us the hiatus must be filled up although the sound expressed by it be strictly speaking neither *m* nor *n* but are between both —These two letters at the end of words must be carefully and strongly uttered.

In the very few instances where *q* is found in this language it is followd by *u* and has the strong broad sound which we give to it in the words «quill, quantity, quality, etc.». The *r* is never very rough and the *v* and *b* are frequently confounded with each other.

When two *uu* come together, the first is pronounced, says Figueira, as a soft *g*, v. g. *Gûme* here is pronounced as though it were spelled *Gume,* but in all cases where I have noticed the sound it exactly corresponds with that of our «w», a letter not found in the portuguese alphabet, thus in the common word *uui* farinha (or *mandioca* flour) is pronounced very short as we do *wi* in the word «twit». Perhaps the *gue* may have originally been a guarani term which has insensibly slidden into the Tupi language and is now much used as an expletive.

The *x* is invariably pronounced as *ch* or *sh* and the *z* so as to avoid any super-abundant sibilation.

The words of this language are expressed by the roman

characters, having been conveyed to us chiefly through the medium of the portuguese tongue. Some have been written, by French, Spanish, German, Dutch and English authors and every one has represented the same sound by a different combination of letters in their respective countries and their own times. Even the two earliest writers upon this subject among the Portuguese differ so much from each other in the mode of spelling, that become absolutely necessary to correct one or the other—the following instances out of numbers more will make this obvious.

A List of words evidently of the same import, but spelled variously by different authors.

By Anchieta.	Figueira.	Anchieta.	Figueira.
Umbe	*Mbae*	*Aico*	*Oico*
Ceyj	*Ceyia*	*Aique*	*Oike*
Yxe	*Ixe*	*Aereme*	*Aerime*
Nde	*Inde*	*Meimoma*	*Teimoma*
Yande	*Iande*	*Nda*	*Nha*
Yandebo	*Iandebo*	*Ane*	*Anhe*
Pyri	*Piri*	*Rob*	*Yrob*
Reme	*Rente*	*Roysang*	*Roisang*
		Ique	*Ike*
Itic	*Ityc*		
Pochi	*Poxi* / *Puxi*		
Tagira	*Tagyra—Tagiva* (Marcgraff from Southey.)		
Taya	*Tai* (Dobrizhoffer.) / *Tay'* (Southey.)		
	Memby'r—Membyra		
	y or *Yg*	*Hy—yck*	
Tyg	*Ty'*		
Tapyiya	*Tapuy*		

Tutira	*Tuty'ra*	
Tapijra	*Tapy'ra*	
Aye	*Oje*	
Ocu	*Oca*	
Robaque	*Robake*	
Quer	*Ker*	
Apyri	*Apy'ri*	
Anghe	*Anga*	
Aib	*Ay'b*	
Mosarai	*Mosaray'a*	
Enhoneng	*Eneng*	
Coyg *Coyqr*	*Coy'r*	
Coce	*Coice*	
Pocu	*Pecu*	
Ibate	*Ybate*	
Augetha	*Augete*	
Amongot *Amongoty'g*	*Amongaty'*	(Hans Stade D.)
	Cauim	*Kaawy*
	Py'py	*Pepike*
	Ubatiba	*Uwattibi*
	Guasu	*Wassu*
Figueira.	Hans Stade.	
Pyty'ma	*Petum*	
Ygara	*Ygywara*	
In the Shops of Rio	*Tucum* *Tocoon*	by Lery *Tucum*
Cansaru	*Cansaroa* (Coutinho).	
Oitacazes	*Ouetacazes*	(D.° pronounced *Witacazes)*
	Ouetacates	

Figueira.	Anchieta.	Lery with Southey.
Tupinambas	*Tououpinamboultes*. Lery	
	Orapt a bow. Lery.	
Ojepe / *Oyepe*	*Oyepe*	*Augepe*
Mocoi	*Mocoin*	*Mocoaein*
Mosapy'r / *Mosapyr*	*Mosapyr*	*Mossaput*
Monharundic	*Monherundic*	*Oioieundic*
	Ambo	*Ecoimbo*

The long word *Cognantainsecouima* found in Southey's *History of Brazil* N. 1, P. 5607 contains a sentence *cunhamtay'masecomeimam* I that I had come the child of a woman, i. e. as I understand it, without the aid of man.

The last instance I shall give is from Cazal who writes *Sassuhy* where as the inhabitants of the place write it *Suasui*, i. e. the Doe and its fawn, or as they translate the great Stag and the little one.

Primitive words in the Brazilian tongue consist in a great measure of simple sounds, sometimes several vowels stand together and form distinct syllables, but are more frequently connected by a single consonant placed before each and forming with it a syllable. The consonants most used are *h m n s t z*. The word *aipoai* furnishes an example: *a* is the first syllable, *io* the second *poai* the third, where *o* is sound like a *w*, and *ai* a diphthong.

Simple words seldom consist of more than two syllables and 'tis by compounding these that complex ideas are expressed, *acanga* is the head, *acy* pain, sorrow, grief, *acangoacy* the head-ache, *su* is great *acangatu* a retentive memory *ay'ba* is bad, *acangay'ba* an ideot, a mad man.

In this language a most extensive composition of words is admitted, hence some authors have made some of them

appear very long, we shall separate them as much as possible in order to render their relation to and dependence upon each other, more conspicuous. The rules for combining them must be reserved for another place—but when in combination any of the letters of the simple terms are lost or changed or their accents, they must be considered and treated of as one compound word.

The roots of these compound words are generally simple names or nouns which, by being united with another noun or pronoun, become verbs without any change in the letters which compose them, in the same manner as the English noun «love» forms the verb «to love» as : I love, the man loves, they love, etc.

Strictly speaking the words which compose the Brazilian language are chiefly nouns, the names of things and actions. Thus *juka* is «death» but signifies also «to kill, killing, etc.»; thus *so* signifies «go, going, etc.» and in the structure of the language is treated as a noun, v. g. *xe so* of me the going.

The circumstances relating to both are expressed by prefixes and affixes or by their relative position in the sentence but it will be most convenient to consider them as distinct classes, as : articles, nouns, verbs, adverbs, prepositions and interjections.

Any of the vowels particularly *a*, *e* and *i* placed before a noun substantive has the effect of an article, but there seems to be no division into definite and indefinite, they rather make the noun emphatic. Anchieta mentions articles indeed, but he calls the personal pronouns such, and talks of conjugating the verbs with them. Figueira does not even notice any such part of speech—perhaps because it is not found in the language of the portuguese for whose exclusive use he wrote.

Nouns in this language are either original or derived, the former are simply the names of things real or imaginary, of

actions, of qualities, of numbers and of circumstances, for all these are subject to the same rules of construction.

There is no other distinction between the singular and plural, no inflections answerable to cases, nothing like declension, nor do the verbs that what arises simply from the nature of things, except in a very slight degree admit of conjugations.

Derivative nouns are formed by joining to the original ones the terminations *ara*, or *ana*, *aba*, *bora* or *zab*, or *zaba*, *zera* or *pyra*, *pyrama*, *pyroera*, *pyramboera*, etc., etc., if the word end in a vowel, *z* is placed between it and the termination, if that also begins with a vowel, as:

Iimboé instruction, also to teach, also teaching.

Iimbaézára, a teacher.

Iimboezaba the instrument, means, time or method of teaching or the act by which a person is taught.

Y Iimboepy'ra the person who is or was taught.

Y Iimboepyrama one who is to be taught or ought to be taught, or is worthy or fit to be taught.

Y Iimboepy'roera one who has been or must or will be taught hereafter.

Y Iimboepyramboera one who ought to have been or was likely to have been taught but was not.

All these terminations imply the idea of time present past and future, signifying in their own nature the person who does, has or will be a teacher or taught.

These terminations lose their last vowel if the accent be in the penultimate.

Rules for applying these terminations shall be given viz. No. 1, 19, 23, when the object is addressed by another person, as from *Morubixaba* a chief, comes *Morubixab* O chief; *Iimboezara* a teacher, *Iimboezar* O master, Y *Iimboepyr* O thou, who art taught, etc.

The plural number is distinguished from the singular by the addition of numeral adjective or as I understand, by a repetition of the noun. These numerals are variously written ; the following mode seems to be the most correct :

Yepe	One
Moconi	Two
Mozapyr	Three
Monherundic	Four
Ambo	Five—or one hand, for the

number expressed is always accompanied by a demonstration of a corresponding number of fingers.

Amboyepe	Six
Ambomocone	Seven
Ambomozapikr	Eight
Ambomonherundic	Nine
Opacombo	Ten or both hands
Xepoxepik	Twenty or both hands and both feet.

From these are formed the ordinals by prefixing the letter *y* which in this case seems to be really an article, as :

Yepe	the first
Ymoconya	the second
Ymozapikr	the third
Ymonherundic	the fourth
Yambo	the fifth, etc.

Other numeral expressions are the following :

Oyepé umbé	one by one
Oyepé yepé	each
Ybiom	one only, each one, one alone.
Amo amo	some
Seta	many
Seta eté	many more

Seyi	many
Mowbikr	some, or how many
Mobykrion	many
Opa, opabenhe / *Opa catu*	all
Oyepe guazu	all together.

Oyepe when joined to a word naturally plural means altogether. *Na* uttered at the time of showing a number of fingers, means « so many » according to the number of fingers shown—sik : *Pabem*—all.

Nouns have no distinction of gender, but there are in the language words used only by men and others used by women, and these are not confined to any particular part of speech, but consist of nouns and verbs, adverbs and even interjections ; the following is a short list of them to show their nature.

Words used only by men	D.º used only by women	Signification.
Tayikra / *Taihikra*	*Membikra*	Son / Daughter
Tendikra / *Mu* / *Semu*	*Kevira* / *Amu*	Brother / Sister
Cunham membikra	*Penga*	Cousin
Temimino	*Temiarion*	Grandchild
Gui or *Gué*	*Ia or Io*	Oh-Interjection.

When one thing is the property of another thing the name of the proprietor is placed first in the sentence and the name of the property follows it, we call this situation of words Positions. It answers to our possessive case. Noun adjective as *Ita ocâ* of stone the house or the stone house. *Ita koara* of stone the hold, i. e. the stone pit. *Caraoca* of the white man the house, i. e. the white man's house. But this is

not the only way of forming adjectives, for when the name of a substance is followed by the name of a quality it shows that the quality belongs to the substance, v. g. *Aba* is a creature, a thing produced, *Abacatu* is a good creature, *Canga* is a head, *Cangaaikba* is a bad head.—This situation of words which we have called positions must be carefully attended to, for it only takes place between the names of one substance and another, or those of substances and qualities,but between the names of substances, of actions and even circumstances, and upon it depends in a great measure the propriety, force and beauty of the language, when names of qualities are found unconnected with any noun substantive the word thing is understood as *Turuzu* a great thing.

One thing is compared with another either by repeating the word if it be a monosyllable, or by the adverbs *eté* and *zoze* or *zui*, v. g. *zu* is great, *Turuzu* very great, *Oca turuzu eté de roca zoze* or *zui* a house greater than ours. The superlative degree is formed by the same adverbs with the words *nhe opacatu* between them, as: *oca turuzu eté nhe opacatu oca zoze* a house greater than all other houses, i. e. the greatest.

The tupi language has four classes of personal pronouns, each of which contains three persons in the singular and four in the plural number.—This latter number has two first persons, the former of them includes the persons speaking and those also who are adressed—the latter applies to the speakers alone. Thus the first is «we and you together» the latter is «we alone without you» for the sake of distinction as we call one—the first person plural inclusive, the other —the first person plural exclusive. This difference in the persons must be very particularly observed.

FIRST CLASS OF PERSONAL PRONOUNS

SING.		PLURAL.	
1st Person	*A*, I	1st Person Inclusive	*Ya*, we and you
2d	*Ere*, thou	1st D.o Exclusive	*Oro*, we alone
3d	*O*, he	2d	*Pe*, ye
		3d	*O*, they

CLASS 2d

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Ai*, I	1st Person Inclu.	*Yai*, we and you
2d	*Erei*, thou	1st Exclu.	*Oroi*, we alone
3d	*Oi*, he	2d	*Pei*, ye
		3d	*Oi*, they

CLASS 3d

N. B. Those of the 3d Class are really nouns and follow the rules of syntax as such : *xe* is the name of my body, *nde* of thine, etc.

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Xe*, I	1st Person Inclu.	*yande* we and you
2d	*De*, *Nde*, thou	1st Exclu.	*Ore*, we alone
3d	*ae* or *ahem* } he	2d	*Pe*, ye
		3d	*Y*, they

CLASS 4th

SING.		PLURAL.	
1st Person	*Yxe*, I	1st Person Inclu.	*yande*, we and you
2d	*Ende*, thou	1st Exclu.	*Ore*, we alone
3d	*Ahe*, he	2d	*Paem*, Ye
		3d	*Aee* or *Aoma* } They, litterally « the man or men »

And are of great importance they undergo some changes, for the letter *t* being placed before any of them, has a material effect as will be described when speaking of the verb ; for when in doing this two consonants would come together it is usual to place a vowel between them to make a syllable with the first of them, the vowels in this case seem to be used indifferently, thus: *Xe* becomes *Taxe* or *Texe*, *De* or *Nde* becomes *Tade* or *Tande*.

Each of these words are prefixed to names of actions or verbs, but the pronouns themselves must not be used indifferently or ad libitum ; the rules of applying them will be found hereafter.

Oro thee and *opo* you are prefixed to active verbs, but only in the first person singular or plural, and in the indicative or optative moods alone, v. g. *Yxe oro jimboe*, I am teaching thee, *Ore oro jimboe* we are teaching thee, *Ore opo jimboe* we teach you.

The pronouns *Nhe*, *Ye*, *O* in the singular and *Nho* and *Yo* in the plural make the Verb before which they are placed reflective and answer to our words self and selves, v. g. *Ai mongueta* I converse, *Ai o mongueta* I talk with myself, *Oyo mongueta* he speaks to himself, *O nho mongueta* they converse among themselves or with each other, *Pe yo mongueta* you converse among yourselves.

There are some peculiar cases in which the particles *Nhe* and *Ye* are connected with plural verbs as well as singular but then they denote that the act of each individual falls upon himself, v. g. *Xe ye jimboe*, I teach my ownself, *ore oro ye jimboe* each instruct your ownselves, i. e. all of you together, every one, each teaches himself.

The prefix *o* is sometimes used with an adverb, or preposition to denote decided possession as « his own, her own, etc., thus: *Pedro Okope*, Peters own farm *O sig* his own

mother *O yrunamo* with his own self *O gue nonde* before his own self.—The words or affixes used with it in this manner *Yrunam*, *Pyri*, *Aribo*, *Tenonde*, *Ybyri*, *Zupepe*, *Guyrpe*, or any of the prepositions.

The following passive pronouns are used with neuter verbs viz: (Active verbs never take these.)

Gui	my	*Ya*	our and your
E	thy	*Oro*	our alone
O	his	*Pe*	your
		O	their

as

Gui Paca my awaking	*Ya Paca* our and your awaking
E Paca thy awaking	*Oro Paca* our alone
O Paca his awaking	*Pe Paca* your awaking
	O their awaking

or

Gui Pac eyma my not awaking, etc.
E Pac eyma
O Pac eyma, etc.

Verbs which use the pronoun *Xe* might or may in the above case express themselves with the natural first and second persons but they always have *O* in the third, thus:

Xe my
Nde thy
O his

And if the verb begins with an *R* that letter is changed into *G* in the 3[d] person, as:

Xe roizangamo
Nde roizangamo
O roizangamo

When the personal pronouns put in position or regimen wit hany noun or verb, they become passive and signify « mine, thine, his, her or their, own, etc., » as:

Xe ruba litterally of me the father, i. e. my father
Xe guera of me the sleeping, my sleeping
Nde paca of thee the awaking, thy awaking
Xe tupam rausuba of me of god the love, my love of god
Nde xe amotareima you with my unhappiness.

Personal pronouns a' become possessive also by joining to them the affix *rem* but in this case when *y* and *r* come together they are changed into *s* as in the third persons sing. and plural.

Xe remi mine or my own
Nde remi thine or thy own
Semi his or his, her, or its own
Yande remi ours, ie, ours and yours
Ore remi ours alone, ie, ours and not yours
Pe remi yours or your own
Semi theirs or their own.

These compound possessives also may be placed in position like the simple ones both with nouns and verbs, v. g.
Xe remi jimboe my own teaching or the thing which I teach
Xe remi mondo of me the ordering or my own ordering
Nde remi mondo of thee the ordering and the thing which thou orderst
Semi mondo of him or her or it the ordering, i. e. the thing which he orders.

Demonstrative pronouns have no distinction of numbers, the same word serving for both singular and plural; they are the following, viz.

Kô or *ykô*
Kobae
Ang
Yanga
Anga
Uî
Ebuî
Ebuînga
} this or these

Aquei
Aqueya
Eboquei
Eboqueya
Eboqueia
Aipo
Aipobae
} this and that these or those

ae, aeae, aememe, aebae, this or that same or very same, these or those same.

The letters *y, s, z* and *t* serve for the relative pronouns «who, which and what» and are joined by peculiar rules to their respective classes of nouns and verbs which will make a part of the syntax, there are instances in which *i* is used instead of *y* as: *pupe* in, *Ipupe* in which.

It has already been observed that the verbs of this language are strictly speaking nothing more than the names of actions—the thing produced and the production of it are generally designated by the same combination of letters, v. g., *Iuca* is «death» and also signifies «to kill;» nor is there any word or words which denote the idea of existence or possession simply—there is nothing answerable to the verbs *sum* and *habeo* in the latin. The personal pronouns naturally and of themselves include the idea of existence, as: *xe* signifies not only «I» but «I am», *Nde* «thou art», *O* «he is», etc., and when followed by the name of a quality it shows the state or condition in which I am, etc., *Xecatu* I am good, *Ndecatu* thou art good, *Icatu* he is good, etc., further when these pronouns are followed by a noun substantive it denotes possession, as: *Sig* is a mother, *Xe sig* I have a mother, *Ko* is a farm, *Xe ko* I have a farm, *Nde ko* thou hast a farm, *ae* or *ai ko* he has a farm, *Yande ko* you and we have a farm together, *Ore ko* we alone have a farm, *Pe ko* ye have farms, *Y ko* they have farms. *Aiko* which has been considered as a substantive verb seems not to imply merely existence but to have its meaning restricted to some conditions of being as to remain or continue in one state or to be alive or living.

Verbs being thus simple admit of little change answerable to conjugations or modes or tenses. All the inflections of time, place and circumstances, are generally expressed by

distinct words—by the possession of them in the sentence, or by a prefix or affix which may be called adverbs.

The verbal prefix is the letter *t* which changes the meaning of the word from a declaration to a commander or exhortation, as:

A juca I kill or killed; *Tu jucá* may I kill or I may kill.

O juca he kills or has killed; *To juca* let him kill or he may kill.

The verbal affix is the syllable *ne* which alters the time from the present to the future: if the verb ends in a consonant it becomes *ine*, *A juca* I kill or have killed, *A juca ne* I will or shall kill.

Of the adverbs we shall treat in their proper place and rules for ordering the words of a sentence will be found in the syntax.

Verbs are divided into two kinds: actives and non actives; the first require a noun substantive after them, the non actives do not require one.

Personal pronouns of the 1st and 2d class, i.e, *a* and *ai* may be used with all verbs and are required to be used with active verbs in simple sentences, viz. *Xe*.

Those of the 3d class are used before verbs naturally neuter or non active, but may be used also before active verbs, particularly if they be combined with and preceded by the word *poro* people, but then it augments the natural power of the verb and expresses a custom of doing a thing, as: *a poro juka* I kill or killed a person or people, *xe poro juka* I am accustomed to kill people.

Verbs become reflective and passive by prefixing the syllable *ye* or *nhe* as *A juka* I kill, *A ye juka* I kill myself or am killed or am dead: *Ore oro ye juka* we kill ourselves, we, that is, every one kills himself, *Ai monhang* I make a thing, *A nhe monhang* I make myself

or am made ; *A ú* I eat, *A ye ú* I eat myself or am eaten ; see under the pronouns.

There are several modes of expressing negations in this language ; the most common is by prefixing to the verb the letter *n* or *nd* or *d* alone, and with it using the affix *i* as : *A juka* I kill, *Na jukai* I do not kill, or *Nda jukai*, or *Da jukai* I do not kill, observing that when the letters meet with consonant they take the letter *a* to form a syllable as *Na pe jukai*, don't kill., etc.

This is the method in all simple assertions relating to time present or past ; the future time requires instead of the affix *i* the word *ixoe*, v. g. *Na juca ixoene* I shall or will not kill—a negative command or exhortation or petition is expressed by the affix *ume* without any prefix to the verb, as : *E juca ume* do not thou kill, or *Tere juka ume* thou mayest not kill, etc., and in all cases where two affixes come together the negation is placed first and close to the verb: *Tape juka xoe ne* ye shall not kill, *Tape juka umene* do not ye or ye must not or may not or shall not kill. The affix *memam* is preceded in negations by the word *ixoete*, which is joined to the verb—*meiman* or *meimoman* and *momam* and *mo* or *beemo* requires *Ixoe* or *Ixoer* ; the last *beemo* admits also immediately before the particles *uman*, *umoan* and *aereme* after it, as : *No juka xoe uman beemo aereme* he had not then been killed, or more literally, he was not then dead—when the words « when, wherefore, how, if, etc. » occur in a negative expression, the negation in the brazilian tongue is formed by the affix *eyme*, v. g. *Juka eyme* if I should not, may not, cannot etc. kill- « Not to kill » is expressed thus: *Juca eyma* and this may be placed either before or after other affixes, as : *Juka eyma goera* or *Juka goera eyma*, *Juka eima moama* or *Juka moameyma*.

N. B. Here one vowel coalesces with another: *Y juka*

pyramanoama or *maonama,* where the *ey* of *eyma* is dropped and also the vowel *a,* or *Y juka pyrameyma,* where all the letters of *aonama* except the *m* are lost.

It must be observed that two negatives make an affirmative or declare a perseverance in doing a thing, v. g. the word *eyma* or *eymi* or *eyme* added to a negative expression makes a double negation, as : *Na jukai* I do not kill, *Na jukai eymi* I do kill or I do not cease to kill ; *ai monhang* I make, *Nai monhang* I do not make, *nai monhang eymi* I do not cease to make ; the *i* of the negative is lost or replaces the *a* in *eyma.*

The negative *xoe* may follow the natural negative *i* or be placed before it, as: *Nai juka i xoe ne* or *Nai juka xoene,* where the change must be noticed, or *Na juka xoe irine,* where the syllable *ri* is inserted—this is problably a dialect.

To express a sort of temporary negation answerable to the english phrase «not yet» implying that though the action is not performed, it must or will be, the words *ei ranhe* are joined to the nominative case to the verb, with some peculiar changes of letters noticed among the auxiliary verbs, is it a negation however the *ei* is a prefix, the word *ranhe* an affix *da ei xe maenduar amo ranhe* I do not yet recollect.

Negative orders or exhortations are given in two modes thus : *E* or *Ei monhang ume* do not do it, or thus : *Ndere monhangi* take care that you do not do it. The first mode implies simply a command or advice, the 2[d] implies the idea of a threat intimating that there will be danger in doing the thing forbidden, *Ndere ari* take care that you don't fall.

ON DERIVATIVE WORDS AND FIRST OF NOUNS

Those which end in *yra* are always passive and, if derives from verbs, these verbs are always active, i.e, not neuter.

I. Nouns beginning with a *z* generally retain the *z* when preceded by the personal pronoun *xe*, *nde*, etc., or are in regimen with them, as: *Zaba* a feather or small feather of a bird, *Xe zaba* my feather, *Nde zaba* thy feather, etc.; but if the word be in regimen or position with the relative *z* one *z* is dropped, as instead of *z zaba*, we say: *zaba* of him the feather or his feather.

This rule has the following exceptions, which change the *z* into *x* and not *r*, and take *y* for their relative, v. g.:

Zebae sustenance	*Y xebae* of him the sustenance
Zig a mother	*Y xig* his mother.
Zumara an enemy	*Y xumara* of him or his enemy
Zyira } a maternal aunt *Zikra* }	*Y xyjra* } of him or his *Y xikra* } maternal aunt
Ziba the top of the head	*Y xiba* of him the top of the head
Zira a hoe	*Y xira* of him or his hoe
Zama a cord	*Y xama* of him or his cord
Zuguaragik a galant	*Y xuguaragik* of her or her galant

RULE 2[d]

Nouns beginning with *t* when put in position change the *t* into *y* as: *Teté* a body, becomes *Zeté* and this new word follows the preceding rule, as: *Guira zeté* of the bird the body, *Zeté* of him the body. In the first instance the *z* is changed into *r*, in the other *z* is dropped—*Xe reté* my body.

The exceptions to this rule are numerous :

1st. The following words do not change the *t*, with which they begin, into *z*, although when in position ; with a noun substantive they take the *r* and moreover take *t* as their relative pronouns for the 3d part, one of which lost the other, v. g. :

Tuba a father or of whom or him the father, *xeruba* my father.

Tamumya a grandfather or his or her grandfather.

Takikra a son, etc.

Tagira a daughter, etc.

Tiguyira an elder brother.

Tiguéra an elder sister.

Tubixaba a great thing, magnificent.

Teneseim a full thing.

Tyg or *Tik* liquor, broth, juice.

Tyku a thing liquified or melted.

2d. The three following words are also exceptions to the rule and besides do not change their *t* into an *r* when in position or placed immediately after a noun substantive.

Taya natural heat or that of pepper, *Xe taya* my heat.

Turuzu a large thing, *Kunumi turuzu*, a boy or a great child.

Tinga a white thing, *O tinga* his, her or its whiteness.

3d. Those nouns which follow are also exceptions to the rule and take *Y* for their relative inproperly so called, as: *Tecokuaba* understanding, *Y tecokuaba* his understanding, or of whom the understanding.

Tyg urine, *Y tyg* of whom, etc.

Taba a village, *Y taba*, etc.

Tapera a village destroyed, *Y tapera*, etc.

Tapikiya a savage, a wild man, *Y tapikiya*, etc.

Tapuya a hut, etc.
Tyba frequency of any thing, etc.
Tubyra the dust of any thing.
Teinhea fables.
Tuibaem an old man.
Tagoabikba a phantom.
Tupan excellency, thunder or God.
Tyra any thing eaten with bread.
Tira tearing the hair.
Tetaca a frog.
Titica palpitation.
Tutuca the shaking or falling of fruit.
Tybytaba the eye-brows.
Tena a thing fixed not loose.
Tecoarabera a fearful fugitive.
Tunga a chigo.
Tubira wickedness.
Tutira a maternal uncle.

4[th]. *Tinga* a nauseous thing» has *t* for its relative and takes neither *y* nor *z*.

Tyapira liquid honey» changes the *t* into *r* but in the relative preserves the *t* and takes *y*, as: *Y Tyapira* of him the honey (liquid).

5[th]. All other names of animals, fruits, herbs, and things, which begin with *t* preserve that *t* when in position and for their relative take a *y* : *Tapijra* an ant, *Tagôa* red clay, *Tayaoba* a cabbage.

RULE 3[d]

Any other nouns beginning with letters *a*, *b*, *k*, etc., take *y* for their relative as *Angaturama* goodness (as a virtue), *Yangaturama* whose goodness, *Ko* a farm, *Yko* whose farm, etc.

The following nouns are exceptions to this rule. They take for the relative *s* or *z* and, when placed in position, with the nominal pronouns *Xe*, *Nde*, etc., require an *r* before them, as:

Oca a house	*Xe roca* my house	*Zoca* whose house or of whom or of him or his
Uuba an arrow	*Xe ruuba* my arrow	*Zuuba* whose arrow
Pe a road	*Xe rape* my road	*Zape* whose road
Nhaem a plate	*Xe renhaem* my plate	*Senhaem* whose plate
Nhaumuma clay	*Xe renhaumuma* my clay	*Senhaumuma* whose
Nimbo thread	*Xe renimbó* my thread	*Senimbo* whose
Cuya a cup	*Xe recuya* my cup	*Secuya* whose
Cujá a block or sort of stool per canteiro (sic)	*Xe recuja* my	*Secuja* whose
Panakum a long basket	*Xe repanakum* my	*Sepanakum* whose
Moéma or *Temoema*	*Xe remoema*	*Semoema*
Metára the lip piece	*Xe remetara* my	*Semetara*
Miapé bread	*Xe remiape* my	*Sem iape*
Mimonya cooked victuals	*Xe remimonya* my	*Semimonya*
Biara game or prey	*Xe rebiara* my	*Sembiara*
Mingau cakes (small)	*Xe remingau* my	*Semingau*
Mendypyron large cakes	*Xe remendypyron*	*Semindypyron*
Mixira roast meat or the pluck	*Xe remixira* my	*Semixira* whose

Urú a vessel, taking any thing out of it *Xerepurú*, *Sepurú* whose; with respect to a thing with in it *xerurú*, *Surú*, whose.

a drinking vessel	*Xeyguaburú* or	*Xe cuya burú*
for eating, etc., as a plate platter	*Xeremiurú*	*Semiurú*

RULES RESPECTING THE TERMINATIONS OF NOUNS

I. Roots which end in *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, and with a consonant preceding it or in *am*, *em*, *im*, *om*, *um* or the *ao* diphthong, take the terminations *zara*, *zaba*, as: *Juca*, *Jucazara*, *Jucazaba*.

EXCEPTIONS

The following form their terminations in *ara* and *aba*.

Moinge	*Moingeara*	*Moingeaba*
Mongi	*Mongiara*	*Mongiaba*
Mondo	*Mondoara*	*Mondoaba*

RULE II

Nouns ending in *o* or *u* without a consonant before them make their terminations in *ara* and *aba*, and before the last vowel insert a *g*, as:

Angao	*Angagoara*	*Angagoaba*
U	*Guara*	*Guaba*

RULE III

Some nouns form their terminations both ways, v. g.:

Pykiron	*Pykironzara*	*Pykironzaba*
	Pykironana	*Pykironaba*

RULE IV

Roots ending in *n*, *ain*, *un*, *oin*, *uin*, *uim* (these vowels being diphthong) form their terminations in *dara* and *daba*, as:

Pobain	*Pobandara*	*Pobandaba*
Mozain	*Mozaindara*	*Mozaindaba*

RULE V

Roots ending in the diphthong *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, form their derivatives in *tara* and *taba*, as:

Poi	*Poitara*	*Poitaba*

RULE VI

Roots ending in *b* change the *b* into *para* and *paba*, v. g.:

Kendub	*Kendupara*	*Kendupaba*

RULE VII

Roots ending in *k* take *ara* and *aba* (also those in *ng*):

Mondok	*Mondokara*	*Mondokaba*
Monhang	*Monhangara*	*Monhangaba*

RULE VIII

Roots ending in *m* take *bara* and *baba*, as:

Tim	*Timbara*	*Timbaba*

RULE IX

Those ending in *r* change the *r* into *zara*, *zaba*, as:

Monbor	*Monbozara*	*Monbozaba*

RULE X

To all these terminations may be fixed adverbs of time, the terminations dropping the last vowel when the adverb begins with one, as:

Juca	*Jucazaroera*	*Jucazarama*

Some nouns do not admit the terminations *ara*, *bora*, *aba*, but instead of it use the word *bae* after a verb and personal pronoun of the 3d person, as instead of *soara* is used *o so bae* he who goes.

The termination *ara* is sometimes used instead of *zara* both these denote the person who performs an action, the doer, and the termination *bora* increases the signification

and intimates the continuation or custom of performing the action as *canhembor*, though they sometimes change the *z* into *r* as will be seen in the 2^d rule.

Canhembara is a runaway, a fugitive; *Canhembora* is one who runs away and is accustomed to do so—but there are many nouns which do not admit the termination *bora*.

The preceding terminations are not words, they have no peculiar meaning of their own, but only serve to modify that of the nouns to which they are attached. The following are really separate words, they appear in sentences and have each a distinct idea connected with them. They always follow the verb to which they belong and answer in the brazilian language the same purpose as prepositions do in others.

Mo signifies « for, instead of », as : *xe tubamo aikone* literally of whom I instead of a father will be.

Pe is used in several senses relating to place, v. g., «into» as: *ai ko tape* I am going into the village; «through» as : *ai ko ocape* I go through the house ; «in» *ocape* in the house ; « to » *E razo co bae de rubape* take thou this thing to thy father ; *Enheeng de ruba pe* speak to your father. It also asks a question and serves for a note of interrogation; as : *Ere kope* art thou going, *Aba pe nde* what creature thou, or who are you.

Zupe means both «to» and «with» *Erazo nde ruba zupe* take to your father ; *Enheeng de ruba zupe* speak to your father ; *E coei nde ruba zupe* (this is translated) go seek and bring your father ; *Anheeng nde ruba zupe* I have spoken with your father, i. e, I have fought with him, this is a common expression.

Bo «by or through », connected with the idea of extent of places or thing: *O'cabo* by or through the houses, *Ocábo* by or through the woods, *Ai ko xeramunya reco bo*, I go or live according to the customs of my ancestors.

Zose signifies «on» or «upon, over, above, more than» thus: *Cabaru zose* upon a horse, *Ita zose* upon, or on a stone, *Ai kuaub bae nde zose* literally, I know a thing more than or better than you.

Tobaque. The word is compounded of *toba* the face and *que*. It means «before or in the presence of» as: *Xe robaque* in my presence or before my face.

Tenonde «before or forward »: *Xe renonde* before me, or opposed to behind.

Isui or *zui* «from or out» *A jur xe ko zui*, I come from my farm, *Ozo xe tuba xe zui* he went to my father from me; *Xe acanga zakig xe zui*, my head is of much import from me, i. e, my head aches. When used with *eté* before the noun or pronoun it means «than», as: *Xe angaturam ete nde zui* I am virtuous more than you.

Zupi or *rupi* «according to, as», etc: *Zupicatu* according to goodness, i. e, well; *Zupi aipo eré* you speak according to these, i. e, as these things are or truly; *Tupan reco rupi aiko* I live after the laws of God; *Nhum rupi a guata* I go along the field; *A ko xe ruba pyri kope nhum rupi*. I go to visit your father and go through the woods.

N. B. Used both before and after the noun.

Porupi «with or beside, near to» ; *Xe porupi xe raikra queri* with me my son sleeps.

Poke «in the same place» *Xe poke oquer* in the same place with me he sleeps.

Aribo I suspect this word to be portuguese; *Ocaribo* above the house.

Apyri, yrunamo or *yrumo* «near to, by, close by», etc. *Xe yrunamo kekou* he is one who is near to me, or by me, at my side.

Pabem has the same meaning as the above but generally requires the verb in the plural number, as: *Tiazo xe pabem*

literally let you and I go with me, i. e, let you and I go together.

Rese or *ese* or with a relative *sese* or by contraction *ese* after *yo* signifies «for or on account of», as: *Tupan rese* for God's sake. 'Tis also the form of an oath or swearing as by God. It means also «with», as *Aba omendar cunham rese*. A man, he marries with a woman.

Ri is the same as *rese* and when it sounds better in a sentence is used instead of it.

Koty «towards» as: *Tapyra oko oka koty* the cows go towards the house.

Pupé signifies «in», when in a state of rest, as: *Xe roka pupé* in my house. It also signifies «with», when speaking of an instrument with which some action is performed, as: *Ai nupan xe rakikra ybikra pupé*. I whipped my son with a switch.

Zagei. Also with a relative *zagei* opposite or contrary to, as: *our xe ragei*, he goes contrary to me.

Reire
Rire
Re
} after or afterwards, ex.: *Xe zoko reire terezoko*, i. e, after my going go thou.

Eymebe
Eimbe
} Before or before that, as: *Xe zo eimbe tere zo*, before that I go, go thou.

Yanonde is the same as *Eimbe*, but always supposes that the action is complete, ex.: *Xe zo yanende tere zo* before that I go and return, go thou.

I is sometimes a preposition and signifies «to» or «about» or «at» or «near to», as: *Enhongong de itangapema nde kua i*, i. e, put your war club near to your side.

Pyri «to» and used always with a noun of person never of place as: *Ako re ruba pyri*, I go to my father, *Tapyra ozo ogoapixara pyri*, the ox goes to his companions.

RULE

The words *Zui*, *zosé*, *zupé* when placed in position change the *z* into *x* and take *y* for their relative, v. g.:

Zui « from or out of» *Y xui* from whom, out of which.
Zoze *Y xose* upon which.
Zupe *Y xupe* to or with whom.

It is evident that many perhaps all of the foregoing words are considered as nouns, are put in position with them and follow the same rules.

We will place here some expressions in which these words are thought to be used with superior elegance and propriety.

Bo is compounded as *Opocu-bo* at length.

Ocatu kupó-bo at the back of.
Oe pe-mo beside, here *bo* is changed to *mo*.
O ykba-bo upside down.
Xe cupé-bo ere nheeng you slander me privately.
Xe po guyr-bo ere iko you come under my hand, i. e., are in my power.
Bae aribo above something (this is half portuguese).
O pobo agoatá one who goes in his hands, i. e, creeps.

Rese and *I* are sometimes used elegantly for each other.

Na xe rub potari de rese I do not wish you for my father
Na xe rahik potari de rese I do not wish you to be my son.
A Tupan mongeta de rese I have prayed to God for you.
Xe anga ko aykba de rese my soul is ill for your sake.
Nde maenduar xe rese remember me.
Na xe rezarai nde rese I do not forget you.
A poar de rese ne I will cuff you.
O iko cunham rese habet rem cum fæmina.
Na ikoi nde rese I do not understand you.
Enhe mozarai umé rese do not trifle with me.
Apokok bae rese I put a hand to a thing.

Sometimes it means «to steal it», at others «to labour».

Nde cua i or *Nde cua rese* at your side.

Atoá i or *Atoá rese* at the back of, upon the shoulders.

Pyta i or *Pyta rese* at the heels of one, close to.

A iuri on the neck.

Ybikr at a distance.

Guir i or *Guir rese* below.

Taquipoari tracking or following by the foot marks.

Sobai or *Sobai rese* from the other side.

These expressions are also deemed more proper than the plain ones of the same kind; v. g. instead of saying *Xe tapyra* my cows, we say *Xe reimbaba tapyra, Xe reimbaba tayazu*, etc., *Pedro sekou*, Peter went to his own *kopa* or farm. *O sig o gue rezo o yrunamo* he took his own mother with his own self:

Pedro ozo o mondọ reme, Peter went, they commanded him, i. e, because they commanded him.

O mano o jukareme, he died, they killed him or because, etc.

Oko o mondoape, he went where they ordered him.

O ur o gue noindape, he came where they called him.

Instead of saying *Ai monhang ko xeruba*, I work at my father's farm, we say *Ay ko monhang xeruba*.

Instead of saying *Ai monhang seko Pedro*, I have made life for Peter, we say *Ai seko monhang Pedro*.

Instead of *A juka tuba Francisco*, I have killed Francisco's father, we say *A tu juká Francisco*.

Also we say *Azo pati xe ruba* I prepare the net in which my father slept.

Azo pe monhang amana I make a road for the rain, i. e, the rain water.

Ai tapuy mongaturom xe sig I mend the cottage of my mother.

Ay acangok boia I cut off the head of a snake.

Ay jurú mopen nheeng ixoera I stopped the mouth of.

A tayk nupan xe atuasaba I whipped the son of my friend.

Gui xobo azobaiti dere quyra I going, met your brother.

De ruba semoneme xe po re auzub that your brother should have died I am grieved.

Bo, *Be* } are affixes to personal pronouns and signify «to» as:

Yxebe, yxebo to me.
Nde be, nde bo to thee.
Orebe, orebo to us.
Yandebe, yandebo to us all.
Paembe, paemmo to you.
Acebe, acebo to the man, to him.

Azo caa mondo bo I go hunting, *Azo xe ruba repiac aonama* I come to see my father.

Ajur de repiaca I come to see you.

We say also: *De ruba reomneme de pore auzub* that your father should have died, ye are grieved.

VERBS

Verbs are of two kinds:

1[st]. Those which have an object expressed.
2[d]. Those which have not, or
1[st]. Those whose object has no affix which affects them.
2[d]. Those whose object has an affix affecting them.

This distinction is of great importance in the language for almost all verbs may be of both classes but then they follow different rules, v. g.:

1[st]. I kill a snake	2[d]. I am killing.
I remember	I am mindful of.

RULE FOR VERBS

N.º 1

The agent or nominative to the verb may be placed either before or after it, as *oso Pedro* or *Pedro oso*, *y xe aiko* or *Aiko y xe*.

N.º 2

The noun denoting the object of the verb may be placed either after or before it, as *A juka boya*, I killed a snake or *Boya a juka*, a snake I killed.

N.º 3

When a verb stands between two nouns the expression is ambiguous for it is uncertain which of the nouns is the object and which the agent of the verb, as: *Boja o juka cunham*, a snake the woman killed.

N.º 4

If a verb having an adverb joined to it follows two nouns that which is nearest is the object of it, as: *Boja cunham juka reme*, if the snake killed the woman.

Nde xe juka reme if you should kill me.

Y xe de juka reme if I should kill you.

Xe Pedro juka reme if I should kill Peter.

Pedro jaguara juka reme if Peter can kill the ounce.

Jaguara Pedro juka reme if the ounce should kill Peter.

Nai potari nde xe juka I don't want you to kill me.

Ozo Pedro jaguara jukabo It was Peter who killed the ounce.

N.º 5

When active verbs beginning with *z* or *s* have their object placed immediately preceding them change the *s* or *z*

into *r*, as: *Baëcatu Tupa rauzuba* a good thing or man loves God. But when any other word intervenes the *s* or *z* is retained, as:

Bae catu Tupan aze zauzuba, Tupan aze zauzubmé a man loving God. Take *z* for their relative as *zauzuba*, of whom the loving.

This rule has six exceptions, viz: *Sib, zoc, zub, zoo, zuu, zuban.*

RULE

When *oro* or *opo*, come immediately before such active verbs, except the six, the *s* or *z* is dropped, as:

Xe oro auzub, Xe opo auzub instead of *oro* or of *opo-zauzub.*

RULE

Neuter verb and the preceding six active verbs never change the *s* or *z* into *r*, but when in position with a relative they change them into *x* and take *y* for the relative, as:

Azo, I go, *yxo* of him the going or his going.

RULE

When in any case the letters *s* or *z* are immediately preceded by *y*, they change into *x*, be the word noun or verb simple or compound.

RULE

When verbs beginning with *s* or *z* are preceded by the syllables *Nho, yo, nhe* or *ye* the *s* or *z* are dropped, as: *A zauzub* I love, *Aye auzub*, I love myself or am loved.

RULE

Verbs beginning with the syllables *nho* or *yo* drop such syllables in the third person both singular and plural, as:

Anhotim, Ere nhotim, O tim.

Ya nhotim, Oro nhotim, Pe nhotim, O tim he plants, *a yo zok* to prick with a stik, *Ozok.*

RULE

Verbs beginning with *nho* or *yo* become passive by changing these to *nhe* or *ye,* ex.:

Anhotim, anhetim I am buried.

RULE

When verbs which naturally begin with syllables *nho, yo,* followed by the letters *s* or *z,* meet with the syllables *nho* or *yo* to make them reflective or passive they drop their own first syllable and the letters *s* or *z,* and change the prefix into *nhe* or *ye,* ex.:

A nhozumi I burn, *anheumi* I burn mysel for am burned.

Ya nhe umi we burn one another.

A yozok I prick, *a ye ok* I prick myself or am pricked.

EXCEPTIONS

The six verbs mentioned above *sib, zok, zub, zoo, zuu, zuban,* do not always in such cases lose the *s* or *z,* nor change the *nho* or *yo* into *nhe* or *ye,* they become reflective thus, ex.:

A yozok I prick — *A ye zok* I prick myself.

Pe yozok ye prick one another — *O yozok* they prick one another.

RULE

When the word *poro* is inserted between the nominative and a verb beginning with *s* or *z* this letter is dropped and if the verb begins with *nho* or *yo* that syllable is dropped, as:

A zauzub	*A poro auzub*
A nhotim	*A poro tim* I bury people.

N. B. The six verbs mentioned above are exceptions to the rule, i. e., they retain the *s* and *z*.

The word *poro* may be placed before any verb having a nominative case with which it can make sense but when prefixed to the simple name of the action it changes the *p* into *m*, as: *A juka* I kill, *A poro juka* I kill people, *Moro juka* the killing of people or to kill people.

RULE

Sometimes the word *poro* loses its last *o* when it stands between the nominative and verb as *A ú* I eat.

A por ú I eat people.

A yo zub I visit, *A po zub* I visit people.

If after the syllable *nho* or *yo* the verb have *s* or *z* both are droped, as:

Anhozumi, A poro umi.

RULE

If the letter *i* comes before *s* or *z* the *z* is changed into *x*.

RULE

Active verbs beginning with *ra, re, ri, ro, ru,* take the syllable *gue* in the 3^d^ person, as:

A razo, O gue razo.

RULE

Neuter and passive verbs become active by taking the prefix *mo.*

Xe angaturam I am good or virtuous, *Ai moangaturam* I do good or cause another to be good or virtuous.

Oye apin he is shorn, *Oy moyeapin* he causes one to be shorn, *A mo ye apin Pedro Diogo zupe* I cause that Peter be shorn by James.

The syllable *mo* seems to express the idea of power, capacity and possibility, both when it stands alone or a prefix or affix either to noun or verbs, v. g. :

Mo rubi xaba a chief, the man with power.

Mo juka I cause that he slay.

Juca mo of killing to have the power.

In this last case it is sometimes to be changed into *bo.*

Mo as a prefix expresses not the power of doing a thing, but of making another person to do it.

RULE

When neuter verbs become active by taking the syllable *mo,* they lose the pronouns of the third or fourth class and require those of the second *ai* and if the verb had an *r* after the pronoun *xe* it drops that letter, as :

Xe ropar I lose myself, *Ai mopar* I cause another to lose himself or be lost.

RULE

Neuter verbs which admit the pronoun *a* use the prefix *mo* and also change it into *ra, re, ro, ru,* v. g. :

A poam I rise, *Ai mopoam* I cause another to rise.

A ropoam I rise and raise something with me.

Ain, Aimoin, A roin.

RULE

When the prefix *mo* or *ro* is joined to a verb letters are often changed to soften the sound of the word.

A zo I go, would make,	*Ai moko* but we say	*Ai mondo*
Ai ko I am	*Ai moko*	*Aimoingo*
A jur I come	*Ai mojur*	*Aimbour*

RULE

A few neuter verbs do not admit of the prefix *mo*, but require *ro*, v. g.:

A mano I die, *Aromano* I cause another to die with me, but *Ai momano* is never used, ex.:

A momano xe angaturama my goodness dies with me, i. e., I will keep it untill I die.

RULE

The word *bae* a contraction of *mbae* when joined as an affix to an active verb designates the agent of the verb and omits adverbs of time, as:

O juka bae the thing which kills or he who kills.

O juka bae poera he who did kill.

O juka ramboera or *Juka bae rama* he who had killed.

RULE

Negations of this kind are formed by the syllable *eim* before the word *bae*, as *Ozobae* he goes, *Coparbae* he who loses himself, *Ozo eimbae* he who or that which does not go.

RULE

The word *mi* when joined as a prefix to active verbs denotes the object of the verb, *mi ú* the thing which is eaten; this also admits adverbs of time.

RULE

Before the words *bae* and *mi* thus joined to verbs *Xe*, *Nde*, *Ae*, etc., are changed to *Xere*, *ndere*, *ke*, etc., and denote the agent, as:

Xere mi ú the thing which I eat.
Ndere mi ú that which thou eatest.
Ke mi ú that which he eats.

In the brazilian tongue there is a peculiarity in the formations of the third persons, as for example:

These third persons have before them an adverb, preposition or a verbal noun like the gerund in latin, as:

Eboquei perozou there is Peter who goes, or there goes Peter.

Coriteim yxou now I who go or it is I who am going.
Nd aerojai y manduari not for this don't thou recollect.
The following rules require great attention.

N.º 1

If the pronoun nominative case to the verb be of the first or second class, take it away and join as an affix to the verb the letter *u*, as instead of

Quese Pedro ozo write *Quese Pedro zou* yesterday Peter went.

N.º 2

If the pronoun be of the 3ᵈ or 4ᵗʰ class and *y* nominative to the verb, let the pronoun remain and as an affix to the verb place the letter *y*, ex.:

Quese Pedro nde rese y maenduari yesterday Peter about you bethought himself.

N.º 3

If a noun be nominative case to the verb, let it remain and add at the end of the verb the affix *i*, as:

Quese nde rese Pedro maenduari yesterday concerning you Peter bethought himself.

N.º 4

If the verb begin with *s*, *z* or *t* and the noun be immediately before it, these letters are changed into *r*, as:

Quese caa rupi oguatabo Pedro ropari. Yesterday in the woods a wanderer Peter lost himself.

N.º 5

If the verb begin with *s*, *z* or *t*, and the noun be not immediately before it, such verbs undergoes no change, v. g.:

Quese caa rupi Pedro oguatabo zopari. Yesterday in the woods Peter a wanderer lost himself.

N.º 6

In such cases from active verbs take away the *o* place the object of the verb immediately before it and add as an affix the letter *u*, v. g.:

Coritei Pedro xeruba mongueta u. Now Peter with my father is speaking.

But if the object be not immediately before the verb it is necessary to place there the letter *y*, as:

Xe ruba coriteim Pedro y mongueta u.

With my father now Peter is speaking, he or man, for are in both a pronoun and noun.

N.º 7

The relative always refers to the most distant noun, as *Baetetiruam ase zanzuba kose ase Tupan rauzub* more than all things which he loves, he loves God.

N. B. Because the object *Baetetiruam* does not join the verb it takes the relative *z* and because the object *Tupan* does join the verb it changes the *z* into *r*.

N.º 8

The six verbs so often mentioned do not in these cases change the *s* or *z* into *r*, but in other respects follow the above rule, as:

Quese pay baecikbora zubani. Yesterday the wise man sucked the invalid.

Quese baecikbora pay y xubani. Yesterday the invalid the wise man sucked.

N.º 9

In all cases concerning which we are now treating, if the verb ends in a consonant it takes the letter *i*, as an affix:

I *por* I leap — A *pori* he who leaps
Acyk I arrive — *Xiki* he who arrives.

N.º 10

All verbs ending in a single vowel or after it *m* or *n* add the letter *u* as an affix, as:
Ai mondo, Ai mondou.

N.º 11

All verbs ending in a diphthong or with an *m* or *n* after it neither take nor lose any thing at the end, as:

Acai — *Cai* — *Ai mozai* — *Mozai.*

N.º 12

In order to make a negation of these third persons relative the affixes *u* or *i* are changed into *eikmi* and those which end in a diphthong take *eikmi*, as:

Mondou	*Mondoeikmi*
Xiki	*Xikikmi*
Cai	*Caiykimi.*

N.º 13

Take notice that to these third persons relatives the third person cannot serve as the nominative case, but the first may, as:

Eboquei Pedro zou to Peter there he goes.
Eboquei xe zou see I who go.
Marapé xe zou eikmi I don't know why I did not go.

N.º 14

All the active verbs which after their pronouns have the syllables *ra, re, ro, ru,* and take the syllable *gue* as per rule change this in their third person relative into *se*, as:

A razo *O gue razo* relative *Se razo u.*

N.º 15

Active verbs which have a noun for their objective may take also or not a relative agreeing with it, but it is more elegant to use the relative, v. g.:

Pedro boia o juca Peter the snake he killed.
Or elegantly:

Pedro boia ya juca Peter the snake he killed it.

O guerazo temo zapia ykba zupe Tupan xeruba mam I wish that he, i. e., God would quickly take to heaven my father.

RULE

When the affix *bo* or *reme* or any of its representatives *neme*, *eme*, *me* or *e* is joined to active verbs, they take no personal pronoun and if they begin with the syllables *nho* or *yo*, they drop such syllables, v. g.:

A juka *Juka reme* *A nhotim* *Timé.*

RULE

Active verbs which begin with any of the syllables *ra*, *re*, *ro*, *ru*, and according to rule take the syllable *gue* in the 3[d] person, change that syllable in *se* when the verb is followed by the affix *reme* or any of its representatives.

RULE

To all verbs whose root ends in a vowel (*y* is not called so) the affix *reme* may be joined as *Jukareme.*

Those ending in *n* or the letters *k*, *ng* or *r* drop the *r* of the affix and add *eme*, v. g.:

		Negative.
Nupan	*Nupaneme*	*Nupan eykeme*
Pak	*Pakeme*	*Pak eykeme*
Monhang	*Monhangeme*	*Monhang eykeme*
Juban	*Jubaneme*	*Juban eykme*
Potar	*Potareme*	*Potar eykme.*

Those ending in *b* or in *a* diphthong and with a diphthong followed by the letters *m* or *n* instead of *reme* take only the last syllable *me.*

Cai	*Caime*	*Cai eykme*
Senoin	*Senoinme*	*Senoin eykme*
Mondeb	*Mondebme*	*Mondeb eykme.*

Those which end in *m* take *e* only, as:

Nhotim	*Time*	*Tim eykme.*

RULE

To make a negative of the word *reme* it or its representatives must be changed into *eykeme*. Vid. ex. above.

RULE

When verbs appear without any nominative case and have their termination a consonant or a diphthong followed by an *n* then they require the affix *a* but not otherwise, v. g.:

A cai	*Caia*	*A senoin*	*Senoina*	*A quer*	*Quera*
A juka	*Juca*	*A nupan*	*Nupan.*		

RULE

In order to make negative or negafy the simple verb without a nominative case, we affix instead of the word *Eykme, Eykma* changing the last *e* into *a*, as:

Juka	*Juka eykma*	*Quer a*	*Quer eykma*

RULE

Verbs in their simple state, i. e., without agents or nominative cases, admit of adjuncts of time, ex.:

Juka agoera to have killed.

Juka aonama to have to kill.

Juka ramboera ought to have killed and to have still to kill.

Y juka pyrama for to kill or be killed.

RULE

The affix *ramboera* loses the *r* and becomes *amboera* when the verb ends with a consonant.

RULE

When the verb ends in *n* or rather the sound of the «til» the *p* in *pyrama* or its contraction *pyra*, becomes *b* as *Nupanbyrama*.

Those which end in *ng, m* or *n* require after them the letters *imb*, as *Monhangimbyrama*.

Those which end in *b, k* or *r* take after them the letters *ip*, as *Y mombebipyrama* or *Y mombebipyra* and in all these cases the last letter is changed into *eykma* to form a negation, as *Y juka pyreykma*.

RULE

When the affix *bo* is joined to active verbs having no agent they admit no prefix, but when joined to a neuter verb in the same state the verb takes the pronoun *gui, e, o*, etc., and instead of *gui* and *e* the pronouns *xe* and *nde* as prefixes.

RULE

Active verbs ending in *a, e, o*, with a consonant before it may have the affix *bo*, as:

Jukabo *Seebo* or *Sebo* *Mondobo*.

Except those verbs which end in *mo* or *no*, which change the *b* into *m*, as *Amo, Amomo, Mano, gui manomo*. Except also the verbs *Ique* and *Moingue* and their compounds which take *abo*, as *Gui quebo, ceroqueabo, moingueabo*.

Except also the verb *Seguye* and its compounds which

change the last *e* into *abo ; guiseguijabo; jepee* also becomes either *Jepeebo* or *Gui jepegoabo.*

RULE

The affix *bo* is changed after active verbs ending in *o* pure (i. e., without a consonant) into *guabo*, as *Zoo zoguabo*. But those which end in *o* with a consonant before it take *obo* as does also the verb *Yoó.*

Those which end in *i* or *u* not pure change *bo* into *abo*, as :

Quiti *Quitiabo* *Poru* *Poruabo.*

Those which end in *u* pure change the *u* into *guaba*, as :

Mbae u *Mbae guabo*, *U guabo*, *Xuiu xuguabo.*

All those verbs which end in *in* or *un* change the affix *bo* into *amo; quitin*, *Quitinamo*; *Monhemun*, *Monhemunamo.*

Every verb ending in *an*, *en*, *on*, instead of *bo* add the syllable *mo*, as :

Nupan, *Nupanmo*, *Mocen*, *Mocenmo*, *Zapiron*, *Zapiromo.*

All verbs ending in diphthongs or those followed by *n* or in any consonant except *b* and *r*, instead of *bo* take the letter *a*, as: *Cai caia; mongarao mongaraoa.*

All verbs ending in *b* require *pa* instead of *ba*, and lose their last letter as *Mondeb, Mondepa*, and those ending in *r* lose the *r*, and take nothing, as :

Quer, *Guique*, *Zacaar*, *Zacaa*, *Mopor*, *Mopo.*

RULE

To make the affix *bo* negative it or its representatives are changed into *eykma* and if the verb have lost any letter or changed any, they are replaced, as :

Mondo eykma *Gui quer eykma* *Mondeb eykma*

RULE

Neuter verbs or those which admit the pronoun *xe*, change the affix *bo* into *amo*, as :

Xe angaturam, *Xe angaturamo*, by or through my being virtuous.

Those which end in a vowel with the accent on the last syllable change the affix *bo* into *ramo*, as :

Xe pochi *Xe pochiramo.*

RULE

In neuter verbs the affix *bo* is rendered negative by inserting the word *eykmo* between the verb and its affix, as :

Xe anguturam eykmamo *Xe pochi eykmamo.*

RULE

Verbs which begin with the syllables *ra*, *re*, *ri*, *ro*, *ru*, using the pronouns of the first class require in their third person the syllable *gue* between themselves and the nominative case, as :

A razo I take	*O gue razo* he takes
A reko I have	*O gue reko* he has
A roguer	*O gue roguer*
A rur	*O gue rur.*

RULE

Neuter verbs (or those which use the pronoun *xe*) form their third persons in *y*, as *Xe mqenduar*, *nde maenduar*, *y*

maenduar; but if the verb begins with the letter *r* it changes the *y* into *s* or *z* and drops the *r*, as: *Xe ropar, nde ropar, zopar* to be lost, *Xe rozang, nde rozang, zozang* to be secure.

There are five exceptions to this rule which retain the *y* and the *r*, thus:

Xe rob	3d person	*Y rob* it is bitter
Xe ro		*Y ró* he is cross eyed
Xe rurú		*Y ruru* he is swelled
Xe roikzang		*Y roikzang* he is cold
Xe ryir		*Y ryir* by contractions *yir* he has nephews by his sister.

Those verbs also are exceptions, which beginning naturally with a *t* and change it into *r* in the first and second persons (such as those from *tuba* a father, *xe rub* I have a father, *nde rub*) these in the 3d persons regain the *t* as *y tub* he has a father.

RULE

When the pronoun or particle *o* signifying «his own or himself» is before a noun the syllable *gue* is often placed between them and if the noun begins with the letters *s*, *z* or *t*, the *gue* is pronounced like our *w*, but these letters themselves are dropped as from *Xe rauzupara, o guauzupara*; *Tuba, o guba.*

N. B. The six verbs are exceptions to them, and also neuter verbs which have *s* or *z*, i. e., those which admit the pronouns *xe*, as:

Pedro no ipotari ozo, Peter does not wish his going, i. e., he does not care to go.

These neither take their syllable *gu* nor change their letter.

RULE

The syllable *yo* when placed between a pronoun and an affix gives the sentence a reflective form, as:

Aona oyo irunamo sekou,
They one to the other are near.
A Tupan mongueta xe yo ese,
I to God prayed for myself.
Ei mongueta nde yo ese,
Thou didst pray for thyself.
Pedro toi mongueta o yo ese,
Peter he prayed for himself.
A reko Tupan xe yo pupe,
I take God with myself or with me.
Ai monhiron ahanga xe yo upe,
I appease God with myself, i. e., I make him pleased with me.
Nde eimonhiron Tupan o yo upe,
Ahê toi moisem Jurapari o yo zui, etc.

N. B. It is deemed bad grammar to say: *Tupan xebe* or *Tupan xe zupe,* the *y* must always by inserted, as: *Tupan y xebe, y xezuppe,* and *y* is a contraction for *yo.*

RULE

The second person of the imperative sometimes takes an *i* after the pronoun when the verb begins with a consonant as instead of *emonhiron,* we say *eimonhiron.*

RULE

The affix *remi* is sometimes contracted into *mi*—as: instead of *O gue remi mondo,* we say *O gue mi mondo.*

N. B. There are six verbs beginning with *s* or *z* which follow peculiar rules, viz.

Sib to clean.

Zok to prick.

Zub to visit.

Zoo to invite to a feast, or *xoo*.

Zuu to bite, or *xuú*.

Zuban to suck or *xuban*.

1st. These 6 not change their *s* or *z* into *r* although the object be placed immediately before them and for their relative they take *y*, changing the *s* or *z* into *x*, as:

Ai osib I clean it.

Siba to clean	*Nhaem siba* to clean plates
	Yxiba cleaning it.
Ai zok I prick him	*Zoka* to prick
	Yzoka pricking it.
Ai ozub I visit him	*Zuba* to visit
	Yxuba visiting it.
Ai xoó I invite him	*Zoo* to invite
	Yxoo inviting him.
Ai xuú I bite it	*Zuu* to bite
	Y xuu biting it.
Ai xuban I suck it	*Zubana* to suck
	Y *xubana* sucking it.

2d. They do not take the syllable *gu* in their third person when following the reflective *o*.

3d. They do not lose their first letters after the syllables *nho* or *Yo* according to rule.

RULE

Verbs beginning with a vowel sometimes take the syllable *gu* between themselves and the agent, as: *apyk* to sit, *aguapyk* I sit.

N. B. Our present knowledge of the language does not allow us to give any certain rules for the use of the pronouns : the following may assist.

A seems to be the natural pronoun before all verbs and becomes. *Ai* before verbs or words beginning with *m* and some in *k*, *n*, and *q*.

Xe is used before the word *poro*, before names of qualities or those which are naturally neuter. Sometimes before *ro*, *ra*, *re*, *ru* and whenewer the emphasis of the sentence lies upon the pronoun.

X*e* also may generally be usede before verbs which have no object joined to them, i. e., neuter.

When the third person is agent to a verb, which another third person is the object and in no other case, the pronouns must be clearly expressed, as: *Pedro o juka jaguara*, Peter he killed the ounce.

Pedro o zauzub Tupana, Peter he loves God.

Pedro o zok jaguara, etc.

RULE

When the second person is agent of the verb and the first object of it, the verb takes the word *yepe* after it, ex.:

De xe juka yepe thou prickest me.

Xe juka yepe kill me.

Xe rauzub yepe love thou me.

If the agent be of the singular number, but if it be of the plural number it is joined to the agent and both follow the verb, as *Xe juka peyepe*, ye kill me.

RULE

The demonstrative pronouns are always placed before the noun to which they relate, v. g.:

Ae aba this man, or this is the man.

RULE

Personal or relative pronouns always follow the noun to which they relate, as:

Ae aba okone this man he will go, or this is the man who will go.

RULE

Personal pronouns always precede the verbs to which they belong.

RULE

Adverbs may be placed either before, but are generally put after their verbs, as:

Coriteim azo or *azo coriteim.*

CONJUGATIONS

Verbs have seven conjugations, three of them we call pronominal because the change takes place only in the pronominal prefix, and three we call radical because the inflection occurs in the root or in both the root and the prefixes.

The first takes the prefix *a* and comprehends most verbs.

The second takes the prefix *ai.*

The third the prefix *xe.*

The fourth has the root beginning with an unchangeable *s* or *z* and comprehends only six verbs, and may be classed under the 1st conjugation.

The 5th composes those verbs whose roots begin with *ra, re, ro, ru, po,* and the verb *jar* which ought be refered to *jar,* the verb *guar* being regular when it signifies to take.

The roots of the 6th end in *iko* or *ique.*

And the 7th in *jub* or *jur.*

There are in each conjugation four moods: the indicative, the permissive, the imperative and the infinitive.

The indicative mood declares a thing.

The permissive mood gives or asks leave to do a thing, as :

I may or may I, etc., can I, etc.

and is formed by the letter *t* which it takes as a prefix to its pronoun ; when this letter is followed by a vowel it makes a syllable with that vowel, but when it meets with a consonant it takes an *a* and becomes *ta.*

The imperative mood commands or forbids, and is formed in the same manner as the permissive except in the second persons which do not take the letter *t* or syllable *ta.*

The infinitive is formed by joining to the root the letter *a* as an affix, if the root end in a consonant, and if it end in a vowel it takes no affix.

The indicative, permissive and imperative moods have two tenses each. One we call the indefinite, because it relates to times present and past, a sort of aorist—and is formed by the root of the verb and its prefix alone. The future tense takes also the affix *ne.*

Each tense has two numbers and seven persons as was explained under the head pronoun. The rules for forming verbs have also been given already.

I. CONJUGATION FOR BY THE PREFIX *A*

POSITIVE PART, ROOT *Juca*

Indicative mood Indefinite tense.	Permissive mood Indefinite tense.	Imperative mood Indefinite tense.
Sing.	Sing.	Sing.
A juka	*Ta juka*	
Are juka	*Tere juka*	2^{d} *Ere juka*
O juka	*To juka*	*To juka*
Plural.	Plural.	Plural.
Ya juka	*Tya juka*	*Tya juka*
Oro juka	*Toro juka*	*Toro juka*
Pe juka	*Tape juka*	
O juka	*To juka*	*To juka*
Future tense.	Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.	Sing.
A jukane	*Ta jukane*	
Are jukane	*Tere jukane*	*Tere jukane*
O jukane	*To jukane*	
Plural.	Plural.	Plural.
Ya jukane	*Tya jukane*	
Oro jukane	*Toro jukane*	
Pe jukane	*Tape jukane*	*Tape jukane*
O jukane	*To jukane*	

Infinitive mood.

Juka.

I. CONJUGATION

NEGATIVE PART

N. B. In these negations the *n*, *nd* and *d* alone are used indiscriminately.

Indicative mood.	Permissive mood.	Imperative mood.
Indefinite tense.	Indefinite tense.	
Sing.	Sing.	Sing.
Na jukai	*Ta jukaume*	
Ndere jukai	*Tere jukaume*	*Ere* sometimes *e* without *re jukaume*
Ndo jukai	*To jukaume*	*To jukaume*
Plural.	Plural.	Plural.
Ndya jukai	*Tya jakaume*	*Tya jukaume*
Ndoro jukai	*Toro jukaume*	*Toro jukaume*
Nape jukai	*Tape jukaume*	*Tape jukaume*
Ndo jukai	*To jukaume*	*To jukaume*
Future tense.	Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.	Sing.
Nda jukaixoene	*Ta jukaumene*	
Ndere jukaixoene	*Tere jukaumene*	*Tere jukaumene*
Ndo jukaixoene	*To jukaumene*	
Plural.	Plural.	Plural.
Ndya jukaixoene	*Tya jukaumene*	
Ndoro jukaixoene	*Toro jukaumene*	
Nape jukaixoene	*Tape jukaumene*	*Tape jukaumene*
Ndo jukaixoenè	*To jukaumene*	
		Infinitive.
		Jukaeyma

2d CONJUGATION IN *Ai* ROOT *Monhang*

POSITIVE PART

Indicative mood.
Indefinite tense.

Sing.	Plural.
Ai monhang	*Yai monhang*
Arei monhang	*Oroi monhang*
Oi monhang	*Pei monhang.*

Oi monhang, etc., etc., this conjugation differing from the 1st only in the insertion of an *i* after the pronominal prefix it is unnecessary to run through the other parts.

3d CONJUGATION VERBS IN *Xe* ROOT *Maenduar*

POSITIVE PART

Indicative mood. Indefinite tense.	Permissive mood. Indefinite tense.
Sing.	Sing.
Xe maenduar	*Ta xe maenduar*
De maenduar	*Tande maenduar*
Y maenduar	*Ty maenduar*
Plural.	Plural.
Yande maenduar	*Tyande maenduar*
Ore maenduar	*Tere maenduar*
Pe maenduar	*Tape maenduar*
Y maenduar	*Ty maenduar*

Future tense.

Sing.

Xe maenduarine
De maenduarine
Y maenduarine

Plural.

Yande maenduarine
Ore maenduarine
Pê maenduarine
Y maenduarine

Future tense.

Sing.

Taxe maenduarine
Tande maenduarine
Ty maenduarine

Plural.

Tyande maenduarine
Toré maenduarine
Tape maenduarine
Ty maenduarine

Imperative mood.
Indefinite tense.

De maenduar
Ty maenduar.
Tyande maenduar
Tore maenduar
Pe maenduar
Ty maenduar

Imperative mood.
Future tense.

Tande maenduarine

Tape maenduarine

Infinit.

Maenduara

3d CONJUGATION. — ROOT *Maenduar*

NEGATIVE PART

Indicative mood.
Indefinite tense.

Sing.

Naxe maenduari
Nande maenduari
Ny maenduari

Permissive mood.
Indefinite tense.

Sing.

Taxe maenduarume
Tande maenduarume
Ty maenduarume.

Plural.

Dyande maenduari
Dore maenduari
Nape maenduari
Ny maenduari

Future tense.

Sing.

Naxe maenduarixoene
Nande maenduarixoene
Ny maenduarixoene

Plural.

Ndiande maenduarixoene
Ndore maenduarixoene
Nape maenduarixoene
Ny maenduarixoene

Plural.

Tyande maenduarume
Tore maenduarume
Tape maenduarume
Ty maenduarume.

Future tense.

Sing.

Taxe maenduarumene
Tande maenduarumene
Ty maenduarumene.

Plural.

Tyande maenduarumene
Tore maenduarumene
Tape maenduarumene
Ty maenduarumene.

Imperative mood.

Indefinite tense

Sing.

De maenduarume
Ty maenduarume
Tyande maenduarume
Tore maenduarume
Tape maenduarume
Ty maenduarume.

Future tense.

Tande maenduarumene

Tape maenduarumene.

Infinitive.

Maenduareyma.

4[d] CONJUGATION IS LIKE THE FIRST.—ROOT *sib*

5[d] CONJUGATION.—ROOTS BEGINING WITH *Ra* etc., as *Razo*

POSITIVE PART

Indicative mood. Indefinite tense.	Permissive mood. Indefinite tense.
Sing.	Sing.
A razo	*Ta razo*
Ere razo	*Tere razo*
Ogue razo	*To razo.*
Plural.	Plural.
Ya razo	*Tya razo*
Oro razo	*Toro razo*
Pe razo	*Tape razo*
Ogue razo	*To razo.*
Future tense.	Future tense.
Sing.	Sing.
A razone	*Ta razone*
Ere razone	*Tere razone*
O razone	*To razone.*
Plural.	Plural.
Ya razone	*Tya razone*
Oro razone	*Toro razone*
Pe razone	*Tape razone*
O razone	*To razone.*

Imperative mood.	Infinitive mood.
Sing.	
E razo	*Kerazo*
Togue razo.	
Plural.	
Tya razo	
Toro razo	
Pe razo	
To razo.	

N. B. The negative part is formed by placing with the foregoing the prefixes and affixes.

6^d CONJUGATION in *Ico* to be, i. e., to live or be alive or *Ique* to enter.

N. B. This class of verbs are conjugated like those of the 1st conjugation, except in the infinitive mood which becomes *teco* and *teique;* their compound as *icobe* to be well, etc., follow the same rule.

7th CONJUGATION.—ROOT in *ub* or *ur*

POSITIVE PART.—ROOT *Jur* to come

Indicative mood. Indefinite tense.	Permissive mood. Indefinite tense.	Imperative.
Sing.	Sing.	Sing.
A jur	*Ta jur*	
Ere jur	*Tere jur*	*Jori* or *Ejor, Ejori*
O jur	*To jur*	*Tour.*

Plural.	Plural.	Plural.
Ya jur	*Tya jur*	*Tya jur*
Oro jur	*Toro jur*	*Toro jur*
Pe jur	*Tape jur*	*Pe jur* or *Pejori.*
O ur	*To jur*	*Tour.*

Future.	Future.	Infinitive.
Sing.	Sing.	
A jurine	*Ta jurine*	*Jura.*
Ere jurine	*Tere jurine*	
O jurine	*To jurine.*	
Plural.	Plural.	
Ya jurine	*Tya jurine*	
Oro jurine	*Toro jurine*	
Pe jurine	*Tape jurine*	
O jurine	*To jurine.*	

IRREGULAR VERBS *E* to say

POSITIVE PART

Indicative mood.
Indefinite tense.

Imperative.

Sing.	Sing.
Ae	
Eere	*Ere*
Ee	*Te i*
Plural.	Plural.
Ya e	*Tya e*
Oro e	
Pe je	*Pe je*
Ee	*Te i*

N. B. All the other parts are regular.

VERB *In* to lie down

POSITIVE PART.

Infinitive.

Te en or *Ke en*, all the other parts are regular, of the 1st.

VERB *Mano* to rain.

Infinitive.

Kemo or *Temo*, the other parts regular.

VERB *Ityk* to put down.

Infinitive.

Ityka, all the other parts regular.

VERB *Pykno* or *Pygno* to stone.

Indicative mood. Present tense.	Imperative mood.	
Sing.	Sing.	All the other parts regular.
A pygno		
Ere pygno	*E pygno*	
O pygno	*Togoepygno*	
Plural.	Plural.	
Ya pygno	*Tya pygno*	
Oro pygno	*Toro pygno*	
Pe pygno	*Pe pygno*	
Ogoe pygno.	*Togoe pygno*	
	Infinitive.	
	Te pygno.	

VERB *zo* to go

Imperative mood

Sing. *Ekoai* or *Ekoá* all the olther parts regular.
Tozo

Plu. *Tyazo*
Pekoai or *Pekoá*

RULE

When two verbs in English come together with the word *that* between them, the latter in the Tupi is expressed by the Infinitive as:

I wish that you go } *ai potar dezo.*
Or I wish to go }

I do not wish that you kill my father *Nai potari de xe ruba jukâ.*

I well know that you are mindful of me *Ai cuai xe rese de maenduara.*

I am mindful that you have love for me *Xe maenduar de xe rauzuba rese.*

RULE

When in English two verbs come together, and one in the infinitive, they are generally made one compound word in the Tupi as:

I wish to go	I wish to kill	I know how to make.
Azo-potar	*A juca-potar*	*Ai monhan-guab.*
I make to kill		
A juka-ukar		

RULE

The interrogative affix *Pe* is always joined to the word on which the doubt falls, or the emphatic word of the question, be it noun, verb, or adverb, Ex:

Xe-pe zo the doubt is whether I go or some other person.

Xe zo-pe? the doubt is whether I go or stay.

RULE

When the interrogative *Pe* asks a question relating to place, the answer is given in the affix *Pe* joined to it, as :

Mamo-pe ere-zo where are you going ?
Azo kope I am going to the farm.
Azo tape I am going to the village.

RULE

Should the affix *pe* meet with the letters *m* or *n* in the answer before the *p*, this is changed into *m* or droped, as:
Parananme to the sea.
Nhumme to the fields.

RULE

Some few nouns instead of *pe* use the letter *i* as: *azo zoba i* and not *zobaipe*, I go to the other side.

RULE

When the interrogative *pe* as a question relating to a person, it is answered by the affix *pyri* joined to the person, as:

I go to visit my father	my brother.
Azo xe ruba pyri	*requikra pyri.*

RULE

The word *zui* is generally used in other cafes with the names of persons, places and even with other adverbs as: *Nhum zui* from the field, *Ibate zui* from above, *Oca zui* from the house, etc.

N. B. many adverbs are compounded of two or more words as:

Marape? what, or where? *maranamope* wherefore? *maranemepe* or *mbaeremepe* when? *Baeramepe* why?

The following words are which alone have no particular meaning, but when joined to other words affect their meaning: *an* gives force and additional energy to the word, as:

azo-an. here I go; *anani-an* no this; *anati-an* take care.

aib. always gives a bad sense to the expression or to the word, to which it is joined.

aub. always means defective: *azo-aub*, I go but with an ill will. In the following phrases it seems to have a different sense:

A cepiac aub, I have a great desire or long to see him. *A cepiac aub xeruba*, I long to see my father.

When the preceding word is repeated, the force of the sentence is increased as: *azo azo aub*, I rejoice that I am going; *arazo razo aub*, I rejoice to take &.

Negatives with it are thus expressed: *Naimenpangeim aubi*, I am sorry not to do it, or that I do not it, or I have not done it. When the termination is repeated, it signifies great desire as: *azo au-aub*, I go with great pleasure and haste.

Ka used only by men } denote resolution and determination.
Quig used only by women }

Azo ca or *azo guig*, I am determined to go. Il is commonly used with the syllable *pe* (not an interrogation) before it; thus men say: *azo pe ca*; women *azo pe gui*.

zoára or according to the rule *xoára* or *ndoara* — This denotes frequency or custom or continuation *Bae ybyk boendoara* a thing usually on the ground; *Xe ybyk rixoara* that which is commonly at my side.

Zoer or *Xoer* or *Ndoer* — these denote also frequency: *Nheengi xoera* a great talker. *Ata zoera* a lively frisker. Sometimes these words take the affix *Ya* or *Yabi*, which give greater force to the expression, as: *De nhe meirondoer yabi*, you are very peevish and pettish; *omanozoer* he is ready to die; *araixoer* he is just falling etc.

E — This letter denotes independence and absoluteness, ex: *Azoe* I go but neither take one with me, nor am ordéred, I go alone and by my own will; *Anhande* I run, I do more than walk; *Corije* this very day and not another.

I — Serves for a diminutive as *comanda* beans, *comandai* small beans. With an *n* or *m* it has more force as *Pitanga* a little child, *Pitanguim* a very little child. When joined to the verbs it means the some as the expressive «but» in English, ex. *a monhangoin* I do it but; *a sepiakim* I see but; *a sepiaki de angaipaba* I see your wickedness but, i. e, take notice of it, or do not reprove you.

Ya or *yamaru* — denotes the idea of rejoicing at another persons ill, we sometimes use the phrase «well done» as «well done trash him».

Ya joined to a verb signifies that the agent is accustomed to act so: *Azoya* I am used to go. It sometimes takes the syllable *bi* as *Xe poro nupanyabi* I am accustomed to whip people. *Ya* es also generally used with verbs of eating and drinking, as: *Eruri tauneya* bring it here that I may eat of it *Eruri ja* bring my share. It sometimes takes the syllable *ra* ex. *Jori ui–yara goabo* come and eat your « farinha. »

Iko — behold lo! *ajur-iko* behold Igo, etc.

Yepe — It sometimes means scarcely or difficulty of escape from danger or hazard *ajur yepe* I just escaped. *Ozo yepe guira* the bird just escaped. It means also «in vain» as: *asekár yepe* I sought in vain. It is sometimes an expletive as: *ype azo* well I am going. *Yepe mo xe zou* well if I had gone.

Aujebetemo, *Aujeberamo*, *Aujeemo*, *Aujebeemo*. { what if! as *augebetemo azo*. what if I had been gone.

Mam O! oh that! *Xe syg-mam* oh my mother! This is joined with other syllables;

mo as: *azo-mo Tupana-pyri-man*. Oh that were gone to God.

temo as: *azo temomam* oh that were gone.

mei as: *azo meimam* / *meimo* as: *azo meimomam* { I had gone.

Tene / *Mone* / *Temone* { sooner than, rather, but if, etc., if, etc., as: *Temone xeguixobo* now if I had gone.

Moanga fictitiously, vainly, as: *azo moang* I feign as if I were going; *Acaa mondo moang* I hunted in vain.

Meme likewise, also, always; *azo meme* also I go. *Tupan Tuba* God the father, *Tupan Taykrá* God the son, *Tupan* the holy ghost; *Oyepe meme Tupan* the very or only God. *Memetipo* how much more; *memetipoi xe ai monhangmo* how much rather would I do that.

Nam Ruam. One of these words is not used without the other and signify «but not», as: *Nam xeruam azo* but it was not I who went. *Ruam* is sometimes changed into *xuemo* and takes *ni* as: *Namemona, nixuemo xezo rememo*, It would have been neither one nor the other, had I been there.

Niam cartainly, as: *azo niam* I certainly go, or I go certainly.

Nhe unnecessarely: *azonhe* I go without necessity.

Nhote only, no more than: *azo nhote* I only went, I did no more than I go. *Eiko nhote* be only living, i. e, be quiet. *Esepiac nhote xe rykra* wish only well to my son.

Ranhe in haste, quickly ex: *Tazo neranhe* let me go quickly;

xe ranhe I first, etc.; *maete ranhe* see first what I tell you; *maemte pe ranhe* consider ye.

Angai by no means; it is always with the word *aan*; *aanangai* by no means. It is also joined to any verb negative, as: *No zoangai* he by no means goes. *Nai potarangai* I by no means wish.

III. THE AUXILIARS VERBS ARE:

I. *AE* the negative part of the Irregular *E* and signifies «not yet». It is accompanied always by the affix *Ranhe*.

Indicative mood

Indefinitive tense

Sing. *Daei ranhe* I yet not.
Derei ranhe thout yet not.
Dei ranhe he yet not.

Plu. *Dyaei ranhe* we with you yet not.
Doroei ranhe we alone yet not.
Dapeei ranhe ye yet not.
Dei ranhe they yet not.

This auxiliary is sometimes used by taking before its principal the Syllabe *Gui* in the following mode: Root *Paca* I awake.

Indicative mood

Indefinit tense

Sing. *Ndaei gui paca ranhe.* I yet do not awake.
Nderei e paca ranhe thou yet doest not awake.
Ndei o paca ranhe he etc.

Plu. *Ndyaei ya paca ranhe* we and you.
Ndoroei oro paca ranhe we alone.
Napejei pe paca ranhe ye etc.
Ndei o paca ranhe they etc.

This verb has also other combinations; see forward: *Da ei umani bae guabo ranhe.*

II. *RUNG* to *arrange* or *begin*

Indicative mood. Positive part.

Indefinite tense.

Sing. *Ai ko rung* I arrange a farm.
Erei ko rung thou etc.
Oi ko rung he etc.
Plu. *Yai ko rung* we
Oroi ko rung we
Pei ko runge ye.
Oi ko rung they.

The other moods and tenses from this are regular.

III. *Ab* alone does not signify any thing, but joined with a noun signifies «to open that thing» and hence are formed the verbs *Jab* to chap or to open itself, as flowers and some seeds do; this is newter, but verbs active from this are formed by enserting an *e* as *jeab* to cleave or split; and both kinds of these verbs are regular.

Ajeab I cleave.
Ere jeab etc.

IV. *Ucar* joined to verbs actives, signify «to constrain or oblige to do» as: *Ajukar ukar* I oblige to kill; *Aimonhang ukar* I oblige to make etc. and thus they are regular in every shape, as: *Amonhang ukar Pedro zupe* I oblige Peter to make; *A juka ukar yauara Pedro zupe* I oblige Peter to kill the ounce; *A ye juka ukar Pedro zupe,* I oblige Peter to kill me; *A ye apini ukar Pedro* I oblige Peter to shave; *A poromboe ukar Pedro zupe,* I oblige Peter to teach people.

N. B. *ucar* is joined only to active verbs.

NOTE

The following is a List of Interjections.

Acai / *Acaigui*	exclaims he who suffers.
Hai	he who sympathises.
Ya / *Tamuru*	he who rejoices at the disaster of another.
Temomam	he who ardently desires : would to god.
Mam	he who desires and bewails his misfortune.
Quig	he who is disappointed.
Koa	he who has some compassion or sooths.
Apague	he who rejoices.
Tho	he who is alarmed.
He	he who is grieved.

RULE

Mam, temomam, Azomo mam are always placed after the verb ; others may be put either before or after.

Conjunctions are to be found in the page.... (*)

The verb *E* has several combinations which form peculiar phrases v. g. with an infinitive it signifies to desire or vow as *Ere sepiacane* You will see and wish for.

With *catú* it answers to our verb «can» and requires after it the infinitive or the simple root with affix *gui* and affix *bo*, as : *Ae catú bae monhanga* I can make the thing, litterally I am ready the thing to make ; *Dae catui gui xobo* I cannot go, litterally I am not ready for going ; *Pedro ei catú ozobo* Peter he can go.

With *umani* it means slowly, as : *Ere umani bae monhanga* you do the thing very slowly ; *Da ei umani bae guabo ranhe* or *Daei umani bae ueyma* I have not yet done eating, In eating I proceed very slowly.

With *memenhe* it has the same meaning, as : *Ae memenhe*

gui xobo I am very slow in going. With *aenhé* it means quickly.» as: *Aenhe guixobo* I go quickly; *Pejenhe pe zobo* You make haste, or are in a hurry.

With *umam*, 'tis quickly: *Ae uman guixobo* I am going now.

Taene ranhe is forward or before, as: *Taene ranhe gui xobo* I go before; *Nei de ranhe ezobo* go you forward; *Taenhe o zobo ranhe* let him go first or *Taenhe tozo* let him go first; *Taenhe torozone* we will go first; *Penei pezobo ranhe* go you first.

When joined with the word *Tenhé* it means vainly, as: *Ae tenhe guijabo* I speak vainly.

Ere tenhe, etc.
Ei tenhe, etc.
Yae tenhe, etc.
Oroe tenhe, etc.
Peje tenhe, etc.
Ei tenhe, etc.
Ae tenhe derauzupa, I love you in vain.
When joined with *je* it means «yet or still» as:
Aejé or *Aexe gui xobo* I am still going.
Ere jé mbae guabo, thou art still eating.
Yaejé.
Oroejé.
Peejé.
Eijé.
When joined with *biter* it denotes perseverance, as:
Aebiter; *Aebiter de rauzupa* I still persevere in loving you.

Erebiter
Eibiter, etc.

Ndaeiteé, dereiteé, deiteé, etc., for this cause or therefore, as : *Daeiteé gui xobo* therefore I go ; *Deiteé omanomo* through that he died.

Daeique, dereique, deique, etc., I, thou, or he, etc., was not, or it was not I, thou, or he, as : *Deique oangaipabamo* it was not he who was bad ; *Deique ogoatabo* it was not he who went ; *Deiqueo goata pituna* he did not walk at night.

The above are, properly speaking, declinable adverbs and are used only with the present tense of verbs.

Teinhe, as : *Teinhe ozobo,* let him go, yet you gone.

Tueme, as : *Etueme, petueme* or *petepeume,* etc., *ezob* take care you must not go.

Nei, enei, pei or *penei* now then, as : *Nei bae monhanga* now then do something.

Memete / *Memeteme* / *Memetipo* } how much more or rather, as : *Tupan omano memetipo ase omanome,* if God died how much rather should we die.

Auge / *Te* / *Teipo* / *Erompyg* } finally or well then, as : *Auge gui xobo,* well then I go.

Ya, It is will that, as : *Ya omanomo,* It is will that he died.

Aeibé / *Aeibemo* } presently : *Aeibe ozobo,* he is going just now. *Aeibemo ozobo* he will go presently.

Mo may be placed either before or after the verb and forms the past tense, as : *Aebe ozo bomo* he went just now.

RULE

Aeibe, memete, memetipo, temone, peipo are always placed before the verb, but never at the begining of a sentence.

RULE

When two consonants come together in a sentence they either generally take a vowel between them or one of them is dropped.

RULE

When two vowels come together (except diphthongs) or a vowel and a dipthong, one of them is dropped or a consonant put between them to form a syllable with the latter.

N. B. Upon these two rules depend in a great measure the Dialects of the language, one Tribe dropping a letter where another inserts one, and those who drop them generally pronounce more rapidly. Some Indians also change some of the letters of a word in order to promote the delicacy and softness of their expression, as instead of saying *ajur* they say *ajut*; for *coyr*, *coyg*; for *xerurare* they use *xerurire*; for *xejbyra yanonde*, they say *Xejbyri yanonde*; but this, says Anchieta, is not natural.

ACCENTS

All verbs in this language whether they end in vowels or consonant, have the accent on the last syllable of their roots.

When prefixes or affixes are joined to them, the accent does not change, but remains on the same syllable, the increments being always pronounced quickly, as: *Juka*, *Jukábo*, *Juká reme*.

The roots of nouns in this respect have a great variety and can be learned only by practice.

In Figueira's Dictionary the accent is very frequently, confounded with the *til* and often misplaced, and in the preface it is declared that the accents are not put as was entended to have been, but that on another occasion they shall be of one sense. *N. B.* The Catechism of P. Araujo was in existence in Lisbon AD. 1795.

Tupi expressions answerable to English phrases.

I where the verbes are active

I kill or killed or have killed or had killed	*A Juká*
Thou etc	*Ere Juká*
He etc.	*O Juka*
We and you etc.	*Ya Juká*
We alone etc.	*Oro Juká*
Ye etc.	*Pe Juka*
They etc.	*O juká*
I shall or will kill or have killed	*A Jukane*
Thou etc	*Ere Jukane*
He etc	*O Jukane*
We and you etc.	*Ya Jukane*
We alone etc.	*Oro Jukane*
Ye etc.	*Pe Jukane*
They etc	*O Jukane*
Let me kill	*Ta Juká*
Kill thou now	*E Juká*
That thou mayest kill	*Tere Juka*
Let him kill, or he may kill	*To Juka*
Shall I kill presently or hereafter	*Ta Jukane*
Kill thou hereafter	*Tere Jukane*
He may kill	*To Jukane*
We alone may kill	*Toro Jukane*
Kill ye, or see that ye do kill hereafter	*Tape Jukane*

Ye may kill hereafter	*Tape Jukane*
They may or shall kill hereafter	*To Jukane*
To kill, to have killed	*Juka* probably with an *a* lost in the other.

When the verb ends in a consonant the Infinitive take an *a* as: *maenduar*. Inf. *maenduara* to recollect.

To express circumstances more clearly, adverbs are very frequently made use of, viz: *aéreme* then.

I then did kill	*A Juka aéreme.*
Thou etc	*Ere*, etc.
He, etc.	*O*, etc.
We with you	*Ya*, etc.
We alone	*Oro*, etc.
Ye, etc.	*Pe*, etc.
They	*O*, etc.

Uman or Umoan already.

I have killed already	*A Juka uman*
Thou, etc.	*Ere*, etc.
Let us immediately kill	*Tya Juka uman* or *umoan*
I at that time had already killed	*A Juka uman aereme*
Thou, etc.	*Ere*, etc.

Temoman expresses a strong desire, as: Would to God or I wish that. It has some appearance of an auxiliary verb, as it changes to *meiman* and *meimoman* and *moman* not used promiscuously.

Would to God I could kill or might kill	*A Juka temoman*
Would to God I could have killed or might killed	*Juka meiman* or *meimoman*
Would to god that I may hereafter kill	*A Juka moman*

Mo as an affix to verbs expresses the idea of permission, and becomes *beemo*

I might or might I kill	*A Jukamo*
I might have or might I have killed	*A Juka uman mo* or *Juka beemo*

Reme. When; this is an affix to the simple infinitive without any personal pronoun, as: *Juka reme*, it expresses nearly the «while» of our subjunctive mood, as: could, would, should — if, when, wherefore, how» and goes through all the tenses.

all these are the personal pronouns	*Agoéra*	joined to the verbs expresses time passed as:
	Juka agoera	I, thou, he, they, who have or had killed.

Anoama or *aonama*	as *Juka anoama.* he who has the power, right etc. to kill or of killing.
Ramboera	as *Juka ramboera* I, thou, he etc. who ought to kill but have not yet done it.
Bo	as *Juka bo.* killing, for to kill, or killed.

II. Expressions where the verb is non active or neuter. viz *maenduar.* to recollect or remember.

I do, did, have, or had recollected	*Xe maenduar*
Thou, etc.	*De maenduar*
He, etc.	*Y maenduar*
We with you, etc.	*Yande maenduar*
We alone, etc.	*Ore maenduar*
Ye, etc.	*Pe maenduar*
They, etc.	*Y maenduar*
I shall or will recollect	*Xe maenduarine*
Thou, etc.	*Nde maenduarine*
He, etc.	*Y maenduarine*
We and you, etc.	*Yande maenduarine*
We alone, etc.	*Ore maenduarine*

Ye, etc.	*Pe manenduarine*
They, etc.	*Y maenduarine*
Let me recollect	*Ta xe màenduar*
Recollect thou	*De maenduar*
Let him recollect	*Ti maenduar.*
Thou mayest recollect	*Tande maenduar.*
He may or may he recollect	*Ty maenduar.*
Let us with you or we may or may we recollect	*Tiande maenduar.*
Let us alone or we alone may or may we recollect	*Tore maenduar.*
Recollect ye	*Pe maenduar.*
Ye may recollect	*Tape maenduar.*
Let him or he may or may he recollect	*Ty maenduar.*
Let them or they may or may they recollect	*Ti maenduar.*
I may or may I recollect here after	*Taxe maènduarine.*
Recollect thou or thou mayest recollect hereafter	*Tade* or *Tande maenduarine.*
We with you may, or may we with you recollect hereafter	*Tyande maenduarine.*
Recollect ye hereafter, or ye may hereafter	*Ta pe maenduarine.*
We alone may or may we alone recollect hereafter	*Tore maenduarine.*
They may recollect or may they recollect hereafter	*Ty maenduarine.*

The adverbs *aereme, uman,* or *umoam, temoman, meiman* or *meimoman, moman, mo, reme, agoera, anoamo,* etc., are

used in the same manner and with the same effect as in the active verbs.

To recollect myself	*Xe maenduara.*
» thyself	*Nde maenduara.*
To have recollect myself	*Xe maenduar agoera.*
» thyself	*Nde maenduar agoera.*
To recollect myself, or that I may recollect	*Xe maenduar anoamo.*
To recollect thyself, or that thou mayest recollect	*Nde maenduar anoamo.*
That I may recollect myself	*Xe maenduar amboera.*
I recollecting myself	*Xe maenduar amo.*
Thou	*Nde maenduar amo.*
He	*O maenduar amo.*
We and you	*Yande*, etc.
We not you	*Ore*, etc.
Ye	*Pe*, etc.
They	*O*, etc.

N. B. Whenever this kind of expression is used, the pronoun *O* takes places of *Y* in the 3d person as above; this applies to active as will as neuter verbs.

REMARKS

Supe rupi, perhaps *supé* means to support or contend for.

Pytu is probably a diminutive of *Pytuna*; adding a syllable increases the meaning *Iacarua*.

Mejoé ⎫ *Mejoé* the repetition of a word forms the degrees
Pyxao ⎬ of comparison.
Suu ⎭ *Iurusu* (vid.) *hygê papyé coice uû.*

C and *S* are sometimes confounded one with each other *ojacuî*.

Oane is generally used with all adjectives.

The black bee is problably the black wasp so common in Brazil ; vid. Epex.

The letters *t* and *r* are sometimes printed so as not to be distinguished from each other.

N. B. A list of duplicate words, vid *oje auge*.

Sometimes the accent is confounded with the «til» as in *meoã*.

Words begining with an *t* have the accent in the first syllable, unless otherwise marked.

Ornaments of the face this was done by earth of different colours.

Letters are added for the sake of sound *rayba*.

E is sometimes emphatic, vid *eporoc*.

Issicariba, vid Dic[ry] almacega.

A and *á* are different letters, viz : *ára*, *éra*, *óra*.

N. B. Jaba and *saba* are separated, vid. *jaba*.

O is problably a portuguese article inserted by mistake.

N. B. Etaroca, *ita*, etc.

A letter omitted *amongaite*.

N. B. Ae he or she.

Ae eta } they; this makes the plural.
Aoâ }

Peranga e i.—*N. B.* The degrees of comparaison.

Peranga, *peryb*, vid *peranga*.

O is an article { all the vowels appear to be articles emphatic, as : *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, etc.

In pronouncing the language the last vowel is particularly to be attended to ; the sense is very different when long or short.

In the terminative *nha* portuguese, vid *kyînha.*

Mopa perhaps this word is not complete.

O ae to have.

What we have is only a small part of the language, as is evident from the compound words.

Compound words, two nouns or verbs, become one as *tekokuaba* understanding, *Yguaburu, cuyaburu, miuuru,* etc.

(*Continúa.*)

FIM DO TOMO XLIII, PARTE PRIMEIRA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLIII

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
111	24	Lins da Graca	Luiz da Gram
112	7	Luiz da Graça	Luiz da Gram
112	13	Luiz da Graça	Luiz da Gram

Rio de Janeiro.—Typ. Universal de Laemmert, r. dos Invalidos, 71.